Armindo Ngunga e Osvaldo G. Faquir

Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas:

Relatório do III Seminário

Colecção:

AS NOSSAS LÍNGUAS III

Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM

MAPUTO 2012

Ficha técnica:

Título: Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas:
Relatório do III Seminário
Autores: Armindo Ngunga e Osvaldo G. Faquir
Edição: Autores
Capa: Ciedima
Design e Layout: Élia Gemuce
Nº de Registo: 7034/RLINLD/2011
Impressão: Ciedima, Sarl
Tiragem: 6265
Reimpressão
Ano: 2012

A todos os moçambicanos
que não perdem a esperança de um dia
acederem à ciência nas suas línguas maternas.

LISTA DE CONTEÚDOS

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO 3

1.1. Introdução 3

1.2. Discurso de abertura 8

1.3. Discurso de encerramento 12

CAPÍTULO II: PROPOSTAS DAS ORTOGRAFIAS DAS LÍNGUAS 15

2.1. KIMWANI 17

2.2. SHIMAKONDE 35

2.3. CIYAAWO 49

2.4. EMAKHUWA 71

2.5. ECHUWABU 85

2.6. CINYANJA 95

2.7. CINYUNGWE 108

2.8. CISENA 120

2.9. CIBALKE 134

2.10. CIMANYIKA 148

2.11. CINDAU 159

2.12. CIWUTE 171

2.13. GITONGA 181

2.14. CITSHWA 195

2.15. CICOPI 212

2.16. XICHANGANA 225

2.17. XIRHONGA 242

CAPÍTULO III: COMUNICAÇÕES 260

A Política de empoderamento linguístico em África 263

Geografia Linguística de Moçambique 279

Padronização da escrita de línguas moçambicanas: Desafios e Pragmatismos 294

A problemática do tom na escrita de línguas moçambicanas 313

CAPÍTULO IV: COMUNICADO FINAL 336

CAPÍTULO IV: SÍNTESE GERAL DOS TRABALHOS DO III SEMINÁRIO SOBRE A PADRONIZAÇÃO DA ORTOGRAFIA DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS 338

Anexo I: Quadro resumo referente à padronização dos grafemas (III Seminário). 346

Anexo II: Comissão Organizadora do Seminário 348

Agradecimentos

Não se pode pensar que um trabalho de tamanha envergadura como este teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas, instituições públicas e privadas, e organizações ou sem os participantes que estiveram nas salas do Complexo Pedagógico da Universidade Eduardo Mondlane de 22 a 24 de Setembro de 2008. Pela sua quantidade, que nos honra e encoraja a realizar outros trabalhos, não será possível mencionar os nomes de todos aqueles que apoiaram, de várias maneiras, a realização do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicana. Por isso, para representar todos eles, só vamos mencionar alguns em nome de todos os outros na sua diversidade. Assim, como autores do presente relatório, agradecemos do fundo dos nossos corações:

A Direcção da Universidade Eduardo Mondlane pelo que tem dispensado ao Centro de Estudos Africanos para facilitar as suas actividades de investigação bem como a respectiva divulgação.

A Associação Progresso, a ONG moçambicana que desde cedo esteve na vanguarda da promoção e valorização das línguas moçambicanas como recurso insubstituível de acesso ao saber, assim como meio indispensável na construção do progresso sócio-cultural, económico e científico de todos os moçambicanos.

A Direcção Nacional da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, pelo carinho, encorajamento e apoio em espécie para garantir que se realizasse o seminário cujo relatório o leitor tem hoje em mão.

A Sociedade Internacional de Linguística (SIL), aliado dos militantes da libertação dos seres humanos através da escrita, por mais uma vez ter contribuído, não só com recursos financeiros, mas também com a sua experiência no enriquecimento das discussões do Seminário.

A Faculdade de Letras e Ciência Sociais, por ter permitido que os docentes

desta unidade orgânica da nossa Universidade tivessem a participação activa que foi fundamental no sucesso do evento.

O Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, instituição de pesquisa educacional para a qual a escrita é um dos indicadores fundamentais que fazem a diferença nas contas do sucesso escolar. Por isso, desde as primeiras horas, abraçou a causa da escrita das línguas e tem andado de mãos dadas com a Universidade Eduardo Mondlane nestas lides desde a realização do I Seminário em 1988.

O Professor K. K. Prah, do CASAS – The Centre for Advanced Studies for African Society, campeão do pan-africanismo linguístico através da harmonização dos sistemas de escrita das suas línguas africanas, condição necessária para o seu uso efectivo como línguas de ciência e de acesso ao conhecimento e da consciência continental no contexto universal.

O Fundo de Desenvolvimento Artístico e Cultural (FUNDAC) por ter aceite ser parceiro deste projecto anuindo custear as despesas inerentes à publicação do presente documento.

O Arquitecto Vicente Joaquim Imede, pelo trabalho artístico na elaboração do cartaz alusivo ao evento.

Todos os participantes nacionais e estrangeiros sem os quais este evento não teria tido lugar, pelas valiosas contribuições que permitiram produzir as propostas constantes do Relatório.

A Comissão organizadora por ter sabido gerir um projecto de impacto tão importante na vida dos moçambicanos como é a padronização da escrita das línguas moçambicanas.

Os membros do Secretariado do Seminário merecem uma palavra de apreço pelo trabalho excelente de produção das síntese dos trabalhos em grupos e de outros documentos com base nos quais foi possível produzir o presente relatório.

Todos os membros do corpo de investigadores e do corpo técnico administrativo do Centro de Estudos Africanos pela consciência da transversalidade das áreas científicas como condição para a transformação do nosso centro em instituição de excelência na investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Todos os moçambicanos, pela paciência com que aguardaram a publicação deste Relatório cuja produção conheceu momentos de dificuldades de ordem vária.

As nossas famílias que desistiram de nos marcar faltas pelo incumprimento sistemático de alguns deveres sociais nas noites frias e quentes que passamos em branco trabalhando nas várias versões dos manuscritos que deram forma a este texto que hoje se apresenta ao público.

O nosso "muito obrigado" a todos!

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1. Introdução

O estudo científico das línguas moçambicanas começa nos finais da década de setenta, na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane com a introdução de algumas disciplinas de linguística bantu nos cursos ali oferecidos e nos de Formação de Professores da Faculdade Preparatória, criada na sequência das medidas do 8 de Março, que mais tarde viria a ser substituída pela Faculdade de Educação. Como corolário do trabalho de pesquisa das línguas moçambicanas realizado pelo então Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras desta Universidade, foi criado o Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas (NELIMO). Desde então, vinte anos após a sua fundação, depois elevado à categoria de Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas, o NELIMO empenhou-se no cumprimento das atribuições na investigação, promoção e desenvolvimento das línguas moçambicanas.

Actividades tais como *workshops*, debates e seminários sobre línguas moçambicanas já foram organizadas por esta unidade de investigação. As mais importantes destas realizações foram dois seminários sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas. No primeiro, realizado em Agosto de 1988, cujo relatório foi publicado o ano seguinte (NELIMO 1989), participaram muitos quadros moçambicanos provenientes das diversas instituições, tais como a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), o Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), o Arquivo do Património Cultural (ARPAC), a Rádio Moçambique (RM), Igrejas, entre outras, e estrangeiros provenientes do Instituto de Línguas Nacionais de Angola, das Universidades de Swazilândia, Tanzania, Polónia, Zimbabwe, Estados Unidos da América, da Sociedade Internacional de Linguística e da Sociedade Bíblica.

No referido seminário, em que foram lançadas as bases para uma ortografia padrão das línguas moçambicanas, foram apresentadas comunicações quer sobre aspectos de linguística teórica, quer de política e pla-

nificação linguística, quer de aspectos práticos de padronização da escrita das línguas nas várias regiões do mundo, e ainda sobre aspectos muito específicos tais como a marcação do tom, segmentação de palavras, etc. Essas comunicações foram também incluídas no referido relatório.

Em 1999, teve lugar o II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas para, entre outros assuntos, retomar alguma parte das discussões iniciadas em 1988 e melhorar alguns aspectos cujas discussões não foram conclusivas no I Seminário. Os resultados deste seminário foram também publicados em relatório (Sitoe e Ngunga 2000), mas ficou entre nós a promessa de que um III Seminário deveria realizar-se logo que se achasse existirem materiais suficientes.

Passados dez anos sobre a data da realização do II Seminário, a Universidade Eduardo Mondlane, em colaboração com a Direcção Nacional da Cultura, o Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, organizou o III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, um evento que teve lugar no Complexo Pedagógico de 22 a 24 de Setembro de 2008.

O III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas teve por objectivos:

a) Discutir a problemática da escrita de línguas africanas, sobretudo as faladas na região da SADC, em geral e das línguas moçambicanas em particular;

b) Sistematizar as experiências acumuladas desde a realização do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, tentando buscar consensos sobre aspectos que ainda se revelavam problemáticos.

c) Propor um sistema de escrita de línguas moçambicanas a ser aprovado pelas instâncias superiores de governo e estado como conjunto de normas a observar na representação gráfica destas línguas tendo em conta a Declaração dos Direitos Linguísticos (UNESCO 1986).

d) Sistematizar as estratégias adoptadas pelos autores de materiais escolares usados na educação bilingue, e não só, na representação escrita das diferentes línguas moçambicanas.

No III Seminário participaram cerca de 200 delegados representando diversas sensibilidades linguísticas, com ênfase para professores de educação bilingue e autores de materiais em uso nas escolas bilingues, profissionais da comunicação social que trabalham em línguas moçambicanas, representantes de confissões religiosas e de organizações não-governamentais que lidam com a matéria em apreço, linguistas, e outros interessados.

Este seminário, que foi aberto por S. Excia o Ministro da Educação e Cultura, dr. Aires Bonifácio Baptista Ali, constituiu um momento privilegiado de troca de experiências e ideias sobre a problemática linguística no nosso país onde se ressaltou, mais uma vez, o papel da língua como factor do desenvolvimento.

O presente relatório, que espelha a forma como o seminário foi concebido, incluindo (a) uma componente prática, compreendendo trabalhos em grupos de línguas onde os participantes discutiram matérias atinentes à escrita das respectivas línguas, e (b) uma componente teórica, com apresentação de comunicações seguida de debates em sessões plenárias, está organizado da seguinte maneira:

O Capítulo I, Introdução, que se completa com os discurso de abertura e de encerramento de S. Excia o Ministro da Educação e Cultura, dr. Aires Bonifácio Baptista Ali, e Exmo Senhor Vice-Reitor Acadêmico da Universidade Eduardo Mondlane, Prof. Doutor Orlando António Quilambo.

O Capítulo II, que apresenta as Propostas das Ortografias das Línguas que foram objecto deste seminário. Aqui, a abordagem das línguas segue a ordem geográfica do país no sentido norte-sul da seguinte maneira: 2.1.Kimwani, 2.2. Shimakonde; 2.3. Ciyaawo; 2.4. Emakhuwa; 2.5. Echuwabu; 2.6. Cinyanja; 2.7. Cinyungwe; 2.8. Cisena; 2.9. Cibalke; 2.10. Cimanyika; 2.11. Ciwute; 2.12. Cindau; 2.13. Citshwa; 2.14. Gitonga; 2.15. Cicopi; 2.16.

Xichangana; 2.17. Xirhonga. Portanto, no total, o presente relatório apresenta propostas de ortografia de dezassete línguas moçambicanas. Como todos os moçambicanos devem saber, este número não representa a totalidade das línguas moçambicanas, mas uma parte importante destas. Presentemente, todas estas línguas fazem parte do modelo de educação bilingue em vigor, ainda a título experimental, no país desde 2003. As propostas de escrita apresentadas neste capítulo que é a razão de ser do presente Relatório, podem não satisfazer em cem por cento todos os moçambicanos com conhecimento de escrita de alguma língua europeia ou não, mas elas representam um ponto superior de chegada na senda das nossas pesquisas nesta matéria.

Neste e noutros aspectos, o presente trabalho seguiu muito de perto a estrutura do Relatório do II Seminário, em parte também condicionado por dois factores, a saber, em muitos casos as sínteses dos trabalhos em grupo eram lacónicas, limitando-se a fazer afirmações como "concordamos com o que foi decidido no II Seminário", "mude-se o /x/ proposto no segundo seminário para /sh/", etc., o que fez com que a equipa de autores do presente trabalho praticamente trabalhasse sobre o referido documento anterior. Por outro lado, um dos co-autores do presente Relatório, foi também co-autor do Relatório do II Seminário. Estes dois factores combinados influenciaram sobremaneira a estrutura e a forma de tratamento dos conteúdos do presente documento. Mas tudo se fez para que este se apresentasse, como é dever, como uma forma superior dos seus antecessores (1999 e 2000). Contudo, reconhecendo que, tal como em tudo na vida, nada é perfeito, é natural que este documento contenha imperfeições. Prometemos rever quando chegar a altura, mas tal terá de ser feito com a participação também do leitor, quer tenha participado ou não no seminário. Noutros casos, poderá não se tratar de erros ou lapsos, mas opções conscientes nossas à luz do que consultámos e lemos sobre esta matéria ao longo de quase trinta anos de carreira. Portanto, estamos abertos ao diálogo com o leitor em tudo o que possa contribuir para a melhoria do documento.

Um nota final sobre este capítulo diz respeito à escrita de nomes das línguas. Em princípio optámos por autenticidade à forma como cada língua

é chamada "na própria língua" usando a ortografia aqui proposta. Portanto, os nomes de todas as línguas, incluem o prefixo (Ci-, E-, Ki-, Shi-, Xi-) que significa "língua, à maneira de, etc.". Por isso, o leitor notará que o nome da língua de Chimoio está escrito *Ciwute* e a língua de Lichinga está escrito *Ciyaawo* ao invés das formas consideradas incorrectas pelos seus falantes, *Ciutee e *Ciyao, respectivamente. Em algum momento o leitor poderá encontrar alguma "incongruência" na escrita dos nomes desta língua que convém que esclareçamos de antemão. Quando as línguas forem tratadas como substantivos, os nomes delas escrevem-se com iniciais maiúsculas. Quando forem tratadas como adjectivos, os nomes delas escrevem-se com iniciais minúsculas como, por exemplo, "*Xironga é falado no distrito de Marracuene, província de Maputo",* vs. *"A língua rhonga é falada no distrito de Marracuene, província de Maputo".* Portanto, quando usado como adjectivo, o prefixo (Xi-) indicador de "língua" é dispensado porque a sua semântica se torna redundante na presença da palavra "língua".

O Capítulo III inclui quatro das cinco comunicações apresentadas no seminário, nomeadamente 3.1. *A Política de Empoderamento Linguístico em África*, que foi a conferência inaugural do seminário, de K. K. Prah; 3.2. *Geografia Linguística de Moçambique,* de Elsa Cande Jorgete de Jesus e Laurinda Moisés; 3.3. *Padronização da escrita de línguas moçambicanas: Desafios e Pragmatismos*, de Armindo Ngunga; e *A Problemática do Tom na Escrita de Línguas Moçambicanas*, de Marcelino Liphola. Não está incluída no Relatório a comunicação sobre *A importância do Texto Escrito na Difusão de uma Língua,* de Amélia Mingas.

O Capítulo IV, o último, apresenta a síntese geral dos trabalhos do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, seguido de anexos. Um *Quadro resumo referente à padronização dos grafemas* como resultado do exercício realizado no processo da compilação do presente relatório, reflectindo tanto quanto possível o calor das discussões de Setembro de 2008, e outro que é uma lista de nomes dos membros da *Comissão Organizadora do Seminário.*

1.2. Discurso de abertura

DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, Dr. AIRES ALI, POR OCASIÃO DA CERIMÓNIA DE ABERTURA DO III SEMINÁRIO SOBRE A PADRONIZAÇÃO DA ORTOGRAFIA DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

Senhores Vice-Ministros de Educação e Cultura,
Magnífico Reitor da Universidade Eduardo Mondlane,
Senhor Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais,
Senhor Director do Centro de Estudos Africanos,
Senhores Membros da Comunidade Académica,
Digníssimos Representantes de Instituições da Sociedade Civil e Económicas,
Digníssimos Convidados,
Caros Participantes,
Minhas senhoras e meus senhores.

Apraz-me, em primeiro lugar, desejar boas vindas a todos os presentes e, em especial, aos participantes estrangeiros e nacionais provenientes de todas as províncias de Moçambique, que se deslocaram a Maputo para tomar parte neste importante encontro e, desde já, endereço as minhas calorosas felicitações aos organizadores deste III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.

Apercebo-me que já é longa a caminhada que a Universidade Eduardo Mondlane e os seus parceiros têm vindo a fazer, desde a Independência Nacional até esta data, com vista à promoção das línguas moçambicanas que, para a larga maioria do nosso povo, constituem o único veículo de comunicação.

Como é certamente do conhecimento de todos, a Constituição da República de Moçambique, o Plano Quinquenal do Governo e a legislação cultural incentivam a promoção das línguas moçambicanas, na pers-

pectiva do reforço da unidade nacional, da compreensão mútua e do desenvolvimento social, cultural e económico do País.

Este é o III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas que o País realiza e ocorre num momento muito particular, coincidindo com o processo de seguimento da produção de material didáctico em uso nas 75 escolas primárias bilingues existentes no País.

É gratificante verificar que os resultados deste seminário terão impacto directo nos desafios que se nos apresentam na sequência da introdução de 16 línguas moçambicanas no ensino experimental iniciado em 2003 pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE). Mas é também confortante a coincidência feliz de o ano de 2008 ter sido decretado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional das Línguas.

A Universidade Eduardo Mondlane, através da sua Faculdade de Letras e Ciências Sociais, tem vindo a dar passos marcantes na liderança dos processos de valorização e de estudo das nossas línguas, através do Núcleo de Estudo das Línguas Moçambicanas (NELIMO) e da recém-criada Secção das Línguas Bantu.

Através destas unidades, a Universidade Eduardo Mondlane soube estabelecer parcerias com sectores cruciais que utilizam intensa e extensivamente as línguas moçambicanas no seu contacto diário e directo com as populações, em várias frentes do desenvolvimento do capital humano e social. Referimo-nos, aqui, à Rádio Moçambique, às Igrejas e às ONG's.

O cometimento do Governo de Moçambique para com as línguas moçambicanas ganhou novo impulso que se consubstancia no lançamento de um movimento de debate, em Fevereiro deste ano, envolvendo instituições académicas, religiosas e de comunicação com vista a delinearem-se os contornos da Política Linguística que o país tem de dispor a breve trecho.

Os desenvolvimentos alcançados desde que se iniciou o movimento de debate sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas na década de 1980, são assinaláveis.

Por isso, estamos convictos de que, hoje, 20 anos depois do primeiro seminário realizado em 1988, daremos um novo impulso porque a qualidade e a quantidade de especialistas de que o país dispõe proporcionam maior clareza e competência científico-metodológica para se lidar com a complexidade de problemas desta área de conhecimento e para se caminhar com segurança em direcção ao futuro.

Assim sendo, fazemos votos para que o seminário produza as reflexões e recomendações conducentes a um efectivo envolvimento de todas as partes interessadas na implementação de programas e projectos respeitantes à ortografia e outros aspectos específicos das línguas moçambicanas.

No que diz respeito ao Governo, posso assegurar que assumirá a sua responsabilidade de criar um ambiente favorável para que os diferentes actores possam manifestar-se, legitimamente, em nome da valorização e preservação do mosaico da diversidade cultural, aliás, também recomendada em convenções internacionais.

O papel das ortografias padronizadas é importante, principalmente, no contexto do desenvolvimento dos distritos. Daí a urgência de se equipar as diferentes línguas com os instrumentos de que necessitam para desempenharem cabalmente as funções que lhes são inerentes no âmbito dos objectivos do desenvolvimento local e nacional, bem como para os objectivos da integração nacional e regional.

Distintos Convidados, Caros Participantes,

Estou convencido de que nos vossos debates encontrarão as respostas para os problemas identificados ao longo destes anos de pesquisa e de práticas ortográficas.

Assim fazendo, são removidos, por antecipação, os obstáculos que se colocam no caminho da definição de uma política linguística efectiva e eficaz para Moçambique.

Precisamos de políticas que tomem em consideração as nossas reais necessidades de comunicação. Por isso saúdo a presença dos cientistas da linguagem estrangeiros que com a sua experiência irão contribuir para que este seminário alcance o sucesso desejado.

Não é demais sublinhar que a eficiência das nossas actividades nos distritos, enquanto base da planificação e espaço para o alargamento da participação, depende de seminários como este, concebidos para proporcionar a muitos moçambicanos, ainda privados da única oportunidade de exercerem a cidadania: Falar, ler e escrever na sua própria língua.

Com a certeza de que o seminário irá discutir os aspectos fulcrais para atingirmos os objectivos da construção do projecto comum de desenvolvimento nacional, declaro aberto o III Seminário sobre Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.

Maputo, 22 de Setembro de 2008.

Muito obrigado.

1.3. Discurso de encerramento

DISCURSO DO SENHOR VICE-REITOR ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE, PROF. DOUTOR ORLANDO QUILAMBO, NO ACTO DE ENCERRAMENTO DO III SEMINÁRIO SOBRE A PADRONIZAÇÃO DA ORTOGRAFIA DAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

Senhor Presidente da Comissão Organizadora e Director do Centro dos Estudos Africanos (CEA) da UEM,

Caros participantes,

Chegamos ao fim dos três dias de trabalho que foram planificados para este evento. De todas as províncias do país trouxemos e partilhámos experiências. Da região e do mundo também trouxemos experiências que vieram enriquecer as nossas e, como dizíamos na sessão de abertura, desejamos que também levem convosco e as utilizem mesmo que, ainda, incipientes.

O presente Seminário foi uma verdadeira escola para muitos de nós, pois não só discutimos as línguas, mas no fundo discutimos os problemas actuais de Moçambique, da África e do mundo.

A última sessão plenária em que acabamos de participar, inclui as principais linhas que devíamos seguir no futuro.

Caros participantes,

Os dez anos que passaram depois do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas parecem ter passado de ontem para hoje, e a razão principal desta aparente brevidade de tempo são os desafios que se colocam para as línguas moçambicanas. Se ontem esta questão de línguas era aparentemente preocupação exclusiva do sector de educação, hoje é uma questão de toda a sociedade e para países como o nosso é uma questão de sobrevivência.

Não me vou deter muito sobre o valor das línguas moçambicanas para o desenvolvimento, pois os especialistas que aqui desfilaram souberam fazer isso melhor do que eu faria. Contudo, queria, aqui publicamente, render a minha homenagem a todos os colegas aqui presentes que são verdadeiros campeões da preservação das nossas línguas, da nossa cultura, da nossa identidade.

É do esforço de todos e de cada um de nós que leva as rádios e, timidamente, as televisões e os jornais a reconhecer o seu valor e a enveredarem pela utilização das línguas moçambicanas como o melhor veículo de comunicação. Se a posse da informação empodera as comunidades, então, a melhor forma de empoderá-las passa, sem dúvida, pela utilização do veículo de interacção que lhes é mais acessível que são as suas próprias línguas.

As normas que estamos a discutir são um instrumento fundamental para se traduzir e divulgar documentos importantes do nosso país.

Quero terminar agradecendo em nome da UEM, a parceira competente que temos experimentado nestes últimos 20 anos.

Quero assegurar que continuaremos a dar o apoio que estiver ao nosso alcance para que a área das línguas encontre um espaço privilegiado dentro da nossa instituição.

Agradecemos os oradores que foram os catalizadores das ricas intervenções que tivemos. Aos moderadores e relatores pela fidelidade com que trouxeram o calor que se viveu nas salas dos grupos de trabalho.

Aos serviços de apoio por nos terem trazido de tão longe e terem cuidado de nós com a hospitalidade moçambicana que nos é característica.

Ao secretariado que teve de encontrar tempo e saber para transformar e passar as nossas ideias nem sempre bem organizadas, para um documento que mesmo não sendo final serve de base para a síntese final.

Finalmente, proponho, a nossa e respeitosa Comissão Organizadora que conseguiu trazer oradores e temas que nos mantiveram interessados numa tarde que antecipa um feriado nacional, o dia 25 de Setembro. Muito obrigado Professor Ngunga e sua equipa.

Quero pedir que cada um na sua língua rogue aos seus espíritos, antepassados, ou deuses, para que todos nos voltemos a encontrar no IV Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, em 2018, ano em que celebramos 43 anos de independência.

Com votos de bom regresso aos vossos lares e certo de que todos os participantes saem revigorados com os resultados dos três dias de trabalho, declaro encerrado o III Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, que teve lugar em Maputo de 22 a 24 de Setembro de 2008.

Muito obrigado pela vossa atenção!

Maputo, 24 de Setembro de 2008.

CAPÍTULO II: PROPOSTAS DAS ORTOGRAFIAS DAS LÍNGUAS

Introdução

Tal como fizemos menção no Relatório do II Seminário realizado em 1999, voltamos a reiterar que este Seminário também não será o último pois as 17 línguas abrangidas não são a totalidade das línguas moçambicanas. Por outro lado, os utentes das ortografias aqui propostas necessitam de espaço para revisões periódicas, uma vez que qualquer norma sobre a escrita de uma língua deve contar com a prática diária das pessoas. Por outro lado, o processo do esabelecimento de uma norma aceitável para todos os falantes de todas as variantes de uma língua leva tempo.

O peso histórico, a *força* sempre actuante chamada tradição, é uma realidade. Cada hábito estabelecido leva tempo a ser mudado e o presente relatório avança com proposta de regras que pedem o abandono de alguns hábitos de escrita adquiridos durante muitos anos de trabalho. Em alguns casos há propostas novas que negam aquilo que foi sugerido no último seminário. Mas não significa que tal não possa alterar no futuro.

No seminário cujo relatório o leitor tem nas mãos, os participantes fizeram parte das discussões organizados em seis grupos de línguas assim constituídos:

Grupo I (Kimwani, Shimakonde, Ciyaawo)

Grupo II (Emakhuwa, Echuwabu)

Grupo III (Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cibalke)

Grupo IV (Cimanyika, Cindau, Ciwute)

Grupo V (Gitonga, Cicopi)

Grupo VI (Xichangana, Citshwa, Xirhonga)

É importante referir que, como se vêm, embora alguns grupos sejam constituídos por línguas mutuamente inteligíveis, no interior de cada grupo os falantes de uma mesma língua trabalharam separados dos falantes de outra(s) línguas, sem descartar a possiblidade de contacto entre os falantes de diferentes línguas.

Por isso, os resultados das discussões são aqui reportados por língua individualmente e não por grupos de línguas que se apresentam acima.

2.1. KIMWANI

Introdução

Localização e número de falantes

A língua Kimwani é classificada entre os dialectos meridionais da língua Swahili (G. 42, na classiflcação de Guthrie). Distingue-se nitidamente de Swahili literário (padrão) revelando, segundo Nurse 1988, tanto traços arcaicos de Swahili assim como inovações provenientes de línguas vizinhas.

Kimwani estende-se na faixa costeira na província de Cabo Delgado nos distritos de Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga, Ibo, incluindo nela as Ilhas do Arquipélago das Quirimbas. É também falada em Pemba, capital da província de Cabo Delgado, assim como na vila de Palma, pelos mwanis que lá residem.

Segundo os dados do INE (2010), a língua Kimwani é falada como língua materna por cerca de 77.915 moçambicanos de cinco anos de idade ou mais, a maioria dos quais nos distritos de Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga, Ibo e Cidade de Pemba.

Variante de referência

Segundo informações recolhidas no terreno, sem ter sido feito um estudo dialectológico apropriado, distinguem-se as seguintes variantes (NELIMO 1989):

a) **Central das ilhas** (Ibo, Mateme e Quirimba);
b) **Central continental** (zona de Quissanga);
c) **Norte** (Mocimboa da Praia);
d) **Urbana** (Cidade de Pemba).

Kimwani ilhéu, também designado ***Kiwibu***, é tomado como variante de referência para este trabalho.

Kimwani de Quissanga contém uma grande percentagem, ainda não específicada, de elementos de língua árabe tanto ao nível do léxico como

ao nível fonético, o que empresta a esta variante um traço sociolectal e estilístico especial.

A variante norte, *de Mocímboa da Praia,* manifesta influência da língua Shimakonde.

A variante *de Pemba,* para além de ser falada por uma comunidade geralmente bilingue do Bairro Paquetequete (Kimwani e Emakhuwa), apresenta fenómenos tipicamente urbanos caracterizados por uma certa desestabilização gramatical devido ao facto de a língua portuguesa ser dominante para membros de alguns estratos da sociedade para quem esta funciona como língua primária.

Comunicação escrita

Tradicionalmente, Kimwani é usado na comunicação escrita em alfabeto árabe adaptado segundo as regras ortográficas semelhantes às que se usam também para a escrita tradicional de Swahili literário. O Kimwani escrito é usado na correspondência entre indivíduos assim como para expressão poética (poesia do tipo "tenzi" e "mashairi"), tradicionalmente ligado à religião muçulmana mas sofrendo actualmente uma evolução para poesia lírica de mobilização política.

Os documentos arquivados do século XIX comprovam o uso do Kimwani escrito com caracteres árabes na correspondência enviada pelo Chehe de Quibangonha (região da Ilha de Moçambique). Assim, levanta-se a hipótese de o Kimwani ter sido usado como uma variante meridional do Kiswahili com funções de língua veicular e não apenas como uma língua restrita à sua zona étnica actual.

A alfabetização na escrita árabe promovida pelas escolas corânicas tem um alcance relativamente limitado. Praticamente não abrange a população feminina e poucos são os indivíduos suficientemente motivados e capazes de cultivar e aplicar este conhecimento para a expressão escrita do próprio Kimwani.

Ainda não é usual escrever o Kimwani com a grafia latina, se bem que haja pessoas que conheçam as regras de ortografia oficial do Swahili-padrão.

Sistema ortográfico

Nesta secção são apresentadas as principais conclusões a que se chegou no Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas sobre as formas de representação gráfica dos sons que formam as palavras de Kimwani bem como outras regras ortográficas que os utentes da forma escrita desta língua devem observar. Veja-se, para começar, o sistema vocálico.

As vogais

No Kimwani registam-se nove vogais fonémicas, cinco orais e quatro nasais seguintes:

Tabela 1: *As vogais do Kimwani.*

Anteriores		Centrais	Posteriores
Altas	i, ĩ		u, ũ
Médias	e		o, õ
Baixas		a, ã	

Embora a duração vocálica não seja contrastiva nesta língua, na sua escrita será representada a distinção entre vogal breve (p.ex., a) e vogal longa (p.ex., aa) devido ao facto de em algumas palavras ter acontecido queda de consoantes que constituíam a margem pré-nuclear das sílabas, como se pode ilustrar com os seguintes exemplos:

(1) kaamba (< Árabe: /kahamba/) '(ele) disse'
baari (< Árabe: /bahari/) 'mar'

Portanto, como se vê nos exemplos acima, este fenómeno observa-se sobretudo em palavras de origem árabe em que historicamente acon-

teceu elisão de /h/ em posição intervocálica como acontece em muitos empréstimos árabes.

As Consoantes

Kimwani apresenta 22 sons consonânticos contrastivos que graficamente se representam como se pode ver na tabela que se segue:

Tabela 2: *Consoantes de Kimwani.*

Modo/Lugar	Labial	Alveolar	Palatal	Lábio-velar	Velares	Glotais
Oclusiva	p b	t d	c j		k g	
Nasal	m	n	ny		ng'	
Fricativa	f v	s z	x			(h)
Lateral		l				
Vibrante		(r)				
Aproximante			y	w		

Nesta tabela estão representados os sons consonânticos de Kimwani. Nas secções que se seguem são feitas algumas obserções relacionadas com aspectos que, dizendo respeito às consoantes, não cabem na tabela em referência.

Os grafemas l e r

O grafema **r**, que representa a vibrante alveolar simples, está entre parênteses porque se considera que seja uma variação alofónica do som **l** em certas regiões do sul do território onde se fala Kimwani. Considerem-se os seguintes exemplos:

(2) a. riwe 'pedra' (Sul) cf. liwe 'pedra' (Norte)
rero 'hoje' (Sul) cf. lelo 'hoje'(Norte)
b. kulala 'dormir' (todas as regiões)
c. kularila 'dormir por causa de' (Sul)
cf. kulalila 'dormir por causa de' (Norte)
kurarira 'dormir por causa de' (Sul)

Em (a) vê-se que em algumas variantes (ex. no Kimwani do Sul), o **r** ocorre em vez do **l** usado no Norte. Em (b), mostra-se que em tais variantes, mesmo que a forma não derivada tenha o som **l** antes de uma vogal qualquer como **a**, quando esta vogal é substituída por **i** por razões morfológicas, o **l** que passa a preceder o **i** passa a ser **r**.

No entanto, no Kimwani do norte, o **r** nunca é pronunciado enquanto no Kimwani do sul tanto o **r** como o **l** são pronunciados. Isto sugere que estes dois sons não são contrastivos. Depois desta discussão, veja-se a seguir o uso de **h**.

O grafema h

O **h** ocorre apenas na articulação das palavras de origem árabe pronunciadas por indivíduos que se esforçam por articular essas palavras de uma maneira arabizada e tida como culta:

(3) habari 'saudação'
haki 'razão'
hadisi 'história'

Essa articulação é ouvida com maior frequência em Quissanga. Parece tratar-se de um fenómeno que se pode considerar como sendo de natureza sociolectal, pertencendo a um registo estilístico particular e, por isso, o **h** não é tido como elemento do sistema fonológico do Kimwani como um todo. A sua representação pelo grafema **h** é proposta apenas para efeitos dessa marcação estilística. Daí a razão por que este é apresentado entre parêntesis na tabela 2. Passemos para a próxima secção onde são apresentados aspectos relacionados com as modificações consonânticas.

Modificação de consoantes

Uma outra nota importante a fazer-se na análise de consoantes de Kimwani relaciona-se com as modificações. Isto é, com a excepção das aproximantes, todos os sons consonânticos representados na tabela acima podem sofrer alterações fonéticas resultantes do contacto que estabelecem com os sons vizinhos no acto da fala. De entre as várias possíveis, as três que a seguir se apresentam em detalhe são aquelas cuja referência se revela importante dada a sua frequência no sistema de sons desta língua:

(i) *Pré-nasalização:* a produção de uma consoante oral pode ser precedida de uma nasalização de que resultam sons do tipo: **mb**, **nd**, **nj**, **ng**, **ns**, etc. Vejam-se alguns exemplos:

(4) mumbu 'escroto'
imvwi 'cabelo branco'
kinja 'época de chuvas'
mainsha 'vida'

Por haver uma assimilação da nasal ao lugar de articulação da consoante seguinte, na ortografia actual escreve-se a nasal **m** antes das consoantes labiais (**p**, **b**, **f**, **v**) e a consoante **n** antes das consoantes produzidas sem o envolvimento dos lábios.

(ii) *Labialização:* a produção de uma consoante não labial pode ser influenciada por arredondamento dos lábios. Em tais casos, tais sons são escritos antes de uma semi-vogal lábio-velar, como em: **pw**, **bw**, **tw**, **vw**, etc. Considerem-se os seguintes exemplos:

(5) imvwi 'cabelo branco'
kisirwa 'ilha'

(iii) *Palatalização:* a articulação de consoantes não palatais pode fazer-se acompanhar de uma elevação do corpo da língua rumo ao palato. Na escrita de tais sons, esta elevação do corpo da língua rumo ao palato, palatalização, é representada através de um y, como em: **fy**, **ry**, etc. Vejam-se os seguintes exemplos:

(6) kufyoma 'estudar'
miryango 'portas'
vyala 'dedos'

As semi-vogais

A inclusão das semi-vogais **w** e **y** numa tabela de consoantes é algo que não deve ser deixado passar sem uma referência especial, pois na designação destes sons nada diz que eles tenham algum traço consonântico. Deve desde já ficar claro que esta inclusão tem uma motivação fonológica, isto é, fonologicamente, **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba. Por exemplo, em Kimwani, tal como nas outras línguas, a estrutura silábica é (C)V.

Portanto, à excepção das sílabas constituídas de nasais apenas (nasais silábicas a serem referidas na próxima secção), a sílaba é sempre aberta, ou seja, termina sempre em vogal e nunca em consoante, mas pode ter uma consoante em posição inicial (margem pré-nuclear). Nesta posição pré-nuclear, C (consonte) representa uma consoante simples, uma semi-vogal, um grupo de consoantes, uma consoante e uma semi-vogal, etc. Pelo que, as semi-vogais têm a mesma distribuição (o mesmo comportamento) que as consoantes, como se pode ver nos seguintes exemplos:

(6) wawa 'pai'
uwe 'tu'
yangu 'meu'
yeka 'sozinho'

Nasal silábica

A nasal silábica resulta da elisão da vogal **u** no morfema **mu** de várias classes nominais da língua Kimwani. Ela deve marcar-se com **m** antes de **b**, **p** e **m**. E com **n** antes das restantes consoantes. Vejam-se os seguintes exemplos:

(7) a. mpapaya 'papaieira'
mmiri 'no corpo'
b. ntwareni 'levem'
nkulu 'grande, forte'

Alfabeto de Kimwani

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *O alfabeto de Kimwani.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central baixa. Ex: lawa! 'sai'
b	be	Consoante oclusiva bilabial vozeada. Ex: kitabu 'livro'
c	ce	Consoante oclusiva palatal não vozeada. Ex: cala 'dedo'
d	de	Consoante oclusiva alveolar vozeada. Ex: damu 'sangue'
e	e	Vogal anterior média. Ex: mepo 'vento'
f	fe	Consoante fricativa lábio-dental vozeada. Ex: funga! 'fecha!'
g	ga	Consoante oclusiva velar vozeada. Ex: nagaga 'esp. de lagarto'
h	ha	Consoante fricativa glotal vozeada. Ex: haki 'razão, direito'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: wivu 'ciúme'
j	je	Consoante oclusiva palatal vozeada. Ex: kiwajo 'enxó'
k	ka	Consoante oclusiva velar não-vozeada. Ex: kisimana 'criança'
l	le	Consoante lateral alveolar vozeada. Ex: walume 'homens'
m	me	Consoante nasal bilabial vozeada. Ex: mama 'mãe'
n	ne	Consoante nasal alveolar vozeada. Ex: nina 'criança do sexo feminino'
ng'	ng'a	Consoante nasal velar vozeada. Ex: ng'ombe 'vaca'
ny	nye	Consoante nasal palatal vozeada. Ex: munyu 'sal'
o	o	Vogal posterior média arredondada. Ex: omi 'eu'
p	pe	Consoante oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pakira! 'carrega!'
r	re	Consoante vibrante alveolar vozeada. Ex: riwe 'pedra'
s	se	Consoante fricativa alveolar não-vozeada. Ex: simba 'leão'
sh	she	Consoante fricativa palatal não-vozeada. Ex: shaga 'águia'
t	te	Consoante oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: kupita 'passar'
u	u	Vogal posterior fechada arredondada. Ex: ufu 'farinha'
v	ve	Consoante fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vuta! 'puxa!'
w	we	Semi-vogal lábio-velar. Ex: wawa 'pai'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yangu 'meu/minha'
z	ze	Consoante fricativa alveolar vozeada. Ex: zina 'nome'

Acabamos de apresentar o quadro dos grafemas usados para representar por escrito os sons de Kimwani. Vejamos a seguir alguns aspectos relacionados com os elementos suprassegmentais, em especial o tom e o acento.

Acento

Como se deve ter verifiacado, o estabecimento desta ortografia orienta-se pelo princípio de simplicidade baseado na economia. Quer dizer, só se escreve aquilo que é absolutamente necessário para minimizar as dificuldades que o leitor possa ter na interpretação dos símbolos usados. Assim, por exemplo, o acento é representado graficamente apenas em alguns verbos e substantivos emprestados que são pronunciados de uma forma diferente da forma-padrão, como nos seguintes exemplos:

(8) mákina 'máquina'
wásaka 'precisam'
tífyoma 'nós havemos de ler'

Todos os verbos têm tom que marca as diferentes formas verbais. O tom marca-se graficamente com acentos. Marcam-se da seguinte maneira as formas verbais:

(i) *Afirmativas:* usa-se o acento para distinguir o pretérito perfeito passado, o perfeito, e o futuro. Deve escrever-se no verbo um acento agudo (´) onde aparece o primeiro tom alto. No caso do pretérito passado, escreve-se o primeiro tom alto com o acento circunflexo (^). Os outros tons no verbo, depois do primeiro tom alto, não recebem acentos.

(9) a.	nîfyoma	'eu tinha lido'	(pretérito passado)
	nifyoma	'eu li'	(perfeito)
	nífyoma	'eu hei-de ler'	(futuro)
b.	wâsikizana	'eles tinham combinado'	(pretérito passado)
	wasikizana	'eles combinaram'	(perfeito)
	wásikizana	'eles hão-de combinar'	(futuro)

(ii) *Afirmativas com o prefixo ki-:* distinguindo entre as formas do condicional e narrativo vs. forças do imperfeito passado. Neste caso também se usa o acento agudo apenas no primeiro tom alto do verbo. No caso do narrativo e condicional o tom alto é sempre marcado na penúltima sílaba, e no caso do imperfeito passado é marcado no prefixo pronominal.

(10) nikifyóma (narrativo e condicional)
níkifyoma (imperfeito passado)
níkifyomanga (imperfeito passado habitual)

(iii) *Os infinitivos e verbos relativos:* quando há risco de o leitor não entender rapidamente o tom correcto. Cabe ao escritor decidir se marca/escreve ou não os acentos nestes casos.

(11) nisáka 'eu que quero' (verbo relativo)
kúwapa 'dar-lhes' (infinitivo)

Segmentação de palavras

As regras ortográficas de divisão de palavras devem reflectir:

- A segmentação prosódica dos enunciados na fala lenta e bem articulada;
- A natureza aglutinante da estrutura da língua kimwani;
- Os efeitos das transformações morfológicas que ocorrem nas junturas intermorfémicas dentro das palavras prosódicas.

A. Na categoria de palavras nominais (substantivos, adjectivos):

5. O prefixo de classe escreve-se junto com o tema (radical). A regra abrange também os prefixos de classes locativas:

(12) kubaari 'no mar'
munrimbu 'no poço'
panjira 'junto à estrada

6. Na construção genitiva o elemento que marca a relação de pertença deve-se escrever separado do nome e partícula genitiva. Nas construções qualificaticas genitivas a partícula escreve-se junto do nome. Assim, escreve-se:

13) a. nyumba ya wawa 'casa do pai' (pertença)
b. nyumba yariwe 'casa de pedra' (qualidade)

7. Os demonstrativos em forma abreviada são de carácter clítico formando uma unidade prosódica com o nome, se bem que a sua função não modifique o acento do nome nuclear. Devem ser escritos separados com hífen:
   (14) kinu-co 'essa coisa'
   munu-yu 'este homem'

8. Nos termos de parentesco, os possessivos abreviados são de carácter clítico e modificam o lugar de acentuação. Devem ser escritos junto com o nome:
   (15) wawayo 'teu pai'
   wawaye 'pai dele'
   mwanangu 'meu filho'

9. A partícula interrogativa **ni** a seguir o nome deve ser escrita juntamente com este, mas separada por um hífen para distinguí-la graficamente do sufixo locativo **ni**.
   (16) ankili-ni? 'que ideia é esta?'

10. A partícula **na**, tanto na sua função de conjunção como na sua função de partícula agentiva ou instrumental escreve-se separadamente, mesmo quando o nome começa por uma vogal, uma vez que quando não for escrita separadamente corre-se o risco de a palavra de que fizer parte confundir-se com um nome das classes 9,10 (há muitos nomes destas classes que têm **na** em posição inicial!), como se vê no exemplo que se segue:
   (17) namwewe 'falcão'

   Outros casos omissos merecerão mais estudos.

11. A ortografia dos nomes compostos dependerá do grau da sua lexicalização, assim como da sua estrutura, como se ilustra a seguir.
   (18) mwanamuka 'mulher'
   mwananlume 'homem, marido'

Assim como outros nomes compostos por **mwana** devem ser escritos como uma só palavra. Da mesma maneira são escritos ligados os nomes etimologicamente compostos como:

(19) kilumaombo 'escorpião'
kipanjavyombo 'louva-a-Deus'

É recomendável a escrita conjuntiva dos nomes como: nkolakazi 'trabalhador' (mas veja: nkolani kazi) e outros, se existirem com o mesmo grau de lexicalização.

12. Os nomes com a reduplicação completa ou parcial do tema (do radical) devem ser escritos conjuntamente:
(20) kirugurugu 'pálpebra, papeira'
kinaminami 'ponta, cimo'

B. Formas Verbais

1. Todos os morfemas marcadores do sujeito, objecto, tempo-aspecto, modo, voz, assim como demais 'extensões' verbais formam uma unidade gramatical e prosódica inseparável do morfema radical, o que deve ser reflectido pela sua grafia conjunta das formas verbais. Essa regra abrange também as formas infinitas do verbo (os 'nominoverbais' da cl. 15).

2. São escritas juntamente as formas do modo relativo verbal, integrando assim a partícula de concordância de classe (veja ponto A2).
(21) vinu vyanisaka 'coisas que eu quero'
siku yaapongóriwe 'dia em que (ele) nasceu'

3. O relativo do presente progressivo em que o verbo auxiliar **ri** 'estar' é seguido pelo infinitivo é escrito separadamente:
(22) vake wari kufyóma 'essas (pessoas) que estão a estudar

4. O relativo composto por inamba + infinitivo é escrito separadamente:
(23) sabãu sáinamba kutúmiríwa 'o sabão que ainda não foi utilizado'

5. O presente contínuo (progressivo) composto por verbo auxiliar **wa** 'estar' e seguido por prefixo locativo **mu**/ (cl. 8) + infinitivo, escreve-se conjuntivamente:
   (24) niwankúja (ni-wa-n-ku-j-a) 'estou a vir'

6. A forma abreviada do tempo composto pelo verbo auxiliar **saka** 'querer' + infinitivo, escreve-se conjuntamente. Por exemplo:
   (25) asáka kunlomba, pode resultar em **asaakunlomba** 'vai casar'

Em frases com verbos auxiliares, separa-se o verbo auxiliar do verbo principal.

(26) nita kufyoma 'vou/hei-de ler'
wari kusowera 'estão a falar'
nankuka kukunywa maji 'vou ao lugar onde se bebe água'

Nesta língua o verbo auxiliar contém a informação gramatical e o verbo principal continua na forma infinitiva marcada pelo prefixo **ku-**.

Cópulas verbais

A cópula verbal nesta língua escreve-se separadamente das outras componentes da frase, como se vê no exemplo que se segue:

(27) Salimu ndi munu 'Salimu é (boa) pessoa'

Construção Relativa

Nesta língua a marca da relativa escreve-se ligada ao verbo.

(28) wanu wawawona ware... 'as pessoas que viram aqueles'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) no início de um parágrafo e a seguir a um ponto;
b) no início de nomes próprios;
c) nos títulos honoríficos;
d) nos nomes dos meses do ano.

Ficam omissos outros casos que merecerão um estudo mais aprofundado.

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* [ ]: para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal com os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação de sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo a sequência CV, como se pode ver em:

(29) wawayo (wa.wa.yo) 'teu pai'
namwewe (na.mwe.we) 'falcão'

Como se vê, cada uma das palavras em (14) tem três sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- Nos casos em que ocorra uma vogal longa (VV), a linha deve terminar obedecendo à sequência VV-.

(30) kaamba (kaa.mba) '(ele) disse'
kubaari (ku.baa.ri) 'no mar'

Os exemplos acima mostram que, na divisão silábica, a vogal longa não deve ser divida ao meio, pois ela consititui núcleo de uma única sílaba.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m/n-, como nos exemplos:

(31) mmiri (m.mi.ri) 'no corpo'
nrimbu (n.ri.mbu) 'poço'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Locuções interjectivas, conjuntivas, adverbiais

Nesta língua existem locuções e escrevem-se separadas das outras componentes da frase.

As interjeições escrevem-se seguidas de sinal de pontuação.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

(32) kuca ngwee! 'amanheceu!'

Quando ocorrem no fim da frase, deve-se colocar um ponto de exclamação.

(33) kuca ngwee! 'amanheceu'

Uso do hífen

Em Kimwani, usa-se o hífen quando há reduplicação de palavras não verbais ou seja palavras de outras categorias gramaticais que não sejam verbos.

(34) kweli-kweli 'certamente'
sana-sana 'sobretudo'

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Ukomu wa wanawaka pamoja na wasimana, ukuwa sana ikíwa mama kasirira kupongola nanga kiyasi ca myaka miwiri.

Mwanamuka ájuzi enarire, asimite kábula saanamba kutimiza myaka kumi na nane, na ájuzi ature mpaka mwisho ziwe mimba nne, ipate awe na ukomu mwema.

(UNICEF, OMS e UNESCO, tradução de JUWA — Associação Jumuliya ya Wamwani)

Tradução do texto exemplicativo:

A saúde das mulheres e das crianças pode melhorar muito se o intervalo entre um e outro partos for de pelo menos dois anos.

A mulher deve evitar a gravidez antes dos 18 anos e deve limitar os partos a apenas quatro para ter boa saúde.

(In: As Dez Mais, de UNICEF, OMS e UNESCO).

BIBLIOGRAFIA

Juma, A. e M. Asnade, *Namuna ya Kurifunda Kwandika Kimwani,* 1994, Ed. SIL e Núcleo de Kimwani, Ibo.

Nurse, D., *A Tentative Classification of the Primary Dialects of Swahili*, SUGIA, 4, pp. 165-205, 1982.

Nurse, D., *A Historical View of the Southern Dialects of Swahili,* SUGIA, 6 1984.

Nurse, D. e T. Spear. *The Swahili, Reconstructing the History and Language of an African Society,* 800-1500. University of Pennsylvania. Press, Philadelphia 1985.

Philipson, G. *Quelques données sur le mwani (Mozambique): élements de phonologie comaparative et preséntation du système verbal.* In: actas do colôquio 'swahili et ses limites', Paris, 1982 (?) policopiado.

Rzewuski, E.1979. *Vocabulário da língua mwani* (mwani-inglês-português). Universidade Eduardo Mondlane. Maputo

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

UNICEF, OMS e UNESCO, *As Dez Mais,* 2000, Ed. Associação PROGRESSO. Sousa, A. F. de et al. *Tirifunde Kufyoma na Kwandika Kimwani,* 1997, Ed. SIL.

2.2. SHIMAKONDE

Introdução

Localização e número de falantes

Shimakonde localiza-se na região norte da província de Cabo Delgado, numa superfície de cerca de 40.000 Km^2. Apesar de os 268.910 falantes (de cinco anos de idade ou mais) desta língua em Moçambique (INE 2010) encontrarem-se espalhados por quase todo o território nacional, é principalmente em 7 distritos da província de Cabo Delgado onde o Shimakonde é falado como língua materna, a saber: Macomia, Meluco, Mocímboa da Praia, Mueda, Muidumbe, Nangade e Palma.

Variante de referência

Contrariamente ao que acontece com outras línguas, o Shimakonde não tem variantes que possam ser consideradas como seus «dialectos». As diferenças existentes (a nível da pronúncia ou de certas expressões e terminologias para designar certas coisas, duma zona para outra) são poucas e não impedem a intercompreensão.

Por outro lado, em Shimakonde, as pessoas são designadas conforme o nome da região onde vivem, o que, muitas vezes, pode dar a impressão (superficial) a certos investigadores de se tratar dum outro grupo étnico ou linguístico.

Assim, são chamados:

a) **Vandonde**, (ou Andode) os falantes de makonde que vivem na região de Kundonde - zona montanhosa ao sul do planalto (vale do Rovuma, distrito de Palma, Nangade e Mueda);
b) **Vamwaalu**, os que vivem nas margens e no vale do rio Messalo (cujo nome original é Mwaalu);
c) **Vaiyanga**, os que vivem na região de Iyanga (Mocimboa da Praia);
d) **Vamwambe**, os que se encontram nos distritos de Macomia e Meluco;
e) **Vamakonde**, os que vivem no planalto (Kumakonde).

Daí que as formas de falar de cada um destes grupos, ou *variantes de Makonde*, sejam designadas, respectivamente, da seguinte maneira:

a) Shindonde;
b) Shimwaalu;
c) Shiyaga;
d) Shimwambe;
e) Shimakonde.

Como se pode inferir, é natural que com o desenvolvimento os habitantes de uma região tenham uma forma peculiar de falar que é distinta da fala de habitantes de outra região embora mantendo na essência a mútua inteligibilidade. Embora as diferentes variações regionais de uma mesma língua também se chamem "dialectos", neste estudo se prefere usar o termo "variante" que parece sugerir grande aproximação entre elas.

Assim, de entre as variantes acima, **Shimakonde** foi tomada para referência neste estudo.

Sistema ortográfico

As vogais

O Shimakonde tem as seguintes cinco vogais

Tabela 1: *As vogais do Shimakonde.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Vogais longas

Em Shimakonde, o alongamento vocálico é predizível. Isto é, a vogal longa ocorre na penúltima sílaba e, em qualquer outra posição, só depois de consoantes palatalizadas (como ty, py) ou labializadas (tw, kw) e antes

de consoantes pré-nasalizadas (como mb, ng), Por isso, considera-se redundante a sua representação gráfica.

(1) lipapa 'asa'
madodo 'pernas'
kwigwilila 'escutar'
kweka 'rir'

Há casos em que o leitor poderá encontrar um grafema vocálico duplicado. Em tais casos, as duas vogais pertencem a morfemas diferentes ou são longas e têm tons de contorno. Independentemente da origem, a vogal que se ouve como longa deve escrever-se duplicando o símbolo da respectiva vogal breve. Vejam-se os seguintes exemplos:

(2) naalokanao 'a trazer (alguma coisa)'
kubyaananga 'matar-se um ao outro; matança'
kutaa 'pôr, deitar (água, fogo, etc.)'

Os grafemas /aa/ pertecem a dois morfemas diferentes.

As consoantes

Tabela 2: *Consoantes de Shimakonde.*

Modo/Lugar	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Lábio-velar	Velar
Oclusiva	p b		t d	c* j		k g
Nasal	m		n	my		ng'
Fricativa		v	s*	sh*		
Lateral			l			
Aproximante				y	w	

Consoantes especiais

Dois grafemas têm um estatuto especial: **sh**, **h**.

i. O **sh** representa uma espécie de arquifonema *(/S/)* que tem três realizações diferentes dependendo da idade, do sexo e do local do falante,

nomeadamente /s/, /sh/ e **/c/.** As mulheres dizem /s/ sempre que devem pronunciar esse som, desde que não seja depois de uma nasal silábica. Na sua maioria, os homens produzem /sh/, desde que não seja depois de uma nasal silábica e desde que não seja uma palavra emprestada ainda não integrada na língua Makonde, em que podem pronunciar /s/. Os homens idosos produzem, com relativa frequência, /c/**,** uma forma arcaica que está a cair em desuso. Contudo, todos, sem excepção, pronunciam /c/ a seguir a uma nasal silábica. O fone (som) /s/ ocorrendo em palavras emprestadas que ainda não entraram no sistema fonológico da língua Makonde pode ser pronunciado /s/ pelos homens.

(3) a. misila (mulheres, homens de algumas regiões) 'caudas'
b. micila (homens idosos) 'caudas'
c. mishila (maioria dos homens) 'caudas'
d. nceshe (todos os falantes) 'quatro'
e. salaama (todos os falantes, em empréstimos) 'saudação'

Durante o Seminário, a discussão em torno de substituição de **sh** por **x** para representar o som fricativo alveopalatal terminou com a manutenção de **sh** com argumentos variados que não vão ser reproduzidos neste relatório que só reporta o resultados das discussões dos grupos de trabalho e não as discussões propriamente ditas.

ii. O **h** deverá ser usado exclusivamente para acompanhar o **s** em sh para representar o som alveopalatal não vozeado [ʃ], como se viu acima. No II Seminário realizado em 1999 defendeu-se que enquanto os escreventes makondes não encontrassem melhor forma de marcar ou não aprendessem a marcar o tom que caracteriza a forma de negação verbal, usar-se-ia o **h** para esse fim. No III Seminário, cujos resultados estão a ser aqui reportados, ficou decidido que o **h** não mais serviria para marcar o tom da forma negativa ou qualquer outro traço prosódico da língua.

iii. Os traços prosódicos devem ser marcados de acordo com as convenções universalmente aceites/usadas na escrita das línguas bantu, isto é, no caso do tom, através de diacríticos que se assemelham aos sinais usados para representar o *stress* (acento) na língua portuguesa. Para o

efeito devem ser criadas condições para treinar os produtores de materiais escritos em Makonde para saberem representar o tom na sua escrita. Assim, as formas que antes eram escritas como nos exemplos que se seguem:

(4) a. hapali 'não está'
cf. apali 'está'
halota ligali 'ele não vai querer carro'
cf. alota ligali 'ele quer carro'
haalota ligali 'ele não vai indicar o carro'
cf. aalota ligali 'ele não está a indicar o carro'

Doravante devem ser escritas da seguinte maneira:

(4) b. apaáli 'não está'
cf. apáali 'está'
alóótá (shinu) ligáali 'ele não vai querer carro'
cf. alóótá ligáali 'ele quer carro'
aalootá ligáali 'ele não vai indicar o carro'
cf. anaalóótá (shinu) ligáali 'ele não está a indicar o carro'

Semi-vogais

As semi-vogais **w** e **y** funcionam, na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante, isto é, ocorrem na margem da sílaba, como se ilustra nos exemplos que se seguem:

(5) muti **w**angu 'minha cabeça'
yuvi 'arco-iris'

As semi-vogas também resultam da semi-vocalização de vogais altas como acontece nos seguintes exemplos:

(6) kueka < k**w**eka 'rir'
liala < l**y**ala 'machamba'

Modificação de consoantes

Labialização

As consoantes podem ser labializadas ou palatalizadas conforme se na

sua produção se verifica a intervenção dos lábios ou da elevação do corpo da língua rumo ao palato, respectivamente. A labialização ou modificação de uma consonate através do arredondamento dos lábios é representada graficamente pela semivogal **w**, como se verifica nos exemplos que se seguem:

(7) mbwabwa 'novo/não maduro'
nandwadwa 'zona seca'

Palatalização

A palatalização ou modificação de uma consoante através da elevação do corpo da língua para o céu da boca ou abóbada palatina é representada graficamente pela semivogal **y**, como se verifica nos exemplos que se seguem:

(8) kubyaa 'matar'
kulitangodya 'fazer-se falar'

Pré-nasalização

A pré-nasalização marca-se com **m** ou **n** antes da consoante oral pré-nasalizada, como nos seguintes casos:

(9) lijembe 'enxada'
ndeja 'amendoim'
ngela 'mangueira'

Nasal silábica

A nasal silábica resulta da elisão da vogal **u** no morfema **mu** de várias classes nominais da língua Makonde. Ela deve marcar-se com **m** antes de **b**, **p** e **m**. E com **n** antes das restantes consoantes. Vejam-se os seguintes exemplos:

(10) a. mpunga 'arroz'
mmala 'nas machambas'
b. vantete 'os donos da terra'
nnalu 'cobra'
nsheshe 'quatro'
nkong'o 'provérbio'

Alfabeto de Shimakonde

Apresenta-se a seguir a tabela de todos os grafemas desta língua.

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Shimakonde.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central baixa. Ex: lupapa 'asa'
b	be	Oclusiva bilabial vozeada (glotalizada). Ex: libata 'pato'
d	de	Oclusiva alveolar vozeada (glotalizada). Ex: lidebe 'lata'
e	e	Vogal anterior média. Ex: eka 'ri'
g	ga	Oclusiva velar vozeada. Ex: igoli 'cama'
h	ha	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: hapali 'não está'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ikiti 'cadeira'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: lijembe 'enxada'
k	ka	Oclusiva velar não-vozeada Ex: kala 'antigamente'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: kulala 'dormir'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: muti 'cabeça'
n	ne	Nasal alveolar vozeada Ex: nangu 'eu'
ny	nye	Nasal palatal. Ex: nyedi 'caracol'
ng'	ng'a	Nasal velar. Ex: ing'ande 'casa'
o	o	Vogal posterior média. Ex: olya 'tabaco'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pundi 'artesão'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: samaki 'peixe'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: kutota 'coser'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: lukuni 'lenha'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vanu 'pessoas'
sh	she	Fricativa alveo-palatal não-vozeada. Ex: shipula 'faca'
w	we	Semi-vogal lábio-velar. Ex: muti wangu 'minha cabeça'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: yuvi 'arco-iris'

Tom

O tom alto é representado pelo acento agudo. O baixo é marcado pelo acento grave. Está provado que em Shimakonde, o tom é um elemento importante na transmissão das mensagen (orais e escritas). Por isso é que, neste seminário, foi defendida a necessidade de marcação de tom na escrita desta língua. Como tal, esforços devem ser feitos com vista a treinar os escreventes de Shimakonde a ouvir e representar por escrito o tom como medida de desambigução de encunciados que eventualmente possam ser interpretadas de forma ambígua devido à ausência desta marca. Portanto, já não se trata mais de mais estudos, trata-se, sim de treino de pessoas (que escrevem ou aprendem a escrever ou que ensinam) para ganahrem esta habilidade.

Segmentação de palavras na escrita

Em Shimakonde adoptou-se a escrita conjuntiva.

Em frases com verbos auxiliares, separa-se o verbo auxiliar do verbo principal, como se ilustra nos seguintes exemplos:

	Verbo auxiliar	*Verbo principal*	
(11)	andimanya	kwanalela vilwele	'sabe reconher doenças'
	andimanya	kulaula	'sabe curar'
	inkulotegwa	kwandika	'deve-se escrever
	mwanda	kukukumbila	'ir beber'

Os locativos **pa**, **ku** e **mu** escrevem-se conjuntamente antes de nomes comuns e separadamente antes de nomes próprios, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(12)	pamoto	'ao pé do fogo'
cf.	pa Mweda	'em Mueda'
	mulikuta	'dentro da cabana'
cf.	mu Kabu Delegadu	'dentro de Cabo Delgado'
	tuke kulugwani	'vamos ao quintal'
cf.	tuke ku Namau	'vamos a Namau'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas nos seguintes casos:

- Nomes próprios;
- Início de antropónimos, topónimos e nomes de instituições;
- Títulos honoríficos;
- Início de parágrafos e a seguir a um ponto.

Uso do Apóstrofo

O apóstrofo será usado a seguir a **ng** para representar a nasal velar (ng').

(13) mwing'ande 'dentro de casa'
ng'unda 'pombo'
ng'wende 'papagaio'

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamaçäo* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («»): ou as vírgulas altas (‘’), para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV, como se pode ver em:

(14) igoli (i.go.li) ‘cama’
lijembe (li.je.mbe) ‘enxada

Como se vê, cada uma das palavras em (14) tem três sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- Nos casos em que há vogal longa (VV), a linha deve terminar obedecendo à sequência VV-.

(15) Alóótá (a.lóó.tá) shinu 'ele não quer'
kubyaananga (ku.byaa.na.nga) 'matar-se um ao outro; matança'

Os exemplos acima mostram que, na divisão silábica, a vogal longa não deve ser divida ao meio, pois ela consititui núcleo de uma única sílaba.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m/n-, como nos exemplos:

(16) mmala (m.ma.la) 'nas machambas'
nkong'o (n.ko.ng'o) 'provérbio'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Cópula verbal e predicação nominal

A cópula verbal em Shimakonde escreve-se separadamente das outras componentes da frase.

(17) Salimu ni munu 'Salimu é boa pessoa'

Em Shimakonde ocorre a predicação nominal e escrevem-se os dois nomes seguidos um do outro.

(18) munu nkulomba 'pessoa que casa'

Locuções interjectivas, conjuntivas, adverbiais

Em Shimakonde as locuções escrevem-se separadas das outras componentes da frase.

As interjeições escrevem-se seguidas de um sinal de pontuação.

Ideofones

Representam-se da mesma forma como são produzidos. Ocorrem, tanto no meio como no fim da frase. Quando ocorrem no fim têm maior valor expressivo. Podem violar o inventário fonológico e não obedecem às regras gramaticais.

Quando ocorrem no fim da frase, deve-se colocar um ponto de exclamação (!)

(19) Aninguluma dwii! 'fui picado'
Wiku undishwa ngwee! 'amanheceu'

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Manya mmili wako

Kulambela kumanya í ngwengwe shinu shakunyata. Kundituvaikila tutende tulilolyanga mummili mwetu kwambangidya twanalele shakunyata shani shipagwite mummili mwetu.

Tukanalela shimanyikilo shashilwele mummili mwetu, kundituvaikila tuke kushipitali na tumwaulile talatolo kwambangidya talatolo analele nyamani shipita pamili petu.

(Tradução a partir de "Doenças de Transmissão Sexual - DTS", Ministério da Saúde, por Melchior Focas e Manuel Chuvi Pajumi).

Tradução do texto exemplicativo:

Conheça-se a si próprio

A curiosidade nem sempre é uma coisa nociva. É importante observarmos o nosso corpo para podermos saber, com certeza, quando alguma coisa de anormal está acontecendo com ele.

Quando notámos algum sinal de doença no nosso corpo, devemos procurar um posto de saúde e ajudar o médico a descobrir qual é o nosso problema.

(In: "Doenças de Transmissão Sexual — DTS", Ministério da Saúde.)

BIBLIOGRAFIA

Alfabeto provisório: *In Documento de síntese do curso de Linguística para a formação do Núcleo de Nampula.* ARPAC, 1987.

Garcia, Dom José dos Santos, 1961. Doutrina Cristã, 11.04.1961.

Guerreirro, M. Viegas, 1963. *Rudimentos da língua Makonde.*

Velho Testamento: tradução em Shimakonde, obra não publicada, sem nome de autor nem ano de publicação.

Vaudi vaudi vya Lilove Lyake Nnungu, sd. Diocese de Pemba.

Faculdade de Letras da UEM, 1986. *Curso de formação básica de análise e descrição das línguas bantu.* Maputo.

Focas, M. e E. J. Mpalume, 1997. *Tuke Tukashomye* (Livro de alfabetização em língua maconde). Ed. Associação PROGRESSO. Maputo.

Ministério da Saúde, 2000: *Vilwele Vyalakela Muuwendi DTS/DTS Doenças de Transmissão Sexual.* (Traduzido por M. Focas e M. C. Pajume) Ed. Associação PROGRESSO, Maputo.

Mpalume, E. J. e MA. Mandumbwe, s/d. *Nashilanga wa shitangodi sha shimakonde* (Manual da língua makonde). (Ms - não publicado).

Passo, M. N. et al., 2000: *Ukanamanya, lipundishe / Aprende se não Sabes.* (Traduzido por Li.Ma.Shi.) Ed. Associação PROGRESSO, Maputo.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Portografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.3. CIYAAWO

Introdução

Localização e número de falantes

CIYAAWO é uma língua do grupo P.20 (na classificação de Guthrie 1967-71) onde tem o código P.21. Ou seja, é a língua número um do grupo Yaawo que, na referida classificação, inclui, além de Ciyaawo, as línguas Shimakonde, Cimwela, Cimakwe, etc. Ciyaawo é falado principalmente em três países, a saber: Malawi, Moçambique e Tanzania.

Não se sabe ao certo o número total de seus falantes nos cinco países. Mas uma estimativa aponta para perto de dois milhões e meio de utentes deste idioma espalhados por cinco países: Malawi, Moçambique, Tanzania e algumas regiões de Zâmbia e Zimbabwe, nestes dois últimos como resultado de trabalho migratório.

Em Moçambique, onde existem 341.796 falantes de Ciyaawo de cinco anos de idade ou mais (INE 2010), a maior concentração destes falantes encontra-se nas províncias de Niassa e Cabo Delgado. A província de Niassa é aquela que é considerada como sendo o "habitat" natural dos falantes desta língua e Kuyaawo (Chiconono ou Cikonono) "o berço do povo Yaawo" Sanderson (1922).

Variante de referência

Embora falada em cinco países, é notável a homogeneidade de Ciyaawo, facto que faz dela uma língua com poucas, quase inexistentes, variantes dialectais, no sentido em que este termo se usa em literatura. Aquilo a que Fortune chama de dialectos desta língua, nomeadamente, Cimakale, Cimasaninga e Cimacinga, são termos que designam o Ciyaawo falado Kumakale (em Makale), Kumasaninga (em Masaninga) e Kumacinga (em Machinga), respectivamente. São, portanto, termos que se referem a regiões geográficas de maior concentração de Ayaawo no norte, centro e sul do seu território original, e não formas linguísticas distintas umas das outras (mas com mútua inteligibilidade) que se possam considerar dialectos no sentido em que este termo é usado em literatura de especialidade. É as-

sim que todos os Ayaawo actualmente em Malawi, Moçambique e Tanzania nunca se identificam através de outras designações que não "Ayaawo".

Para efeitos de padronização, entretanto, já que não existe nenhuma forma padronizada da escrita desta língua em nenhum dos países onde ela é falada, Sanderson (op. cit.) recomenda que se tome o Ciyaawo de Chiconono (falado em Niassa-Moçambique) como ponto de referência visto ser este o Ciyaawo central do ponto de vista geográfico, por um lado.

Por outro lado, do ponto de vista histórico, Chiconono constitui o núcleo mais recente de dispersão dos falantes desta língua para o Norte, para o Sul, para Este e para Oeste. É por estas razões que nesta proposta se tomou o Ciyaawo de Chiconono como referência para a padronização da ortografia desta língua.

Um nota importante, antes de se entrar na discussão do sistema ortográfico, diz respeito à escrita do nome desta língua. Participantes em vários seminários sobre a ortografia desta língua insistiram, ao longo dos últimos dez anos que ele deveria escrever-se como pronunciam os seus falantes natos. Isto é, *Ciyaawo*, e não Ciyao. Esta posição foi reiterada no Seminário de 2008 onde ficou acordado que doravante este deveria ser escrito desta maneira, quer nesta língua quer na língua portuguesa ou qualquer outra que se refira a este nome ou outra palavra dele derivada (por exemplo: Ciyaawo, yaawo, ayaawo, kuyaawo, etc.).

Depois desta breve nota referente à escrita do nome da língua, vamos passar à discussão do sistema ortográfico de Yaawo.

Sistema ortográfico

Por sistema ortográfico entende-se a forma como esta língua deve ser escrita não só em termos de representação gráfica dos sons como tais, como também em termos de outros elementos adicionais que permitem que da combinação dos símbolos se possa transmitir uma mensagem. Assim, na presente secção, vamos tratar do sistema de sons e sugerir a

sua representação, formação de palavras e segmentação destas no texto, entre outros aspectos.

O sistema de Vogais

Ciyaawo tem um sistema de dez vogais, das quais cinco breves e cinco longas que graficamente devem ser representadas como se vê na tabela que se segue:

Tabela 1: *As vogais de Ciyaawo.*

Anteriores		Centrais	Posteriores
Altas	i, ii		u, uu
Médias	e, ee		o, oo
Baixas		a, aa	

Vejam-se os seguintes exemplos:

(1) a. kupata 'obter, adquirir'
b. kupeta 'ornamentar'
c. kucima 'odiar'
d. kusoma 'picar'
e. kuputa 'apagar'

Preste-se atenção à vogal da segunda sílaba que, para efeitos do que se pretende ilustrar, é muito importante. Nestes exemplos, a vogal que constitui o núcleo da segunda sílaba é breve, isto é, esta vogal é produzida com menor duração do que as correspondente nos seguintes exemplos:

(2) a. kupaata 'sacudir, limpar (com a mão)'
b. kupeeta 'peneirar'
c. kuciima 'ofegar'
d. kusooma 'estudar; ler'
e. kupuuta 'bater'

Sequência de vogais

Esta língua não é favorável à combinação de vogais. Por isso, sempre que a morfologia ou a sintaxe cria condições para que duas vogais ocor-

ram uma a seguir a outra, a língua encontra sempre formas de desfazer tal sequência recorrendo para isso a variados mecanismos, de acordo com a qualidade das vogais envolvidas, dos quais se encontram: semivocalização, fusão, elisão. Assim, as vogais altas são semivocalizadas antes de vogais diferentes delas próprias, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(3)a. *Semivocalização*

i. **u < w:**

	mu-ndu [um:^{n}du](cl1)	'pessoa'
cf.	mw-aanace (cl1)	'criança'
	mw-anangu (cl1)	'minha criança'
	mu-si (cl3)	'aldeia'
cf.	mw-eesi (cl3)	'lua; mês'
	mw-iisi (cl3)	'pau de pilar'
cf.	mu-ntwe (cl18)	'na cabeça'
	mw-eetu (cl18)	'dentro da(o)s noss(o)as'
	mw-iine (cl18)	'noutro'

ii. **i < y:**

mi-si (cl4)	'aldeias' cf
my-aasi (cl4)	'sangue'
my-eesi (cl4)	'luas; meses'

b. Fusão (crase, coalescência):

i. **a+i = ee:**

meeno (> madino)	'dentes'
peetala (> padiitala)	'no caminho'

ii. **a+u = oo:**

moova (> madyuuva)	'dias, sóis'
moongu (> madyungu)	'abóboras'

c. Assimilação:

i. **u+o = oo:**

kooga (> ku+oga)	'tomar banho'
koonga (> ku+onga)	'sugar'
koota (> ku+ota)	'aquecer-se ao fogo'

Sistema de consoantes

Ciyaawo tem 18 sons consonânticos apresentados na tabela que se segue:

Tabela 2: *Consoantes de Ciyaawo.*

Modo/Lugar	Labial	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Lábio-velar	Velar
Oclusiva	p b		t d	c j		k g
Nasal	m		n	ny		ng'
Fricativa			s			
Vibrante			(r)			
Lateral			l			
Aproximante		v		y	w	

A tabela acima apresenta os lugares e modos de articulação dos sons consonânticos de Ciyaawo. Relativamente ao Seminário de 1988, vejam-se as seguintes alterações:

i. Mudança de **n'** para **ng'** para representar a nasal velar tal como é prática nas outras línguas (Makonde e Mwani) do grupo a que Ciyaawo esteve integrado no Seminário de Março de 1999. Esta alteração manteve-se em 2008 por, apesar do não ser económica, responder melhor à preocupação de conveniência do que a anterior. Ao longo dos dez anos que passaram desde o segundo seminário, nunca nenhum escreventre levantou algum problema em relação a /ng'/ como símbolo de nasal velar. Considerem-se os seguintes exemplos:

   (7) a. ng'oombe 'boi; vaca'
   b. kung'aanda 'brincar'

ii. O fonema consonântico representado pelo **r** pode ser considerado especial em Yaawo, pois só ocorre em certos ideofones. Por causa de não ocorrer em palavras que näo sejam ideofónicas, este fonema é considerado inexistente nesta língua em muitos estudos (Sanderson (1922, 1954), Whiteley (1966) e Ngunga (1987, 1988, 1997) desta língua, facto que revela o tipo de decisões que os investigadores são obrigados a tomar quando confrontados com certas realidades ou dificuldades.

Na presente proposta, porque se reconhece a importância comunicativa deste som em Ciyaawo, decidiu-se que seria uma injustiça deixar o leitor/escritor e o aprendente da escrita desta língua sem este recurso também importante na comunicação escrita nesta língua. Com efeito, os sons que indicam o início do voo de um bando de pássaros ou imitam o ruído produzido pelo disparo de uma arma metralhadora, contém o som "r" nesta língua.

(8) a. yijuni yigulwiice prrru! 'os pássaros voaram prrru!'
b. tusipiikeene wuuti trrrr! 'ouvimos disparos de uma arma metralhadora'

iii. Quanto às aproximantes, sons que são produzidos com aproximação dos articuladores, nesta língua há três, a saber **v**, **y** e **w.** A primeira é uma semi-consoante pois, diferente das duas últimas que têm as correspondentes vogais [i] e [u] que se semi-vocalizam em certos contextos tornando-se **y** e **w**, respectivamente, não há nenhuma vogal que se realize como [v] em resultado de qualquer tipo de processo fonológico. Daí que a designação 'aproximantes" (Ladefoged 1993) seja a mais correcta para integrar estes três sons num só grupo. Considerem-se os seguintes exemplos:

(9) a. mwaango (cl3) 'tromba (de elefante)'
b. yeembe (cl8) 'mangas'
kuyuuya (cl5) 'abanar para a frente e para atrás'
c. vaandu1(cl5) 'gente'
kuviika (cl15) 'pôr'

Depois destas considerações sobre as aproximantes, vamos passar para as consoantes.

Modificação de consoantes

Em Ciyaawo, as consoantes geralmente podem sofrer pelo menos uma das três principais modificações, a saber, pré-nasalização, labialização e palatalização. Tratemos de cada uma delas individualmente.

i. A *pré-nasalização* é o processo que resulta do abaixamento da úvula imediatamente antes da produção de uma consoante oclusiva não

nasal, o que permite a passagem do ar em simultâneo pelas cavidades oral e nasal. Vejam-se os seguintes exemplos:

(10) a. mbwa 'cão'
b. mbusi 'cabrito'
c. kuwuumbala 'submeter-se aos ritos de iniciação'
d. wulombeela 'casamento'

Portanto, antes da consoante oclusiva bilabial **b** a pré-nasalização será marcada com a nasal bilabial **m**.

Note-se que nesta língua não há pré-nasalização de consoantes que não sejam vozeadas orais. Daí que b seja a única consoante bilabial pré-nasalizável. Antes das consoantes alveolar **d**, palatal **j** e velar **g**, a pré-nasalização é marcada através de n que nos três casos se realiza no mesmo lugar de articulação que a consoante seguinte, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(11) a. ndoondwa 'estrela'
b. njete 'sal'
c. nguku 'galinha'

ii. Muitas vezes a produção das consoantes, tanto nasais como orais, pode ser feita com um ligeiro arredondamento dos lábios. Este fenómeno chama-se *labialização* e em ortografia corrente deve ser representado por um **w.** Em alguns casos, da labialização de uma consoante podem resultar segmentos que chegam a ser contrastivos na língua, como se ilustra nos exemplos que se seguem:

(12) a. kutwa 'pilar'
cf. kuta 'dar nome (a uma criança)'
b. kupwa 'vazar'
cf. kupa 'dar'

iii. *Palatalização:* a articulação de consoantes não-palatais pode fazer-se acompanhar de uma elevação do corpo da língua rumo ao palato. Na escrita de tais sons, esta elevação do corpo da língua rumo ao palato, palatalização, é representada através de um **y** que se escreve imediatamente depois da consoante palatalizada, como se ilustra em:

(13) a. kupya 'queimar-se'
cf. kupa 'dar'

b. kusyoosya ‘girar’
cf. kusoosa ‘procurar’

Alfabeto de Ciyaawo

Concluídas que estão as observações acima, apresenta-se a seguir a tabela completa do alfabeto de Ciyaawo.

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Ciyaawo.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central baixa breve. Ex: kup**a**ta ‘obter’
aa	aa	Vogal central baixa longa. Ex: kup**aa**ta ‘sacudir; limpar’
b	be	Consoante oclusiva bilabial vozeada. Ex: **b**aa**b**a ‘pai’
c	ce	Consoante oclusiva palatal não vozeada. Ex: **c**i**c**i? ‘o quê?’
d	de	Connsoante oclusiva alveolar vozeada. Ex: ku**d**ila ‘chorar’
e	e	Vogal média anterior breve. Ex: kup**e**ta ‘ornamentar’
ee	ee	Vogal média anterior longa. Ex: kup**ee**ta ‘gratuitamente’
g	ge	Consoante oclusiva velar vozeada. Ex: ku**g**ava ‘dividir’
i	i	Vogal anterior fechada breve. Ex: kuc**i**ma ‘odiar’
ii	ii	Vogal anterior fechada longa. Ex: kuc**ii**ma ‘ofegar’
j	je	Consoante oclusiva palatal vozeada. Ex: ku**j**a**j**avala ‘flutuar’
k	ka	Consoante oclusiva velar não-vozeada. Ex: **k**u**k**aana ‘negar’
l	le	Consoante lateral alveaolar vozeada. Ex: **l**u**l**asi ‘calvície’
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: **m**aa**m**a ‘mãe’
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: ku**n**o**n**opa ‘ser duro ou caro’
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: ku**ny**a**ny**a ‘fazer comichão’
ng’	ng’e	Nasal velar vozaeda. Ex: **ng’**oombe ‘boi, vaca’
o	o	Vogal média posterior breve. Ex: kus**o**ma ‘picar’
oo	oo	Vogal média posterior longa. Ex: kus**oo**ma ‘estudar; ler’
p	pe	Consoante oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: **p**eete ‘anel’
r	re	Consoante vibrante alveoalar vozeada. Ex: nd**r**i! (id.: som de camapainha)
s	se	Consoante fricativa alveoalar não-vozeada. Ex: ku**s**eka ‘rir’

t	te	Consoante oclusiva alveoalar não-vozeada. Ex: ku**t**iila 'fugir'
u	u	Vogal posterior fechada breve. Ex: k**u**p**u**ta 'apagar'
uu	uu	Vogal posterior fechada longa. Ex: kup**uu**ta 'bater'
v	ve	Aproximante lábio-dental. Ex: ku**v**a**v**a 'amargar'
w	we	Aproximante (semi-vogal) lábio-velar. Ex: ku**w**a 'morrer'
y	ye	Aproximante (semi-vogal) palatal. Ex: **y**aala 'dedos'

Nesta tabela, são apresentados os vinte e três símbolos que se devem usar para representar graficamente todos os sons que fazem parte do inventário fonémico de Ciyaawo. Na próxima secção vamos ver como é que estes sons se juntam para *formar* palavras e como representar na escrita tais palavras, isto é, que partículas ou palavras se devem escrever juntas e quais as que se devem escrever separadamente.

Separação das sílabas

A sílaba é um elemento importante na referência ortográflca. Nela distinguem-se duas partes, o núcleo (geralmente uma vogal) e a margem que é uma consoante (simples ou complexa) como se ilustra nos seguintes exemplos:

(14) a. ci.tee.te 'gafanhoto'
b. mwii.si 'pau de pilar'
c. mbyo 'rins'
d. a.lee.ndo 'hóspede'

Nasal silábica

A nasal silábica resulta da aplicação de uma regra de elisão da vogal **u** do **mu-** que é prefixo de classe de alguns nomes. Assim, depois da queda da vogal, fica apenas uma nasal que na escrita será marcada por **m** separada da consoante seguinte por um apóstrofo para os casos em que esta é precedida do fonema **b** como se ilustra nos seguintes exemplos:

(15) a. m'butile 'puxaste'
cf. mbutile 'apaguei'

b. m'beleece? 'carregaste nas costas?'
cf. mbeleece? 'entreguei?'

Antes de **d**, **j** e **g**, a nasal silábica é marcada por **n'** para evitar que a nasal silábica se confunda com a nasal que prenasaliza as consoantes orais vozeadas. Considerem-se os seguintes exemplos:

(16) a. n'duule 'par de calções demasiadamente grandes; bermudas'
cf.nduule 'que eu descarregue (da cabeça)'
b. n'jete! 'planta de cujas cinzas se pode extrair um ácido (sal vegetal)'
cf.njete 'sal'
c. n'guunde 'que atropeles!'
cf.nguunde 'que eu dê banho'

Antes de todas as connsoanes orais não vozeadas, antes da laterale de todas as nasais, a nasal silábica será escrita sem o apóstrofo, pois da falta desta não resultam enunciados ambíguos, devendo apenas observar-se o princípio segundo o qual a nasal bilabial **m'** deve escrever-se antes das labiais e a alveolar **n'** antes das restantes consoantes alveolares, palatais e velares), como se pode ver nos exemplos que se seguem.

(17) a. m'piika 'panela'
m'mile! 'engole'
m'bugule! 'abre!'
b. n'teesa 'amendoim'
n'noole! (> kunoola) 'afia!'
n'nole! (> kulola) 'olha!'
c. n'ciga 'raíz'
n'nyakule! 'levanta!'
d. n'komelo 'martelo de pau'
n'ng'aande! 'brinca!'

Na translineação, a nasal silábica deve ser separada da consoante seguinte, o que é diferente da nasal que modifica as consoantes seguintes através da prenasalização. Esta, como se viu nunca deve separar-se da consoante modificada.

Segmentação de palavras

O seminário sugeriu que a escrita de Ciyaawo fosse baseada numa espécie de compromisso entre o método conjuntivo e o disjuntivo embora o primeiro seja mais predominante.

Assim:

i. Devem escrever-se conjuntivamente:

- *Os prefixos nominais e verbais* (marcas aspectuais, de sujeito, de tempo, objecto, etc.).

(18) a. **ci**pula ca muumbele cila cijaasiice 'aquela faca que me deste perdeu-se'

b. **yi**-juni yikutuwona 'os pássaros estão a ver-nos'

- *Os locativos*

(19) a. nguku sikung'aanda **pa**lusulo 'as galinhas brincam no (perto do) rio'

b. tukwaawula **ku**musi 'já vamos para a aldeia'

c. ajiimi **muu**ngokwe 'ficaram de pé no celeiro'

- *Partícula genitiva,* quando ocorre a fusão dos segmentos vizinhos.

(20) a. mbusi **jee**sweela (>**ja ji**sweela) 'cabra branca'

b. cigaayo **cee**kuluungwa (> **ca** cikuluungwa) 'moagem grande'

- *Possessivos:* forma elíptica e outras.

(21) a. mwanaa**ngu** 'filha(o) minha/meu'

b. mwaana**gwaawo** 'filha(o) dele(a)'

c. alaamb**aawo** 'cunhado(a) dele(a)'

d. alaamb**eenu** 'teu (tua) cunhado(a)'

- *Pronome interrogativo enclítico.*

Deve escrever-se ligado ao núcleo da frase através de hifen.

(22) a. vaandu-**ci**? 'que gente?'

caaka-**ci**? 'que ano?'

Nestes exemplos mostra-se que o pronome interrogativo é encíltico. Ocorre, portanto, a seguir à palavra sobre a qual se faz a pergunta. Como todos os enclíticos, estes devem ser separados das palavras as quais estão ligadas por meio de um hífen, como se vê nos exemplos acima.

- *Prefixos de nomes próprios,* que fazem parte de nomes próprios e artísticos ou indicadores de profissões.

(23) a. A-Vaanji 'Vaanji'
A-Pelesidente 'Presidente'
A-dokotaala 'Doutor'
A-puundi 'Artesão'
b. Ce-Vaanji 'Senhora Vaanji'
Ce-Teleela 'Senhor Teleela'
Ce-Deete 'Senhora Deete'
Ce-N'dala 'Senhor Ndala'
c. Ku-Vaanji 'Sua Majestade Vaanji'
Kun-Teleela 'Sua Majestade Teleela'
Kun-Akavale 'Sua Majestade Akavale'
Kun-Tweela 'Sua Majestade N'tweela'

- *Palavras compostas,* reduplicados[1] e outros, devem escrever-se ligadas por um hífen.

(24) a. -dyaa-dyaa-dya 'comer várias vezes'
b. kala-kaala 'antigamente'
c. cila-ciila 'aquele (classe7) mesmo'

Nestas formas compostas podem-se identificar com relativa facilidade as palavras de que fazem parte, bastando para isso, aplicar um teste de independência de cada uma delas. Isto, desde que cada uma das partes revele poder existir sem estar ligada à outra parte e manter um sentido de base idéntico ao da forma reduplicada. No caso dos verbos, um outro teste seria o de verificar como é que a forma reduplicada faz a flexão de tempo passado. Por exemplo:

(25) *Infinitivo* *Passado recente*
a. -lavalava 'ser malandro' -<u>lava</u>leeve 'fazer malandrice'

[1] Ver estudos pormenorizados sobre reduplicação em Ngunga (1997, 1999).

b. -tikatika ‘fazer cócegas’ -tikatiice ‘fazer cócegas’

Coma se vê nestes verbos, as partes sublinhadas do infinitivo e do passado são idénticas, enquanto as partes não sublinhadas do infinitivo são diferentes das partes não sublinhadas do passado. Portanto, a marca do passado é afixada somente uma vez à direita da forma composta, o que quer dizer que estas palavras “compostas” nao são decomponíveis, pois não admitem a inserção de nenhum material que separe as partes. Portanto, nem o hífen tem lugar. Contudo, vejam-se os seguintes exemplos:

(26) *Infinitivo* *Passado recente*
a. -lokota-lokota ‘apanhar repetidamente’ -lokweete-lokweete
b. -pita-pita ‘passar muitas vezes’ -piite-piite

- *Construção relativa*

(27) mundu jwa n’kum’bona jula... ‘a pessoa que estás a ver...’
cijuni ca n’ciloweete cila... ‘o pássaro que apanhaste.,.’

ii. Devem escrever-se disjuntivamente:

- As partículas genitivas em construções do tipo:

(28) a. malaja **ga** wune ‘minha camisa’
cf. malaja gaangu ‘minha camisa’
b. nguku **sya** m’mwaanya ‘vossas galinhas’
cf. nguku syeenu ‘vossas galinhas’

- *Cópula, quando expressa morfologicamente.*

(29) a. A-Kaseembe **ni** muundu ‘o Kasembe é (boa) pessoa’
b. Asi **ni** mbwaanda ‘isto é que é (bom) feijão’

- Partículas conectivas e/ou agentivas.

(30) wune **ni** mpwaanga ‘eu e o irmão mais novo’
wune numiigwe **ni** mbwa ‘eu fui mordido por um cão’

Nos casos em que haja processos fonológicos envolvendo as partículas conectivas e/ou agentivas devem escrever-se conjuntivamente, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(31) a. mpwaanga **noo**ne ‘meu irmão mais novo e eu’

cf. mpwaanga **ni** wune 'meu irmão mais novo e eu'
b. alumiigwe **noo**mwe? 'foi mordido por ti?'
cf. julumiigwe **ni** mmwe? 'foi mordido por ti?'

- *Demonstrativos.*

(32) **awo** vaandu? 'aquela gente?'
aji mbwa? 'este cão?'

Se o demonstrativo tiver uma forma descontínua, deve escrever-se com a última parte (aquela que ocorre à direita do nominal a que o demonstrativo se refere) ligada ao nominal por meio de um hífen, como em:

(33) a. awo vaandu-**wo** 'aquela gente'
b. ajo mbwa-**jo** 'aquele cão'
c. apo pa-**po** 'ali, naquele lugar ali'

Em frases com verbos auxiliares, o verbo auxiliar é escrito em separado do verbo principal, como nos seguintes exemplos:

(34) atusimeene **tudi** n'kudya 'encontraram-nos (estando nós) a comer'
vaadiji adiile 'tinham comido'

Tom

Ciyaawo é uma língua tonal em que se distingue um tom baixo, mais frequente, e um tom alto, menos frequente. Uma vez que o tom baixo ocorre na maioria das palavras, propõe-se, para efeitos de ortografia, que se marque apenas o tom alto com acento agudo (´) sempre que este se produza, como nos seguintes exemplos:

(35) a. nganiindya 'não tínhamos comido'
nganíindya 'não comemos'
nganííndyá 'não comeremos'
nganííndya '(que) eu não coma'
b. cituúndu 'cesto'
citúundu 'capoeira'
c. katuúndu 'cestinho'

	katúundu	‘bagagem’
d.	m’búule	‘despe-te’
	m’buule	‘que te dispas’

Esta proposta vai ser testada no processo de experimentação dos materiais de alfabetização que o NELIMO está a acompanhar, antes que decisões definitivas e mais abrangentes que as referidas acima sejam tomadas sobre a sua representação no sistema ortográfico.

- *Cópulas verbais e predicação nominal* são uma partículas que ligam dois nomes numa frase em que o primeiro nome funciona como qualificado e o segundo como qualificador. Vejam-se os exemplos que se seguem:

(36)	A-Saadimú *ni* muundu	‘Salimu é (boa) pessoa’
	asi *ní* mbwáanda	‘este é que é feijão!’

- *Os dois nomes da predicação nominal* coexistem um ao lado do outro, sendo o primeiro o qualificado e o segundo o qualificador, como se vê nos exemplos que se seguem:

(37)	yimáánga láata	‘lata de milho’
	méénó dííkúmí	‘dez dentes’

Ideofones

Deverão escrever-se como se pronunciam, mesmo sem observar as regras de fonologia da lingua.

(38)	kuceelé ngwee!	‘amanheceu um pouco’
	tupükeene trr!	‘ouvimos disparos de armaautomática
	kadyuura pyuu!	‘o sol na linha do horizonte’

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação

para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

- *Hífen (-),* para ligar o clítico à palavra base.

(39) n'nyuumbá-mu 'nesta casa aqui'
celé-co ngúcisaáká 'quero esse (objecto) aí'

- *Ponto final* (.): para indicar o fim duma frase.

(40) wuné ngúsáká kwááwúla kúmusi 'eu quero ir à aldela'
caaciyiká ntóóndó. 'hão-de vir depois de amanhã'

- *Ponto de interrogação* (?): para assinalar uma pergunta (ou dúvida) mesmo que a frase contenha outros recursos.

(41) Akúsáká cíci? 'querem o quê?'
Cici akúsáká? 'que querem?'

- *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração ou qualquer outra emoção forte.

(42) Ee! Tudiíle! 'Sim! Comemos!'
Naambó júkusíle! 'Como cresceu!; cresceu muito!'

- *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase.

(43) Adyeeje váákúsáká, vaangákuúsaká...
'Coma quem quiser, quem não quiser...''
Twaadíjí cénéne, jugaambile kuyiká ajú…
'Estávamos bem, mal chegou este...'

- *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa.

(44) Kweende, citukavéécete pacítúkayíce
'Vamos, iremos falar quando chegarmos'
Tukweété súgámá, ntéésá ní yimáanga
'Temos feijão jugo, amendoim e milho'

- *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada na numeração de diferentes aspectos da mesma ideia.

(45) Tusuumíle mbúsi; ngúku; mbwáanda
'Comprámos cabritos; galinhas; feijão'

Baabaveenu akuyikaleelo; mwanagweenu jukuyika nkuuca
'O teu pai vem hoje; o teu filho vem dentro de dois dias.'

- *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação, como se ilustra em:

(46) a. Muundú-jó jutiíte: - Mwaasadile kuti wuné ngáándipá yííndu-yo.
'A pessoa disse: - Diz-lhe que eu não vou pagar essas coisas'
b. Kwe túJilé iyi: jáámyaánja ajeejé aku, wuwé áku.
Façamos o seguinte: vocês vão nesta direcção, nós vamos nesta'

- *Aspas* (""): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva.

(47) a. Naambó, 'kung'áándá kúlólága dyúúvá".
'Cuidado, "quando se brinca deve-se controlar o tempo"'
b. Yikaavé mwa váátééndeelé-mula kutí "ngaanyaawúla" ni ngajawúla, tukáádí túveecéete
'Se tal como tinha dito "não vou" não tivesse ido, já teríamos falado'

- *Parênteses* [( )]: para intercalar (num texto) a expressão de uma ideia acessória.

(48) a. Ngútí váákúsáká (atá mmwé naagá n'kúsáká) kweende!
'Estou a dizer quem quiser (mesmo tu se quiseres) vamos'
b. Naayíwééni yoomé-yo (naambó ngáva yoose) wáányááwííle-wula.
'Vi os gatos (mas não todos) daquela vez em que fui (lá)'

Com estes exemplos demonstrámos que as regras de uso dos sinais de pontuação no texto escrito em Ciyaawo não diferem na essência das regras de uso destes mecanismos de comunicação escrita na língua portuguesa. Como tal, todos os casos não incluidos neste texto poderão ser entendidos em analogia com esta língua.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV, como se pode ver em:

(49) cipago (ci.pa.go) 'qualquer marca (com que se nasce) no corpo'
lupula (lu.pu.la) 'nariz'

Como se vê, cada uma das palavras em (49) tem três sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- Nos casos em que há vogal longa (VV), a linha deve terminar obedecendo à sequência VV-.

(50) kwééndá (kwéé.ndá) 'andar'
muúsi (muu.si) 'dia solar'

Os exemplos acima mostram que, na divisão silábica, a vogal longa não deve ser dividida ao meio, pois ela consititui núcleo de uma única sílaba.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m/n-, como nos exemplos:

(51) m'bute (m'.bu.te)! 'puxa!'
n'savi (n.sa.vi) 'feiticeiro'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Ya yiimoneceéle

Dijuúsi nganiinyiká kúcikóola pakuvá múúmbotekagá m'matuumbo. Kundaavi-pé, maámá váányigadiilé kucipataala kwanáápóceelé kwiníini. Pa nááng'weelé sividi syáakwe, kupóteka-kó kwaatóóndweéve. Mitééla jóose jíkaavéeje kuwóna kwáakwe yélé, vaandu ngáánganáámalágá kuwá. Kundaaví jaakwe, diisó, naajíímwiícé cénéne, ngádi yakúúsákádísya n'ciyillú mwaangu.

Nááng'weelé luseenga ní pútáadi já mánaangwá géétéléce ganá n'teesa, ní panááyíkagá kúcikóóla kuno. Naambó náácéleewé pakuvá ngániinaavíla kwiimúka. Pa nááyicé akuno, cé-mwaadimú náásimeené adi ataandíite kusóómesya. Pa kuumbííkana kuwódísya, váátiíte:

- Leeló ngan'jiinjíla. Ngákaavá n'syoovelele. Díísó nganiin'nyiká, leeló n'celéewe. M'mwé ngáva vááti kuvééceta naámwe.

Ngádi yanáátiíte. Naagáámbile kwaalólá, ní naajááwulagá kúnyuúmba kukwaalólá maáma. Panaandí páánganaambúútaga. Kukava kulwáálá kwá díjúúsi, ngúpéla kútí díkóópi dimo díkáánduusilé kúméésó. Leeló ní vaaláá-viile kúúnyíímusya. Lwá túpu-tupu m'péla kujáando náji mbépó-jí.

Ni kuti, bwánawe.

Tradução do texto exemplicativo:

O que me aconteceu

Anteontem não vim a escola porque estava com dores de barriga. Logo de manhã, a minha mãe levou-me ao hospital onde recebi uns comprimidos. Quando tomei dois deles, pronto, as dores acalmaram. Se todos os medicamentos fossem assim bons, as pessoas não morreriam.

No dia seguinte, ontem, acordei bem disposto sem incómodos no meu organismo. Tomei papas de trinca de milho com mandioca temperada com amendoim, e depois vim à escola. Mas cheguei tarde, pois tinha acordado tarde. Quando cá cheguei, o professor já tinha começado a ensinar. Quando me ouviu a pedir licença, ele disse: - Hoje não entras. Isto é para não te habituares. Ontem não vieste, hoje chegas tarde. Afinal, como é que tu és?

Eu não disse nada. Só olhei para ele e fui-me embora para casa. Quando cheguei à casa, a minha mãe quase batia em mim. Se não tivesse estado doente anteontem, acho que uma bofetada havia de pousar na minha cara. Hoje, acordou-me muito cedo. Tão cedo como se estivesse no *jaando* (ritos de iniciação masculinos).

É isso, amigo.

BIBLIOGRAFIA

Abdallah, Y. B. 1919. *Chikala cha ayao.* Zomba.

Cunha. R. de, (s/d). *Regras de Acentuação e Ortografia Oficiais* (De harmonia com a legislação em vigor desde a reforma de 1911 ao decreto nº 35.228 de 8 de Dezembro de 1945) Porto.

Cunningham, W. T. (ed). 1981. *The Nelson Contemporary English Dictionary England.*

Dale, D. 1986. *Shona Mini Companion.* Mambo Press, Gweru.

Diringer, D. (s/d). *A Story of the Alphabet*. Gresham Press, Great Britain.

Fortune, G. 1987. *A Guide to Shona Spelling.* Longman, Zimbabwe.

Fortune, G. 1959. *The Bantu Languages of the Federation: A Preliminary Survery.* Lusaka.

Guthrie, M. 1967-71. *Comparative Bantu.* London.

Ngunga, A.S.A. 1999a. Phonetic vs. Phonological Vowel Length in Ciyao. *South African Journal of African Languages*, 2000, 20(1): 103-114.

Ngunga, A.S.A. 1999b. Restrições na combinação e Ordem dos Sufixos Verbais em Ciyao. *Folha de Linguística*, Número 3:8-18.

Ngunga, A.S.A. 1998. Três problemas da ortografia de Cinyanja. Comunicação apresentada no II Seminário de Padronização de Ortografia de Línguas Moçambicanas, realizado na Matola, Moçambique, 8 a 12 de Março de 1999.

Ngunga, A.S.A. 1997. Lexical Phonology and Morphology of the Yao Verb Stem (Tese de Doutoramento). Universidade de Berkeley, EUA.

Ngunga, A.S.A. 1988. A Comparative Study of some Aspects of Transitivity in Shona and Yao Noun Classes (MA Dissertation) University of Zimbabwe.

Ngunga, A.S.A. 1987. A Comparative Study of Shona and Yao Noun Classes (BA Hons Dissertation) University of Zimbabwe.

Sanderson, M. 1922. *A Yao Grammar.* London.

Sanderson, M. 1954. *Yao Dictionary.* Zomba.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Whiteley, W.H. 1961. Shape and Meaning in Yao Nominal Classes. *African Languages Studies.* II, pp 1-24 London.

Whiteley, W.H. 1966. *A Study of Yao Sentences.* Oxford University Press (1966)
Wiesemann, U. et al. 1982. *Guide pour le Developemment des Systèmes D'Ecriture des Langues Africaines.* Yaounde.

Wilson, P. 1985. *Simplified Swahili.* Nairobi.

2.4. EMAKHUWA

Introdução

Localização e número de falantes

A língua Emakhuwa é falada nas seguintes províncias:

i. Nampula

Variantes:

a) **Emakhuwa**, falada na cidade-capital e seus arredores, nomeadamente, Mecubúri, Muecate, Meconta, parte de Murrupula, Mogovolas, parte de Ribáwe e Lalawa;
b) **Enahara**, falada nos distritos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-a-Velha e parte de Memba;
c) **Esaaka**, falada nos distritos de Eráti, Nacarôa e parte de Memba;
d) **Esankaci**, falada em algumas zonas do distrito de Angoche;
e) **Emarevoni**, falada em partes dos distritos de Moma e Mogincual;
f) **Elomwe**, falada nos distritos de Malema, parcialmente nos distritos de parte de Ribáwè, Murrupula e Moma.

ii. Cabo-Delgado

Variantes:

a) **Emeetto** falada nos distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Pemba, Ancuabe, Quissanga, parte dos distritos de Meluco, Macomia e Mocimboa da Praia;
b) **Esaaka** nos distritos de Chiúre e Mecúfi.

iii. Niassa

Variantes:

a) **Exirima**, falada nos distritos Metarica e Cuamba;
b) **Emakhuwa** falada nos distritos de Mecanhelas, Cuamba, Maúa, Nipepe, Metarica e parte do distrito de Mandimba;
c) **Emeetto** falada nos dsitritos de Marupa e Maúa.

iv. Zambézia

Variantes:

a) **Emakhuwa** falado em Pebane;
b) **Elomwe** falado em Gurue, Gilé, Alto Molócue e Ile;
c) **Emarevoni** falado numa parte de Pebane.

De acordo com INE (2010), o Emakhuwa é falado por cerca de 5.307.378 pessoas de cinco anos de idade ou mais em Moçambique.

Variante de referência

Para efeitos do presente relatório, considerou-se a proposta dos membros do grupo de trabalho que participaram no seminário para quem *Emakhuwa*, falado em Nampula, deve ser tomada como referência na escrita da língua makhuwa.

Este facto, aliado, por um lado, à centralidade geográfica de Nampula no âmbito das províncias em que se fala o Emakhuwa, e por outro à reconhecida inteligibilidade mútua entre os falantes das diversas variantes, leva a que se tome a variante falada pelos nativos da região tradicionalmente conhecida por **Wamphula**, como sendo a de referência para efeitos de padronização da escrita.

Entretanto, nesta situação, há a referir que embora a sua escrita não faça parte deste estudo, Ekoti é a segunda língua moçambicana mais falada em Nampula, com cerca de 70.000 falantes de cinco anos de idade ou mais (www.ine.gov.mz).

Sistema ortográfico

As vogais

No Emakhuwa registam-se cinco vogais fonémicas conforme a tabela:

Tabela 1: *As vogais do Emakhuwa.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i, ii		u, uu
Semi-fechadas	e, ee		o, oo
Abertas		a, aa	

Como se vê na tabela 1, a duração vocálica é contrastiva, isto é, há palavras que só são diferentes porque uma tem uma vogal longa numa certa posição e outra tem uma vogal breve na mesma posição em que a primeira tem vogal longa. Este facto sugere que se considere que esta língua tem dois grupos de cinco vogais fonémicas, o que corresponde a dizer que makhuwa tem dez vogais; cinco longas e cinco breves. Quando alongada, deve ser marcada ortograficamente escrevendo-se duas vezes o mesmo símbolo da vogal em questão, como se ilustra nos exemplos que se seguem:

(1) omala 'acabar' vs omaala 'calar-se'
omela 'germinar' vs omeela 'repartir'
omila 'assoar' vs omiila 'entornar'
olola 'trabalho em troca de bens' vs. oloola 'curar'
orula 'despir' vs oruula 'fazer emergir'

As consoantes

Tabela 2: *As Consoantes do Emakhuwa.*

Modo/ Lugar	Labial	Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Lábio-velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t		tt	c		k	
Aspirada								

Fricativa	f v	(dh)	s (z)		x[2]			h
Nasal	m		n		ny		(ng)	
Lateral			l		ly			
Vibrante			r			w		
Semivogal					y			

Consoantes especiais e/ou marginais

- Da tabela acima, não constam as consoantes **b**, **d**, e **g**. Estas são usadas em empréstimos, especialmente, topónimos e antropônimos.
- O som representado pelo grafema **f** ocorre muitas vezes em variação livre com **ph**, como em:
  (2) ofola ~ ophola 'formar bicha'

- O som /ŋ/ será representado pelo grafema **ng**, como em:
  (3) ongonga 'ressonar'

- Os grafemas **dh**, **z**, **x** e **c** representam os fones [ð], [z], [ʃ] e [c], respectivamente, que em determinados contextos constituem uma variação regional (i.e., alofones) do fone [s] representado grafemicamente como **s** na variante de referência. Assim, teremos, por exemplo:

(4) **s**: o**s**iva 'agradável' na variante de referência (Wamphula)
c: o**c**iva 'agradável' em Esaaka
z: o**z**iva 'agradãvel' em Enahara
dh: o**dh**iva 'agradável' Esankaci

Estes sons são representados em cada variante segundo se pronunciam. Entretanto, em relação ao problema levantado no seminário de 1988 com respeito a [θ] e [ð] em Esankaci fica, para fins da ortografia, estabelecido o grafema **dh** para representar [θ] assim como [ð]. Isto não

2 Depois no Semiário de 1988 se ter decidido que o som [ʃ] deveria ser escrito x (INDE/UEM-NELIMO 1988), no Seminário de 1999 decidiu-se por sh (Sitoe e Ngunga 2000). Todavia, o Seminário cujo relatório o leitor tem nas mãos este momento, decidiu "voltar" à decisão de 1988 optando representar o som [ʃ] através de x. Uma velha razão fundamenta esta proposta: simplicidade, um som um símbolo.

só porque os exemplos fornecidos pertencem à mesma variante (vide Relatório de 1998), mas, sobretudo, porque a realização de [θ] é de menor frequência o que leva a supor que seja uma variação livre.

Os fonemas pós-alveolares **tt**, **tth** da variante de referência são realizados no Elomwe, foneticamente, como [tʃ] e [tʃh] sendo representados, respectivamente, por c e ch nesta variante:

(5)

Emakhuwa	Elomwe	
mire**tt**e	mire**c**e	'remédio'
muru**tt**hu	miru**ch**u	'cadáver'
o**tt**hapa	o**ch**apa	'júbilo'

As semi-vogais

As semi-vogais **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(6)

okhu**w**a	'gritar'
waatta	'bater'
o**y**ara	'dar a luz'

Modificação de consoantes

Aspiração

A **aspiração** será marcada com h, como se vê em 2.2.1., através de **h**.

(7)

ot**h**eka	'bebida'
ep**h**ula	'nariz'

Labialização

A **labialização** será marcada através de **w**.

(8) ath**w**aala (> athu ala) 'esta gente'

Palatalização

A **palatalização** será marcada com **y**.

(9) ep**y**o 'semente'

Nasal silábica vs. uso de apóstrofo

A nasal silábica resulta de uma elisão da vogal do prefixo de classe, particularmente as classes 1, 3, 5 e 18. Esta será grafada como soa, com

m ou **n**.

(10) a. **M**manka cf. mumanka 'mangueira'
b. **n**tata cf. nitata 'mão'
c. **m**pwana cf. mupwana 'amigo'
d. **m**pani cf. mupani 'dentro de casa'

Assim, não será necessário o uso do apóstrofo. Este será somente grafado especialmente para contrastar nasais silábicas seguidas de semivogais com função de consoante com nasais palatais e bilabiais vozeadas em casos como:

(11) ***n'y*** em **n'y**ari 'comadre' vs. ***ny*** em ***ny***eenye 'irmão'
nki***n'y***ale 'não roubei' vs. nki***ny***aale 'não fiz necessidades maiores'
m'w em **m'w**e 'ali' vs. **mw** em **mw**eenye 'senhor'

Alfabeto de Emakhuwa

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Emakhuwa.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central baixa. Ex: ovava 'voar'
aa	aa	Vogal central baixa longa. Ex: maama 'mãe'
c	ce	Oclusiva palatal não vozeada. Ex: ocaca 'zangar-se'
e	e	Vogal anterior média breve. Ex: epyo 'semente'
ee	ee	Vogal anterior média longa. Ex: weepa 'tamarinda (fruto)'
f	fe	Fricativa lábio-dental não vozeada. Ex: ofya 'queimada'
h	he	Fricativa glotal Ex: ohela 'meter ou pôr'
i	i	Vogal anterior fechada breve. Ex: ephiro 'caminho'
ii	ii	Vogal anterior fechada longa. Ex: niino 'dente'
k	ke	Oclusiva velar não vozeada. Ex: waakela 'rachar para alguém'
kh	khe	Oclusiva velar não vozeada aspirada. Ex: waakhela 'receber'

l	le	Lateral alveoalar vozeada. Ex: olelo 'hoje'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: maama 'mãe'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: niino 'dente'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: onyoonya 'aborecido'
ng	nge	Nasal velar vozeada. Ex: ongonga 'ressonar'
o	o	Vogal posterior média breve. Ex: nkhoyi 'corda'
oo	oo	Vogal posterior média longa. Ex: woova 'ter medo'
p	pe	Oclusiva bilabial não vozeada. Ex: epula 'chuva'
ph	phe	Oclusiva bilabial não vozeada aspirada Ex: ephula 'nariz'
r	re	Vibrane alveolar vozeada. Ex: orupa 'dormir'
s	se	Fricativa alveolar não vozeada. Ex: osoma 'ler'
t	te	Oclusiva dental não vozeada. Ex: oteka 'construir'
th	the	Oclusiva dental não vozeada aspirada. Ex: otheka 'descascar/bebida'
tt	tte	Oclusiva pós-alveolar não vozeada. Ex: otteka 'abrir (guarda-chuva)'
tth	tthe	Oclusiva pós-alveolar não vozeada aspirada. Ex: ottheka 'ofensa'
u	u	Vogal posterior fechada breve. Ex: orula 'despir'
uu	uu	Vogal posterior fechada longa. Ex: oruula 'fazer emergir'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: ovava 'voar'
w	we	Semi-vogal labial vozeada. Ex: wiiwa 'ouvir'
x	xe	Fricativa palatal não vozeada. Ex: exima 'massa'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: oyara 'dar à luz'

Segmentação de palavras

Ao nível da segmentação de palavras, continua-se a concordar com a proposta do I Seminário realizado em 1988. Assim:

i. <u>Devem escrever-se conjuntivamente:</u>
   - Os prefixos verbais, como em:

   (12) okuxa 'levar'
   nkinyaale 'não fiz necessidades maiores'

- Os prefixos nominais, como em:

(13) **e**nika 'banana'
inika 'bananas'

- Os afixos locativos, como em:

(14) **va**puwani 'na casa'
mumpa**ni** 'dentro da casa'

- As marcas do respeito, como se pode ver em:
A-Manuweele 'o senhor Manuel'

- A partícula **na**/**nna**, como em:

(15) **nna**nsonyiya 'pessoa desprezível'

ii. <u>Devem escrever-se disjnntivamente:</u>

- Os possessivos, como ilustra o exemplo:

(16) enupa **aka** 'minha casa'

- Os demonstrativos, como se vê no exemplo:

(17) **ela** ekaaro aka 'este é meu carro'

- A partícula **ni**, como em:

(18) atthu athanu **ni** aranu 'oito pessoas'

Tom

Emakhuwa é uma língua tonal. A dificuldade dos produtores de material escrito residem no facto de eles nunca terem beneficiado de nenhum treino sobre a percepção e representação do tom no texto escrito. Por isso, apesar de se reconheer a sua pertinência na leitura e escrita da língua, a sua respresentação não poderá ser feita antes que os escreventes adquiram estas habilidades. Assim, recomenda-se treino urgente de pessoal nesta área para que o tom possa ser representado por escrito.

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) no início de um parágrafo e a seguir a um ponto;
b) no início de nomes próprios;
c) nos títulos honoríficos;
d) nos nomes dos meses do ano.

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

(19) oluma-te 'morder fortemente'
khwoo! Exeeni 'oh, o que foi?!'

De uma forma geral, recomenda-se a seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) Ponto de interrogação (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) Ponto de exclamação (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) Reticências (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) Vírgula (,): para indicar uma pequena pausa;

f) Ponto e vírgula (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV.

Nos casos em que há vogal longa (VV), a linha deve terminar obedecendo à sequência VV- e nunca dividindo a vogal longa em duas. Vejam-se os seguintes exemplos:

(20) a. Meelo (mee.lo) 'amanhã'
b. Omaala (o.maa.la) 'calar'

Como se vê, a palavra em (22a) tem duas sílabas, sendo a primeira longa, e em (22b) tem três sílabas, das quais a do meio é longa.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em **m/n**, como nos exemplos:

(21) a. mpani (m.pa.ni) 'dentro de casa'
ntata (n.ta.ta) 'mão'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Mulopwana ookukhurya

Mulopwana mmosa aahirowa okukhurya empa ya amay'awe. Mulopwana owo khaareera okukhurya. Nihiku nimosa aahireiwa wiira ooniwe. Yaahokuxiwa ekuwo yaakhuxeriwe mweeri, yeepokoholelaniwe ohiyu khuheliwa mmwaapuni ni maasi khuthomeiwa. Vawaale mulopwana ole, veeralyaawe kikhunule ele yaathomeiwe, maasi ootheene yahimmwareela erutthu yootheene. Vammwareelalyaaya vale, erutthu awe yootheene yaahokela onukha. Mulophwana ole voonalyaawe onukha n´we, ole aahotthimakasa mpakha omuro; Ole aahotuphela mmaasini wiira arape masi etthu yoonukha ele khiyaamala. Veeraawe kisepeke onukha m´we exiko awe yaahisikuwa. Ti vo, mulopwana ookukhurya ewusu, ti vo vanunkhaawe.

(Texto Adaptado do original recolhido por J. M. M. Katupha.)

Tradução do texto exemplicativo:

O homem mexeriqueiro

Um homem muito mexerico foi vasculhar a casa da mãe. Este homem mexia em tudo. Certo dia pregaram-lhe uma partida. Pegaram num pano sujo, que tinha servido de penso higiénico e de limpeza durante um acto sexual, meteram de molho numa panela e penduraram. Quando o homem chegou a casa abriu a panela e esta derramou o líquido todo, mal cheiroso, sobre o seu corpo. O homem não suportou o cheiro e correu para o rio para se banhar. O cheiro continuava. Ao pretender desviar-se do cheiro, o pobre homem acabou torcendo o pescoço, que nunca mais curou. A história reza que tal homem mexeriqueiro é a tartaruga. A tartaruga cheira mal por causa da água suja e mal-cheirosa que se derramou sobre si.

BIBLIOGRAFIA

Afido, Pedro. 1988. Descrição da Estrutura Fonológica da Esaaka (variante do Emakhuwa). *LIMANI* N°4, Dep. de Letras Modernas, Fac. de Letras, UEM.

Katupha, J. M. M. 1983. A Preliminary Description of Sentence Struture in Esaaka Dialect of Emakhuwa. London: University of London (unpublished M. Phil. Thesis).

Kisseberth, C. et al. 1979. Ikorovere Makua Tonology. *Studies in Linguistic Sciences*, Urbana, Illinois, 1979-81: 1:9, 31-63; 2:10, 15-44; 3:11, 181-202.

Mann, W. M. 1976. Zambian Languages Ortography (notes)

Mann, W. M. & Dalby, D. et al. 1987. Thesaurus of African Languages: A classified and annotated inventory of the spoken languages of Africa with an appendix on their orthographic representation.

Maples, C. 1879. Collections for a Handbook of the Makua Language. London: SPCK.

Matos, A. V. de, 1974. *Dicionário Português-Macua.* Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.

Maugham, R. C. F. 1909. *Studies in Chi-Makua Language.* Zanzibar: Universities' Mission Church Association.

Medeiros, F. 1987. Notas para um Ficheiro Bibliográfico das línguas e-Makhuwa, e-Lomwe e e-Chuwabo de Moçambique. Maputo: Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Eduardo Mondlane.

Ministry of Education. 1977. *Zambian Languages-Orthography.* Approved by the Ministry of Education Lusaka, Zambia.

Moçambique, 1983. *Os Distritos em números.* (1º vol.). Maputo: Conselho Coordenador do Recenseamento.

NELIMO. 1988. *Relatório do I Seminário de Padronização das Línguas Moçambicanas*. Maputo:INDE-UEM/NELIMO.

Padres Monfortinos. Apontamentos soltos sobre Emeetto. (Cadernos não publicados).

Prata, A. P. 1960. Gramática da Língua Macua e seus Dialectos. Cucujães: Sociedade Missionária Portuguesa.

Porter, W. C. 1911. Translations into Makua with Notes.

Rzewuski, E. 1979. State of Research on the Classification of the Bantu Language of Mozambique. Maputo: Departamento de Letras Modernas, Universidade Eduardo Mondlane. (unpublished).

Sacramento, J. V. do, 1906. *Apontamentos Soltos da Língua Macua.* Lisboa: Sociedade de Geographia de Lisboa.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

The Shona Language Committee. 1955. A Guide to Standard Shona Spelling (Chirairidzo ehomunyorero wavepo wechiShona).

UNESCO. 1981. *African Languages: Proceedings of the Meeting of Experts in Transcription and Harmonisation of Languages.* Niamey (Niger), 17-21, July, 1978.

2.5. ECHUWABU

Introdução

Localização e número de falantes

A língua Echuwabu é falada nas seguintes províncias: Zambézia: Distritos de Maganja da Costa, Quelimane, Namacurra, Mocuba, Mopeia, Morrumbala, Lugela, Inhassunge, Mugogoda e Milange; Sofala: Beira.

Segundo os dados do Censo populacional de 2007, o Echuwabu é falado por cerca de 989.579 pessoas de cinco anos de idade ou mais (INE, 2010).

Variante de referência

O **Echuwabu** tem três variantes, a saber:

a) **Echuwabu**, falado num raio de cerca de 45 km na faixa que vai da cidade de Quelimane à localidade de Mugogoda;
b) **Ekarungu**, falado na Ilha de Inhassunge com características bem distintas à medida que se vai penetrando para o interior;
c) **Marendje**, falado nos distritos de Milange, Mocuba, Morrumbala e Lugela.

Para efeitos de padronização da escrita, a variante de referência nesta proposta continua a ser o **Echuwahu** falado na cidade de Quelimane e nas localidades de Maquival, Zalala, Madal e Mugogoda, uma vez que se reconhece a existência de mútua inteligibilidade entre as diversas variantes da língua.

Sistema ortográfico

Vogais

No Echuwabu registam-se cinco vogais fonémicas conforme a tabela:

Tabela 1: *As vogais do Echuwabu.*

	Anterior	Central	Posterior
Fechadas	i, ii		u, uu
Semi-fechadas	e, ee		o, oo
Abertas		a, aa	

Duração das vogais

A duração vocálica nesta língua é contrastiva, podendo todas as vogais sofrer alongamento. Recomenda-se que na escrita, o alongamento seja marcado dobrando-se a vogal em questão.

(1) b**a**la 'bala ou queimadura' vs. b**aa**la 'gazela'
ot**e**la 'casar-se' vs. ot**ee**la 'alegrar-se'
okh**o**dda 'atrás' vs. okh**oo**da 'negar'

Consoantes

Tabela 2: *As consoantes do Echuwabu.*

Modo/ Lugar	Labial	Lábio-Dental	Inter-dental	Alveo-lar	Refro-fl.	Palatal	Láb.-vel.	Velar	Glot.
Oclusiva	p b			t d	tt dd	c j		k g	
Fricativa		f v	dh	s z					h
Nasal	m			n		ny		ng'	
Lateral				l					
Vibrante				r					
Semi-vogal						y		w	

Consoantes especiais e/ou marginais

A oclusiva retroflexa aspirada [ʈh], a nasal velar [ŋ] e a lateral retroflexa [ɬ], que no alfabeto do Echuwabu são representados respectivamente por

tth, **ng'** e **lr** são de rara ocorrência.

(2) muka**tth**e 'bolo ou biscoito'
o**ng'**o**ng'**a 'ressonar'
o**lr**owa 'imergir'

Semi-vogais

As semivogais **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(3) **w**o**w**o 'ai'
yoddodda 'algo achado'

Modificação de consoantes

Aspiração

Consoantes surdas no Echuwabu podem sofrer aspiração. Evidências disponíveis indicam que este traço modifica particularmente as consoantes oclusivas velar não vozeada [k], alveolar não vozeada [t] e pôs-alveolar não vozeada [ʧ]. Na escrita, a aspiração será marcada com **h** imediatamente a seguir à consoante em questão.

(4) **th**adduwa 'louco'
Mu**th**umwe 'régulo'
muka**tth**e 'biscoito ou bolo'
o**kh**oda 'atrás'
o**kh**ooda 'negar'

Nesta língua, o símbolo **h** assume a aspiração quando precedido pelas consoantes mencionadas no parágrafo anterior, pois também é usado para, quando ocorre imediatamente a seguir a **d**, representar o som fricativo interdental vozeado [ð].

(5) mo**dh**a 'um ou uma'

(b) em todos os outros contextos ortográficos **h** assume o valor de uma consoante glotal vozeada.

(6) ahiya 'roubaram'

haje ‘ciúme’
ohabwa ‘curvar’

Nasal Silábica

A nasal silábica resulta de uma elisão do prefixo de classe, particularmente das classes 1, 3 e 5. Esta será grafada como soa com **m** ou **n**.

(7) **m**pimo ‘medida’
nrima ‘inveja’

Palatalização

A palatalização será marcada com **y**.

(8) omar**y**a ‘acabar’

Labialização

A labialização será marcada com **w**.

(9) ot**w**anyu**w**a ‘surgir de repenrte’

Alfabeto de Echuwabu

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Echuwabu.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta breve. Ex: khanaredhe ‘ainda não passeámos’
aa	aa	Vogal central aberta longa. Ex: waabwa ‘atravessar’
b	be	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: baala ‘gazela’
c	ce	Oclusiva palatal não vozeada. Ex: macilu ‘ratos’
d	de	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: okhooda ‘negar’
dh	dhe	Fricativa interdenal vozeada. Ex: modha ‘um/uma’
dd	dde	Oclusiva pós-alveolar vozeada. Ex: ddunona ‘já sei’
e	e	Vogal anterior média breve. Ex: nyelele ‘era para’
ee	ee	Vogal anterior média longa. Ex: vheevu ‘vento’
f	fe	Fricativa lábio-dental não vozeada. Ex: ofiya ‘chegar’

g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: guluwe 'porco'
h	he	Fricativa glotal vozeada. Ex: haje 'ciúme'
i	i	Vogal anterior fechada breve. Ex: khoobiri 'dinheiro'
ii	ii	Vogal anterior fechada longa. Ex: oriiya 'respeitar'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: javeya 'ilusionista'
k	ke	Oclusiva velar não vozeada. Ex: vatakuku 'na casa de'
kh	khe	Oclusiva velar surda aspirada. Ex: khawo 'não existe'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: mulomo 'boca'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: mootho 'fogo'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: namarogolo 'coelho'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: onyonya 'incomodante'
ng'	ng'e	Nasal velar vozeada. Ex: ong'ong'a 'ressoanar'
o	o	Vogal posterior média breve. Ex: omodhi 'familiaridade'
oo	oo	Vogal anterior média longa. Ex: okhooda 'negar'
p	pe	Oclusiva bilabial não vozeada. Ex: paka 'gato'
lr	lre	Lateral vozeada retroflexa. Ex: olrowa 'afundar'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: eregu 'parede'
s	se	Fricativa alveolar não vozeada. Ex: saga 'espelho'
t	te	Oclusiva alveoalar não vozeada. Ex: otela 'casar-se'
tt	tte	Oclusiva retroflexa não vozeada. Ex: ottotta 'pingar'
u	u	Vogal posterior fechada breve. Ex: omunya 'diluir'
uu	uu	Vogal posterior fechada longa. Ex: yuunu 'cintura'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vatakulu 'na casa onde'
w	we	Semi-vogal bilabial arredondada. Ex: wowo 'aí'
y	ye	Semi-vogal palatal não vozeada. Ex: yuunu 'cintura'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zelu 'sabedoria'

Tom

O tom é contrastivo, tanto a nível lexical como gramatical.

(10) wàlá 'semear' vs wálà 'acanhado'
mukudda 'palha' vs múkudda 'parente de'

O estudo sobre o tom nesta língua é ainda preliminar, por isso nada poderá se determinar em relação a sua marcação ortográfica.

Segmentação de palavras

A segmentação de palavras carece de um estudo mais aprofundado. Mas, conforme a tradição da escrita nesta língua, nota-se que todos os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como os prefixos nominais são escritos conjuntivamente e assim continuarão a ser até que se obtenham novos dados.

(11) Anamalaba o Sena Sugari ahisasanya ataratori anayi.
'Os trabalhadores da Sena Sugar, puseram já a circular quatro tractores.'

(12) oluma-te 'morder fortemente'
khwoo! Esheeni 'oh, o que foi?!'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) no início de um parágrafo e a seguir a um ponto;
b) no início de nomes próprios;
c) nos títulos honoríficos;
d) nos nomes dos meses do ano.

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:), para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )], para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória;

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal com os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV.

(13) omunya (o.mu.nya) 'diluir'
mukudda (mu.ku.dda) 'palha'

Como se vê, cada uma das palavras em (49) tem três sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Nos casos em que há vogal longa (VV), a linha deve terminar obedecendo à sequência VV- e nunca dividindo a vogal longa em duas. Vejam-se os seguintes exemplos:

(14) a. mootho (moo.tho) 'fogo'
yuunu (yuu.nu) 'cintura'

Como se vê, as palavras em (13) têm duas sílabas cada, sendo a primeira longa e a segunda breve.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em **m**/**n**, como nos exemplos:

(15) a. mmodha (m.mo.dha) 'um
b. nrima (n.ri.ma) 'inveja'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

(16) khwoo! 'oh!'

Quando ocorrem no fim da frase, deve-se colocar um ponto de exclamação.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Dhopadduwa dho kuno oporovinsiya
Onuvahani dhi Samuel Amisse

Oluwabu

Anamalaba o Sena-Sugari empereza eji eli opostu adimistrativu, ahisasanya ataratori anayi mwa ataratori kumi na mmodha agujuliwe agujuwile.

Mpanganya waadheliwe iyo okuno wimisori yeehu, onologa vina yoowi anamalaba abale mudhidhene obu, ahisasanya akaterpilari araru, na akamboyi agujuwile.

Tradução do texto exemplicativo:

Noticiário provincial
Lido por Samuel Amisse

Luabo

Trabalhadores da Sena Sugar, empresa sediada neste posto administrativo, puseram já a circular quatro dos onze tractores que estavam avariados.

A informação prestada ao nosso emissor, refere que os trabalhadores recuperaram também até ao momento, três "caterpílares" que também estavam avariados e duas locomotivas a vapor.

BIBLIOGRAFIA

Afido, Pedro. 1988. Descrição da Estrutura Fonológica do Esaaka (variante do Emakhuwa). *LIMANI* N°4, Dep. de Letras Modernas, Fac. de Letras, UEM.

Festi, Lodovico, 1979. *Wineliwa kunmala.* Quelimane: Missão de Coalane.

Festi, Lodovico, 1982. *Nivuru na mukutho Wakristu. O missal Romano em Karungu.* Quelimane: Missionários Capuchinhos de Bari.

Festi, Lodovico, 1987. *Njai nali mulima.* Quelimane: Missão de Coalane.

Festi, Lodovico, 1987. *Nzu na Mulugu.* Quelimane: Diocese de Quelimane.

NELIMO. 1988. *Relatório do I Seminário de Padronização das Línguas Moçambicanas.* Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Kindell, Glória Elaine, 1981. *Guia de análise fonológica.* Brasília: SIL.

Reichmut, Macário. 1947. *Língua de Quelimane: gramática, leitura, vocabulário.* Quelimane: Missionários Capuchinhos.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Zeni, Leone Enrico, 1966. *Gramática da Língua Ecwabo.* Quelimane: Padres Capuchinhos de Trento.

2.6. CINYANJA

Introdução

Localização e número de falantes

Cinyanja é falado em três províncias de Moçambique, a saber:

a) Niassa, nos distritos de Mecanhelas, Mandimba e Lago;
b) Zambézia, no distrito de Milange;
c) Tete, nos distritos de Angónia, Furancungo, Macanga, Zumbo, Tsangano e partes de Fingoé, Cazula e Moatize.

Além de ser falada em Moçambique, a língua nyanja é também falada nas repúblicas de Malawi e Zâmbia, onde goza do estatuto de língua "nacional" no primeiro caso e de "uma das sete línguas nacionais no segundo caso.

De acordo com os dados do censo de 2007 (INE, 2010), existem 905.062 falantes de Cinyanja em Moçambique,

Variante de referência

a) **Cinyanja** tem as seguintes variantes:
b) **Cicewa** (ou Cimang'anga), falada no distrito de Macanga;
c) **Cingoni**, falada no distrito de Angónia em Tete;
d) **Cinyanja**, falada no Niassa ao longo do lago do mesmo nome, em Tete (Angónia, Tsangana e Moatize).

A variante de referência na presente proposta é o **Cinyanja**, falado em Tete.

Sistema Ortográfico

As vogais

Cinyanja tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Cinyanja.*

	Anteriores	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Abertas		a	

Duração das vogais

As vogais sofrem um certo alongamento na penúltima sílaba. Contudo, este alongamento não é distintivo e não precisa de ser marcado na escrita.

(1) kupatula 'separar'
kugula 'comprar'
kugoneka 'pôr a dormir'

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes de Cinyanja.*

Modo/ Lugar	Bilabial	Lábio-dental	Lábio-alveolar	Alveolar	Palatal	Lábio-velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t d	c j		k g	
Nasal	m			n	ny		ng'	
Fricativa		f v		s z	(sh)			h
Africada		pf bv	ps	ts z				
Lateral				l				
Vibrante				lr				
Semivogal					y	w		
Aproximante		wé						

Consoantes especiais e/ou marginais

i. As consoantes oclusivas vozeadas explosivas escrevem-se **bh** e **dh** para se distinguirem das implosivas que se escrevem **b** e **d**, respectivamente, como se ilustra nos exemplos que se seguem:

(2) bhanda 'cabana'
cf. kwabasi 'abundante'
dhenga 'tecto'
cf. dimba 'horta'

ii. A fricativa álveo-palatal [ʃ], que só ocorre em empréstimos, escreve-se (**sh**) para se distinguir da alveolar [s] que se escreve **s**.

(3) kusamba 'banhar-se'
shuga 'açúcar'

iii. Os pares dos sons **l** e **r**, **f** e **pf**, e **v** e **bv** não são distintivos. Isto é, um dos membros de cada par que ocorra numa certa posição dentro de uma palavra pode ser substituído pelo outro membro do mesmo par sem afectar o significado da referida palavra. Vejam-se os seguintes exemplos:

(4) a. galimoti i**l**o vs. galimoti i**r**o 'aquele carro'
b. ku**f**undula vs. ku**pf**undura 'descobrir'
c. ku**v**ala vs. kub**v**ala 'vestir-se'

Os exemplos em (4) mostram que a troca dos sons em negrito em cada par de palavras não afecta o significado das mesmas. Por isso se diz que em Nyanja, os membros dos pares **l** e **r**, **f** e **pf**, e **v** e **bv** estão em variação livre.

As semi-vogais

As semi-vogais: **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(5) kuwala 'aclarar'
kuyala 'estender

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /bh/, /f/, /p/ e /v/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas com **m** e as restantes com **n**.

(6) **m**buzi ‘cabrito’
kuko**nd**a ‘gostar’
njila ‘caminho’
nkhuku ‘galinha’

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(7) kup**h**unzila ‘estudar’

Labialização

A labialização marca-se com **w**.

(8) namond**w**e ‘tempestade’

Palatalização

A palatalização marca-se com **y**.

(9) kup**y**a ‘queimar-se’.

Nasal silábica

Pode ocorrer no início ou no interior da palavra e representa-se com **m**’ ou **n**’.

(10) **m**’bale ‘parente’
n’golo ‘tambor’
mu**n**’cotse ‘que o tirem’

Alfabeto de Cinyanja

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 2: *Grafemas do alfabeto de Cinyanja.*

Grafe-ma	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: anthu 'pessoas'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: kwabasi 'abundante'
c	c	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: cimanga 'milho'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: dimba 'horta'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzino 'dente'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: ndewu 'luta'
f	fe	Friativa lábio-dental não-vozeada. Ex: fanizo 'exemplo'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: magazi 'sangue'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: Haci 'cavalo'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ife 'nós'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jekete 'blusão'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kalulu 'coelho'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: lilimi 'língua'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: mavu 'vespas'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: namondwe 'tempestade'
o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: misozi 'lágrimas'
ng'	ng'e	Nasal velar vozeada. Ex: ng'ona 'jacaré'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyimbo 'canção'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pansi 'chão'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: pfupa 'osso'
ps	pse	Africada lábibio alveolar não-vozeada. Ex: zipsera 'cicatriz'
r	re	Vibrante alveoalar vozeada. Ex: phiri 'montanha'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: kusowa 'desaparecer'
sh	she	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: shuga 'açúcar'

t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tambala 'galo'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsamba 'folha'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: utsi 'fumo'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: kuvina 'dançar'
w	we	Semi-vogal bilabial. Ex: kuwawasa 'amargar'
wé	wé	Aproximante lábio-velar vozeada. Ex: Malawéi 'Malawi'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: yekha 'sozinho'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: Kuzolowela 'habituar-se'

Tom

O tom pode ser alto ou baixo e é contrastivo tanto a nível lexical como a nível gramatical. Em textos comuns, o tom será marcado apenas nos pares mínimos em que, pelo contexto, não seja possível estabelecer a distinção de significados. Nesses casos, o tom será marcado com acento agudo sobre a sílaba portadora de tom alto e com acento grave sobre a sílaba portadora de tom baixo.

(11) mtèngò 'preço'
mténgò 'árvore'
màwélè 'seios'
màwèlé 'mexoeira'

Segmentação de palavras

a) Os afixos que entram no complexo verbal não devem ocorrer separadamente.

(12) sindifuna 'não quero'

b) Em geral as categorias lexicais devem ocorrer separadamente.

(13) Apusi aba nthoki mmunda
'os macacos roubaram bananas na machamba.'

c) Os genetivos devem também ocorrer separadamente, excepto quando se registam contracções.

(14) nyama za mthengo 'animais bravios'
nsalu zokongola 'capulanas bonitas'

d) Os possessivos devem juntar-se ao prefixo de dependência.

(15) pamudzi pathu 'nossa aldeia'

e) Alguns adjectivos não devem ser separados dos prefixos dependentes a que se associam.

(16) nyumba yoyela 'casa branca'

Uso das maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

- no início de nomes próprios como em:

(17) Mulauzi
Lelita

- nos títulos honoríficos, como em:

(18) Olemekezeka 'Excelência';

- nos nomes de meses do ano, como no seginte exemplo:

(19) Malichi 'Março';

- no início de um parágrafo e a seguir a um ponto. Vejam-se os exemplos:

(20) Mulauzi apita kumunda. Komweko apha kalulu.
'O Sr. Mulauzi foi à machamba. Lá matou um coelho.'

- nos títulos de livros e capítulos, como no exemplo:

(21) Mbili za khale 'Histórias de antigamente'

Uso do hífen

O hífen deve ser usado na reduplicação.

(22) kuyenda-yenda andar de um lado para outro

Uso do apóstrofo

Deve-se usar o apóstrofo:

a) a seguir a ng para representar a nasal velar.
(23) ng'ombe 'boi'

b) a seguir a **m** e n para a representação da nasal silábica.
(24) m'bale 'parente'
n'dida 'medida'

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) Ponto de interrogação (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) Ponto de exclamação (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) Reticências (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) Vírgula (,): para indicar uma pequena pausa;

f) Ponto e vírgula (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) Dois pontos (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (‘’): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(25)a. bambo (ba.mbo) ‘pai’
phili (phi.li) ‘montanha’

Como se vê, a palavra em (25) tem duas sílabas, cada uma das quais termina em vogal.

No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em **m’/n’**, como nos exemplos:

(26)a. m’bale (m’.ba.le) ‘parente’
n’dida (n’.di.da) ‘medida’

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Mandala

Inali nthawi ya njala. Madzi a m'mitsinje anauma. Zipatso zinayamba kusowa, yyama zinayamba kufa.

Anthu onse, poopa njala, amagona kumunda nkumapirikitsa zilombo zimene zimadya zakudya zomwe analima. Anyani, poona kuti samatha kulowa m'minda, anasonkhana ndi kusankha nyani m'modzi kuti akafune nkazi pamudzi wina. Nyani amaneyu amachedwa Mandala.

Mandala anadulidwa neila, anavala suti napita pamudzi. Anapeza nkazi okongola kwambili. Nzelu ya anyani inali yakuti azikadya cimanga ca m'munda mwa nkazi wa Mandala uja.

Monga momwe anapangilana ndi anyani anzake, Mandala ankati akapita kumunda ankasia nkazi wake ekha kuti azithamangitsa anyani m'munda. Mandala amangokhala pacisimba.

Koma, patapita masiku ambili, nkazi uja, poona kuti anyani amadzadza masiku onse m'munda, ndipo mamuna wake, Mandala, amangomusia ekha, anadabwa. Anamuitana Mandala ndi kumufunsa kuti: "kodi inu, bwanji simuwathamangitsa anyani? Atithela cimangaci!"

Mandala anlibe coyankha. Poopa kuti nkazi mwina akanamuthamangitsa pabanja, anayamba kuwathamangitsa anyani anzake. Conco, anyani aja anakwiya. Anatenga ncila wa Mandala ndi kupita kukhomo kwake kuti akamuyike. Mandala, ataona gulu la anyani anzake, anapempha nkazi wake kuti amutsekere mcipinda, koma anyani aja analowamo. Mandala anathawila kucimbudzi, koma anzake anamutsatira ndikumugwila. Conco, anamuyika ncila wake.

Nkazi wake uja, ataona zinthu zija, anadandaula ndi kulila kwambili.

Chipo Chicuecue e Geraldo Macalane, in *Bukhu la Cinyanja* – 4

Tradução do texto exemplicativo:

Mandala

Era tempo de fome. A água dos rios estava seca. Os frutos silvestres tinham começado a escassear. Os animais morriam.

Toda a gente, receando a fome, dormia nas machambas a fim de proteger as suas culturas das investidas dos animais. Os macacos, porque não conseguiam entrar nas machambas, reuniram-se com vista a escolher um que fosse casar-se para uma aldeia próxima. O macaco escolhido chamava-se Mandala.

Cortaram o rabo ao Mandala, vestiram-lhe um bonito fato e seguiu para uma aldeia onde se casou com uma mulher bonita.

O plano dos macacos era o de passarem a roubar produtos da machamha da mulher de Mandala.

Conforme o combinado, quando fossem à machamba, Mandala ficava a descansar despreocupadamente na cabana, cabendo à mulher a árdua tarefa de afugentar os macacos.

No entanto, passados dias, não suportando a grande enchente de macacos na sua machamba, e sobretudo o siléncio do marido, a mulher chamou Mandala e perguntou-lhe: «afinal, por que é que não afugentas os macacos? Hão de acabar todo este milho!»

Não sabendo como responder, e por temer que a mulher podia expulsá-lo do lar, Mandala começou a correr com os outros macacos. Estes, enfurecidos, levaram o rabo de Mandala e foram à sua casa para lho meterem.

Mandala, ao ver o grupo de macacos que se aproximava da sua casa, pediu à mulher que lhe fechasse no quarto. Porém, os outros macacos conseguiram la entrar. Mesmo assim, Mandala fugiu para a casa de banho, mas em vão pois os amigos perseguiram-no e meteram-lhe o rabo. A mulher, após ter presenciado aquele episódio, ficou triste e chorou muito.

BIBLIOGRAFIA

Chafulumira, F. W. 1960. Gwaza Book 3, Nyasaland: Montfort Marist Fathers Mission-Limbe.

Fady, Pe. J. 1960. *Cartas de S. Paulo.* Lilongwe: White Fathers Press.

Kamtedza, J. D. G. 1964. *Elementos da Gramática Cinyanja.* (s/l): Missionários da Companhia de Jesus.

Missionários da Companhia de Jesus. 1966. Dicionário Português-Cinyanja, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.

Ngunga, A. 1999. Três Problemas da Ortografia de Cinyanja. Comunicação apresentada no II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas (8-12/Março/1999).

S/a. *Boma Lathu,* Vol.8 n°3 Março de 1980 (Periódico Malawiano)

Sitoe, B. 1985. Guia ortográfica de línguas Moçambicanas, Maputo: Nelimo-UEM (não publicado)

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Wilkes, A. 1985. *Words and word division: A Study of some orthographical problems in the writing systems of the Nguni and Sotho Languages.* Pretoria: University of Pretoria.

2.7. CINYUNGWE

Introdução

Localização e número de falantes

O Cinyungwe é basicamente falado na província de Tete, nos distritos de Moatize, Changara, Cahora Bassa e partes de Marávia. Existem também registos da existência de comunidades falantes desta língua no Malawi, Zimbabwe e Zâmbia.

De acordo com os dados do Cesno de 2007, em Moçambique há cerca de 457.290 falantes de Cinyungwe de cinco ou mais anos de idade (INE, 2010).

Variante de referência

Não há uma grande variação dialectal em Cinyungwe. Contudo, a variante falada na cidade de Tete e nos distritos de Moatize, Changara, Cahora Bassa é tomada como sendo a de referência.

Sistema ortográfico

As vogais

O sistema das vogais de Cinyungwe

O Cinyungwe tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais de Cinyungwe.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Abertas		a	

Duração das vogais

Na penúltima sílaba ocorre um ligeiro alongamento da vogal que não será assinalado na escrita porque é predizível.

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes do Cinyungwe.*

Modo/ Lugar	Labial	L.-dental	L.-alveolar	Alveolar	Retroflexo	Palatal	L.-velar	Velar
Oclusiva	p (bh)			t (dh)		c j		k g
Implosiva	b			d				
Fricativa		f (vh)		s z	sv zv	x (zh)		(h)
Africada		pf bv	ps z	ts dz				
Nasal	m			n		ny		ng'
Lateral/ vibrante				l/r				
Aproximante		v				y	w	

Nota: As consoantes que estão entre parênteses são consideradas raras.

Consoantes especiais e/ou marginais

Existem 3 tipos de fonemas em cuja representação gráfica envolve o /j/ sozinho ou como parte de um dígrafo:

- A fricativa [ʒ] ocorre raramente (só em empréstimos) e escreve-se com **xj**.

(1) gerexja 'igreja'

- A oclusiva palatal escreve-se **j**.

(2) kujima 'parar por causa de impedimento'

- A sua forma pré-nasalizada escreve-se **nj**.

(3) manja 'mãos'

i. Devem-se distinguir 2 tipos de fonemas cujos símbolos gráficos apresentam b:

- A implosiva escreve-se com b, como no exemplo:

(4) baba 'pai'

- A sua forma pré-nasalizada escreve-se com **mb**, como em:

(5) gombe 'margem do rio'

- A oclusiva escreve-se com **bh**. Ocorre principalmente em empréstimos. Vejam-se os exemplos:

(6) bhola 'bola'
basiya 'bacia'

ii. O mesmo fenómeno ocorre com **d**:

- A implosiva escreve-se com **d**, como em:

(7) yadidi 'direito, bom'

- A prenasalizada escreve-se **nd**, como no exemplo:

(8) kudinda 'carimbar'

- A oclusiva escreve-se com **dh**, como se vê a seguir:

(9) dhotoro 'doutor'

As semi-vogais

As semi-vogais: **w** e **y** funcionam na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante.

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /b/, /f/, /p/ e /v/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas com **m** e as restantes com **n**.

(10) mbalame 'pássaro'
mphambvu 'força'
dhinda 'carimba'
mabondo 'joelhos'
nkhuku 'galinha'

Aspiração

Nesta língua só as consoantes oclusivas não vozeadas podem ser aspiradas, o que na escrita é marcado por **h** a seguir à consoante, como se segue:

(11) phaza 'enxada'
kuchola 'partir um pau'
khaka 'pepino'

Note-se que as oclusivas vozeadas nunca são aspiradas. O **h** que as segue indica que são explosivas e não implosivas.

(12) bhata 'casaco
dhinda 'carimba'

Labialização

A labialização marca-se com **w**.

(13) mudwe 'montão'

Palatalização

A palatalização marca-se com **y**.

(14) kudya 'comer'

Nasal silábica

A pré-nasalização provoca uma mudança de pronúncia que a nasal silábica não provoca.

A nasal silábica resulta da elisão de u do prefixo mu das classes 1, 3 e 18, e deve ser escrita com **m** antes das labiais e com n antes das consoantes de outros lugares de articulação.

Nos casos em que a nasal silábica se pode confundir com a pré-nasalização, usar-se-á o apóstrofo entre a nasal (**m** ou **n**) e a consoante oral seguinte, como em:

(15) m'bale (> mubale) (nasal silábica) 'irmão'
cf. mbale (pré-nasalização) 'tampa de panela, prato'

Alfabeto do Cinyungwe

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Cinyungwe.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: mabombo 'joelhos'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: baba 'pai'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: bhata 'casaco'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: kubva 'ouvir'
bz	bze	Africad lábio-alveolar vozeada. Ex: bzombo 'utensílios'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: combo 'utensílio'
d	de	Imlosiva alveolar vozeada. Ex: yadidi 'direito, bom'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: dhinda! 'carimba!'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzino 'dente'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: iwe 'tu'
f	fe	Fricativa lábio-dental não vozeada. Ex: famba 'anda' (imperativo)
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gombe 'margem do rio ou mar'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: kubohomola 'berrar, gritar'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ine 'eu'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: kujima 'parar por causa de impedimento'
j	je	Fricativa palatal vozeada. Ex: baju 'blusa'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kuona 'ver'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: kuchola 'partir um pau'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: mulopa 'sangue'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: nolo 'pedra de afiar'
o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: misozi 'lágrimas'

p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: piri 'dois'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: pfupa 'osso'
ps	pse	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: kupsipa 'cuspir'
r	re	Vibrante alveolar não-vozeada. Ex: ciropa 'fígado'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: masamba 'folhas'
sv	sve	Fricativa alveoalar não-vozeada retroflexa. Ex: kusvipa 'ser negro'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tola 'leva'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsenga 'milagre'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: ule 'aquele/aquela'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vina 'advinha'
w	we	Semi-vogal bilabial vozeada. Ex: wana 'criança'
x	xe	Fricativa alvo-palatal não-vozeada. Ex: xanu 'cinco'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: aya 'estes'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: misozi 'lágrimas'
zh	zhe	Fricativa alvo-palatal vozeada. Ex: zhara 'jarra'
zv	zve	Fricativa alveolar vozeada retroflexiva labializada. Ex: ku-zvenga 'girar'

Tom e acento

O Cinyungwe é uma língua não tonal, mas possui *stress* na penúltima sílaba. Isto é, a penúltima sílaba pronuncia-se sempre com alguma proeminência. Pelo que, por ser predizível, o mesmo não é represntado por escrito.

Segmentação de palavras

i. Em geral os afixos que entram no complexo verbal não devem ocorrer separadamente.
   (16) tidamenyana lero macibese 'lutámos hoje de manhã'

ii. Todas as categorias lexicais devem escrever-se separadamente.
(17) Unfuna kudya nande (na ine)? 'Queres comer comigo'?

iii. Os genitivos devem ocorrer separadamente, excepto quando se registam contracções.
(18) nthawe ya nkhondo 'tempo de guerra'
cithu ca kucepa 'coisa pequena'

iv. Os possessivos devem juntar-se ao prefixo de dependência.
(19) ntsomba zathu 'nosso peixe'
nkadzi wanga 'minha esposa'

v. Alguns adjectivos não devem ser separados dos prefixos a que se associam.
(20) nyumba ing'ono 'casa pequena'

Uso das maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) No início de nomes próprios;
b) Nos títulos honoríficos;
c) Nos nomes de meses do ano;
d) No início de um parágrafo e a seguir a um ponto;
e) Nos títulos de livros e capítulos

Uso do hífen

O hífen deve ser usado na reduplicação.
(21) kusiyana-siyana 'estar diversificado'

Uso do apóstrofo

Deve-se usar o apóstrofo a seguir a ng para representar a nasal velar.
(22) ng'ombe 'boi'

Mas, também se emprega para marcar uma nasal silábica, como foi referido anteriormente.

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (‘’): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utili-

zado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal com os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(23)a. ng'ombe (ng'o.mbe) 'boi'
b. bzombo (bzo.mbo) 'utensílios'

Como se vê, cada uma das palavras em (23) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m'/n', como nos exemplos:

(24)a. m'bale (m'.ba.le) 'parente, irmão'
n'golo (n'.go.lo) 'tambor'

Portanto, cada uma destas palavras tem três sílabas, sendo a primeira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Leka kucita mwanzako bzomwe iwe unfuna lini kuti iye akucite

Ntsiku ibodzi kolo adaenda kukacemera kamba kuti adzadye pabodzi kumui kwace. Pomwe adafika, kolo adakwira mdzaulu mwa muti na cakudya cace aci-mucemera kamba kuti akwirembo. Kamba adaezera kukwira, tsono adabzitazira. Ndipo kolo adadya ekha mpaka kumala.

Ntsiku mango kamba adakondza cakudya cace acicitula patali na nthawale la madzi, acimucemera kolo kuti aendembo kumui kwace, Pomwe kolo adabwera, kamba admuuza: 'ine ndasamba kale mmanja, penu iwe unfuna kudya nande, thoma wasamba mmanja'.

Kolo khaenda kazinji kukasamba mmanja pathawale, tsono pakubwera, mmanja mukhaswipa pomwe na mataka. Nthawe imweyo kamba adamala kudya bzentsene.

Tradução do texto exemplicativo:

Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti

Um dia o macaco foi convidar o cágado para a sua casa a fim de passarem juntos uma refeição. Quando chegaram, o macaco subiu a uma árvore com a sua comida e convidou-o também a subir. Ocágado tentou subir, mas não o conseguiu. Então o macaco comeu sozinho até acabar a comida.

Num outro dia o cágado preparou a sua comida, guardou-a perto de uma lagoa e convidou o macaco a ir também à sua casa. Quando o macaco chegou, o cágado disse-lhe 'já lavei as mãos; se quiseres comer comigo, primeiro, vai lavar as mãos'.

O macaco foi várias vezes à lagoa lavar as patas dianteiras, porque sempre que de lá voltava, vinha com as patas cheias de areia. Entretanto, o cágado foi comendo tudo.

BIBLIOGRAFIA

Curtois, Victor José. 1904. *Kumbukani Ibzi buino (Pensai o Bem traduzido do Português).* Lisboa: Imprensa Nacional.

Curtois, Victor José. 1899. *Dicionário Portuguez.-Cafre-Tetense.* Coimbra: Imprensa da Universidade.

Curtois, Victor José. 1897. Santo *Evangelyo ya Jezu Kristu, yakukondzedua mu Chinyungwe* (João e Actos dos Apóstolos). Lisboa: Imprensa Nacional.

Curtois, Victor José. 1890. *Bzidapi na Bzindzano Bzachisendzi.* (Contos na língua Cinyungwe) Natal: Convent of Saint Thomas Aquino.

Ferrão, Domingos, Pe. 1984. *Mapfunziso ya Moya (Doutrina de vida).* Tete: Igreja Católica de Moçambique.

Ferrão, Domingos, Pe. 1971. *Evangelho de Marco e Juwau na língua Cinyungwe.* Tete: Igreja Católica de Moçambique.

Ferrão, Domingos, Pe. 1971. *Vanjedyo ya Mbuya Jesu Kristu (Evangelho de Mateus).* Tete: Igreja Católica de Moçambique.

Ferrão, Domingos, Pe. 1970. Gramática Cinyungwe. Não publicado.

Ferrão, Domingos, Pe. 1970. Curso de Cinyungwe: 'Método Progressivo'. Missão de Boroma. Não publicado.

Ferrão, Domingos, Pe. 1967. *Katisisimo Wathu.* Tete: Igreja Católica de Moçambique.

Ferrão, Domingos, Pe. 1967. *Nsemb* (Missa e Canções). Tete: Igreja Católica.

Rodrigues, Faustino. 1949. *Katesismo ra Dotrina Rakristão.* Granada: Imprente 'El Sdo. Corazon'.

Simon, H. M. Pe. 1907. *Catecismo Tete-Portuguez.* Nantes: Imprimerie Borgeois.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. NELIMO.* Faculdade de Letras. UEM.

Wilkes, A. 1985. *Words and Word division: A Study qf some Orthographical problems in the writing systems of the Nguni and Sotho Languages.* Pretoria: University of Pretoria.

2.8. CISENA

Introdução

Localização e número de falantes

A língua sena é falada na Cidade da Beira e em 22 distritos de 4 províncias de Moçambique, a saber:

i. Manica:
Distrito de Gondola, Guru, Macosa e Tambara.

ii. Sofala:
Cidade da Beira e os distritos de Caia, Chemba, Cheringoma, Dondo, Gorongoza, Maringue, Marromeu, Muanza, Nhamatanda.

iii. Tete:
Distritos de Changara, Moatize e Mutarara.

iv. Zambézia:
Distritos de Chinde, Inhanssunge, Mocuba, Mopeia e Morrumbala, Nicoadala.

Além de Moçambique, Cisena é falado também nas Repúblicas de Malawi e de Zimbabwe. Em Moçambique, de acordo com dados do Censo de 2007, esta língua possui 1.314.190 falantes de cinco anos ou mais de idade (INE, 2010).

Variante de referência

Devido à extensão geográfica do território em que é falado, são reconhecidas as seguintes variantes de Sena:

a) **Sena Tonga**, falada no norte e no centro de Sofala, e nas fronteiras de Tete e Zambézia;
b) **Sena Caia** ("Sena do Norte"), falada mais no forte, na Província de Tete, e possivelmente na Zambézia também;
c) **Sena Bangwe** ("Sena do Sul"), falada na zona da Beira;

d) **Sena Phodzo**, falada entre Sofala e Zambézia (de Marromeu, até Chinde) e Mopeia (em Zambézia);
e) **Sena Gombe**, falada em Caia, Mutarara, Chemba (litoral), Cheringoma e a parte litoral da Zambézia;
f) **Sena Gorongozi**, falada na área Serra Gorongosa.

A variante que foi tomada como sendo de referência é **Cisena** de Caia.

Sistema ortográfico

As vogais

Cisena tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Cisena.*

	Anteriores	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Duração das vogais

Na penúltima sílaba ocorre um ligeiro alongamento da vogal que, na escrita, não será assinalado.

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes do Cisena.*

Modo/ Lugar	Labial	L. dental	L. alveolar	Alveolar	Retroflexo	Palatal	L.velar	Velar
Oclusiva	p (bh)			t (dh)		c j		k g
Implosiva	b			d				
Fricativa		f (vh)		s z	sv zv	x (zh)		(h)

Africada		pf bv	ps bz	ts dz				
Nasal	m			n		ny		ng'
Lateral/ vibrante				l/r				
Aproxi-mante		v				y	w	

Nota: As consoantes que estão entre parênteses são consideradas raras.

Consoantes especiais e/ou marginais

O **h** é raro e existe só em algumas variantes.

O **zh** também é raro e existe somente nos empréstimos.

(1) igerezha 'igreja'
zhara 'jarra'

a. As oclusivas explosivas [b] e [d] são rara e escrevem-se **bh** e **dh**, respectivamente.

(2) u**bh**udhu 'espécie de bebida'

As semi-vogais

As semi-vogais funcionam na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante.

(3) kutowera 'perseguir'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /b/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas com **m** e as restantes com **n**.

(4) dimba 'horta'
kudinda 'carimbar'

Nos seguintes casos, não há contraste ndj/nj, ndj/nz, mpf/mf mbv/mv para simplificar o sistema da escrita foi decidido nos primeiros dois casos escrever os símbolos mais breves: nj e nz. Mas nos últimos dois casos

consideram-se os seguintcs exemplos:

(5) a. pfigu 'banana'
cf. mpfigu 'bananeira'
b. bvembe 'melancia'
cf. mbvembe 'planta de melancia'

Se fosse escrito *mfigu* ou *mvembe* a raiz estaria mudada causando dificuldades para o leitor. Por isso, foi decidido escrever **mpf** e **mbv**. Em resumo:

(6) kupfunza 'aprender',
(7) mpfigu 'bananeira'
(8) mbvembe 'planta de melancia'

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(9) khutu 'orelha'

Labialização

A labialização marca-se com **w**.

(10) kugwesa 'deixar cair'

Para alguns falantes, a labialização da fricativa alveolar não vozeada provoca uma retroflexão ([sv]). Apesar de nas outras línguas este som ser escrito com **sv**, em Sena escreve-se com sw, uma vez que assim se representa a verdadeira labialização. Por exemplo:

(11) kuonesa 'fazer ver'
cf. kuoneswa 'fazer ser visto (passivo)'.

Note-se que neste caso o -**w** é a extensão verbal da passiva.

(12) kutala 'deixar'
cf. kutalwa 'ser deixado'

Palatalização

A palatalização marca-se com **y.**

(13) hadadya 'não comeu'

Nasal silábica

Diferente da pré-nasalização que provoca uma mudança de pronúncia, a nasal silábica não provoca pois a consoante precedida pela nasal não é afectada pela nasal.

(14) m'bale 'irmão' (nasal silábica)
mbale 'prato' (pré-nasalização)

Note-se que a nasal silábica não influencia a pronúncia do **b**, mas a pré-nasalização muda o **b** para ser não implosivo. O mesmo fenómeno ocorre com **nk**.

(15) a. n'khondo 'trilho de animais' (nasal silábica)
b. nkhondo 'guerra' (pré-nasalização)

No exemplo em (15) nota-se que em (15a) a nasal silábica não influencia a pronúncia do k aspirado, mas na pré-nasalização (15b) a aspiração é mais *branda* e o oclusivo k é pronunciado de forma a aproximar-se de g. O mesmo fenómeno encontra-se com mph e nth. Por isso, a nasal silábica deve ser escrita:

a. Com **m**' ou **n**' antes de **b**, **d**, **ph**, **th** e **kh**

(16) n'dikhwa 'coqueiro bravo'
m'bale 'irmão'
m'phale 'rapaz'
n'thambo 'cordão'

b. Com **m** ou **n** nos outros ambientes

(17)a. nkazi 'mulher'
cf. akazi 'mulheres'
b. m'pani 'peixe espetado'
cf. mipani 'peixes espetados'

Alfabeto do Cisena

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *O alfabeto de Cisena.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: mbati 'dizendo'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: kubala 'dar à luz'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: ubhudhu 'espécie de bebida'
bv	bze	Africada lábio-dental vozeada. Ex: bvumbe 'rato'
bz	bze	Africada lábio-alveolar vozeada retroflexa. Ex: kubzala 'semear'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: cala 'dedo'
ch	che	Africada palatal não-vozeada aspirada. Ex: chiru 'ratinho de casa'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: dimba 'horta'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: ubhudhu 'espécie de bebida'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzai 'ovo'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: kule 'em vão'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: famba! 'anda!'
g	ge	Oclusiva olveolar vozeada. Ex: kugeya 'arrotar'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: hadaya 'não comeu'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ine 'eu'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: janja 'palma da mão'
k	ke	Oclusiva velar nã-vozeada. Ex: nkaka 'leite'
l	le	Lateral aveolar vozeada. Ex: kulira 'chorar'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: manja 'mãos'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: nana 'irmã mais velha'
ng'	ng'e	Nasalal velar vozeada. Ex: ng'ombe 'vaca'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyanga 'corno'

o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: dzino 'dente', khosi 'pescoço'
p	pe	Oclusiva bi-labial não-vozeada. Ex: pano 'aqui'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: kupfuma 'ser rico'
ps	pse	Africada lábo-alveolar não-vozeada retroflexa. Ex: psi-ru 'maluco'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: kuririma 'afogar-se'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: tsisi 'cabelo'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: kutowera 'perse-guir'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsamira 'encostar'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: kutuma 'enviar'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: kuvela 'vestir-se'
w	we	Semi-vogal bilabial vozeada. Ex: kutowera 'perseguir'
x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: xamwali 'amigo'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yanga 'meu/minha'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: kuzungunuka 'voltar-se'
zh	zhe	Fricativa palatal vozeada. Ex: 'zhanela' janela

Tom e acento

Cisena não é uma língua tonal. Isto é, nesta língua, a altura da voz na produção de uma determinada sílaba ao invés de outra não é usada para ditinguir palavras que, tendo os mesmos segmentos na mesma sequência têm significados diferentes. Por outras palavras, a tonalidade nesta língua não é distintiva. Em contrapartida, a língua Sena pode considerar-se acentual, pois quase invariavelmente tem acento na penúltima sílaba. Isto é, em quase todas as palavras com mais do que uma sílaba, a penúltima sílaba ganha proeminência, pronuncia-se com maior força. Por isso, uma vez que o tom é predizível, ele não será marcado na escrita desta língua.

Segmentação de palavras

Nas diferentes línguas do mundo, as diferentes partes portadoras de sentido, seja sentido gramatical ou sentido lexical, podem escrever-se todas de maneira independente das outras (de forma disjuntiva) ou umas ligadas a outras (de forma conjuntiva) para constituir unidades maiores de significação maiores. Em Cisena, as referidas partículas devem ser escritas:

i. <u>disjuntivamente nos seguintes casos:</u>

a) Se se tratar de verbos auxiliares, como em:

(18) ndiri kuyenda 'estou a ir'

b) Genetivos, como nos seguintes exemplos:

(19) nyumba ya Manuel 'do Manuel'
cala ca janja 'das mãos'

c) Adjectivos verbais (com o genitivo separado), como no exemplo que se segue:

(20) anthu a kucena 'pessoas santas'

d) Conjunções. Vejam-se os seguintes exemplos:

(21) na iye 'com ele'
na nkadzi 'com a mulher'

e) Demonstrativos:

(22) munthu ule 'aquela pessoa'

ii. <u>conjuntivamente nos seguintes casos:</u>

a) Nomes comuns (raiz e seus afixos), como se ilustra nos exemplos que se seguem:

(23) a. nkazi 'mulher'
cf. akazi 'mulheres'
cala 'dedo'
cf. pyala 'dedos'

b) Verbos (raiz e seus afixos);

(24) ndikhadaendeserwa 'tenho sido feito ir por causa dele'

c) Adjectivos verdadeiros (raiz e seus afixos);

(25) anthu adidi 'boas pessoas'
muti udiki/ung'ono 'pequena árvore'

d) Possessivos elípticos, como em:

(26) baba wanga 'meu pai'

iii. As construções locativas apresentam os seguintes casos:

Quando o locativo muda a classe de substantivo deve escrever-se juntamente com o substantivo, mas quando o substantivo mantém a sua classe, escreve-se separadamente.

(27) a. nyumba yanga 'minha casa'
b. kunyumba kwanga 'ao meu lar'
c. ndiri kwenda ku nyumba yanga 'estou a ir ao meu prédio'

O exemplo (27a) mostra que *nyumba* é da classe 9. O exemplo (27b) mostra que *nyumba* é da classe 17. Em (27c) vê-se que, ao contrário do que temos em (27b) onde o possessivo concorda com o locativo, o possessivo concorda com *nyumba.* Logo, o ku- locativo escreve-se disjuntivamente nestes casos.

As sílabas em Sena dividem-se depois da vogal ou depois da nasal silábica.

(28) nyumba (nyu.mba) 'casa'
ndinakuikhirani (ndi.na.ku.i.khi.ra.ni) 'hei-de por para vocês'
mpunga (m.pu.nga) 'arroz'
mphere (mphe.re) 'sarna'

No último exemplo, mphere 'sarna', o **m** marca a prenalisalização e por isso não se separa da palavra.

Uso das maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) No inicio de nomes próprios, como em:

(29) Mosambiki
Aliseti

b) Nos títulos honoríficos, como ilustram os exemplos:

(30) Mbuya Pasu 'mais velho (senhor) Pasu'
Nkumbizi Nyazeze (nome próprio)

c) Nos nomes de meses do ano. Vejam-se os exemplos:

(31) Thongwe 'Janeiro'
Madzalo 'Fevereiro'

d) No início de um parágrafo e a seguir a um ponto;

(32) Fátima ana nkhuku. Mama nkhabe nkhuku
'A Fátima tem galinha. A mãe não tem galinha'.

e) Nos títulos de livros e capítulos

(33) Bukhu ya Kupfunzisa Malembero 'Livro de alfabetização'

Uso do hífen

O hífen usa-se para separar constituentes com significado pleno numa palavra justaposta.

(34) ibodzi 'um'
cf. imodzi-imodzi 'mesma coisa'
pang'ono 'pouco'
cf. pang'ono-pang'ono 'devagar, pouco a pouco'
pakati 'meio'
cf. pakati-pakati 'no meio'

Mas quando se trata de uma palavra reduplicada em que os constituintes não têm significado, as partes que a consituem não se separam com hífen.

(35) sawasawa 'mesma coisa'
nchenche 'mosca'
mpsopso 'dores'

Note-se como *sawa, nche* e *mpso* não têm significado sozinhos.

Uso do apóstrofo
O apóstrofo deve ser usado:

a) Para representar a nasal velar (ng')
(36) ng'ona 'crocodilo'
ng'ombe 'boi'

b) Seguido de **m** e **n** com significado de 'dentro de' (isto é, a classe 18);
(37) n'nyumba 'na casa'
n'tsanga 'no mato'

c) Quando uma nasal silábica ocorre antes de **b**, **d**, **ph**, **th**, ou **kh**.
(38) m'bale 'irmão'
n'dikhwa 'coqueiro bravo'
n'thunzi 'sombra'
n'khondo 'trilho de animais'
akham'phingidza 'ele sujava-o'

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) Ponto de interrogação (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) Ponto de exclamação (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): ou do travessão para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

TEXTO EXEMPLAIFICATIVO

Cithankano m´Cisena

Piacitika ntsiku ibodzi, nzidzi wa njala. Baba wa panyumba akhakhala na nsambo wa kukwata uci n'citomba mbaufikira pakhuku. Nzidzi onsene angabva njala, akhapanga ana ace kuti ali kuenda kaswuta dotha pakhuku. Na tenepo, angafika akhakwata ntete mbaupfeka pantsi pale, padabisa iye uci, mbakwewa na awo uci ule na mulomo, ninga asdyadi dotha. Anace akapiona pionsene pikacita baba wawo.

Nkazi wace pidadza iye kapiphata na manja, mbimala banja.

TRADUÇÃO

História tradicional em Sena

Era uma vez, na época de fome, um pai de família que tinha o mau hábito de enterrar numa lixeira às escondidas, uma pequena bilha de barro cheia de mel. Todas as vezes que sentisse fome, dizia aos seus filhos que ia chupar cinza na lixeira. Então, quando lá chegava, levava uma pequena mangueira de cana e espetava-a no sítio onde tinha escondido o mel e com ela puxava-o, como se, realmente, estivesse a comer cinza. Os filhos viam tudo isto.

Quando a esposa descobriu, divorciou-se do marido.

(Contribuição do Pastor Luis Nyazeze.)

BILBLIOGRAFIA

Alves, P. Albano. 1957. *Dicionário Português-Chisena e Chisena-Português.* Beira: Tipografia da Escola de Artes.

Alves, P. Albano. 1939. *Noções Gramaticais da Língua Chisena.* Braga: Tipografia das Missões Franciscanas.

Cools, Pe. Pedro, (tradutor). 1981. *Mphanga Zadidi, Kuli Anthu a Chinchino.* Itália, Missionários Capuchinhos de Bari.

Ecker, Dr. "A Bíblia para as Escolas"

Meque, Domingos, (tradutor). 1987: *Ivanjelyu ya Marko, Mphangwa Zadidi.* Harare: CAVA.

Torrend, J. 1900. *A Grammar of the Language of the Lower Zambezi, Chipanga.* Chipanga: Zambézia: Missão de Chipanga.

Wilkes, A. 1985. *Words and word division: a study of some orthographical problems in the writing systems of the Nguni and Sotho Languages.* Pretoria: University of Pretoria.

2.9. CIBALKE

Introdução

Localização e número de falantes

Cibalke é falado na província de Manica e cobre todo o distrito do Bárue, à excepção da localidade da Serra Shôa. Os falantes desta língua autodenominam-se Wabalke. Os seus vizinhos imediatos são (wa) manyika, (wa)tonga, (wa)golongozi, e (wa)tewe. Apesar de se considerar um parente afastado das línguas do grupo Shona, actualmente Cibalke confunde-se com as línguas do vale do Zambeze devido a muitas semelhanças fonético-fonológica principalmente com as línguas nyungwe e sena com as quais exibem algum nível de mútua inteligibilidade.

A zona coberta por esta língua vai desde o rio Púngue (localidade de Senyammutamba), ao sul da Serra Shôa, até ao distrito de Guro a Oeste, e ao Norte e Leste do distrito de Gorongosa.

De acordo com o Censo de 2007, existem no país 112.852.

Variante de referência

Os participantes do Seminário disseram que Cibalke não tinha variantes.

Sistema ortográfico

As vogais

O Cibalke tem cinco vogais: a, e, i, o, u que se podem representar em tabela da seguinte maneira:

Tabela 1: *As vogais do Cibalke.*

	Anteriores	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nasalização

É rara. Só ocorre em certos monossílabos, onde deve ser marcada com um til sobre a vogal considerada.

(2) ã 'sim'

Vogais longas

Em sílaba acentuada, as vogais são ligeiramente alongadas, sem, por isso, serem distintivas (fonológicas). Não se deve marcar o alongamento destas vogais.

As consoantes

Tabela 2: *Consoantes do Cibalke.*

Modo/ Lugar	Labial	L.-dental	Dental	L.-alveola	Alveo-lar	Palatal	L.-velar	Velar
Oclusiva	p (bh)		t (dh)			c j		k g
Implosiva	b		d			dy		-
Fricativa		f (vh)	s z		sv zv	x (zh)		h
Africada		pf bv	ts dz	ps bz				
Nasal	mh m		nh		n	ny		ng'
Líquida					lr (r)			
Aproxi-mante						y	w	

Consoantes especiais

O **h** é usado geralmente para modificar a qualidade de uma consoante vozeada que, quando escrita sozinha representa um deteminado som. Em tais contextos, o **h** não representa aspiração. Chama-se "especial" toda a consoante resultante de combinação de uma consoante vozeada com **h** opor duas razões, a saber, ou por ser rara dentro do sistema fonológico de Cibalke ou por ocorrer somente em empréstimos frequentemente usados em Cibalke. Vejam-se alguns exemplos:

(3) kupovhola 'perfurar' (< povho! (ideofone) 'acto de furar').
bhola 'bola'
kudhula 'ser caro'

(4) bazhu 'espécie de camisa'

(5) kulira 'chorar'.

As semi-vogais

São duas semi-vogais: **w** e **y.**Em virtude de também poderem constituir a margem da sílaba são, para este efeito, tratadas aqui como consoantes.

(6) waya 'arame'
yaya 'irmã mais velha'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

A pré-nasalização afecta as oclusivas vozeadas **b**, **d**, **g** e as africadas **pf**, **bv**, **ts**, **dz**, **ps**, **bz**, **j**, **ch**, e **kh**.

(7) mbuto 'lugar'
ndiro 'prato de madeira'
nguli 'pião'
futi 'arma'
mbvere 'pêlo'
ntsidzi 'carvão vegetal'
ndzoyi 'corda
mpsimbo 'bengala'
kumbzenga 'esquivar'
nchanje 'ciúme'
nkhondo 'guerra'

Aspiração

Afecta as oclusivas não vozeadas **p**, **t**, **c** e **k**. Deve ser marcada com h.

(8) phute 'abcesso'
thengu 'cesto'
checa 'areia'
khombe 'papas'

Labialização

A labialização afecta a grande totalidade das consoantes e suas combinações. Sempre que ocorrer, deve ser marcada com w.

(9) hwinga 'matrimónio

Nasal silábica

O núcleo da sílaba pode ser uma vogal ou uma nasal silábica, podendo a sua margem ser constituída por uma consoante (simples, sequência de consoante ou semi-vogal). A nasal silábica resulta da queda da vogal que constitui o núcleo de uma sílaba cujo ataque é uma nasal. Deve ser representada por m', para não se confundir com a pré-nasalização (sobretudo quando a consoante que se lhe segue é vozeada).

(10) m'bale 'irmão'
m'pando 'acento'
m'tanda 'tronco' (árvore)
m'kadzi 'mulher'
m'cera 'poço'
m'manga 'mangueira'

Alfabeto de Cibalke

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Cibalke.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central de abertura máxima. Ex: ande 'sim'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: basa 'trabalho'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: kubhima 'atropelar'
bv	bve	Africada bilabial-dental vozeada. Ex: bvembe 'melancia'
bz	bze	Africada lábio-dental vozeada. Ex: bzoca 'cerimónia' (espécie)
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: kuceka 'cortar'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: dimba 'horta'

dh	dhe	Oclusiva dental vozeada. Ex: kudhula 'ser caro'
dz	dze	Africada dental vozeada Ex: dzino 'dente'
e	e	Vogal anterior de abertura intermédia. Ex: ine 'eu'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: kufa 'morrer'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gande 'peixe'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: hera 'buraco'
i	i	Vogal anterior de abertura mínima Ex: ife 'nós'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jeko 'foice'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kamba 'cágado'
l	le	Lateral aveolar vozeada. Ex: lala 'dorme'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: male 'dinheiro'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: kupona 'salvar'
ng'	ng'e	Nasal velar vozeada. Ex: ng'oma 'batuque'
nh	nhe	Nasal dental não vozeada. Ex: nhango 'assunto'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyama 'carne'
o	o	Vogal posterior de abertura intermédia. Ex: kulota 'sonhar'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pande 'peixe' (espécie)
pf	pfe	Africada lábio-dental não vozeada. Ex: pfigu 'banana'
ps	pse	Africada lábio-alveolar não vozeada. Ex: psiru 'tolo'
r	re	Vibrante alveolar a um batimeno. Ex: kulira 'chorar'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: sere 'oito'
sv	sve	Fricativa lábio-alveoalar não vozeada. Ex: kusvika 'chegar'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tola 'leva'
u	u	Vogal posterior de abertura mínima. Ex: uta 'zagaia'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: kulova 'faltar'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental. Ex: kupovhola 'perfurar'
w	we	Semi-vogal bilabial contínua. Ex: hwinga 'matrimónio'
x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: xamwali 'amigo'

y	ye	Semi-vogal palatal contínua. Ex: yanga 'meu'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: phaza 'enxada'
zh	zhe	Fricativa palatal vozeada. Ex: bazhu 'camisa' (espécie)
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar vozeada. Ex: kuzvala 'semear'

Tom e acento

Cibalke não é uma língua tonal no sentido próprio do termo. Pelo contrário existe um acento que afecta sistemática e regularmente a penúltima sílaba da "palavra". Não se deve marcar graficamente este acento, dada a sua previsibilidade.

Segmentação de palavras

i. Escrevem-se conjuntivamente:

Os elementos monossilábicos (prefixos e sufixos e outros morfemas), ligando-os às palavras com que ocorrem. De igual modo, os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como o seu prefixo nominal infinitivo devem ser escritos numa só palavra.

(11) ndayenda 'fui'
kuluma 'morder'

ii. Escrevem-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(12) Ine ndaenda kuyalirira 'fui ao funeral'

Uso das maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a. No início de nomes próprios, como em:

(13) Kampira

b) Nos títulos honoríficos;
(14) Mambo

c) Nos nomes de meses e das estações do ano;
(15) Malimo

d) No início de um parágrafo e de período.

Uso do hífen

Deve ser usado na reduplicação de formas verbais.
(16) kuthatha-thatha 'saltitar'

Uso do apóstrofo

Pode ser usado como parte da representação da nasal velar ng', ou para a nasal silábica.

(17) ng'ombe 'vaca'
m'mpfuti 'árvore' (espécie)

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:), para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): ou do travessão para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(18) ng'ombe (ng'o.mbe) 'boi'
hwinga (hwi.nga) 'matrimónio'

Como se vê, cada uma das palavras em (18) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m'/n', como nos exemplos:

(19)a. mbuto 'lugar'

b. m'bale (m'.ba.le) 'parente, irmão'
m'mpfuti (m'.mpfu.ti) 'árvore' (espécie)

Portanto, a palavra em (19a) tem duas sílabas e a palavra em (19b) tem três sílabas. A primeira sílaba de cada uma é nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

(Extracto do mito fundador de uma família de caçadores de elefantes, recolhido em Agosto de 1985, no Bairro da Manga Massange, na cidade da Beira, junto de Cristiano Raiva Pangaia, residente nesta cidade e natural de Vita Katandika).

Nyauzande akhali maisiri wakuphaya nyama za ndzou. Akhafamba na tsangali, adadzasvika pamui wa Makombe. Makombe adabvundzisa kuti:

- Aiwe ndiwe wani?

Iye adadaira kuti:

- Ine ndi maisiri wakuphaya nyama, dzina langu ndine Nyauzande. Thangwe

Nyauzande thangwe, basa langu nda kuphaya nyama, ukanga hwa ndzou hule ndiro dzina langu, ndine Nyauzande.

Adammuuza Makombe kuti:

- Ndiphaire nyama.

Iye acilonga kuti:

- Nyama handiphai ndekha; ndinaphaya na wanhu wazinji mutsanga.

Makombe adagusa wanhu ninga khuini. Iye maisiri adalamba kuti:

- Handiendi mutsanga kuyaphaya nyama na wanhu khumi, wacepa wanhuwa. Ningaenda kuyaphaya nyama ndinasvikira mukumbi, wacepa ningasvika pamukumbipo ndinaita kusalula zinadainezo. Ndzouzo haziwali, ndinazikoka na mutombwe.

Iye Makombe nakuba kuti munhui alikulonga, adadzakwanisa kusaka wanhu wazinji wanava kuti munhui aciwatola wacienda mutsanga.

Angaenda mutsanga Nyauzandeyo ansiya mucira unabata na iye basa lace lakuphayalo. Anaika mucira ule mundiro acisira mukadzi wace. Mukadzi wacei anakhala na ndiro ire acesenga, pandza, acigala adandokudzikutsulima uku iwo wali kwenda mutsangamo. Anadialopa apza ja kuzikota ndzou, hazicaendi kutali zinafendera kuuya kuna iye mairisi ule thangwe mpsibodzibodzi kuita dyalopa alikuitira ndzou zire kuti ziuye na mwamuna waceyo kuti akwanise kuziphaya.

Zingasvika ndzouzo, mwamunayo anaenda na tsanhu (cinhu cidaita ninga mbadzo ese si mbadzo tayi nkhanyainyai kadagala ninga musewe ese dzina lace ndi tsanhu).

Anasvika aciita kutema ndzou zinunga izo pabodzipene thangwe ra mutombwe wace ule. Mukadzi ule ja andziwa kuti ndzou zakwana. Ana tambala acitola mucira waceyo na ndiro yaceyo acidzutsa acipindza munyumba.

Makombe adaona adabvundza:

- Mbani waawa?

Abvi ndi akhalonga ule adidzauya na nyama. Nyama kuda kupindza:

Iwe uli kubudira kupi?

Alonga:

Ine ndiri kubudira mutsangamu, basa langu ndiro lene loiri lakuphaya ndzou. Makombe adabvundza kuti:

Ine ndinada kuti undisvimbire nyumba na ukanga hwa ndzou.

Adaendazve mutsanga kuyaphaya nayama, kubudisa ukanga, kusvimba nyumba ya Makombe. Makombe adamupasa kadziko kace kakukwanisa kukhala: wanhu wali moumowo na wakadziwo wentse abvi zventse mpsakotola, ndakuona ndiwe maisiri unadziwa kuphaya.

Yeuyo mwamuna ndie tinadziwa, wabambo wathu wanakhatiuza, ndi dzindza la kwa wa- Pangaya. Dzina loiri na nyamuntsi liripo pamui wathu.

Tradução do texto exemplicativo:

Nyauzande era um caçador que abatia elefantes. Andava pelo mato fora, até que chegou à casa de Makombe. Makombe perguntou-lhe:

Quem és tu?

E ele respondeu dizendo:

- Sou Nyauzande porque a minha ocupação é a caça; meu nome é, pois, Nyauzande.

- E por que é que te chamam assim?

- Sou Nyauzande porque o meu trabalho é caçar, o pêlo de elefante é o meu nome: Nyauzande.

Makombe retorquiu:

- Vai caçar para mim.

Ele respondeu:

- Não vou à caça sozinho. Vou com muitas pessoas no mato. Makombe disponibilizou dez pessoas aproximadamente mas o caçador recusou-se dizendo:

- Não vou à caça com dez pessoas. São poucas. Quando vou à caça deparo com uma manada de elefantes e assim escolho aqueles que me interessam; eles não fogem, encanto-os com remédio. Makombe, ao ouvir estas palavras, procurou mais pessoas que entregou ao caçador, que as levou para o mato.

Quando Nyauzande vai para o mato deixa uma cauda, aquela com que faz o seu trabalho de caçador. Põe a cauda num recipiente (espécie de prato de madeira) e deixa com a sua esposa. A sua esposa senta-se e envolve nas mãos o prato de madeira contendo a cauda, ao ar livre, inclinada enquanto os outros partem para o mato. Quando faz isso, encanta os elefantes, os quais já não podem ir para longe e aproximam-se do caçador, porque aquilo que a mulher faz tem o efeito de fazer aproximar os elefantes do marido, para que este os abata. Uma vez chegados os elefantes, o marido avança com "tsanhu" (instrumento parecido com um machado, mas sem o ser: é mais pequeno, parecendo-se também com uma flecha). Chega e corta os elefantes com aquela espécie de machado e não com uma arma de fogo. Quando já forem suficientes deixa-os no mato. Ao deixar os elefantes abatidos agrupam-se por causa daquele remédio. A mulher, então, sabe que os elefantes já são suficientes: muda de postura estendendo as pernas e recolhe a cauda mais o prato de madeira para introduzi-los dentro da casa.

Makombe viu muitas pessoas a aproximarem-se carregadas de came e perguntou:

Quem são estes?

Responderam-lhe que era o caçador que dialogara com ele, que estava de regresso com a carne. A carne não coube dentro da casa por ser muita, muita, muita. Makombe pergunta-lhe:

- Donde é que tu vens?

E este responde:

- Venho do mato, o meu único trabalho é este de caçar elefantes. Makombe ordenou:

- Quero que cubras a minha casa (o tecto) com pêlos de elefantes.

O caçador tornou a ir para o mato caçar, retirou os pêlos dos elefan-

tes e cobriu a casa de Makombe. E Makombe ofereceu-lhe um pequeno território para habitar: as pessoas desse território e todas as mulheres foram-lhe entregues como reconhecimento das suas qualidades de conhecedor da caça.

E esse o homem que nós conhecemos, segundo o que os nossos pais nos têm dito, é da família dos Pangaya. Este nome até hoje existe nos nossos lares.

BIBLIOGRAFIA

Filimão, E. J. 1987. *Les wabalke… Pour une Communication multidimensionnelle.* Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III.

Parreira, A. A. 1930. *Vocabulário do dialecto Shisena.* Lisboa: Agência Geral das Colónias (separata dos números 62-63 do Boletim da Agência Geral das Colónias).

S.a.1956. *Catecismo da doutrina Cristã. Mukocezerghue wa mwamho wa mulungu.* Beira: (s/editora)

S.a. (s/d). *Zwense kuna Africa, Africa kuna Kristu.* Vila Gouveia, Barué: Missão de São Paulo.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Wilkes, A. 1985. *Words and word division: A study of some orthographical problems in the writing systems of Nguni and Sotho Languages.* Pretoria: University of Pretoria.

2.10. CIMANYIKA

Introdução

Localização e número de falantes

Cimanyika é falado ao longo da região fronteiriça da província de Manica com a República do Zimbabwe, nos distritos de Mossurize, Manica, Barwe e Sussundenga. Também é falado a Leste da República do Zimbabwe.

Segundo o Censo de 2007, em Moçambique existem 133.961 falantes de Cimanyika de cinco anos de idade ou mais (INE, 2010).

Variante de referência

Cimanyika (S.13a) faz parte do grupo linguístico Shona (S.10), segundo a classificação de M. Guthrie (1967/71).

Do ponto de vista estritamente linguístico e, porque se reconhece a existência de uma grande intercompreensão no universo dos falantes do Cimanyika em Moçamhique, toma-se como variante de referência o Cimanyika falado em Manica e Barwe para o estabelecimento da ortografia desta língua, respeitando-se algumas nuances locais e algumas influências da tradição de escrita do Shona zimbabweano.

Sistema ortográfico

Vogais

Cimanyika tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *Vogais do Cimanyika.*

	Anteriores	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

(1) jongwe 'galo'

Consoantes

Tabela 2: *Consoantes de Cimanyika.*

Modo/ Lugar	Labial	L.-dental	Alveolar	Retro-flexa	Palatal	L.-Velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p bh		t dh		c j		k g	
Implosiva	b		d					
Africada		pf bv	ts dz	tsv dzv				
Fricativa		f vh	s z	sv zv	sh zh			h
Nasal	mh m		nh n		ny		n'	
Vibrante			r					
Aproxi-mante		v			y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As oclusivas [b] e [d] escrevem-se **bh** e **dh**, respectivamente, para se distinguirem das implosivas que se escrevem **b** e **d**, respectivamente.

(2) bhuku 'livro'
cf. baba 'pai'
dhakisi 'prato'
cf. danga 'curral'

b) A fricativa lábio-dental [v] escreve-se **vh** para se distinguir aproximadamente da lábio-dental [ʋ] que se escreve **v**.

(3) vhara 'fecha!/feche!'
cf. vanhu 'pessoas'

c) A fricativa alveo-palatal não vozeada escreve-se sh para se distinguir da alveolar que se escreve **s**.

(4) shanu 'cinco'
cf. sawara 'corvo'

d) A fricativa alveo-palatal vozeada é de ocorrência rara e, quando aparece, escreve-se **zh** em Cimanyika para se distinguir da fricativa alveolar vozeada que se escreve **z**.

(5) zhanje 'fruta silvestre'
cf. zuva 'sol'

e) Existe o clique alveolar /q/, com carácter marginal, dado que só ocorre em empréstimos, particularmente.

(6) kaquya 'sapato'

As semi-vogais

As semi-vogais **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(7) waya 'arame'
cf. yangu 'meu, minha'

Modiflcações de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /bh/, /f/, /p/, /v/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas por **m** e as restantes por **n**.

(8) cimbudzi 'latrina'
jongwe 'galo'
ndini 'sou eu'
njiri 'javali'
mvura 'chuva'
nzira 'caminho'

Labialização/Velarização

A velarização marca-se com **w**.

(9) imbwa 'cão'
pwatapwata 'com lama'
jongwe 'galo'

Palatalização

A palatalização é representada por **y.** Nesta língua ela só ocorre com **t** e **r**.

(10) forya ‘tabaco’
kurya ‘comer’
kutya ‘ter medo’

Alfabeto de Cimanyika

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Cimanyika.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta baixa. Ex: apo ‘ali’
b	be	Imlosiva bilabial vozeada. Ex: baba ‘pai’
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: bhuku ‘livro’
bv	bve	Africada bilabial-dental vozeada. Ex: bvute ‘sombra’
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: cimbudzi ‘latrina’
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: danga ‘curral’
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: dhakisi ‘pato’
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzangu ‘meu/minha’
dzv	dzve	Africada lábio-velar retroflexa vozeada. Ex: dzvenga ‘indivíduo com capacidades mentais diminuídas’
e	e	Vogal anterior semi-fechada média. Ex: bvute ‘sombra’
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: forya ‘tabaco’
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gomo ‘montanha’
h	he	Fricativa glotal vozeada. Ex: huni ‘lenha’
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: imbwa ‘cão’
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jongwe ‘galo’
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kufamba ‘‘andar’’
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: murume ‘homem’
mh	mhe	Nasal bilabial murmurada. Ex: mhuka ‘animal’
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: namo ‘cola’
nh	nhe	Nasal alveolar murmurada. Ex: nhenga ‘perna de ave’
n’	n’e	Nasal velar vozeada. Ex: n’ombe ‘vaca’

ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyoka 'cobra'
o	o	Vogal posterior semi-fechada média. Ex: tsvimbo 'bengala'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: panze 'fora'
pf	pfe	Africada lábio-dental não vozeada. Ex: pfumbamwe 'nove'
q	qe	Implosiva alveolar não-vozeada. Ex: kaquya 'sapato'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: ruma 'morde'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: sawara 'corvo'
sh	she	Fricativa palatal não vozeada. Ex: shanu 'cinco'
sv	sve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: svosve 'formiga'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tambira 'receba!/recebe!'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsapi 'celeiro'
tsv	tsve	Africada alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: tsvimbo 'bengala'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: utsi 'fumo'
v	ve	Aproximante lábio-dental vozeada. Ex: vhanu 'pessoas'
vh	vhe	Fricativa lábio-denatal vozeada. Ex: vhara 'fecha!/feche!'
w	we	Semi-vogal lábio-dental vozeada. Ex: waya 'arame'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yangu 'meu/minha'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zuva 'sol'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa vozeada. Ex: zvino 'agora'
zh	zhe	Fricativa palatal vozeada. Ex: zhanje 'fruta silvestre'

Tom

Reconhece-se a existência de tom contrastivo em algumas palavras de Cimanyika. Contudo, a sua relevância não é suficiente para impor a sua marcação na escrita.

Segmentação de palavras

i. <u>Escrevem-se conjuntivamente:</u>

a) Os elementos monossilábicos (prefixos e sufixos e outros morfemas), ligando-os às palavras com que ocorrem. De igual modo, os

afixos que entram na conjugação dos verbos bem como o seu prefixo nominal infinitivo devem ser escritos numa só palavra.

(11) inoparadzika 'destrói-se'
kuruma 'morder'

b) as partículas que estabelecem relação de dependência sintáctica. Vejam-se os seguintes exemplos:

(12) mbuzi neimbwa 'cabrito e cão'
muna wemwotokari 'o dono do carro'

ii. Escrevem-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(13) huku yarya magwere yakanaka nhasi
'a galinha comeu bom milho hoje'
Imbwa ikaruma mwana n'a! 'o cão mordeu a criança'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) No início de nomes próprios;
b) Nos títulos honoríficos;
c) Nos nomes de meses e das estações do ano;
d) A seguir a um ponto e no início de um parâgrafo.

Uso do hífen

Deve ser usado na reduplicação de formas verbais e de ideofones.

Uso do apóstrofo

Deve ser usado a seguir a **n**' para representar a nasal velar [ŋ].

(14) n'ombe 'vaca'

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (‘’): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utili-

zado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes: para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(15) a. ng'ombe (ng'o.mbe) 'boi'
b. zvombo (bzo.mbo) 'utensílios'

Como se vê, cada uma das palavras em (15) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Kuziwa kuudzwa

Gore rino ra 1999 mvura irikuparadza zvinhu zvakawanda pakati penyika yeMosambike.

Zviro izvi zvinobvira kuzvirimwa nezviwanikwa. Ndicitaura pakati penyika yeMosambike ndiri kutaura maporovhinsiya anoti Manika, Sofala, Tete neZambezia.

Kunze kwe maporovhisiya aya, mvura yaparadza hupenyu hwevanhu mumusha Venyasoro muporovhisiya yelnyambane. Musha uyu uri kunerhwa nguwa nenguwa kuti ungaparadzwa zvacose nemvura.

Kunaya kwegore rino kuri kukouzeravo kufa kwemhuka dzesango, zvipfuyo nezyimwe zvakadaro.

Mumakomo, magwere weshe, makotyo, madzvinyu nezvimwevo zvipuka zviri kupera kufa.

Munzvimbo dzinoita murowe Nhoro dziri Kundangandira.

Américo Tamisai Mutaramutswa.

Tradução do texto exemplificativo:

Saber é ser informado

Este ano de 1999, a chuva está a destruir muitas coisas no centro de Moçambique.

Essas coisas partem de culturas e reservas alimentares. O centro de Moçambique refere-se às províncias de Manica, Sofala, Tete e Zambézia.

Além destas províncias, a chuva destruiu vidas humanas no distrito de Inhassoro na província de Inhambane. Teme-se que este local possa desaparecer totalmente a qualquer momento devido às chuvas.

Com a chuva deste ano prevê-se a morte de animais selvagens, domésticos e outros.

As dunas de plantação de batata-doce estão a desabar.

BIBLIOGRAFIA

Doke, C. M, 1931. *A Comparative Study in Shona Phonetics*. Johannesburg: University of Witwatersrand Press.

Fortune. George. 1955. *An Analytical Grammar of Shona.* Cape Town: Longmans.

Pongweni, A. J .C. 1989. *Studies in Shona Phonetics: An Analytical Review.* Harare: University of Zimbabwe Publications.

Fortune, George. 1972. *A Guide to Shona Spelling.* Harare: Longman Zimbabwe.

Rádio Moçambique. 1997. Glossário de Conceitos Político-Sociais: Caderno de Trabalho na Língua Cimanyika. Maputo: Rádio Moçambique e Instituto Austríaco Norte-Sul.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.11. CINDAU

Introdução

Localização e número de falantes

Cindau é falado nas províncias de Sofala, Manica e na zona setentrional da província de Inhambane. Também é falado na República do Zimbabwe.

De acordo com os dados do Censo de 2007, Cindau tem 702.455 falantes de cinco anos de idade ou mais em Moçambique.

Variante de referência

O Cindau (S.15a) faz parte do grupo linguístico Shona (S.10), segundo a classificação de Guthrie (1967/71). Tem as seguintes variantes:

a) **Cimashanga**, falada nos distritos de Machanga, Búzi, em Sofala e, no distrito de Mambone, em Inhambane. A variante Cimashanga tem os subdialectos Cibwani e Cimbhara, ambos falados no distrito do Búzi;
b) **Cidanda**, falada no distrito de Machaze;
c) **Cigova**, falada no distrito de Búzi;
d) **Cidondo**, falada nos distritos de Chibabava e de Búzi;
e) **Cibangwe**, falada na cidade da Beira;
f) **Ciqwaka**, falada em Gorongoza por uma comunidade localizada na serra;
g) **Cinyai**, falada na margem direita do Rio Save, desde Machacame até Mambone;
h) **Cindau**, falada no distrito de Mussorize e em Chimoio, na província de Manica.

A variante proposta para referência é **Cidondo**, falada no centro, por ser linguística e geograticamente central. No entanto, o II Seminário não chegou a tornar nenhuma decisão a este respeito remetendo a questão para o futuro, quando houvesse mais estudos sistematizados.

O sistema ortográfico

Vogais

Cindau tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *Vogais de Cindau.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-abertas	e		o
Aberta		a	

Duração das vogais

O alongamento das vogais ocorre sempre na penúltima sílaba que, geralmente, é sílaba tónica. Não sendo contrastivo, não é marcado na escrita.

(1) masoko 'notícias'
shikhwama 'carteira'

Consoantes

Tabela 2: *Consoantes de Cindau.*

Modo/ Lugar	Labial	L.-dental	Alveolar	Retrofle-xa	Palatal	L.-velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p bh		t dh		c j		k g	
Implosiva	b		d					
Africada		pf bv	ts dz	tsv dzv				
Fricativa		f vh	s z	sv zv	sh zh			h
Fric. lateral			hl dl					
Nasal	mbh m		ndh n		ny		ngh n'	
Vibrante			r					
Aproxi-mante		v			y	w		

Nota: Todas as consoantes oclusivas são susceptíveis de serem aspiradas, fenómeno raro nas fricativas.

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As oclusivas bilabial e alveolar vozeadas explosivas, escrevem-se **bh** e **dh**, respectivamente, para se distinguirem das implosivas que se escrevem **b** e **d** respectivamente.

(2) kubhonga 'rugir'
kubonga 'agradecer'
dhuvha 'zebra'
duvha 'ovelha'

b) A fricativa lábio-dental escreve-se **vh** para se distinguir da aproximante lábio-dental [ʋ] que se escreve **v**.

(3) mbavha 'ladrão'
kuvata 'dormir'

c) A fricativa alveopalatal nao-vozeada escreve-se sh para se distinguir da fricativa alveolar não-vozeada que se escreve **s**.

(4) shamwari 'amigo'
kuseja 'ser belo'

d) A fricativa alveopalatal vozeada é de ocorrência rara nesta língua e sempre que ocorrer deve escreve-se **zh**.

(5) zhambarau 'esp. de fruta

e) Em algumas variantes do Cindau, regista-se a vibrante alveolar simples que na escrita será representada por **r**.

(6) kuregera 'deixar'

f) Existem fonemas em Cindau provenientes de empréstimos, tais como: o clique alveolar não aspirado **q** e outro aspirado **qh**, a oclusiva lateral vozeada **dl**, pré-nasalizada **ndl** e a fricativa lateral não vozeada **hl**.

(7) kaquya 'sapato
madleyo 'pastagem'
muhlati 'maxilar; margem, lado'

As semi-vogais

As semi-vogais [y] e [w] comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(8) kuwa 'cair'
yedu 'nosso'

Modificações de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /bh/, /f/, /p/, /v/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas por **m** e as restantes por **n**.

(9) mbavha 'ladrão'
hondo 'guerra'
mbhiri 'margem'
ndau 'lugar'

Aspiração

Todas as consoantes oclusivas podem ser aspiradas. Sempre que a aspiração ocorrer, deve ser marcada com **h**.

(10) kuphamula 'derrubar'
kuchaya 'bater'

Labialização/ Velarização

A labialização e a velarização são marcadas com **w**.

(11) pwirikiti 'confusão'
pwatapwata 'lamacento'
jongwe 'galo'

Palatalização

Só três consoantes podem ser palatalizadas, a saber, **p**, **t**, **r**. Em qualquer dos casos, a palatalização é representada por um **y**.

(12) kupyonya 'atravessar'
kutya 'temer'
kurya 'comer'

Nasal silábica

Pode ocorrer no início ou no interior da palavra e resulta da elisão

da vogal /u/ nos prefixos mu- (classes 1, 3 e 18). Ela ocorre somente no Cindau do litoral e ainda em alternância com o prefixo mu-. Deste modo, ela não será marcada na escrita, conservando-se o registo de todas as palavras com mu-.

(13) mufana 'rapaz' (em vez de mfana)
pamusoro 'na cabeça' (em vez de pamsoro)

Alfabeto de Cindau

Veja-se na tabela a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Cindau.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta baixa. Ex: apana 'não há'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: baba 'pai'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada Ex: bhuku 'livro'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada Ex: bvuta 'carneiro'; kubva 'sair'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: ciroro 'pequena ata' cikora 'escola'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: duri 'pilão'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: padhuze 'perto'
dl	dle	Africada alveolar lateral vozeada Ex: madleyo 'pastagem'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: kudzidza 'estudar'
dzv	dzve	Africada alveolar retroflexa vozeada. Ex: dzvanga 'arranhão'
e	e	Vogal anterior semi-fechada média. Ex: wedu 'nosso/nossa'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: kufa 'morrer'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gogogo 'lata'; 'pedido de licença'
h	he	Fricativa glotal vozeada. Ex: hondo 'guerra'
hl	hle	Fricativa lateral alveolar não-vozeada. Ex: muhlati 'maxilar' ou 'margem, lado'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: imbwa 'cão'

j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jongwe 'galo'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kututu ''mês de Agosto''
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: murimi 'camponês'
mh	mhe	Nasal bilabial vozeada 'murmurada'. Ex: mhondhoro 'leão'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: nane 'melhor'
ndh	ndhe	Nasal alveolar vozeada 'murmurada'. Ex: mundhu 'pessoa'
n'	n'e	Nasal velar vozeada. Ex: n'anga 'curandeiro' n'ombe 'boi/vaca'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyama 'carne'
o	o	Vogal posterior semi-aberta média. Ex: roro 'ata' zororo 'descanso'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pasi 'chão' pashi 'chão'
pf	pfe	Africada lábio-dental surda. Ex: pfuma 'riqueza'
q	qe	Implosiva alveolar não-vozeada. Ex: kaquya 'sapato'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: ruva 'luva'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: kuseja 'beleza'
she	she	Fricativa alveo-palatal não vozeada. Ex: shanwari 'amigo'
sv	sve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: kusvipa 'estar sujo'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: teguru 'tio/avô'
ts	tse	Africada alveolar não vozeada. Ex: tsamba 'carta'
tsv	tsve	Africada alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: tsvina 'sujidade'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: usi 'fumo' mututu 'vento'
v	ve	Aproximante lábio-dental vozeada. Ex: vana 'filhos'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vhangeri 'evangelho'; ivhi 'vespa'
w	we	Semi-vogal lábio-dental vozeada. Ex: wana 'crianças'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yaya 'mana'; kuyenga 'odiar'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zuva 'sol'
zh	zhe	Fricativa alveo-palatal vozeada. Ex: zhambarau 'esp. de fruto'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa vozeada. Ex: zvakanaka 'bem/bom'

Tom

O tom em Ndau é contrastivo a nivel lexical. Contudo, dada a sua pouca produtividade na língua, ele não será marcada na escrita.

(14) hana ‘dentro do peito’
hana ‘não tem’

Segmentação de palavras

i. Devem escrever-se conjuntivamente:

a) os afixos que se ligam aos morfemas lexicais que modificam, como se pode ver nos seguintes exemplos;

(15) zvakanaka ‘bem’
nyika yedu ‘nossa terra’

b) as partículas que estabelecem relação de dependência sintáctica. Vejam-se os seguintes exemplos:

(16) mbuzi neimbwa ‘cabrito e cão’
muna wemwotokari ‘o dono do carro’

c) os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como os prefixos nominais.

(17) zvombo ‘utensílios’
ruwa ‘flor’
maruwa ‘flores’
ndicafamba ‘irei’

d) Devem escrever-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(18) tsamba ‘carta’
n’anga ‘curandeiro’
vunzisa! ‘pergunta!’
imbwa yakaruma n’a! ‘o cão mordeu’
kufamba ‘ir’

mhondhoro	'leão'
padhuze	'perto'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) No início de nomes próprios;
b) Nos títulos honoríficos;
c) Nos nomes de meses e das estações do ano;
d) A seguir a um ponto e no início de um parágrafo.

Uso do hífen

O hífen deve ser usado na reduplicação de formas verbais e de ideofones:

(19)	kufamba-famba	'andar de um lado para outro'
	kubata-bata	'apalpar/pegar continuamente'
	kusika-sika	'dar voltas'
	ngwau-ngwau	'comer'
	dhe-dhe-dhe	'ruido'

Uso do apóstrofo

Deve-se usar o apóstrofo a seguir a n para representar a nasal velar [ŋ].

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) Ponto de interrogação (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mes-

mo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo a sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(20) a. ng'ombe (ng'o.mbe) 'boi'
b. zvombo (bzo.mbo) 'utensílios'

Como se vê, cada uma das palavra em (20) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Mavhi anoruma

Mapfujure mwana mudoko, acaiziva kuti mavhi anoruma.

Zuva rimwe wakavona mavhi aigara paphakaza rawo muberere, waka-vhorora ushwa woataka, wotisa. Mavhi maviri akamuruma. Mwana waka-wira pasi, wakaburukuta acirira.

Mai wake nohama jake vakagogoma, vamuwana ari pasi wakazara ngo-mavhu, acirira. Vakamutora vomunasirira. Mapfujure wakazogara aciziva kuti mavi anoruma.

Alves M. Cangana, Antonio J Gonçalves, Domingos Chigarire e Samuel Mogore

Tradução do texto exemplificativo:

As abelhas picam

Mapfujure era uma criança que não sabia que as abelhas picavam.

Certo dia, ele viu um enxame de abelhas, pegou num pau e tocou no enxame, pondo-se de seguida a correr. Mas duas abelhas picaram-no. A criança caiu e rebolou a chorar.

A mãe e os irmãos foram a correr e encontraram-na no chão, coberta de abelhas e a chorar. Levaram-na e trataram. Mapfujure passou a saber que as abelhas picavam.

BIBLIOGRAFIA

American Board Mission. 1915. *Cindau-English and English-Ndau Vocabulary, with Grammatical Notes.* Binghamton, New York: The Kennedy-Morris Co.

INDE. 1994. *Pa Ciputukezi Ku Cishona (Manual de Transição da Ortografia da Língua Portuguesa para a Língua Shona Falada em Moçambique).* INDE. Maputo.

INDE. 1996. *Manual de Alfabetizaição em Língua Ndau.* INDE. Maputo.

Mkanganwi, K. G. 1973. *An Outline of the Morphology of Substantives in Ndau with a Preliminary Note on Ndau Phonology.* London: University of London.

Rádio Moçambique. 1997. *Glossário de Conceitos Político-Sociais: Caderno de Trabalho na Língua Cindau,* Maputo: Rádio Moçambique e Instituto Austríaco Norte-Sul.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.12. CIWUTE

Introdução

Localização e número de falantes

Ciutee ou Ciwute, é a língua moçambicana falada na cidade e arredores de Chimoio, província de Manica, capital da Província de central de Manica.

Segundo os dados do Censo de 2007, estima-se em 259.790 o número de falantes de Ciwute com idade igual ou superior a cinco anos (INE, 2010).

Variante de referência

O Ciwute (S. 13b) faz parte do grupo linguístico Shona (S. 10), na classificação M. Guthrie (1967/71).

Dada a exiguidade de estudos dialectológicos do Ciwute e o actual senso comum dos seus falantes em relação ainda à inteligibilidade do Ciwute falado nas diferentes zonas da Provínca de Manica, para efeitos de padronização da ortografia desta língua, tomou-se o Ciwute falado na Cidade de Chimoio e arredores como referência.

Sistema ortográfico

Vogais

O Ciwute tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Ciwute.*

	Anterior	Central	Posterior
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Duração das vogais

Na penúltima sílaba, geralmente a sílaba tónica, ocorre um ligeiro alongamento da vogal que, na escrita, não será assinalado.

(1) apana 'não está'
baba 'pai'

Consoantes

Tabela 2: *Consoantes do Ciwute.*

Modo/ Lugar	Labial	L. Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p bh		t dh		c j		k g	
Implosivas	b		d					
Africadas		pf bv	ts dz	tsv dzv				
Fricativa		f v	s z	sv zv	sh zh			h
Nasal	m mh		n nh		ny		n'	
Vibrante			r					
Aproximante					y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As oclusivas bilabiais vozeadas [b] e [d] escrevem-se **bh** e **dh** para se distinguirem das implosivas [ɓ] e [ɗ] que se escrevem **b** e **d**, respectivamente.

(2) bhuku 'livro'
cf. baba 'pai'
dhodha 'ancião'
cf. dun 'pilão'

b) A fricativa palatal não vozeada escreve-se sh para se distinguir da fricativa alveolar não vozeada que se escreve s.

(3) shamwari 'amigo' sadza 'massa'

c) A fricativa palatal vozeada escreve-se **zh** para se distinguir da fricativa alveolar vozeada que se escreve **z**.

(4) zhambarau 'sumo de caju' zuwa 'sol'

As semivogais

As semi-vogais **w** e **y** funcionam, na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante.

(5) ena waida 'ele queria' yaya 'mana'

Modificações de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes /bh/, /f/, /p/, /v/ e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas por **m** e as restantes por **n**.

(6) mbuto 'lugar' mvura 'chuva'

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(7) kuphikisa 'teimar' thunga 'idade'
'khamba 'leopardo'

Velarização/Labialização

A velarização marca-se com **w.**

(8) pwatapwata 'lamacento'

Palatalização

A palatalização marca-se com **y.** Em Ciwute, a palatalização só ocorre com **t** e **r**.

(9) kutya 'ter medo' 'kurya 'comer'

Nasal Silábica

Por insuficiência de dados e de estudos descritivos do Ciwute, nada será avançado relacionado com a nasal silábica. Quando a informação estiver disponível, poderá ser anexada.

Alfabeto de Ciwute

A tabela que segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Ciwute.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta baixa. Ex: apana 'não está'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: baba 'pai'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: bhuku 'livro'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: bvunzo 'dote/lobolo'
c	ce	Africada palatal não-vozeada. Ex: ciro 'coisa'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. E.x: duri 'pilão'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: dhodha 'ancião'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzangu 'meu/minha'
dzv	dzve	Africada alveolar retroflexa vozeada. Ex: dzvenga 'indivíduo com capacidades mentais reduzidas'; dzvoka 'demónio'
e	e	Vogal anterior semi-fechada média. Ex: yake 'dele/dela'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: forya 'tabaco'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gogoma! 'corre!' ou 'corra!'
h	he	Fricativa glotal vozeada. Ex: hondo 'guerra'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: iyena 'ele/ela'
j	je	Africada palatal vozeada. Ex: jongwe 'galo'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kumuka 'levantar-se'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: mai 'mãe'
mh	mhe	Nazal bilabial murmurada. Ex: mheni 'trovoada'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: nanazi 'ananás'
nh	nhe	Nasal alveolar murmurada. Ex: nhamo 'sofrimento'
n'	n'e	Nazal velar vozeada. Ex: n'anga 'curandeiro'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: nyama 'carne'
o	o	Vogal posterior semi-fechada média. Ex: mbuto 'lugar'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pepa 'papel'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: pfuti 'arma'
sh	she	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: shamwari 'amigo'

sv	sve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: kusvina 'exprimir'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: ruwa 'flor'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: sadza 'massa'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tengura 'carrega!' ou 'carregue!'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsamba 'carta'
tsv	tsve	Africada alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: tsvina 'sujidade'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: usiku 'noite'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vunzisai 'perguntai!' 'pergunte!'
w	we	Semi-vogal lábio-velar vozeada. Ex: waida 'queria'
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yaya 'mana'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zuwa 'sol'
zh	zhe	Fricativa palatal vozeada. Ex: zhambarau 'sumo de cajú'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar retroflexa vozeada. Ex: zvakanaka 'bem/bom'

Tom

Reconhece-se a existência de tonalidade em algumas palavras de Ciwute. Contudo, a relevância do tom nesta língua não se afigura bastante para se impor a sua marcação na escrita.

Segmentação de palavras

i. Devem escrever-se conjuntivamente:

a) os afixos que se ligam aos morfemas lexicais que modificam, como se pode ver nos seguintes exemplos;

(10) zvakanaka 'bem'
nyika yedu 'nossa terra'

b) as partículas que estabelecem relação de dependência sintáctica. Vejam-se os seguintes exemplos:

(11) mbuzi neimbwa 'cabrito e cão'
muna wemwotokari 'o dono do carro'

c) os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como os prefixos nominais.

(12) zvombo 'utensílios'
ruwa 'flor'
maruwa 'flores'
ndicafamba 'irei'

ii. Devem escrever-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(13) tsamba 'carta'
n'anga 'curandeiro'
vunzisa! 'pergunta!'
imbwa yakaruma n'a! 'o cão mordeu'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) No início de nomes próprios;
b) Nos títulos honoríficos;
c) Nos nomes de meses e das estações do ano;
d) A seguir a um ponto e no início de um parágrafo.

Uso do hífen

O hífen deve ser usado na reduplicação de formas verbais e de ideofones:

(13) kufamba-famba 'andar de um lado para outro'

Uso do apóstrofo

Deve-se usar o apóstrofo a seguir a n para representar a nasal velar [ŋ].

(15) n'anga 'curandeiro'
n'ombe 'vaca'

Sinais de pontuação

De uma forma geral, recomenda-se a seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamaçäo* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores

ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal com os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(16) ruwa ‘flor’
ng’anga (ng’a.nga) ‘curandeiro’
tsamba (tsa.mba) ‘carta’

Como se vê, cada uma das três palavras em (16) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Rungano
Kwanga kune Mwanarume umweni waida, zvikuru imbwa yake.

Tsiku imweni wakarangaridza kuita rwendo, asi ngekuti waida zvikuru imbwa yake, wakakanda kana kuti kupakidza mukati, musenzi wake wakumupakidza kana kuti kumukanda mungoro mwe mwotokari. Pakufamba kwaita mwotokari wake wakapinda muTsaona pakubidana kwakaita nociganda.

PaTsaona apa muna (Muridzi) wemwotokari wakafirepo musenzi azi kupa. Panguwa yakaguma maporisia etaransito Akavunzisa musenzi mafambire aita Tsaona.

Musenzi wakadaira eciti... "inini apana candinozia, vunzisai imbwa ngekuti ndiyo yanga iri mukati, inini ndanga ndakapakira mungoro andizi kuwona mafambire azvaita'

Abilio Zeca

Tradução do texto exemplicativo:

Conto
Havia um certo homem que gostava muito do seu cão.

Um dia pensou em fazer viagem, mas como gostava tanto do seu cão, levou-o consigo, pôs dentro da cabina do seu carro e mandou o seu empregado subir para a caixa de carga do carro. Ao longo da viagem tiveram um acidente. O seu carro chocou contra um tractor.

No acidente, o dono (condutor) do carro morreu ali mesmo no local do acidente mas o seu empregado não morreu. Quando a polícia de trânsito chegou, perguntou ao empregado como o acidente tinha acontecido. O empregado respondeu 'Eu não sei de nada, perguntem ao cão porque ele estava juntamente com o patrão na cabina. Eu estive na caixa e não vi como isto aconteceu'.

BIBLIOGRAFIA

Locati, Pino. 1994. *Dicionário (Verbos e não-Verbos,) e Gramática de Chiute.* Chimoio:

Rádio Moçambique. 1997. *Glossário de Conceitos Político-Sociais: Caderno de Trabalho na Língua Ciutée*. Maputo: Rádio Moçambique e Instituto Austríaco Norte-Sul.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.13.GITONGA

Introdução

Localização e número de falantes

Gitonga é falado na província de Inhambane, em regiões circunvizinhas à Baía de Inhambane que compreende as cidades de Inhambane e Maxixe bem como os distritos de Jangamo, Morrumbene e Homoíne.

Note-se que existem núcleos de falantes de Gitonga disseminados por todo o país, sendo de destacar o da cidade de Maputo.

Segundo os dados do Censo Populacional de 2007 (www.ine.gov.mz), Gitonga é falado por cerca de 227.256 pessoas de cinco ou mais anos de idade.

Variante de referência

a) **Gitonga** inclui as seguintes variantes:
b) **Gitonga gya Khogani** ou **Gikhoga**, falada nas regiões costeiras que circundam a Baía de Inhambane;
c) **Ginyambe**, falada no distrito de Inhambane;
d) **Gikhumbana**, falada na zona sul do distrito de Jangamo;
e) **Girombe**, falada no distrito de Morrumbene;
f) **Gisewi**, falada na cidade de Inhambane.

Para efeitos de padronização ortográfica, toma-se o **Gitonga gya Khogani**, como variante de referência.

Sistema ortográfico

Vogais

No Gitonga registam-se cinco vogais fonémicas, representadas conforme a tabela seguinte:

Tabela 1: *As vogais do Gitonga.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nos restantes contextos, isto é, se ocorrerem antes de uma sílaba que termine com uma vogal aberta, as vogais e e o são semi-abertas.

(1) gubela 'entrar'
gubonga 'agradecer'

Nasalização

A nasalização é um fenómeno raro em Gitonga, mas sempre que ocorrer deve ser marcado na escrita por um til (~) sobre a vogal afectada, como no seguinte exemplo:

(2) ahĩ hĩ 'não'

Duração das vogais

No Gitonga, a duração vocálica não é fonémica, nao sendo, por isso, assinalada na escrita.

Consoantes

No Gitonga registam-se as consoantes representadas na tabela seguinte:

Tabela 3: *Consoantes do Gitonga.*

Modo/ Lugar	Bilabial	Lábio-Dental	Alveolar	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p bh		t dh			k gh	
Implosiva	b		d				
Fricativa	vb	f vh	s			g	h hw
Africada		pf bv	ts dz				

Nasal	m		n	ny		n'	
Lateral			l				
Vibrante			r				
Aproxi-mantes		v		y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

Devem-se distinguir quatro fonemas, cujos símbolos gráficos apresentam **b**:

a) a oclusiva bilabial [b] que se escreve **bh**;
(3) bhera 'catana' nyamabhongo 'cabrito'

b) a implosiva bilabial [ɓ] que se escreve **b**;
(4) mabala 'assuntos' gubela 'entrar'
libangu 'azar'

c) a fricativa bilabial vozeada [β] que Se escreve **vb**;
(5) livbimbi 'onda' vbinyo 'aguardente'

Devem-se distinguir três fonemas, cujos símbolos gráficos apresentam **g**:

a) a oclusiva velar vozeada [g] que se escreve **gh**;
(6) ghuma 'toca'

b) a fricativa velar vozeada [ɣ] que se escreve **g**;
(7) gumbura 'ser bonito'
gyanana 'criança'

Devem-se distinguir dois fonemas, cujos símbolos gráficos apresentam **d**:

a) a oclusiva alveolar vozeada [d] que se escreve **dh**;
(8) gudhunga 'provocar'

b) a implosiva alveolar [ɗ] que se escreve **d**.

(9) gudinya 'deixar'

As semi-vogais

As semi-vogais **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(10) womi 'vida'
yala 'planta' (imperativo)

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

A pré-nasalização será marcada por:

a) **n**, antes de **d**, **g** e **v**:

(11) ndrondzi 'assobio'
ngolo 'pescoço'

b) **m**, nos restantes casos

(12) mbano 'pau, estaca'
mvuta 'ovelha'

Aspiração

A aspiração será marcada com **h**. No Gitonga, as consoantes aspiradas são: **ph**, **th**, **kh**, **pfh** e **tsh**.

(13) phula 'cozinha' (imperativo)
thula 'entoa'
khala 'senta-te'
pfhela 'cobra cuspideira'
tshivba 'força'

Labialização/Velarização

A labialização/velarização será marcada com **w.**

(14) rwala 'carrega'
phwani 'praia, beira-mar'

Palatalização

A palatalização será marcada com **y**.

(15) gyanana 'criança'
wuphya 'novo'

Alfabeto de Gitonga

A tabela que se segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Gitonga.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: hatha 'escolhe'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: bonga 'agradece'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: bhera 'catana'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: gubvura-bvura 'saltitar'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: gudunga 'ser salobre'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: gudhedhereka 'cambalear'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzega 'leva'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: mbeli 'à frente'
f	fe	Fricativa lábio-dental não vozeada. Ex: fungu 'areia da praia'
g	ge	Fricativa velar vozeada. Ex: gaya 'casa'
gh	ghe	Oclusiva velar vozeada. Ex: ghuma 'toca'
h	he	Fricativa laringal não vozeada. Ex: hatha 'escolhe'
hw	hwe	Fricativa laringal vozeada. Ex: hwindzu 'longínquo'
kh	khe	Oclusiva velar aspirada. Ex: khana 'peito'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: indra 'vai'
k	ke	Oclusiva velar não vozeada. Ex: gukala 'rarear'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: lito 'voz'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: mala 'maxoeira'
mb	mbe	Oclusiva bilabial vozeada pré-nasalizada. Ex: nambo 'poço'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: noga 'curva-te'
n'	n'e	Nasal velar. Ex: n'anga 'curandeiro'

ndr	ndre	Vibrante alveolar vozeada pré-nasalizada. Ex: ndranga 'casa, lar'
ndz	ndze	Africada alveolar vozeada pré-nasalizada. Ex: likandzu 'cajú'
ny	nye	Nasal palatal. Ex: nyoga 'cobra'
o	o	Vogal posterior semi-aberta. Ex: koko 'avô'
p	pe	Oclusiva bilabial não vozeada. Ex: peta 'dobra'
pf	pfe	Africada lábio-dental não vozeada. Ex: gupfara 'atropelar'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: rola 'apanha, colhe'
s	se	Fricativa alveolar não vozeada. Ex: sega 'fecha'
t	te	Oclusiva alveolar não vozeada. Ex: litanga 'vela de um barco'
ts	tse	Africada alveolar não vozeada. Ex: tsagudza 'mastiga'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: pfumu 'dirigente, rei'
v	ve	Implosiva lábio-dental vozeada. Ex: vega 'põe, guarda'
vb	vbe	Fricativa bilabial vozeada. Ex: vbanya 'vive'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vhula 'conduz com velocidade'
w	we	Semi-vogal bilabial. Ex: wadwa 'bebida alcoólica'
y	ye	Semi-vogal palatal não vozeada. Ex: yathu 'nosso'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: guziliza 'criticar o comportamento de alguém'

Tom

Embora o tom seja contrastivo tanto a nível lexical como a nível gramatical, não é assinalado na escrita, excepto em obras de referência, como dicionários.

Segmentação de palavras

i. Devem escrever-se conjuntivamente:

a) os afixos que se ligam aos morfemas lexicais que modificam;

(16) gyanana gyathu 'nossa criança'
sanana sathu 'nossa crianças'

b) os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como os prefixos nominais.

(17) a. muthu 'pessoa'
bathu 'pessoas'
gyanana 'criança'
sanana 'crianças'
b. nyihodzide 'comi'
hinguhodza 'estamos a comer'
singubetana 'estão a lutar'
amudzegide 'levou-o'

c) as formas elípticas:

(18) gyangu 'meu'
yathu 'nosso'
nyamburi (< nya gumburi) 'bonita'

ii. Devem escrever-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, verbos, ideofones, adjectivos, advérbios, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(19) ndranga 'casa, lar'
wadwa 'bebida alcóólica'
guhodza 'comer'
gutsagudza 'mastigar'
ngudzu 'muito'

a) As partículas descritva **nya**:

(20) nya dzindzeve 'orelhudo'
nya hungu 'cabeçudo'
nya girumbu 'barrigudo'

b) As partículas genitivas:

(21) gyanana nya gumburi 'criança bonita'
dzandzi ya nyamayi 'peixe da mulher'
dzindzandzi dza vanyamayi 'peixes das mulheres'
wadwa wa mwama 'bebida lacóólica do homem'

c) A marca locativa não sufixal **khu**:

(22) eni nyaguwuya khu Maputu 'eu estou a vir de Maputo'
eni nyaguwuya khu Lichinga 'ele estou a vir de Lichinga'
uye aguwuya khu nambuni 'ela esta a vir do poço'

d) os ideofones:

(23) kabvu 'id. queda livre'
bwi 'id. cheio' (ex: girumbu bwi 'barriga muito cheia')

e) pronomes pessoais absolutos

(24) ani 'eu'
uye 'ele'
ethu 'nós'
avo 'eles'
enu 'vós'
uwe 'tu'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) no início de antropónimos, topónimos ou gentílicos,

(25) Rungo, Matsitsi, Vatonga

b) no início de designações de instituições e de altos cargos públicos;

(26) Pfhumu 'Rei'

c) no início de nomes de divindades;

(27) Dzesu 'Jesus'

d) no princípio de um período ou parágrafo.

Ficam omissos outros casos que devem merecer ainda um estudo mais aprofundado.

Uso do hífen

Deve-se usar o hífen:

a) na partição de uma palavra: sempre que se efectuar uma translineação, a partição deve ser feita onde termina uma sílaba;
(28) mu-thu 'pessoa'

b) quando se efectuar uma reduplicação.
(29) ngundzu-ngundzu 'muito'
gighwaru-ghwaru 'tipo de coco'

c) nas palavras compostas.

Uso do apóstrofo

Deve-se usar o apóstrofo para:

a) representar a consoante nasal velar (juntando-o a **n**);

(30) n'anga 'curandeiro'

d) Assinalar a elisão de uma vogal, como, por exemplo, na escrita poética.

Sinais de pontuação

De uma forma geral, recomenda-se a seguinte pontuação:

a) Ponto final (.): para marcar o fim de frase;

b) Ponto de interrogação (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) Ponto de exclamação (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) Reticências (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) Vírgula (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos;

l) *Travessão* (-): tal com os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(31) a. bhera (bhe.ra) 'catana'
b. hwindzu (hwi.ndzu) 'longínquo'

Como se vê, cada uma das palavras em (31) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Ideofones

Podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Mahungo ya nasale ni ngadzamwani

Litshigu limwedo, moyo nya ngadzamwani, ma Kwamba, a di dwaledwa khu gyanana gyaye. Khu kharati uye ni nasale waye, Bambo, va di hongola dzisolotunu gasi gu yati madwali ya gyanana gyawe. N'anga yi di mola mabango khiyo kya ngadzamwani. Bambo, na a pwide mahungo yaya a di liwuga a tiya a embela ngadzamwani khuye:

- U pwide, ngadzamwani ma Kwamba, mabango yaya thago. Ma Kwamba a nga ba a vbiedwa khu musasi a di thuruga khu gu bani va mu singedza silo nyambasiti. Khu kharati, ngadzamwani ni nasale, va di phela gudwana khu maregelelo. Ma Kwamba a di goroga a hongola gaya gwaye. Na a vbohide iyoyo a di thuledza ga valongo vaye khuye:

- Nasale wango a nyi vade lithago khuye mabango yaya thago. Na vapwide esi valongo va ma Kwamba va di si wona esi nyago nasale ni ngadzamwani va di ambana khu maregelelo. Avba a nga khuye "thago", nasale a di vbeta gu khuye "khyago". Vatshavbo si di vahegisa khavo:

- Hana ma Kwamba, u di ne gupwa gwadi. Bwelela wugadzini gwago.

Tradução do trexto exemplificativo:

O caso do sogro e da nora

Certo dia, adoeceu o filho da senhora Kwamba, nora de Bambo. Sendo assim, os dois resolveram consultar um curandeiro, a fim de saber a causa da doença. Depois de reflectir sobre o caso, o curandeiro concluiu que as causas da doença se relacionavam com a mãe. Bambo, ao ouvir esta informação, insurgiu-se contra a nora e disse:

- Estás a ver minha nora, a doença da criança tem a ver contigo [2]. A mãe da criança ficou perturbada com estas palavras e entre os dois levantou-se uma discussão. Zangou-se com o sogro e foi apresentar queixa perante os seus familiares, dizendo o seguinte:

- O meu sogro insultou-me assim: a doença do teu filho tem a ver contigo.

Quando ouviram esta alegação, os familiares da mãe da criança aperceberam-se do equívoco.

Após uma ligeira gargalhada explicaram à mãe da criança que ela não se tinha apercebido bem do que fora dito pelo sogro. Esclareceram-lhe e aconselharam-na a voltar para a casa do marido.

[2] O sogro, quando disse "contigo" usou um termo da sua variante dialectal "thago" seria uma corruptela de "khyago", como deveria ser na variante da nora. Na variante desta, "thago" quer dizer 'rabo, nádega', algo que não pode ser dito para uma nora.

BIBLIOGRAFIA

Lanham, L.W. 1955. *A Study of Gitonga.* Johannesburg: Witwatersrand University Press.

Lanham, L.W. 1973. *Jinjimo nya Ivangeli,* Cleveland: The Central Mission Press (7ª edição).

Lanham, L.W. 1973. *Jinjimo ya Makodwa.* Maciene: Tipografia Maciene, Igreja Anglicana.

Padres Sacramentinos. 1986. *Dhumisani Nkulukumba,* Inhambane: (Secretariado de Acção Pastoral).

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.14.CITSHWA

Introdução

Localização e número de falantes

O nome Tsonga abrange 3 línguas: Xirhonga, Xichangana e Citshwa, mutuamente inteligíveis, faladas nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala.

Estas línguas são ainda faladas na zona meridional da República do Zimbabwe e na África do Sul, na província do Transvaal.

Este documento refere-se ao Citshwa. Segundo os dados do Censo de 2007, esta língua é falada por 693.386 pessoas de cinco anos e mais de idade (INE, 2010).

Variante de referência

a) **Citshwa** tem as seguintes variantes:
b) **Xikhambani**, falada no distrito de Panda;
c) **Xirhonga**, falada na zona ocidental do distrito de Massinga;
d) **Xihlengwe**, falada nos distritos de Morrumbene e Massinga, na zona de Funhalouro;
e) **Ximhandla**, falada no distrito de Vilankulo;
f) **Xidzhonge** (ou **Xidonge**), falada na parte meridional do distrito de inharrime;
g) **Xidzivi**, falada nos distritos de Morrumbene e Homoine.

A variante que se tomou como sendo a de referência é o **Xidzivi**.

Sistema ortográfico

As vogais

Citshwa tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Citshwa.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nasalização

Fenómeno raro em Citshwa, a nasalização será marcada por **m** seguido de hífen, se não ocorrer em fim de palavra.

(1) im 'sim'
ahim-him 'não'

Duração

Na penúltima sílaba, a vogal é pronunciada com um ligeiro alongamento. Por ser predizível, o referido alongamento não será assinalado na escrita, a não ser que se trate de ideofone onde este fenómeno não é predizível. Por isso, o alongamento só será marcado nesta categoria de palavras. Em tais casos o alongamento será assinalado dobrando a respectiva vogal, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(2) kukuma 'encontrar' (duração predizível)
vategaa 'estão deitados de costas.' (duração impredisível)
ndzitetsuutsululu! 'Fiquei obstinadamente calado' (duração impredisível)

Nos demonstrativos, o alongamento pode dar-se na última sílaba.

(3) leniyaa 'além'

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes de Citshwa.*

Modo/ Lugar	Labial	L. dental	Alveolar	Retrofl.	A. palatal	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			c j		k g	
Implosiva	b'		d'					q gq	

Nasal	m		n			ny		n' n'q	
Africada	ps bz	pf bv	ts dz						
Fricativa		f vh	s z	sv zv	x xj				h
Lateral						hl lh		tl dl	
Lateral aprox.			l						
Vibrante			r						
Aproxi-mante		v				y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As oclusivas [b] e [d] escrevem-se **b** e **d**, para se distinguirem das oclusivas implosivas [ɓ] e [ɗ], que se escrevem, respectivamente **b'** e **d'**.

(4) kubisa 'arrotar'
kub'isa 'voltar a bater'
dadani 'pai'
d'in'wa 'laranja'

b) A fricativa lábio-dental [v] escreve-se **vh** para se distinguir da aproximante lábio-dental [ʋ] que se deve escrever simplesmente com um **v**.

(5) kuvala 'fechar'
vele 'mama'

c) As fricativas lábio-alveolares [s̪] e [z̪], são representadas, respectivamente, pelo grupos **sv** e **zv**.

(6) kusvula 'tecer um fio'
zvezvi 'agora; já'

A fricativa palatal [ʒ] é muito rara em Citshwa, ocorrendo, sobretudo, em empréstimos e ideofones. Escreve-se xj para se diferenciar da oclusiva palatal vozeada [dʒ], que se deve escrever **j.**

(7) xjelera 'geleira'
xjiii (ideofone = acabar)

As semi-vogais

As semi-vogais /w/ e /y/ comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(8) woko 'mão'
yena 'ele'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes **b**, **f**, **p** e **v** e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizáveis com **m** e as restantes com **n**.

(9) mbuti 'cabrito'
mpimu 'medida'
ngoma 'batuque'
nkanju 'cajueiro'

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(10) kutola 'untar-se'
kuthola 'empregar'

Labialização

A labialização marca-se com **w**.

(11) kupela 'mergulhar'
kupwela 'pescar'

Africatização

Estes dois fenómenos ocorrem em variação livre em Citshwa. Na escrita, a africatização será marcada com **z** se a consoante afectada for vozeada ou com **s** se a consoante afectada for não vozeada. Em contrapartida, a palatalização será sempre marcada com **y**, como se ilustra com os seguintes exemplos:

(12) a. b vs. bz
kubela 'jogar (a bola)'
Famba uyabzela Marta 'vai dizer à Marta'

b. p vs. ps

kupala	'vencer'
psani	'mar'

Alfabeto de Citshwa

A tabela que se segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Citshwa.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: ahanti 'talvez'
b	be	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: kubika 'cozinhar'; baba 'pai'
b'	b'e	Implosiva bilabial vozeada. Ex: kub'eleka 'dar à luz'; kub'ika 'anunciar'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: kubvun'wala 'mergulhar'
bz	bz	Africada lábio-alveolar vozeada retroflexa. Ex: kubzala 'semear'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: comelo 'fermento'
d	de	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: dadani 'pai'
d'	d'e	Implosiva alveolar vozeada. Ex: d'in'wa 'laranja'
dl	dle	Oclusiva alveolar lateral vozeada. Ex: kudlaladlaleka 'galopar'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: ndzi kona 'estou aqui'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: n'weti 'luar'; malevhu 'barba'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: fole 'tabaco'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gambu 'sol'
gq	gqe	Implosiva velar vozeada (clique). Ex: gqeke 'pátio/terreiro'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: humba 'caracol'
hl	hle	Fricativa palatal lateral não vozeada. Ex: hloko 'cabeça'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ingisa 'escuta!'

j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jaha 'rapaz'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kaya 'casa'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: kululama 'ser direito'
lh	lhe	Fricativa palatal lateral vozeada. Ex: lhulamethi 'eucalipto'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: manu 'esperteza'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: nala 'inimigo'
n'	n'e	Nasal velar vozeada. Ex: n'anga 'curandeiro'
n'q	n'qe	Implosiva nasal velar (clique). Ex: nqolo 'carroça'
ny	ny	Nasal palatal vozeada. Ex: nyeleti 'estrela'
o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: hosi 'rei'; nomu 'boca'
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: papilo 'carta'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: mupfumba 'hós-pede'
ps	pse	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: kupsopsa 'chupar'
q	qe	Implosiva velar não-vozeada (clique). Ex: mukhoqo 'beco'
r	re	Vibrante alveolar. Ex: ribze 'pedra'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: sangu 'esteira'
sv	sve	Fricativa lábio-alveolar não-vozeada. Ex: wusva [wuṣa] 'papa de farinha'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tihlo 'olho'
tl	tle	Africada lateral alveolar não-vozeada. Ex: kutlakusa 'erguer'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsetselelo 'perdão
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: cuma 'dinheiro'
v	ve	Aproximante lábio-dental vozeada. Ex: vele 'seio/mama'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vholo 'manta'
w	we	Semi-vogal bilabial. Ex: woko 'mão'
x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: xaka 'parente'
xj	xje	Fricativa palatal vozeada. Ex: xjelera 'geleira'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: yingwe 'leopardo'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zukulu 'sobrinho'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar vozeada retroflexa. Ex: zvin'we 'juntos'

Tom

O tom pode ser alto (A) ou (B) e é contrastivo tanto a nível lexical como gramatical.

Em textos comuns, o tom será marcado apenas nos pares mínimos em que, pelo contexto, não seja possível estabelecer a distinção de significados. Nesses casos, o tom alto será marcado com acento agudo sobre a vogal da sílaba portadora de tom alto e com acento grave sobre a vogal da sílaba de tom baixo. Por razões de economia, sugere-se a marcação apenas do tom baixo, pelo que as sílabas de tom alto, que deveriam ser marcadas com o acento agudo, não são marcadas.

(13) ràngà 'abóbora'
ránga 'curral'

Segmentação de palavras

De um modo geral, adopta-se a escrita conjuntiva. Contudo, em certos casos deve-se recorrer à escrita disjuntiva, de um modo geral, para opor significados e/ou funções. Assim, adoptar-se-á a escrita disjuntiva ou conjuntiva nos seguintes casos:

Conjugação verbal

a) Agregam-se à raiz verbal todos os morfemas flexionais (temporais, modais, aspectuais, de negação, de concordância do sujeito e do objecto).

(14) Amandziku mina ndzingataya cikolweni.
'Amanhã, eu não irei à escola.'

b) Agregam-se à raiz verbal as partículas direccionais e consecutivas **ya** e **ta**.

(15) Huma uyawona movha! 'Sai e vai ver o carro!'
Ngona utamuteka! 'Vem buscá-lo!'

c) Os verbos auxiliares separam-se dos principais. Vejam-se os exemplos:

(16) Ndzitsika ndzitlanga navu. 'Por vezes brinco com eles.'
Vatolovela kufamba hi movha. 'Costumam andar de carro.'

a) Os verbos reduplicados escrevem-se conjuntivamente, sem recurso ao hífen.

(17) kufambafamba 'andar de um lado para o outro'
kutsutsumatsutsuma 'correr de um lado para o outro'
kusukasuka 'sair com frequência'

Cópulas verbais

As cópulas verbais i/hi escrevem-se disjuntivamente, isto é, como unidades independentes.

(18) Hi Xadiriki! 'É o Xadreque.'
Makamu I cisiwana. 'Macamo é pobre.'
Hi yena dadani lweyi. 'É este senhor.'

Predicação nominal

Na predicação nominal, as marcas de sujeito escrevem-se também disjuntivamente.

(19) Ndzi cigogo, andzi cisiwana. 'Sou rico, não sou pobre.'

Locuções

As locuções são escritas conjuntivamente.

(20) hambilezvi 'embora/mesmo que' (vs. hambi lezvi 'também estes')
hayini 'porquê' (vs. ha yini 'com quê)

Ideofones

Os ideofones juntam-se aos verbos defectivos que os introduzem.

(21) Vategee, azvitsan'wini! 'Estão refastelados nas cadeiras.'
Vatemugii, hi nkolo! 'Pegaram-no pelo pescoço.'

Demonstrativos em construções relativas

a) Quando ocorrem demonstrativos plenos, escrevem-se como unidades independentes.

(22) Vanhu lava vatirako vanani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte.'

b) Quando ocorrem demonstrativos abreviados, agregam-se à forma verbal da relativa.

(23) Vanhu lavatirako vanani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte.'

Partículas

Escrevem-se disjuntivamente:

(i) as genitivas possessivas (24) e as genitivas determinativas (25)

(24) mimovha ya padiri 'carros do padre'
(25) dadani wa wena ichikele 'o teu pai já chegou'

(ii) as associativas (ou relacionais) ni/na

(26) mina na yena 'eu e ele'

(iii) a partícula locativa ka, quando seguida de um nome que não indica localidade/região.

(27) Ndziya ka marhungani. 'Vou ao alfaiate.'
Ndziya ka Nkome. 'Vou ao senhor/à casa do senhor Nkome.'

(iv) a demonstrativa le

(28) Ndzihanya le kaMaputsu. 'Vivo (là) em Maputo.'

(v) a instrumental, agentiva, causal e temporal hi/ha

(29) Pandza khokho hi mubhera! 'Parte o coco com a catana!'
Ndzilumilwe hi nyoka. 'Fui mordido por uma cobra.'
Utapfalelwa hi kuyiva. 'Vais ser preso por roubar.'
Vapfumba vatachikela hi mulongisu.
'Os hóspedes vão chegar no sábado.'

(vi) a enfática ina, kani

(30) ina muyizwile simbi n'wina? 'Será que ouviram o sino?'
Kani hitachikela ahanti! 'Não sei se vamos chegar!'

i. Escrevem-se conjuntivamente:

(i) as possessivas, quando contraídas com prefixo do infinitivo ku

(31) Bibiliya gobasa (vs. bibiliya ga kubasa) 'Biblia sagrada'

(ii) as associativas ou relacionais

- antes de pronomes absolutos abreviados

(32) Ndzitave naye hi muvhulu. 'estarei com ele na segunda-feira.'

- com o verbo defectivo -**va**

(33) Hini ndlala. 'Estamos com fome.'

- com a partícula demonstrativa **le**

(34) Macici i kusuhani nile Nyembani.
'Maxixe fica perto de Inhambane.'

- com nomes funcionando como advérbios

(35) nimixo 'de manhã'
nihlekani 'à tarde'
nigambu 'ao entardecer'
niwusiku 'à noite'

(iii) as locativas ocorrendo com nomes indicando localidades

(36) Ndziya kaPande. 'Vou a Panda.'
Ndziya acicini. 'Vou à igreja.'

(iv) a demonstrativa le, quando co-ocorre com o verbo defectivo -va e com o sentido de *estar,* como se ilustra a seguir:

(37) Mandziku ndzile kaya. 'Amanhã estarei em casa.'

(v) a modal hi/ha, quando co-ocorre com o radical adverbial womu

(38) Unondziba hiwomu. 'Bateste-me de propósito.'

(vi) as demonstrativas contraídas com as marcas de concordância adjectival

(39) Livati le gahombe givhalilwe. 'A porta maior está fechada.'

(vii) as demonstrativas contraídas com as partículas possessivas

(40) Mukwana lowa wena waala. 'Esta tua faca não corta.'
(vs. lowu wa wena)

(viii) a de frequência ka

(41) Mugondzisi itilekambiri itakuvhumala.
'O professor veio duas vezes e não te encontrou.'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas nos seguintes casos:

a) início de antropónimos, topónimos e nomes de instituições;
b) títulos honoríficos;
c) nomes dos meses do ano;
d) início de parágrafos e a seguir a um ponto.

Uso do Hífen

O hífen deve ser usado:

- na separação de um prefixo seguido de nome próprio;

(42) N'wa-Nkome 'A filha do senhor Nkome'

Contudo, não se deve usar o hífen na personificação, nem com nomes comuns.

(43) N'wavhundlani 'A senhora lebre'
n'wamakhala 'O vendedor de carvão.'

- a seguir a **m** indicativo de vogal nasal no interior da palavra;

(44) im-na 'sim'

- na indicação de repetição pausada de ideofones;

(45) nthom-nthom-nthom (ideofone = 'gotejar')

- na ligação de partículas enfáticas, conservando-se o acento da unidade com que ocorrem

(46) Famba-ka!/Famba-man! 'Então, vai!'

Uso do Apóstrofo

O apóstrofo será usado nos seguintes casos:

- a seguir a **n** para representar a nasal veslar [ŋ]

(47) n'anga 'curandeiro'

Sinais de Pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(49) a. ribze (ri.bze) 'pedra'
b. ndziya (ndzi.ya) 'vou'

Como se vê, cada uma das duas palavras em (49) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

Ideofones

Podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Gin'wani siku, Pedro ilofamba ahlakana lomu khwatini. Acimbzanyana cakwe ciwarhandza kumulandzisela. Ilofamba naco.

Pedro ilowona avhinyani. Ilotsutsuma alava kuyagikhoma.

Kanilezvi angawonangi ankele le mahlweni. Anenge wa Pedro wuloyahojomela lomu nkeleni, wukhudhuka.

Pedro ilorhila, avhumala munhu wo muvhuna. Acimbzanyana cakwe cilotamuhlakanisa.

Cilowona lezvaku Pedro wabayiseka.

Conawu cilosangula kuxaniseka, cirhila, ciku: "Wuuuu Wuuu Wuuuu"

Agezu ga cimbzanyana gilozwala le kaya. (...) Baba wa Pedro ilosuka hi kutsutsuma aya tihelo legi cingazwala kona cimbzanyana.

In "Pedro ni Zifuyo Zakwe" - Adaptação

Tradução do texto exemplificativo:

Certo dia o Pedro foi brincar no mato. O seu cachorro gostava sempre de acompanhá-lo. Assim, ele foi com o cachorro.

Pedro viu um filhote de uma ave. Correu atrás dele tentando apanhá-lo.

Mas não viu que à frente dele havia um buraco. Uma das pernas enfiou-se no buraco e ele torceu a perna.

Pedro chorou, mas não teve socorro. O seu cachorro apercebeu-se da situação, ficou a brincar com ele, a diverti-lo.

O cahorro acompanhou o sofrimento do Pedro e começou a latir fazendo: - Wuuuu! Wuuuu! Wuuuu!.

O latido do cachorro ouviu-se ate à casa do Pedro.(...) O pai do Pedro foi a correr até ao local onde se ouvia o cachorro.

In "Pedro e a sua criação" - Adaptação.

BIBLIOGRAFIA

Dyken, Julia. & Lojenga, C. 1993. Word Boundaries: Key Factores in Ortography Development. In Hartell, Rhonda L. (ed). Alphabets in Africa. Dakar: Unesco-Dakar Regional Office & SIL.

Lojenga, C. K. 1993. The Writing and Reading of Tone in Bantu Languages. Note on Literacy, 1993.

Mucambe, E. 1980. Munghana Wa Zivanana. Braamfontein: Sasavona.

NELIMO. 1989. I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Person, J. A. 1932. Outlines of Tshwa Grammar (edição alargada). Inhambane: Mission Press.

Sitoe, B. 1995. Matralela ya Tindrimi ta Xitsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. Dicionário Changana-Português. Maputo: INDE.

Sitoe, B. 1996. Xipfunu xa Vajondzi va Xichangana. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. Resultados do Estudo de Introdução de Melhorias na Ortografia da Língua Tsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Wilkes, A. 1985. Words and Word Division: A Study of Some Ortographical Problems in Writing Systems of the Nguni and Sotho Languages. Pretoria: University of Pretoria)

Wilson, R.L. & Elias Mucambe. 1978. Dicionário Prático Português/Tshwa. Braamfontein: Sasavona.

Young, J. C. 1948. Matsamela ya Banhu ni Zilo. Cleveland: Central Mission Press.

Young, J. C. 1978. A Biblia go Basa. Maputo: Sociedade Bíblica de Moçambique.

Young, J. C. 1957. Milayo ya Khume. Cleveland: Central Mission Press.

Young, J. C. 1968. Tisimu ta Ivangeli. Cleveland: Central Mission Press.

2.15. CICOPI

Introdução

Localização e número de falantes

A língua Cicopi é falada predominantemente nas províncias de Inhambane e Gaza, principalmente nos distritos de:

a) Província de Inhambane: Zavala, Inharrime, Homoíne;
b) Província de Gaza: Manjacaze, Chidenguele, Chongoene.

Segundo os dados do Censo populacional de 2007, o Cicopi é falado por cerca de 303.740 pessoas de cinco e mais anos de idade no país.

Variante de referência

Cicopi tem as seguintes variantes:

a) **Cindonje**, falado em Inharrime;
b) **Cilenge**, falado em Chidenguele, Nhamavila e parte de Chongoene;
c) **Citonga**, falado em Mavila, Quissico, Guilundo, até ao limite com Jangamo;
d) **Cicopi**, falado de Mavila até Madendere;
e) **Cilambwe**, falado junto do lago Quissico e na parte oriental de Chidenguele;
f) **Cikhambani**, falado em Homoíne, partes dos distritos de Panda, Manjacaze e Chibuto.

Embora se considere ainda necessários estudos dialectológicos aprofundados para a verificação destes dados, o **Cicopi** foi eleito variante de referência para o estabelecimento da presente proposta de ortografia.

Sistema ortográfico

As Vogais

No Cicopi registam-se cinco vogais fonémicas conforme a tabela seguinte:

Tabela 1: *As vogais do Cicopi.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nasalização

Não existe nasalização distintiva. É marcada por **m** seguido de hífen, se não ocorrer no fim da palavra.

(1) im 'sim'
ahim-him 'não'
kuam 'ficar com a boca aberta'

Duração das Vogais

No Cicopi, a duração vocálica não é fonémica, não sendo, por isso, assinalada na escrita.

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes do Cicopi.*

Modo/ Lugar	Labial	L. dental	Alveo-lar	Retrofl.	A. palatal	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p bh		t dh			c j		k g	
Implosiva	b		d						
Nasal	m		n			ny		n'	
Fricativa	f vh	s z		sw zw	x jh				h
Africada	ps bz	pf	ts						
Lateral			l						
Semi-vogal		v				y	w		

Consoantes especiais e ou marginais

a) As oclusivas [b] e [d] escrevem-se **bh** e **dh**, respectivamente, para se distinguirem das implosivas [ɓ] e [ɗ], que se escrevem **b** e **d**, respectivamente.

(2) kubhika 'cozinhar'
cf. kubika 'apresentar queixa'
kudhula 'ser caro'
cf. kudota 'pescar com anzol'

b) A fricativa lábio-dental [v] escreve-se **vh** para se distinguir da aproximante lábio-dental [ʋ] que se escreve **v**.

(3) kuvhenga 'arranhar'
cf. kuvenga 'odiar'

c) As consoantes **sw** e **zw** são fricativas lábio-alveolares retroflexas, sendo a segunda de ocorrência muito rara na língua Cicopi.

(4) kuswikita 'enxotar'
kuswosweka 'ficar paralítico ou muito magro'

d) A consoante fricativa palatal [ʒ] ocorre em empréstimos e ideofones. Escreve-se **jh** para se distinguir da africada [dʒ], que se escreve **j**.

(5) jhelera 'geleira'
dijaha 'rapaz'

As semivogais

As semivogais **w** e **y** comportam-se como consoantes na estrutura da sílaba.

(6) wako 'teu'
yakwe 'dele'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

A pré-nasalização será assinalada por n, com excepção das consoantes **b**, **f**, **p** e **v** e as combinações por elas iniciadas, que são pré-nasalizadas por **m**.

(7)a. ngoma 'batuque'

nzala ‘fome’
nkondo ‘pé’
b. mbongola ‘burro’
mfumo ‘govemo’
mpondo ‘vacina’

Aspiração

A aspiração é marcada com **h**.

(8) kukhala ‘queixar-se’
kuthola ‘contratar’
kukhomisa ‘obrigar’

Labialização

A labialização é marcada com **w**.

(9) kukwela ‘subir’
kurwala ‘pôr na cabeça’
kubwaka ‘chegar’

Palatalização

A palatalização é marcada com **y.**

(10) libhyasu ‘vara’
ciphya ‘coisa nova’

Nasal silábica

Pode ocorrer no início ou no interior da palavra e marca-se com m’. A nasalização silábica é assinalada apenas nos casos em que é preciso evitar a ambiguidade com a pré-nasalização.

(11) m’pawu ‘mandioca’
m’baba ‘farinha de milho cozido’
m’malo ‘sementeira’

Nos casos em que a nasal silábica não se confunde com a pré-nasalização, usa-se apenas **m**.

(12) n’ndiwo ‘comida’
n’sungu ‘cabeça’

Alfabeto de Cicopi

A tabela que se segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Cicopi.*

Grafema	Nome	Descrição
a	a	Vogal central aberta. Ex: ahanti 'não sei'
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: kubala 'contar'
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: kubhala 'escrever'
bz	bze	Africada lábio-alveolar vozeada Ex: kubzweta 'apanhar com laço'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: kuca 'amanhecer'
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: kudula 'arrancar'
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: kudhula 'ser caro'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: kudzumba 'ficar'
e	e	Vogal anterior semi-aberta. Ex: kupeka 'bater'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada Ex: kufuya 'criar'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: kugula 'levantar'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: kuhumula 'descansar'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: ina 'porventura'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: kujika 'desviar-se'
jh	jhe	Fricativa palatal vozeada. Ex: jhelera 'geleira'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kukanda 'calcar'
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: leka 'deixa'
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: malala 'cala-te'
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: kunama 'inclinar-se'
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: kunyenya 'desprezar'
n'	n'e	Nasal velar vozeada. Ex: kun'ola 'pegar'
o	o	Vogal posterior semi-aberta. Ex: kuhona 'estragar'

p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: kupeka 'bater'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: kupfa 'sentir'
ps	pse	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: dipswi 'voz'
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: dirigwi 'pedra'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: kusamba 'lavar-se'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: kutura 'arder'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: kutsaka 'alegrar-se'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: ulava cani? 'que queres?'
v	ve	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: kuveka 'pôr'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: kuvharula 'rasgar'
w	we	Semi-vogal bilabial arredondada. Ex: kuwomba 'falar'
x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: kuxava 'comprar'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: yakwe 'dele'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: kuzonda 'odiar'
zw	zwe	Fricativa alveolar vozeada retroflexa. Ex: dizwati 'assobio'

Tom

Embora o tom seja contrastivo a nível lexical, como regra geral, apenas será sinalizado em obras de referência como dicionários. Nos casos em que se marca, o tom assinala-se com acento agudo sobre a vogal da unidade portadora do tom alto e com acento grave sobre a vogal da unidade portadora o tom baixo. Mas, por razões de economia, sugere-se a marcação do tom alto, pelo que as sílabas de tom baixo não são marcadas.

(13) kukúmá 'gemer'
cf. kukuma 'colher antes de amadurecer'
kukhálá 'queixar-se'
cf. kukhala 'sentar-se'
ditoyá 'pêlo'
cf. ditóya 'cobarde'

Segmentação de palavras

O princípio do uso da escrita conjuntiva no caso dos componentes de uma forma verbal é considerado aceitável, embora se reconheça o surgimento de palavras excessivamente compridas em algumas formas da conjugação verbal.

i. Devem escrever-se conjuntivamente:

a) os afixos que se ligam aos morfemas lexicais que modificam;

(14) mwanana wathu 'nossa criança'
vanana vathu 'nossas crianças'

b) os afixos que entram na conjugação dos verbos bem como os prefixos nominais.

(15) a. ninatsimbila 'hei-de andar'
cf. kutsimbila 'andar'
khaninambitsimbila 'não hei-de andar'
cf. kutsimbila 'andar'
nitsimbite 'andei'
cf. kutsimbila 'andar'
ninadya 'hei-de comer'
cf. kudya 'andar'
khaninambidya 'não hei-de comer'
cf. kudya 'andar'
hidyite 'comemos'
cf. kudya 'comer'
b. kutsimbila 'andar'
ciwonga 'gato'
siwonga 'gatos'
ciwongana 'gatinho'

ii. Devem escrever-se disjuntivamente:

As palavras de todas as categorias gramaticais tais como: nomes, ver-

bos, ideofones, adjectivos, advérbios, pronomes, partículas genitiva, etc., como se ilustra nos seguintes exemplos:

(17)	n'sungu	'cabeça'
	ani	'eu'
	kudya	'comer'
	kubwabwata	'falar'
	hina	'nós'
	eni	'eu'
	kuam	'(ideo. ficar com a boca aberta'
	nyumba ya hombe	'casa grande'
	nyumba ya yidotho	'casa pequena'
	nyumba ya hina	'nossa casa'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas:

a) no início de um parágrafo e a seguir a um ponto;
b) no início de nomes próprios;
c) nos títulos honoríficos;
d) nos nomes dos meses do ano.

Uso do hífen

O hífen deve ser usado em palavras compostas.

(17) civhika-nduku 'tipo de insecto'
nyamuwomba-takwe 'fanfarrão'

Também se usa o hífen na ligação das partículas enfáticas com a unidade com que ocorrem e se subordinam à sua acentuação.

(18) tsula-ka 'vai, então'
maha-ko 'faz agora'

Na reduplicação, não será usado o hífen, excepto em situações onde isso possa suscitar ambiguidade.

Uso do apóstrofo

O apóstrofo será usado com **m** para a marcação da nasal silábica, nos

casos em que a sua ausência possa confundir-se com a pré-nasalização.

(19) m'baba 'farinha de milho cozido'
m'buso 'festejo'
n'sungu 'cabeça'
m'pawu 'mandioca'
m'malo 'sementeira'

O apóstrofo poderá ser usado nos casos de elisão, em geral.

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (‘’): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes* ([ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes, para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo a sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(21) a. yakwe (ya.kwe) ‘dele’
b. kuca (ku.ca) ‘amanhecer’

Como se vê, cada uma das palavras em (20) tem duas sílabas, sendo que cada sílaba termina em vogal.

- No caso da nasal silábica, a sílaba deve terminar em m’-/n’-, como nos exemplos:

(21) a. m’buso (m’.bu.so) ‘festejo
n’sungu (n’.su.ngu) ‘cabeça’

Portanto, cada uma das palavras em (21) tem três sílabas, sendo a pri-

meira uma nasal que só por si é uma sílaba.

Ideofones

Os ideofones podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Kutshata wukhalo wogwitisa

"Ngako ucidhanelwa m'buso wa ntekano, ungayalanga wukhalo wa masoni; angathuka adirambilwe m'mwane wa kuxonipheka kupinda awe; awu angakuramba awe ni nene, acita atakugela kukhene: Khukha ka ewo wukhalo, anazumba awuwa. Konako, awe, ngu tingana, unakhukha uciyaka wukhalo wogwitisa.

Aniko, ngako vacikudhana, tsula uciyakhalahatsa ka wukhalo wogwitisa; se nyamne wa mti, acikutela, anatakhene kwako: Mndoni, ngono ngu kheno masoni. Kwako eto tinava i ditaku kupfalisa masoni ka votshe va va nga rhambwa.

Nguko wuhi ni wuhi a tikulisako, anavekwa hahatshi; ani wu a tivekako hahatshi, anaguletwa."

(Luka 14:8-11, in *Tievangeli ta mune)*

Tradução do texto exemplificatio:

Prémio da humildade

"Quando, por alguém, fores convidado às bodas não te assentes em primeiro lugar, não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu. E vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tornar a derradeiro lugar.

Mas quando fores convidado vai e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terás a honra diante dos que estiverem contigo à mesa.

Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado."

(Lucas 14:8-11, in O Novo Testamento)

BIBLIOGRAFIA

Borges, Pe. J. C. 1948, *Cânticos Religiosos - Colecção de Cânticos Religiosos e Escolares em Português e Chope*. Lourenço Marques: Minerva Central.

Borges, Pe. J.C. 1959. *Breve Catecismo em Português e Chope*. Roma: The Sodalité of St. Peter Claver.

Santos, Pe. L. F. dos, 1941. *Gramática da língua chope.* Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.

Santos, Pe. L. F. dos, 1950. *Dicionário Português-Chope e Chope-Português*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.

Santos, Pe. L. F. dos, 1956. *O Santo Sacrifício da Missa*. Roma: The Sodalité de St. Pierre Claver.

Santos, Pe. L. F. dos, 1982. *Tievangeli ta Mune*. Maputo: Msengeletano wa Biblia.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

2.16. XICHANGANA

Introdução

Localização e número de falantes

O nome Tsonga abrange 3 línguas: Xirhonga, Xichangana e Citshwa, línguas mutuamente inteligíveis faladas nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala.

Estas três línguas são ainda faladas na zona meridional da República do Zimbabwe e na África do Sul, na província do Transvaal.

Este documento refere-se ao Xichangana. Em Moçambique, de acordo com o Censo Populacional de 2007, esta língua é falada por cerca de 1.660.319 habitantes de cinco anos de idade ou mais (INE, 2010).

Variante de referência

As variantes de Xichangana são:

a) **Xihlanganu**, falada a sudoeste de Moçambique, nos Montes Libombos, abrangendo parte dos distritos da Namaacha, Moamba e Magude;
b) **Xidzonga** (Xitsonga), falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir;
c) **Xin'walungu**, falada no distrito de Massingir;
d) **Xibila**, falada no distrito de Limpopo e parte de Chibuto;
e) **Xihlengwe**, falada nos distritos de Xai-Xai, Manjacaze, Chibuto, Guijá, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculo e Govuro.

A variante que foi tomada como sendo a de referência é o **Xidzonga**.

Sistema ortográfico

As vogais

Xichangana tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Xichangana.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nasalização

Fenómeno raro no Xichangana, será marcado por **m** seguido de hífen se não ocorrer no fim da palavra.

(1) im-na 'sim'
ahim-him 'não'

Duração

Na penúltima sílaba, ocorre um ligeiro alongamento da vogal que, por ser previsível, não será assinalado na escrita. Nos ideofones pode haver um alongamento imprevisível de vogais. Em tais casos, o alongamento será assinalado dobrando a respectiva vogal, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(2) mabomu 'limões' (duração predisível)
vategee! 'estão refastelados' (duração predisível)

As consoantes

Tabela 2: *As consoantes do Xichangana.*

Modo/ Lugar	Labial	L. dental	Alveo-lar	Retrofl.	A. pala-tal	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			c j		k g	
Implosiva	b'		d'					q gq	
Nasal	m		n			ny		n' n'q	

Africada	ps bz	pf bv	ts dz						
Fricativa		f vh	s z	sv zv	x xj				h
Lateral						hl lh		tl dl	
Lateral aprox.			l						
Vibrante			r						
Aproxi-mante		v				y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As implosivas [ɓ] e [ɗ] escrevem-se **b'** e **d'**, respectivamente, para se distinguirem das oclusivas [b] e [d], que se escrevem **b** e **d**, respectivamente.

(3) b'ava 'pai'
kubava 'ser amargo'
d'okomela 'fruto'
faduku 'lenço'

b) A fricativa lábio-dental vozeada [v] escreve-se **vh** para se distinguir da aproximante lábio-dental que se deve escrever **v**.

(4) movha 'carro'
cf. mova 'cana-doce'
kuvhamba 'ter o hábito de'
cf. kuvamba 'esticar'

c) Os grafemas **sv** e **zv**, representam, respectivamente, as fricativas lábio-alveolares [s] e [z], sendo a última muito rara no Xichangana.

(5) kusveka 'cozinhar'
Mazvaya (nome próprio)

d) A fricativa palatal [ʒ] muito rara em Xichangana, ocorrendo, sobretudo, em empréstimos e ideofones. Escreve-se **xj** para se diferenciar da oclusiva [dʒ], que se grafará **j**.

(6) xjaradi 'jardim'
kuxjiii (ideofone = fazer calor)
Jaha rijahile 'o rapaz está apressado'

e) Os cliques velar não-vozeado [!], velar vozeado [g!] e velar nasal [ŋ!] grafar-se-ão, respectivamente, como **q**, **gq** e **n'q**. Estes sons são raros nesta língua, ocorrendo em empréstimos de línguas vizinhas.

(7) xiqamelo 'almofada'
n'gqhondho 'juízo'
n'qolo 'carroça'

As semivogais

As semi-vogais [w] e [y] funcionam, na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante.

(8) kuwa 'cair'
kuyavela 'distribuir'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes **b**, **f**, **p** e **v** e as combinações por elas iniciadas são pré-nasalizadas com **m** e as restantes com **n**.

(9)	mbuti	'cabrito'	ndlala	'fome'
	mfenhe	'macaco'	nsila	'sujidade'
	mpsandla	'rã'	ntanga	'idade'
	mvhuche	'carvão em pó'	njombo	'sorte'

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(10) k/kh
kukala 'andar desaparecido'/'ser raro'
kukhala 'protestar'/'reclamar'

Labialização

A labialização marca-se com **w.**

(11) kutwala 'ouvir-se'
cf. kutala 'encher-se'

Africatização

A fricatização marca-se com **z** ou com s, conforme a qualidade da consoante afectada, para se distinguir da palatalização com que, em certos casos, está em variação livre e que se marca com y.

(12) a. b > by/bz

kubala	'escrever'
kubzala	'semear'

b. p > py/pz

kupala	'vencer'
kupyanya/kupsanya	'pisar'

Alfabeto de Xichangana

A tabela que se segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Xichangana.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal Central aberta. Ex: Ambala! 'Veste-te!'
b	be	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: boti 'barco'
b'	b'e	Implosiva bilabial vozeada. Ex: b'anga 'adega'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: kubvunga 'tirar gananciosamente a maior quantidade possível.'
bz	bze	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: bzala 'bebida'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: kucina 'dançar'
d	de	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: duma 'inchaço'
d'	d'e	Implosiva alveolar vozeada. Ex: kud'anja 'lamber'
dl	dle	Lateral alveolar vozeada. Ex: mudlayi 'assassino'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzana 'cem'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: vhembeleti 'moscardo'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex. fole 'tabaco'

g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: ganga ‘subida’
gq	gqe	Implosiva velar vozeada (clique). Ex: gqeke ‘pátio/terreiro’
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: huku ‘galinha’
hl	hle	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: kuhlampsa ‘lavar’
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: xipikiri ‘prego’
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jaha ‘rapaz’
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: kokwana ‘avô’
l	le	Lateral alveolar vozeada. Ex: kuluma ‘morder’
lh	lhe	Fricativa lateral palatal vozeada. Ex: nlhulamethi ‘eucalipto’
m	me	Nasal bilabial. Ex: mati ‘água’
n	ne	Nasal alveolar. Ex: nuna ‘marido’
n’	n’e	Nasal velar vozeada. Ex: n’anga ‘curandeiro’
n’q	n’qe	Implosiva nasal velar (clique). Ex: n’qolo ‘carroça’
ny	ny	Nasal palatal vozeada. Ex: nyeleti ‘estrela’
o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: hosi ‘rei’; bomu ‘limão’
p	p	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: pawa ‘pão’
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: kupfala ‘fechar’
ps	pse	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: kupsala ‘parir’
q	qe	Implosiva velar não-vozeada (clique). Ex: qatha ‘naco’
r	re	Vibrante alveolar múltipla. Ex: ririmi ‘língua’
s	se	Fricativa alveolar vozeada. Ex: siku ‘dia’
sv	sve	Fricativa lábio-alveolar não-vozeada. Ex: svakuja ‘comida’
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tilo ‘céu’
tl	tle	Africada lateral alveolar não-vozeada. Ex: kutlakuxa ‘levantar’
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: tsolo ‘joelho’
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: huku ‘galinha’
v	ve	Aproximante lábio-dental vozeada. Ex: vito ‘nome’
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: vhiki ‘semana’
w	we	Semi-vogal bilabial. Ex. wena ‘tu’

x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: xaka 'parente'
xj	xj	Fricativa palatal vozeada. Ex: xjaru 'jarro'; xjelera 'geleira'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex. yingwe 'leopardo'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: Zambana 'batata'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar vozeada. Ex: Mazvaya (apelido)

Tom

O tom pode ser alto (A) ou baixo (B) e é contrastivo, tanto a nível lexical como gramatical.

Em textos comuns, o tom será marcado apenas nos pares mínimos em que, pelo contexto, não seja possível estabelecer a distinção de significados. Nesse casos, o tom alto será marcado com acento agudo sobre a vogal da sílaba portadora de tom alto e o tom baixo com acento grave sobre a vogal da sílaba portadora de tom baixo. Contudo, por razões de economia, sugere-se a marcação apenas do tom baixo (por ser geralmente mais raro que o alto), pelo que as sílabas de tom alto não são marcadas.

(13) nàla 'inimigo; bandido'
nàlà 'tipo de palmeira'

Segmentação de palavras

De um modo geral, adopta-se a escrita conjuntiva. Contudo, em certos casos deve-se recorrer à escrita disjuntiva, de um modo geral, para opor significados e/ou funções. Assim, adoptar-se-á a escrita disjuntiva ou conjuntiva nos seguintes casos:

Conjugação verbal

- Agrega-se à raiz verbal todos os morfemas flexionais (temporais, modais, aspectuais, de negação, de concordância do sujeito e do objecto).

(14) Mina andzingataya xikolweni mundzuku.
'Eu não irei à escola amanhã.'

- Agregam-se à raiz verbal as partículas direccionais e consecutivas **ya** e **ta**, como em:

(15) Huma uyavona movha! 'Sai vai ver o carro!'
Tana utawuteka! 'Vem buscá-lo!'

- Os verbos auxiliares separam-se dos principais

(16) Ndzitshuka ndzitlanga navu. 'Por vezes brinco com eles.'
Vatolovela kufamba hi movha. 'Costumam andar de carro.'

- Os verbos reduplicados escrevem-se conjuntivamente, sem recurso ao hífen

(17) kufambafamba 'andar de um lado para o outro'
kutsutsumatsutsuma 'correr de um lado para o outro'
kusukasuka 'sair com frequência'

Cópulas verbais

As cópulas verbais **i/hi** escrevem-se disjuntivamente, isto é, como unidades independentes.

(18) I Bila! 'É o Bila!'
Bila I xisiwana. 'Bila é pobre.'
Hi yena b'ava lweyi. 'É este senhor.'

Predicação nominal

Na predicação nominal, as marcas de sujeito escrevem-se também disjuntivamente.

(18) Ndzi xifundzi, andzi xisiwana. 'Sou rico, não sou pobre.'

Locuções

As locuções são escritas conjuntivamente.

(19) hambilesvi 'embora/mesmo que' (vs. hambi lesvi 'também estes' [classe 8]
hayini 'porquê' (vs. ha yini 'com quê')

Ideofones

Os ideofones juntam-se aos verbos defectivos que os introduzem.

(20) Vategee, asvitshan'wini! 'Estão refastelados nas cadeiras.'
Vatemugii, hi makolo! 'Pegaram-no pelo pescoço.'

Demonstrativos em construções relativas

- Quando ocorrem demonstrativos plenos, escrevem-se como unidades independentes, como se pode ver em:

(21) Vanhu lava vatirhaka vani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte.'

- Quando ocorrem demonstrativos abreviados, agregam-se à forma verbal da relativa, como se ilustra em:

(22) Vanhu lavatirhaka vani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte'

Partículas

Escrevem-se disjuntivamente:

i. as genitivas possessivas (25a) e determinativas (25b)
(23)a. mimovha ya vuhosi 'carros do governo'
b. Mamani wa wena asasekile. 'A tua mãe é bonita.'

ii. as associativas (ou relacionais) ni/na, como em:
(24) mina na wena 'eu e tu'

iii. as partículas locativas (ka/eka), quando seguidas de um nome que não indica localidade/região. Vejam-se os seguintes exemplos:
(25) Ndziya ka marhungana. 'Vou ao alfaiate.'
Ndziya ka Tembe. 'Vou ao Sr./à casa de Tembe.'

iv. a demonstrativa le, como no exemplo:
(26) Mazuze ahanya le kaMaputsu. 'Mazuze vive (là) em Maputo.'

v. a instrumental, agentiva, causal e temporal hi/ha. Veja-se em:

(27) Pandza khokho hi mesa! 'Parte o coco com a catana!'
Ndzilumiwile hi nyoka. 'Fui mordido por uma cobra.'
Utapfaleliwa hi kuyiva. 'Vais ser preso por causa de roubar.'
Vapfhumba vatafika hi dina. 'Os hóspedes vão chegar ao meio dia'

vi. as enfáticas xana, phela

(28) Wata xana? 'Então, vens ou não vens?'
Ndzakurhandza phela! 'Olha que eu gosto de ti!'

Escrevem-se conjuntivamente:

i. as possessivas, quando contraídas com prefixo do infinitivo ku, como em:

(29) rito rorhanga (vs rito ra kurhanga) 'introdução'

ii. as associativas ou relacionais

- antes de pronomes absolutos abreviados

(30) mina naye (vs mina na yena) 'eu e ele'
Ndzifundhile naye mufana lweyi. 'Estudei com este rapaz.'

- com o verbo defectivo — va, que expressa o verbo *ser/estar*

(31) Ndzini ndlala. 'Estou com fome.'

- com a partícula demonstrativa **le**

(32) Xitichini l kule nile kaya 'A estação fica longe de casa.'

- com nomes funcionando como advérbios

(33) nimixo 'de manhã'
ninhlekanhi 'à tarde'
nimajambu 'ao fim da tarde'
nivusiku 'à noite'
nimpundzu 'pela madrugada'

iii. as locativas ka/eka, a-/e-....-eni, ocorrendo com nomes indicando lugares

(34) dziya kaTembe. 'Vou à kaTembe.'
Miyile axikolweni tolo? 'Foram à escola ontem?'

iv. a modal hi/ha, quando co-ocorre com o radical adverbial vomu
(35) Ndziyence hivomu. 'Fiz de propósito.'

v. as demonstrativas contraídas com as marcas de concordância adjectival
(36) Xikhwa lexitsongo xilahlekile. 'A faca pequena perdeu-se.'

vi. as demonstrativas contraídas com as partículas possessivas
(37) Xikhwa lexa wena axitsemi nchumu.
'Esta tua faca não corta nada.'
(vs lexi xa wena)

vii. a de frequência ka
(38) B'ava ate kambirhi atahipfuxela. 'O papá veio duas vezes visitar-nos.'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas nos seguintes casos:

- início de antropónimos, topónimos e nomes de instituições;
- títulos honoríficos (Ex: Hosi Mswati 'Rei Mswati');
- nomes dos meses do ano;
- início de parágrafos e a seguir a um ponto.

Uso do Hífen

O hífen deve ser usado:

- Na separação de um prefixo seguido de nome próprio;

(39) N'wa-Bila 'A filha do senhor Bila'

Contudo, não se deve usar o hífen na personificação, nem com nomes comuns.

(40) N'wampfundla 'O senhor Coelho'
n'wamakhala 'O vendedor de carvão'

- a seguir a **m** indicativo de vogal nasal no interior da palavra;

(41) im-na 'sim'

- na indicação de repetição pausada de ideofones;

(42) nthom-nthom-nthom (id. = 'gotejar')

- na ligação de partículas enfáticas, conservando-se o acento da unidade com que ocorrem

(43) Famba-ka!/Famba-mani! 'Então, vai'

Uso do Apóstrofo

O apóstrofo será usado nos seguintes casos:

- a seguir a **n** para representar a nasal velar [ŋ]

(44) n'anga 'curandeiro'

- antes de **b** e **d**, para representar as implosivas [ɓ] e [ɗ], respectivamente

(45) b'anga 'bar'
d'in'wa 'laranja'

Sinais de pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (‘’): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]) ou do travessão: para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV. Vejam-se os seguintes exemplos:

(46) b’a.nga ‘bar’
d’i.n’wa ‘laranja’
ni.mi.xo ‘de manhã’

ni.nhle.ka.nhi ‘à tarde’
ni.ma.ja.mbu ‘ao fim da tarde’

Como se vê, cada uma das palavra em (46) tem duas sílabas ou mais sílabas, sendo que cada sílaba termina sempre em vogal.

TEXTO EXEMIPLIFICATIVO

Pedro i jaha ra Xiluva.

Xiluva I muvutiwa wa Pedro.

Pedro na Xiluva varhandzana. Vatatekana lembe roleri.

Vapsali va Pedro vatwanana ni vapsali va Xiluva.

Vona I vamaseve. Varhandzana svinene.

Vutomi bza Pedro na Xiluva bzitakarhata?

Im-him. Vunene, vululami ni kurhula svitafuma ka njangu wa vona!

(in "Bzixile" — Curso de Tsonga)

Tradução do texto exemplifacativo:

O Pedro é noivo da Xiluva.

Xiluva é noiva do Pedro.

O Pedro e a Xiluva amam-se. Eles vão casar-se neste ano.

Os pais do Pedro têm boas relações com os pais da Xiluva.

Eles são compadres. Gostam muito uns dos outros.

A vida conjugal do Pedro e da Xiluva será difícil?

Não. Certamente que a bondade, a justiça e a harmonia reinarão no seu lar.

BIBLIOGRAFIA

Chaterlain, Ch. W. 1909. *Pocket Dictionary Thonga (Shangaan) - English/ Englis-Tonga (Shangaan).* Lausanne: Georges Bridel.

Cuenod, R. 1967. *Tsonga-English Dictionary*. Johannesburg: Swiss Mission in South Africa.

Dyken, Julia. & Lojenga, C. 1993. Word Boundaries: Key Factores in Ortography Development. In Hartell, Rhonda L. (ed). *Alphabets in Africa.* Dakar: Unesco-Dakar Regional Office & SIL.

Junod, H. A. 1907. *Elementary Grammar of the Thonga-Shangaan Language*. Lausanne: Imprimeries Réunies.

Junod, H. A. 1929. *Vuvulavuri bya Xitsonga.* Lausane: Mission Suisse Romande.

Lojenga, C. K. 1993. The Writing and Reading of Tone in Bantu Languages. Note on Literacy.

NELIMO, 1989. *I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Ouwehand, M. 1965. *Everyday Tsonga.* Johannesburg: Swiss Mission in S. Africa.

Ribeiro, Pe. A. 1965. *Gramática Changana (Tsonga).* Caniçado: Editorial «Evangelizar».

S/A.1929. *Bibele.* Thetford: Casa da Bíblia, Moçambique.

Sitoe, B. 1991. Bzixile! Curso de Tsonga para não falantes: Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

Sitoe, B. 1995. Matralela ya Tindrimi ta Xitsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. *Dicionário Changana-Português.* Maputo: INDE.

Sitoe, B. 1996. Xipfunu xa Vajondzi va Xichangana. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. Resultados do Estudo de Introdução de Melhorias na Ortografia da Língua Tsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

Tsonga Language Committee. 1976. *Tsonga Terminology and Orthography,* N.3. Pretoria: Department of Bantu Education.

WILKES, A. 1985. *Words and Word Division: A Study of Some Ortographical Problems in Writing Systems of the Nguni and Sotho Languages.* Pretoria: University of Pretoria.

2.17. XIRHONGA

Introdução

Localização e número de falantes

O nome Tsonga abrange 3 línguas: Xirhonga, Xichangana e Citshwa, mutuamente inteligíveis faladas principalmente nas três províncias do Sul de Moçambique, nomeadamente, Maputo, Gaza e Inhambane. É importante esclarecer que, além das línguas do grupo tsonga, nas aludidas províncias também são faladas outras línguas como tivemos ocaisão de mostrar ao long deste documento.

Estas línguas são ainda faladas na zona meridional da República do Zimbabwe bem como na província sul africana do Transvaal.

Este documento refere-se ao Xirhonga. Embora tenha alguns falantes nas províncias de Gaza (3.651) e em Inhambane (2.871), esta língua é falada principalmente na Província e na Cidade de Maputo onde conta com 239.307 falantes. Se se adicionar a este número o dos resecenseados nas outras províncias, o total de falantes de Rhonga em Moçambique perfaz 265.829 indivíduos.

Variante de referência

O Xirhonga tem as seguintes variantes:

a) **Xilwandle** (Xikalanga), falada no distrito da Manhiça;
b) **Xinondrwana**, falada em Marracuene, Maputo, Matola e Boane;
c) **Xizingili** (Xiputru), falada desde a kaTembe até a Ponta do Ouro;
d) **Xihlanganu**, falada na Moamba-sede e parte do distrito da Namaacha.

A variante que se tornou como sendo a de referência é o **Xinondrwana**

Sistema ortográfico

As vogais

O Xirhoga tem cinco vogais, conforme a seguinte tabela:

Tabela 1: *As vogais do Xirhonga.*

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechadas	i		u
Semi-fechadas	e		o
Aberta		a	

Nasalização

Fenómeno raro em Xirhonga, será marcado por **m** seguido de hífen, se não ocorrer no fim da palavra.

(1) im-na 'sim'
im-him 'não'

Duração

Na penúltima sílaba, ocorre um ligeiro alongamento da vogal que, por ser previsível não será assinalado na escrita. Nos ideofones pode haver um alongamento imprevisível das vogais. Em tais casos será assinalado dobrando a respectiva vogal, como se ilustra nos seguintes exemplos:

(2) kubeleka 'dar a luz' (duração previsível)
Vatigee! 'estão refastelados' (duração não predizível)
Ukunkwankwanaana! 'Segue directo!' (duração não predizível)

As consoantes

Tabela 2: *Consoantes do Xirhonga.*

Modo/ Lugar	Labial	L.dental	Alveo-lar	Retrofl.	A. pala-tal	Palatal	L. velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			c j		k g	
Implosi-va	b'		d'					q gq	

Nasal	m		n			ny		n' n'q	
Africada	ps bz	pf bv	ts dz	tr rh dr					
Fricativa		f vh	s z	sv zv	x xj				h
Lateral						hl lh		tl dl	
Lateral aprox.			l						
Vibrante			(r)						
Aproxi-mante		v				y	w		

Consoantes especiais e/ou marginais

a) As implosivas [ɓ] e [ɗ], que se escrevem **b'** e **d'**, respectivamente, para se distinguirem das oclusivas [b] e [d], são raras nesta língua, ocorrendo em empréstimos de línguas vizinhas.

(3) b'anga 'adega'
bucha 'catana'
d'okomela 'fruto' (espécie)
kuda 'comer'
banga 'pinça'

b) A fricativa lábio-dental [v], que ocorre sobretudo em empréstimos, escreve-se **vh** para se distinguir da aproximante lábio-dental que se deve escrever simplesmente com um **v**.

(4) movha 'carro' mova 'cana-doce'
vhiki 'semana' voko 'mão'

c) Os grafemas **sv** e **zv**, representam, respectivamente, as fricativas lábio-alveolares [s̪] e [z̪], sendo a última muito rara no Xirhonga.

(5) svakuda 'comida'
Mazvaya 'nome próprio' / apelido

d) A fricativa palatal [ʒ] é muito rara em Xirhonga ocorrendo, sobretudo, em empréstimos e ideofones. Escreve-se **xj** para se diferenciar da

oclusiva [dʒ], que se deve grafar **j**.

(6) xjaradi 'jardim'
koxjiii 'calor'
jaha 'rapaz'

e) Os cliques velar não-vozeado [!], velar vozeado [g!] e velar nasal [ŋ!] devem grafar, respectivamente, como **q**, **gq** e **n'q**. Estes sons são raros nesta língua, ocorrendo em empréstimos de línguas vizinhas.

(7) qatha 'naco'
mugqomo 'vasilha em lata'
n'qawu 'cachimbo'

f) A vibrante alveolar múltipla [r] é muito rara nesta língua, ocorrendo em empréstimos e ideofones.

(8) rapoyi 'repolho'
grrr!! (ideofone = rugido) ???

g) O grafema rh representa a africada alveolar vozeada retroflexa [ʐ], muito produtiva no Xirhonga.

(9) kurhurhumela 'tremer' /kudrudrumela???

h) Os grafemas **tr** e **dr** representam, respectivamente, as africadas alveolares retroflexas [dʐ] e [ts]. Dentro do grupo linguístico tsonga, estes, juntamente como [ʐ], constituem sons exclusivos do Xirhonga.

(10) trolo 'joelho'
kudraha 'fumar'

As semi-vogais

As semi-vogais /w/ e /y/ funcionam, na estrutura de uma sílaba, com o valor de uma consoante.

(11) kuwela 'atravessar (uma extensão de água)'
kuyingela 'escutar'

Modificação de consoantes

Pré-nasalização

As consoantes **b**, **f**, **p** e **v**, e as combinações por elas iniciadas, são pré-

nasalizadas com **m** e as restantes com **n**.

(12) a. mbongolo 'burro'
mfenhe 'macaco'
mpimu 'medida'
mvhilope 'envelope'
b. nsila 'sujidade'
ntima 'preto'
ngati 'sangue'
nkama 'tempo'

Aspiração

A aspiração marca-se com **h**.

(13) kukhula 'fazer voltar o osso ao lugar'
cf. kukula 'crescer

Labialização

A labialização marca-se com **w.**

(14) kuna 'chover'
kunwa 'beber'

Fricatização

A fricatização marca-se com **z** ou com **s**, conforme a qualidade da consoante afectada, para se distinguir da palatalização com que, em certos casos, está em variação livre e marca-se com **y.**

(15) a. b vs. bz
kubela 'jogar (a bola)'
kubzela 'dizer'
b. p vs. ps
kupetla 'pisar'
kupsetla 'pisar' o

kupsala 'parir/dar a luz'

Alfabeto de Xirhonga

A tabela que se segue apresenta a lista das letras do alfabeto desta língua:

Tabela 3: *Grafemas do alfabeto de Xirhonga.*

Grafema	Nome	Descrição e ilustração
a	a	Vogal central aberta. Ex: asvifeni 'parabéns'
b	be	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: boti 'barco'
b'	b'e	Implosiva bilabial vozeada. Ex: b'anga 'adega'
bv	bve	Africada lábio-dental vozeada. Ex: kubvonyongeta 'assaltar'
bz	bze	Africada lábio-alveolar vozeada. Ex: bzatrhu 'barco'
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: cana 'chá'
d	de	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: dambu 'sol'
d'	d'e	Implosiva alveolar vozeada. Ex: d'okomela 'fruto'
dl	dle	Lateral alveolar vozeada. Ex: dledlele 'rama de batata-doce'
dz	dze	Africada alveolar vozeada. Ex: dzolonga 'distúrbio'
dr	dre	Africada alveolar vozeada retroflexa. Ex: kudringisa 'tentar'
e	e	Vogal anterior semi-fechada. Ex: lweyi 'este'; malepfu 'barba'
f	fe	Fricativa lábio-dental não-vozeada. Ex: fumu 'azagaia'
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gogogo 'lata'
gq	gqe	Implosiva velar vozeada (clique). Ex: mugqivela 'sábado'
h	he	Fricativa glotal não-vozeada. Ex: halenu 'cá'
hl	hle	Fricativa lateral alveolar não-vozeada. Ex: hlolana 'milagre'
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: xipixi 'gato'
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: jaha 'rapaz'
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: katla 'ombro'
l	le	Lateral alveolar. Ex. kulelela 'despedir-se'
lh	lhe	Lateral palatal. Ex: nlhulamethi 'eucalipto'
m	me	Nasal bilabial. Ex: mamana 'mãe'
n	ne	Nasal alveolar. Ex: norha 'cinza'
n'	n'e	Nasal velar. Ex: kun'unun'uta 'murmurar'
n'q	n'qe	Implosiva nasal velar (clique). Ex: n'qolo 'carroça'
ny	nye	Nasal palatal. Ex: nyala 'cebola'
o	o	Vogal posterior semi-fechada. Ex: hosi 'rei'; homu 'boi'
p	pe	Oclusiva bilabial vozeada. Ex: pongwe 'barulho'
pf	pfe	Africada lábio-dental não-vozeada. Ex: xipfalu 'porta'

ps	pse	Africada lábio-alveolar não-vozeada. Ex: kupsala 'parir'
q	qe	Implosiva velar não-vozeada (clique). Ex: qatha 'naco'
r	re	Vibrante alveolar. Ex: rapoyi 'repolho'
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: sindra 'bracelete'
sv	sve	Fricativa lábio-alveolar não-vozeada. Ex: svakuda 'comida'
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: tolo 'ontem'
tl	tle	Africada lateral alveolar não-vozeada. Ex: kutlatleka 'pôr (panela) ao lume'
tr	tre	Africada alveolar não-vozeada retroflexa. Ex: xitrama 'milho'
ts	tse	Africada alveolar não-vozeada. Ex: kutsimbisa 'proibir'
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: tuva 'pombo'
v	ve	Aproximante lábio-dental vozeada. Ex: vukosi 'riqueza'
vh	vhe	Fricativa lábio-dental vozeada. Ex: movha 'carro'
w	we	Semi-vogal bilabial. Ex: wombe 'remo'
x	xe	Fricativa palatal não-vozeada. Ex: xaka 'parente'
xj	xje	Fricativa palatal vozeada. Ex: xjanela 'janela'
y	ye	Semi-vogal palatal. Ex: yimpi 'guerra'
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zivuku 'baía (de maputo)/ponte cais'
zv	zve	Fricativa lábio-alveolar vozeada. Ex: Mazvaya (apelido)

Tom

O tom pode ser alto (A) ou baixo (B) e é contrastivo tanto a nível lexical como a nível gramatical.

Em textos comuns, o tom será marcado apenas nos pares mínimos em que, pelo contexto, não seja possível estabelecer a distinção de significados. Nesses casos, o tom alto é marcado com acento agudo sobre a vogal da sílaba portadora de tom alto e com acento grave sobre a vogal da sílaba de tom baixo. Por razões de economia, sugere-se a marcação apenas do tom baixo, geralmente o menos frequente, pelo que as sílabas de tom alto não devem ser marcadas.

(16) rhangà 'adianta!'
rhàngà 'abóbora'

Segmentação de palavras na escrita

De um modo geral, adopta-se a escrita conjuntiva. Contudo, em certos casos deve-se recorrer a escrita disjuntiva sobretudo para opor significados e/ou funções. Assim, adoptar-se-á a escrita disjuntiva ou conjuntiva nos seguintes casos:

Conjugação verbal

- Agregam-se à raiz verbal todos os morfemas flexionais (temporais, modais, aspectuais, de negação, de concordância do sujeito e do objecto).

(17) Wene awungatitikuma timbatrana nkama lowu.
'A esta hora não conseguirás arranjar amêijoa.'

- Agregam-se à raiz verbal as partículas direccionais e consecutivas **ya** e **ta**

(18) Huma uyavona movha! 'Sai e vai ver o carro!'
Buya utamuvona! 'Vem vê-lo!/vem vê-la'

- Os verbos auxiliares separam-se dos principais

(19) Ndrichuka ndritlanga navu. 'Por vezes brinco com eles.'
Vatolovela kufamba hi movha. 'Costumam andar de carro.'

- Os verbos reduplicados escrevem-se conjuntivamente, sem recurso ao hífen

(20) kufambafamba 'andar de um lado para o outro'
kutrutrumatrutruma 'correr de um lado para o outro'
kusukasuka 'sair com frequência'

Cópulas verbais

As cópulas verbais i/hi escrevem-se disjuntivamente, isto é, como unidades independentes.

(21) Hi n'wa-Mpfumu! 'É o filho do senhor Fumo.'
Mamatana i xisiwana. 'Mamatana é pobre.'
Hi yene tatana lweyi. 'É este senhor.'

Predicação nominal

Na predicação nominal, as marcas de sujeito escrevem-se também disjuntivamente.

(22) Ndri xipfundri, andri xisiwana. 'Sou rico, não sou pobre.

Locuções

As locuções são escritas conjuntivamente.

(23) nambilesvi 'embora/mesmo que' (vs. nambi lesvi 'também estes')
hayini 'porquê' (vs. ha yini 'com quê')

Ideofones

Os ideofones juntam-se aos verbos defectivos que os introduzem.

(24) Vatigee, asvitrhan'wini 'Estão refastelados nas cadeiras.'
Vatimugii, hi makolo! 'Pegaram-no pelo pescoço.'

Demonstrativos em construções relativas

- Quando ocorrem demonstrativos plenos, escrevem-se como unidades independentes

(25) Vhanu lava vatirhaka vani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte'

- Quando ocorrem demonstrativos abreviados, agregam-se à forma verbal da relativa

(26) Vhanu lavatirhaka vani njombo.
'As pessoas que trabalham têm sorte'

Partículas

Escrevem-se disjuntivamente:

i. <u>as genitivas possessivas (28) e as genitivas determinativas (29)</u>

(27) minsinya ya tatana 'árvores do papá'
mamana wa Maria 'mãe da Maria'

ii. <u>as associativas (ou relacionais) ni/na</u>

(28) vapapayi na vamamana 'senhores e senhoras'
mine na wene 'eu e tu'

iii. a partícula locativa (ka/ku), quando seguida de um nome que não indica localidade/região.

(29) Ndriya ka marhungana. 'Vou ao alfaiate.'
Niya ka Tembe. 'Vou ao Sr./à casa do Tembe.'

iv. a demonstrativa le

(30) Ndriya le henhla. 'Vou là para cima.'

v. a instrumental, agentiva, causal e temporal hi/ha

(31) Pfala xipfalu hi mpfungulu! 'Fecha a porta à chave!'
Mamatana adiwile hi mbzana. 'A Mamatana foi mordida por um cão.'
Utafa hi bzala! 'Vais morrer por causa da bebida!'
Vayeni vafamba hi musumbuluku.
'Os hóspedes partem na segunda-feira.'

vi. as enfáticas xana, phela/phelasi

(32) Xana mandriyingela n'wine? 'Será que vocês me estão a ouvir?'
Bzixile phelasi! 'Olha que já amanheceu!'

Escrevem-se conjuntivamente:

i. as associativas ou relacionais

- antes dos pronomes absolutos abreviados

(33) Hitafamba navu kaManyisa. 'Iremos com eles a Manhiça.'

- com o verbo defectivo -va, que expressa o verbo *ser/estar*

(34) Namunhla ndrini male! 'Hoje tenho dinheiro!'

- com a partícula demonstrativa le

(35) Bazara i kule nile kaya. 'O mercado fica longe de casa.'

ii. as locativas ocorrendo com nomes indicando localidades.

(36) Ndriya kaTembe. 'Vou à kaTembe.'

iii. demonstrativa le, quando co-ocorre com o verbo defectivo -va e com o sentido de ***estar***, como em:

(37) Mamana ale kaya. 'A mamã está lá em casa.'

iv. a modal hi/ha, quando co-ocorre com o radical adverbial vomu/ maxivomu

(38) Undrikandretelile himaxivomu! 'Pisaste-me de propósito!'

v. as demonstrativas contraídas com as marcas de concordância adjectival

(39) Lavatrongo vafanela kuchava lavakulu.
'Os mais novos devem respeitar os mais velhos.'

vi. as demonstrativas contraídas com as partículas possessivas

(40) axipachi lexa ntima 'a carteira preta' (vs. lexi xa ntima)

vii. a de frequência ka

(41) kan'we, kabidri, karharhu 'uma vez, duas vezes, três vezes'

Uso de maiúsculas

As maiúsculas devem ser usadas nos seguintes casos:

a) início de antropónimos, topónimos e nomes de instituições;
b) títulos honoríficos;
c) nomes dos meses do ano;
d) início de parágrafos e a seguir a um ponto.

Uso do Hífen

O hífen deve ser usado:

- na separação de um prefixo seguido de nome próprio;

(42) N'wa-Tembe 'O filho do senhor Tembe.'

Contudo, não se deve usar o hífen na personificação, nem com nomes comuns.

(43) N'wampfundla 'O senhor Coelho'
n'wamakhala 'O vendedor de carvão'

- a seguir a **m** indicativo de vogal nasal no interior da palavra;

(44) im-him 'não'

- na indicação de repetição pausada de ideofones;

(45) nthom-nthom-nthom (ideofone = 'gotejar')

- na ligação de partículas enfáticas, conservando-se o acento da unidade com que ocorrem.

(46) Famba-ka!/Famba-man! 'Então, vai!'

Uso do Apóstrofo

O apóstrofo será usado nos seguintes casos:

- a seguir a **n** para representar a nasal velar [ŋ]

(47) n'anga 'curandeiro'

- antes de **b** e **d**, para representar as implosivas [ɓ] e [ɗ], respectivamente

(48) b'anga 'adega'
d'in'wa 'laranja'

Sinais de Pontuação

Devem usar-se os sinais de pontuação existentes na língua portuguesa para indicar situações idênticas respeitando, contudo, as particularidades da língua, sobretudo as decorrentes das tentativas de se ser o mais fiel possível à linguagem oral (como o caso do uso do ponto de exclamação para indicar os ideofones ou partículas interjectivas). Assim, de uma forma geral, recomenda-se o uso da seguinte pontuação:

a) *Ponto final* (.): para marcar o fim de frase;

b) *Ponto de interrogação* (?): para assinalar a pergunta (ou dúvida), mesmo que a frase contenha outros recursos;

c) *Ponto de exclamação* (!): para exprimir admiração, ou outra emoção mais forte;

d) *Reticências* (...): para marcar a interrupção de uma frase;

e) *Vírgula* (,): para indicar uma pequena pausa;

f) *Ponto e vírgula* (;): para indicar uma pausa mais prolongada ou para marcar diferentes aspectos da mesma ideia;

g) *Dois pontos* (:): para anunciar o discurso directo ou para introduzir uma explicação;

h) *Aspas* («») ou as vírgulas altas (''): para indicar a reprodução exacta de um texto ou para realçar uma palavra ou expressão por motivos de ordem subjectiva;

i) *Parênteses* [( )]: para intercalar, num texto, a expressão de uma ideia acessória.

j) *Travessão* (-): para indicar, nos diálogos, cada um dos interlocutores ou para isolar num contexto, palavras ou frases (neste caso, é utilizado antes e depois da palavra ou frase isolada);

k) *Colchetes (*[ ]): para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

l) *Travessão* (-): tal como os colchetes: para indicar um texto destacado, por exemplo, traduções bíblicas com escritos que não aparecem em alguns manuscritos antigos.

Separação das sílabas no fim de linha

- As sílabas no fim de linha devem ser separadas obedecendo à sequência CV, como se pode ver em:

(49) asvifeni (a.svi.fe.ni) 'parabéns'
xipfalu (xi.pfa.lu) 'porta'

xitrama (xi.tra.ma) 'milho'
zivuku (zi.ku.ku) 'baía/ponte cais'

Como se vê, cada uma das palavras em (49) tem duas ou mais sílabas, sendo que cada sílaba termina semple em vogal.

Os exemplos acima mostram que, na divisão silábica, a vogal longa não deve ser divida ao meio, pois ela consititui núcleo de uma única sílaba.

Ideofones

Ocorrem e representam-se da mesma forma como são produzidos.

Podem ocorrer tanto no meio como no fim das frases. Quando aparecem no fim têm maior valor expressivo. Normalmente violam as regras fonológicas e podem não obedecer às regras gramaticais.

TEXTO EXEMPLIFICATIVO

Lisimu dra Xikole

1. Van'we vafuya mbuti kumbe homu

   Mi andrisvirhandri, ndrijula mabuku

   Mabuku ya kuxonga, ya ntima, ya ntlhohe

   Ahe! Mabuku ntsena i vukosi bzanga

   Lala-lala, lala-lala, i vukosi bzanga! - bis

2. Hamajula mabuku ya Xintima xerhu

   Kambe ni ya Xilungu mahipfuna ngopfu

   Mafanaka ni nhlovo ntrhutin' wa tinsenge

   Lani vakaka kone mati ya vutomi.

   Lala-lala, lala-lala, mati ya vutomi! - bis

(Cântico escolar usado nos anos 20 nas escolas da Missão Suiça, recolhido junto de Terrina Sibia — Adaptação)

Traduçãodo texto exemplificativo:

Canção da Escola

1. Uns criam cabrito ou boi

   Eu não gosto, quero livros

   Livros bonitos, pretos, brancos

   Ahe! Livros, somente, os livros são a minha fortuna

   Lala-lala, lala-lala, são a minha fortuna. - bis

2. Queremos os livros da nossa tradição

   Mas os de Português também nos ajudam muito

   São como um poço à sombra de bananeiras

   No lugar onde se busca a água da vida.

   Lala-lala, lala-lala, água da vida! - bis

BIBLIOGRAFIA

Baumbach, E. J. M. & Marivate. 1973. *Swihitani swa Xironga. Xironga Folktales*. Pretoria: University of South Africa.

Benoit, W. 1907. *Gramática Portuguesa em Língua Ronga. Bukhaleni Portuguesa/Ronga e Diccionário Português-Ronga e Ronga-Português (dialecto falado pelos indígenas de Lourenço Marques*). Lausanne: Imprimerie Georges Bridel et Cie.

Berthoud, P. 1920. *Elements de Grammaire Ronga*. Lausanne: Imprimeries Reunies. S.A.

Dyken, J. & Lojenga, C. 1993. Word Boundaries: Key Factors in Ortography Development. In Hartell, Rhonda L. (ed). *Alphabets in Africa*. Dakar: Unesco. Dakar Regional Office & SIL.

Farinha, Pe. A. L. 1946. *Elementos de Gramática Landina* (*Shironga*). Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.

Junod, H.A. 1896. *Grammaire Ronga*. Lausanne: Imprimiere Georges Bridel et Cie.

Lojenga, C. K. 1993. The Writing and Reading of Tone in Bantu Languages. *Note on Literacy*, 1993.

Morgenthaler, E. (s/d). *Exercícios de Ronga*. Lourenço Marques: Igreja Presbiteriana de Moçambique.

NELIMO. 1989. *I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Nogueira, R. S. 1959. *Apontamentos de Sintaxe Ronga*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.

Quintão, J. L. 1917. *Gramática de Xironga* (*Landim*). Lisboa: Centro Tipográfico Colonial.

S/A.1975. *A Bíblia*. Londres: Casa da Bíblia, Lourenço Marques.

Sitoe, B. 1995. Matralela ya Tindrimi ta Xitsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. *Diccionário Changana-Português*. Maputo: INDE.

Sitoe, B. 1996. Xipfunu xa Vajondzi va Xichangana. (ms policopiado)

Sitoe, B. 1996. Resultados do Estudo de Introdução de Melhorias na Ortografia da Língua Tsonga. (ms policopiado)

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. NELIMO.* Faculdade de Letras. UEM.

Wilkes, A. 1985. *Words and Word Division: A Study of Some Ortographical Problems in Writing Systems of the Nguni and Sotho Languages*. Pretoria: University of Pretoria.

CAPÍTULO III: COMUNICAÇÕES

Introdução

O presente capítulo vai apresentar três secções que coincidem com três comunicações das cinco que constituiram o pano de fundo do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Trata-se, nomeadamente, da comunicação do Professor Kwesi K. Prah, Director do Centro de Estudos Avançados da Sociedade Africana, sediado na Cidade do Cabo, na África do Sul, Laurinda Moisés, Jorgete de Jesus e Elsa Cande, estudantes de Mestrado (primeira em educação e as últimas em Linguística) na Universidade EduardoMondlane, e de Armindo Ngunga, Director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, unidade responsável pela organização do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.

A apresentação do Professor Prah, que foi a Conferência inaugural do Seminário, faz uma abordagem da situação geral das políticas linguísticas em África e enfatiza o papel crucial que as línguas africanas podem desempenhar no processo do desenvolvimento dos países africanos. Depois de palmear de lés-a-lés o continente africano, o autor dá exemplos de como o CASAS, Centro de que é Director, tem estado a contribuir para o promoção e valorização das línguas africanas através de um projecto pan-africanista de harmonização da ortografia de línguas africanas. Através deste grande projecto que abrange todas as regiões africanas, o CASAS procura atacar e destruir o mito da diversidade linguística africana como um fenómeno caótico que só ajuda aos africanos a desentenderem-se uns com os outros. O Professor Prah sugere, nesta comunicação, que é possível destruir as fronteiras coloniais que constituem barreira que garante a incomunicabilidade entre os africanos através do processo de um *empoderamento* das línguas que os habitantes dos diferentes países partilham e tranformando-as em factores de luta pelo renascimento africano.

A segunda comunicação, apresentada por Laurinda Moisés, Elsa Cande e Jorgete Jesus, trata da situação linguística de Moçambique debatendo

vários aspectos tais como o estatuto das línguas moçambicanas, o número de línguas moçambicanas e o papel destas nas várias esferas da vida social com destaque para as áreas da educação, comunicação social, religião e política. Tal como Prah, estas autoras também defendem a necessidade de *empoderamento* linguístico africano como um elemento importante para que as línguas africanas possam cumprir o seu papel de factor de desenvolvimento enquanto instrumentos de acesso ao saber, à informação, ao exercício de cidadania através da participação democrática, até à palavra de Deus.

A terceira comunicação "Padronização da escrita de linguas Moçambicanas: desafios e pragmatismos" foi apresentado pelo Professor Ngunga.

Depois de uma parte importante de referência à história da escrita como um dos marcos mais notáveis da história da humanidade, que o autor apelida de mãe de todos os milagres que galvanizaram o desenvolvimento da humanidade, o terceiro artigo redesenha o percurso hitórico da escrita das línguas moçambicanas enfatizando dois sistemas de escrita, o árabe e o latino, que testemunham a penetração estrangeira no território moçambicano. A seguir, o artigo apresenta um breve historial dos dois seminários que criaram as condições para que se realizasse o terceiro, o impacto de cada um deles no processo de promoção e valorização das línguas moçambicanas, bem como na mudança da percepção sócio-política da situação e planificação linguística de Moçambique. No fim, o autor congratuala-se com os avanços conseguidos nos últimos vinte anos que foram marcados pela realização dos seminários sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas. Estes seminários também contribuiram para que a Linguística, de uma forma geral, e a Linguística bantu, em particular, não continuassem parentes órfãos ou ilustres desconhecidas no contexto das ciências sociais e humanos em Moçambique.

A quarta apresentação foi feita pelo Prof. Marcelino Liphola. Através do tema "A problemática do tom na escrita de linguas moçambicanas: o autor argumentou a favor do uso deste dispositivo na ortografia padronizada e apontou os desafios que tal implica tanto na formação do escrevente como na prática quotidiana, tendo sugerido que o tom devia

ser introduzido na escrita de forma gradual nas linguas em que ele é contrastivo.

Além destas quatro, uma quinta comunicação foi apresentada pela Professora Amélia Mingas, Presidente do Instituto Internacional da Língua Portuguesa que se debruçou sobre *A importância do Texto Escrito na Difusão de uma Língua.* Como se pode avaliar pelo título, esta comunicação constituiu um condimento importante para o alcance dos objectivos do Seminário tendo em conta o acalorado debates que provocou. Como autores do presente relatório queremos dizer que é com muita pena que não podemos partilhar com o leitor aquele importante documento. Todavia, sugerimos que se delicie com os materiais aqui disponíveis e que temos o grande prazer de lhe propor para leitura.

A Política de empoderamento linguístico em África
Uma visão do CASASA

Kwesi Kwaa Prah
CASAS
Cidade do Cabo

Conferência Principal apresentada no III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Língua Moçambicanas realizado na Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique, de 22 a 24 de Setembro de 2008.

Introdução

Qualquer um que esteja preparado para olhar atentamente para o problema organizacional de desenvolvimento ou subdesenvolvimento em África, não se enganará ao ver que não se trata apenas de um problema de tijolo e pilão, embora muitas vezes seja assim pintado. Muitos vêem o desenvolvimento como proliferação de arranha-céus, estradas e pontes. Ou, pior ainda, a disponibilidade de todos os tipos de produtos de consumo, quando mais modernos melhor, sem pensar como é que eles são produzidos e como é que nós também podemos produzí-los.

Aos olhos de muitos a domesticação das massas não instruídas de africanos parece muito simples por se pensar que elas não fazem ideia de como resolver o seu problema. Porquanto, foram sempre levados a acreditar nisso pelas elites instruídas que detêm o poder. Pelo que, embora de facto as massas falantes das línguas africanas tenham o instrumento-chave para o seu desenvolvimento, foram levadas a considerar a sua libertação do subdesenvolvimento como dependente do uso de línguas de outros povos; as línguas dos povos ocidentais, dos antigos colonizadores. Esta visão paralisa e continua a imobilizar a criatividade africana nesta matéria.

Até hoje, as elites decepcionistas são, geralmente, a primeira geração completamente urbana que foram enviados para a cidade pelos seus pais,

seus superiores clânicos, e enviadas para a escola para se equiparem a fim de conseguir a prosperidade dos seus semelhantes e sociedades. Quando voltam, se voltarem de corpo e alma, trazem como mensagem "tu não podes fazer nada de moderno com a tua cultura, abandona-a, torna-te ocidental, come o que os ocidentais comem e bebe o que eles bebem, adora o seu deus e, acima de tudo, fala a sua língua, se quiseres alguma salvação da tua miséria". É claro que nem todos os membros das elites africanas poderiam subscrever este posicionamento. Mas tal como se diz, as acções falam mais do que as palavras. O que reside no cerne deste fenómeno é que o que nós chamamos educação (ou, se quisermos, não-educação) tem uma forma de transferir a lealdade dos educados dos seus descendentes históricos e tradicionais para do(s) antigo(s) colonizador(es). De fato, para muitos de nós, até agora, quanto mais educados, maior a distância em que nos colocamos das nossas raízes.

Era suposto que a educação nos provesse de instrumentos para o nosso próprio desenvolvimento e das nossas sociedades; todavia, a experiência da África pós-colonial mostra que ela nos dá principalmente mais alguma possibilidade e habilidade para sermos competitivos no mercado de que, por sua vez, nos coloca entre parênteses sociais que nos permitem um conforto privilegiado e uma grande capacidade de consumo. Desenvolvimento no sentido social do nosso tempo tem continuado consistentemente a ser um problema difícil de apreender. Por muitos anos, muitos de nós nos temos dedicado aos problemas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, mas os resultados têm sido desencorajadores e dramaticamente negativos.

Letrados e Desenvolvimento

Para os vários níveis e tipos de *letrados*, a importância do problema apresenta-se de diferentes formas. A maioria descobre que há nisso muito mais do que aquilo que se vê com olhos. Mas os *letrados* são, em geral, insuportavelmente dependentes dos seus domínios escolásticos, e têm a tendência de ver a solução do problema somente a partir da posição estratégica e dos limites da sua área de conhecimento. Há alguns que

reconhecem, e muito bem, que o problema é demasiado grande para ser resolvido por uma única ciência. Mesmo muitos economistas, que são considerados elementos centrais nos estudos de desenvolvimento, não poderão reivindicar o monopólio de conhecimento profundo ou relevância central no problema. Mas os antropólogos e linguistas subestimam as capacidades que têm de lidar com o problema em discussão aqui. Como técnicos de línguas, os linguistas têm as habilidade para lidar como conhecimento sobre como o saber pode ser comunicado, mas muitos estão intoxicados pela sua agilidade técnica e não conseguem pôr em perspectiva a necessidade de resolver os problemas da sociedade com as capacidades que eles possuem. Para estes, as suas competências técnicas não passam muitas vezes de meios para se gabarem e alimentarem o seu narcisismo e debates sem fim.

Conceptualmente, os antropólogos deveriam perceber como as várias disciplinas se ligam para darem uma imagem global da diversidade do arsenal escolástico necessário para lidar com o problema de subdesenvolvimento. Mas muitos estão demasiado afiliados às suas sub-disciplinas para quererem avançar e reconhecer a essência do que se está a discutir.

Os antropólogos entendem que a cultura é o instrumento conceptual central no seu trabalho. Cultura inclui o produto total da ingenuidade e génio humano. Ela inclui tanto os aspectos materiais como os imateriais da fabricação humana, i.e., ela inclui os elementos tangíveis e intangíveis, ou seja, línguas, costumes, crenças, atitudes bem como todos os objectos físico feitos pelos seres humanos. Portanto, cultura compreende aspectos das áreas económica, social, política e outras da vida dos homens em sociedade e, por isso, por definição inclui áreas de competência das várias ciências humanas e sociais que penetram e se interpenetram na moldura conceptual de referência cultural.

A língua é o coração da cultura e, na verdade, é a língua que transporta a cultura. Com isto pretendo dizer que nenhum elemento de cultura é tão proeminente como a língua. É a linguagem que canaliza e orienta todo o conhecimento. Nenhuma comunidade, nenhuma associação, nenhuma cultura pode existir acima do nível mais simples e primitivo sem a lingua-

gem e todas as complexas opiniões e pré-opiniões expressas por palavras e sintaxe que a constituem. A linguagem não tem que ser verbal. Existe Morse, linguagem dos sinais, linguagem silenciosa de expressão facial e outros tipos que podem transmitir extraordinariamente estados complexos e subtis de sentimentos. Existem a música, a pintura, a escultura e a matemática. Todas estas formas de comunicação em que a linguagem verbal não nos pode levar muito longe para entendermos os seus significados. Todavia, em todas as grandes eras de desenvolvimento e florescimento cultural, a linguagem na sua forma verbal é crucial.[3]

Por causa do subdesenvolvimento das línguas africanas, os limites lexicais que temos são também as fronteiras da nossa total experiência expressível. Na África rural, onde vive a maioria dos africanos, estes limites são partilhados por quase todos. No mundo mais abrangente de hoje, as línguas africanas nas suas condições actuais são desgraçadamente tolhidos da sua capacidade de compreender e exprimir o que vem do mundo. Elas já não articulam ou já não são relevantes ao que Steiner descreveu como, "todos os principais modos de acção, pensamento maior e sensibilidade. Grandes áreas de significado e praxe agora pertencem a tais linguagens não verbais como a matemática, a lógica simbólica e fórmulas químicas ou relação electrónica. Outras áreas pertencem às sub-linguagens ou anti-linguagens da arte não-objectiva ou *música concreta*. O mundo das palavras contraiu-se. *Não se pode* falar de números transfinitos senão matematicamente"[4] As línguas ocidentais e outras desenvolvidas tais como o Russo, Japonês, Mandarin e Hindi, Urdu ou Árabe até certo ponto, já acertaram o passo em relação a línguas ocidentais neste aspecto.

Algures[5] chamei atenção ao facto de, "Há alguns anos, no seu *'Em casa com o Selvagem'* (1932), o antropólogo britânico J.H. Driberg ter escrito que: 'nós na nossa civilização encontramos algumas 800 palavras para satisfazer as nossas necessidades diárias. Somente porque todas as nossas ciências e artes estão nas mãos de especialistas que usa na sua própria

[3] Robert Nisbet. The Nemesis of Authority. *Encounter*. Vol. xxxix. No.2. August 1972. P.12

[4] George Steiner. Language and Silence. Chapter "The Retreat from the Word." Quoted here from, Robert Nisbet. Ibid. P.13.

[5] K.K. Prah. African Languages for the Mass Education of Africans. CASAS Book Series No. 7. Cape Town. 2000. P.32.

gíria, às vezes incompreensível para eles mesmos. Numa estimativa muito ao alto, descobre-se que o selvagem precisa de cerca de 2000 palavras para se expressar, para todos os ramos de ciência, para toda a comunidade e sua cultura.' Steiner referia-se ao facto de o mundo das palavras ter encolhido no seu todo, especialmente naquelas culturas em que meios alternativos de linguagem não-verbal como a matemática, a lógica simbólica, a inteligência artificial, ciência de computação assumiram o comando e estão a expandir como alternativa de instrumentos meditacionais entre os humanos e entre os humanos e a realidade.[6] Ele indica que, excluindo as listas de classificação taxonómica da fauna e flora, estimativas sugerem que a língua inglesa tem hoje cerca de 600 000 palavras comparadas com as cerca de 150 000 do Inglês da Rainha Isabel II da Inglaterra. E ele rapidamente aponta o facto de estes números, se considerados ao pé da letra, serem decepcionantes uma vez que o vocabulário de Shakespeare ultrapassava o de qualquer autor moderno. A Bíblia do Rei Jaime compreende o uso de apenas 6 000 palavras. Assim, o ponto importante a reter é o de que o que interessa 'não é o número de palavras potencialmente disponíveis, mas o grau em que os recursos linguísticos estão a ser usados efectivamente'. Possivelmente 50 porcento de discurso coloquial moderno nos Estados Unidos por volta da segunda década do século XX compreendia somente 34 palavras básicas.[7]

O processo de produção e reprodução de conhecimento reside na linguagem e é esta que nos ajuda tanto na definição como na mudança da realidade. A centralidade da linguagem relaciona-se também directamente com o desenvolvimento. Todo o desenvolvimento é registado e encriptado na linguagem. A sofisticação, a diferenciação e o tamanho numérico dos léxicos em qualquer língua tem a ver com o avanço da sociedade que usa essa língua particular. Por isso, não se pode conceber um nome de um numa língua de povos pré-industriais. Por outras palavras, o processo de desenvolvimento é continuamente na língua do povo ou da sociedade que se desenvolve. Dialecticamente, está-se a dizer que quando uma língua deixa de crescer em tamanho, léxico e complexidade quer dizer que a língua está a começar a enfrentar a problemática de perdição.

[6] George Steiner. Language and Silence. Harmondsworth. 1969. P.5.

[7] K.K. Prah. African Languages for the Mass Education of Africans. Pp. 32 – 33.

Uma língua que estagna é uma língua em vias de extinção. Infelizmente, grande número das nossas línguas, as línguas africanas, está nesta situação entre distinção e extinção.

Tal como todas as dimensões de cultura, a língua é dinâmica. Ela é, na minha opinião, a face mais expressiva da cultura, e quando ela está na sua fase mais absorvente, ela está também mais vibrante e viva. Quando na linguagem popular as pessoas dizem "ele está a falar fundo Zulu, ou fundo Nyanja, ou fundo qualquer língua", elas estão invariavelmente a dizer que a pessoa está a falar de forma ultrapassada, original, uma representação fossilizada da língua tal como se encontra nas zonas rurais, pré-industriais e sub-desenvolvidas, zonas recônditas da sociedade. Para muitos em África, profundeza, profundidade, e beleza estão associadas com língua arcaica. Muitos de nós entendemos o conceito de cultura virtualmente da mesma maneira. Nós entendemos cultura como significando, danças, costumes, usos e práticas que se encontram fora do tempo e pertencem mais a museus do que ao mundo contemporâneo. Esta forma corrompida de entender cultura é a base em que se funda a ideia de que as culturas africanas são hábitos que pertencem a eras ultrapassadas; que elas servem pouco para o mundo contemporâneo e deveria ser depositada no caixote de lixo da história. A lógica que depois segue é de que nós devemos abandonar as nossas culturas e imitar os ocidentais; quanto mais você imitar, melhor. Esta tem sido a mensagem das elites. A ideia de que para nós nos desenvolvermos e construirmos o nosso próprio progresso, devemos construir o nosso desenvolvimento nas nossas próprias culturas e línguas, já não existe em muitos de nós. As elites que nos deveriam tirar da escuridão, de facto, são as que tudo fazem para nos manterem na escuridão e no atraso.

Há quase duas décadas, chegámos à conclusão de que, principalmente a partir de perspectivas antropológica e sociológica, dada a centralidade da linguagem nos esforços de desenvolvimento como um traço proeminente da cultura em que a construção do desenvolvimento de um povo se deveria basear, seria possível que os africanos fossem capazes de avançar para posicionar e desenvolver as nossas línguas de maneira que fossem usadas para um propósito. A questão a seguir foi de que se nós

quisermos usar as nossas línguas para o desenvolvimento, será necessária alguma preparação do terreno para que possam ultrapassar as condições históricas e circunstanciais que impedem o seu uso efectivo. O maior destes constrangimentos que as línguas africanas enfrentam, foi identificado como sendo um caos dos chamados números de línguas, a confusão de dialectos com línguas, a natureza idiossincrática do uso das ortografias, o atraso geral e estagnação destas línguas e a filosofia doentia em torno destas questões. É por causa destas razões que o CASAS (Centro de Estudos Avançados da Sociedade Africana) embarcou no Projecto de Harmonização de Línguas Africanas.

O Projecto do CASAS

Da forma como estão as coisas agora, os dados do CASAS podem representar o seguinte: Dos 15 - 17 principais grupos que, no entendimento do CASAS são faladas como língua primeira de 85% de africanos, CASAS já harmonizou Sotho/Tswana (siLozi, seTswana, siPedi, seSotho), Nguni (siSwati, isiZulu, isiXhosa, siNdebele), Runyakitara (Runyoro-Rutoro, Runyankore-Rukiga e outras variantes que incluem Ruhaya, Runyambo e Rukerewe (Norte da Tanzania) e Ruhema e Ruhuma (República Democrática do Congo), Língua Bantu da Região Intelacustre Oriental (Luganda, Lusoga, Lumasaaba, Lusaamya, Lunyole and Lulamogi) e Mandeng (Bambara, Dyula, Kassonke, Bamanan, Mandinka, Maninka). Estas são todas faladas como língua primeira, segunda ou terceira por cerca de 50 000 000 de pessoas, em cada caso. O grupo Luo (Acholi, Dholuo, Dhopadhola, Alur, Lang'o) também está harmonizado. Com pouca ingenuidade, fomos capazes de atingir a cobertura de soluções ortográficas até a Shilluk, Anyuak, Jur and Lafon. KiSwahili não precisa de harmonização. Estas são as que chamamos demograficamente "línguas da primeira ordem."

Também harmonizámos pequenos grupos (línguas da segunda ordem) tais como o grupo Madi/Moru (Madi, Lugbara, Olubo, Avukaya, Moru, Kaliko, Logo). O Dinka/Nuer está harmonizado. O grupo Bari foi trabalhado incluindo o Bari, Nyangbara, Fajelu, Kakwa, Kuku e Mondari. Além disso, a harmonização incluiu o Gur (Gurene, Kabyè, Koulango, Lokpa, Moore,

nCam, Sénoufo e Tem), Akan (Fanti, Ashanti, Akim, Akuapim, Kwawu, Brong, Baule, Agni), Gbe (Ajá, Ewe, Fon, Gain, Phelé), Venda, Shangaan (xiTsonga/xiChangana), o Shona e as formas com ele relacionadas (*Shona ocidental*: Lilima/Kalanga, Nambya; *Shona oriental:* Utee, Hwesa, Barwe, Manyika, Ndau, Nyai; *Shona central:* Karanga, Korekore, Zezuru), as Bantu de Namíbia, o Khoekhoe ocidental e as línguas san, o grupo Ateso/Karimojong. As línguas da África Austral e Central, incluindo as línguas transfronteiriças de Malawi, Moçambique e Zâmbia foram em parte harmonizadas. Estas incluem línguas tais como ciNyanja/ciCewa, ciNsenga/ciNgoni, eLomwe, eMakhuwa, ciYao, ciTumbuka/ciSenga, iciBemba, kiKaonde, ciLunda, Luvale, e dialectos relacionados. Elas têm agora o mesmo sistema de escrita, e não mais os três ou mais sistemas de escrita para as mesmas línguas. A intenção é, ainda este ano (2008), avançar do Sul para Este da República Democrática do Congo.

Mais recentemente, CASAS quase que concluiu a harmonização das línguas da Namíbia e as línguas transfronteiriças (Angola, Zâmbia, Botswana e África do Sul). Dois grupos de línguas foram harmonizados, nomeadamente, as línguas bantu, as línguas khoikhoi e san. As línguas bantu incluem Oshiwambo, Rukwangali, Rumanyo, Thimbukushu, Oshiherero, Diriku, Few, Kwambi, Kwanyama, Lozi, Mashi, Mbalanhu, Ndonga, Subiya, Totela, Tswana e Yeyi. As línguas khoikhoi e san incluem Khoikhoigowab, Khwedam, Ju!'hoansi, Damara. Este trabalho tem sido feito através de uma rede continental de linguistas africanos falantes nativos destas línguas, professores e assistentes universitários incluindo alguns de vocês.

Mais ainda, CASAS está actualmente envolvido em vários níveis de produção de material de todos os níveis do ensino primário em Uganda, Zâmbia e Zimbabwe. Para estes três países, o trabalho ou está completo ou está quase completo. O que é de destacar é que os governos em todos os países estão a entrar em acordos com o CASAS para a produção de livros para todos os níveis do ensino primário. Isto augura bem a introdução de materiais de ensino e de leitura baseados nestas novas ortografias.

Assim, de início insignificante, este projecto tem estado a crescer e atingido uma maturação considerável que o torna credível em toda a África graças aos esforços dos linguistas e antropólogos de todos os cantos do continente, mas principalmente da África Austral, que operam de forma combinada em rede de especialistas e técnicos dedicados ao desenvolvimento das línguas africanas para a ciência, educação e desenvolvimento. Muitos dos que estão aqui, e outros que não estão aqui, têm desempenhado um papel crucial no desenvolvimento do trabalho do CASAS. Neste trabalho, um dos traços marcantes é a natureza de política como um traço do trabalho e as diferentes dimensões em que a política linguística se intromete no trabalho.

A Política da Reforma Linguística

Os governos africanos ficaram conhecidos pela sua inércia em relação à sua incapacidade de implementar políticas linguísticas para educação. Constantemente, eles dizem que estão a favor das línguas nacionais, mas na prática fazem muito pouco para o desenvolvimento destas línguas. Sempre se diz que eles não têm vontade política para fazer isto, mas o ponto a que se pode chegar é que mesmo forçadas, as elites africanas não vêem como algo do seu interesse o desenvolvimento das suas línguas nacionais/africanas. Por isso, se se deixar apenas com eles, o desenvolvimento destas línguas nunca vai acontecer.

Para começar, está o problema omnipresente da coexistência inconfortável das línguas coloniais com as línguas africanas. As elites africanas devem culturalmente o seu poder ao facto de falarem as línguas coloniais. Recompensas sociais e mobilidade social vertical são, em grande medida, conseguidos na África neo-colonial (tal como aconteceu na África colonial) através da língua colonial. Mesmo nos nossos parlamentos, onde se tomam as decisões que afectam as vidas, invariavelmente insistimos que a língua de interacção parlamentar tem de ser a língua colonial. Assim, nós excluímos a grande maioria das nossas populações da possibilidade de um dia serem membros dos nossos parlamentos até mesmo de entender o que acontece no dia-a-dia do parlamento quando ele se reúne. Às

vezes dizemos que se colocarão recursos para que querendo, qualquer parlamentar possa beneficiar de tradução da língua africana e para a língua colonial e vice-versa. Mas geralmente tais provisões não passam de palavras escritas em alguns documentos internos. A nossa provisão não passa de teórica.

Há alguns anos, o Sr Duma Nkosi, membro do Parlamento da África do Sul, numa conversa, disse-me que na sua estimativa, há muitos membros do Parlamento Sul africano que não podem apresentar correcta e coerentemente os seus pontos de vista por causa do seu comando inadequado ou pobre domínio da língua inglesa. Esta é capaz de ser a realidade na maioria dos parlamentos africanos onde se usam as línguas coloniais.

Hoje, alguns políticos africanos continuam a dirigir-se na língua colonial às comunidades falantes de línguas africanas. Até há alguns deles que entendem as línguas africanas usadas nos seus círculos eleitorais, mas preferem dirigir-se nas línguas coloniais aos pobres aldeões que pouco ou nada entendem esta língua. Eu tenho visto este fenómeno em toda a África. É provável que eles estejam a querer impressionar os aldeões com o seu domínio da língua colonial. Existe o caso lendário do Presidente Banda de Malawi que se sabe falava perfeitamente CiNyanja/CiCewa, mas orientava os seus comícios em Inglês com um desgraçado intérprete ao seu lado. Quando o intérprete se enganasse, ele intervinha imediatamente para corrigir. Assim em sociedades onde se dá tanto prémio à língua colonial, onde a língua colonial é a língua do poder, só falar da possibilidade do desenvolvimento das línguas locais parece sempre ser um exercício fútil.

Na África de língua oficial portuguesa, o desprezo das línguas africanas durante o colonialismo e a sua virtual exclusão do processo de educação foi notável. Um colega moçambicano disse-me que durante o tempo colonial, alguns portugueses descreviam desprezivelmente as línguas africanas como "línguas de macacos."

A nossa admiração aos falantes das línguas coloniais atinge proporções absurdas quando nós admiramos, por exemplo, os africanos que falam o

Inglês com sotaque britânico. O poder social e a influência vêm com isto. A estupidez disto ainda não se perdeu em muitos de nós. Em Gana, nos anos de Rawlings, o hábito do Chefe de Estado, Tenente-Aviador Jerry Rawlings que nunca viveu nenhum período longo na Europa, falar Inglês com sotaque do médio-Atlântico provocou comentários ridículos e gozos no povo. O povo chamava este sotaque SEAL (sotaque estrangeiro adquirido localmente).

Como resultado da sabedoria da relevância das línguas africanas na educação, em particular, a mensagem universalmente aceite de que, para fins de educação, é melhor começar com a tua língua materna espalha-se e a maioria dos governos está a alinhar-se com esta avisada sabedoria das Nações Unidas. Pelo que, muitos têm aceite esta sabedoria em teoria nas plataformas internacionais, mas na prática as autoridades governamentais fazem muito pouco. Por vezes, as mesmas autoridades concordam em reuniões internacionais, com a necessidade de incluir o ensino das línguas africanas, à frente do processo de educação, mas depois continuam imediatamente a fazer o contrário. Assim, cria-se uma situação esquizofrénica em que só se fala do desenvolvimento das línguas africanas, mas a prática caminha na direcção oposta. Uma implicação disto é que, na verdade, as elites africanas estão mais comprometidas com e amarradas às culturas e aos interesses dos patrões do que às suas próprias culturas. Pelo que, esta questão de política linguística não passa de uma manifestação sintomática de neo-colonialismo ao nível cultural.

As Fronteiras Coloniais e Línguas

O facto de as fronteiras coloniais, para cerca de 90% de línguas africanas, dividirem falantes destas línguas em diferentes territórios e, por conseguinte, imporem diferentes identidades estatais a um povo que desde os tempos imemoriais sempre foram etno-culturalmente o mesmo, é um dos problemas mais embaraçosos da África, particularmente na era pós-colonial. Com estas diferentes identidades e estruturas governamentais vêm muitas vezes diferentes e divergentes ortografias. Estas ortografias mostram pouca consideração com as línguas como tais, as formas de

cognatas da fala relacionadas com estas línguas dentro e fora ao longo dos dois lados das fronteiras. Para, ostensivamente, aprofundar a identidade malawiana, Kamuzu Banda separou CiCewa das outras variantes de Cinyaja. Assim, onde os missionários não inventaram a sua própria ortografia especial, governos africanos rivais também favoreceram distinções em apoio às chamadas identidades nacionais''.

Os missionários europeus que são conhecidos como aqueles que reduziram as línguas africanas à escrita, importaram convenções, símbolos e representações que eram fiéis às suas línguas. Os africanos com inclinação francesa escrevem *Ouagadougou* (capital de Burkina Faso) que para os falantes de inglês é *Wagadugu*. Os portugueses preferem *X* no lugar em que outros escreveriam *Sh*. Escritas disjuntiva ou conjuntiva também seguem as inclinações das línguas coloniais e acompanhados dos símbolos do alfabeto fonético internacional; isto além da floresta de diacríticos que dificultam a fluidez da leitura. A escrita das línguas africanas é feita como se destinasse a estrangeiros. Ao invés de facilitar a escrita e a leitura das nossas línguas, nós adoptamos intencionalmente forma de escritas das nossas línguas que dificultam a aprendizagem de leitura pelas nossas crianças enterrando a língua escrita por baixo dos diacríticos. Muitas vezes, isto acontece mesmo nos casos em que o falante nativo pode muito facilmente discernir o sentido sem precisar de recorrer aos diacríticos. Estas atitudes, e mais, influenciam alguns linguistas que gastam tempo muito caro a escrever dicionários bilingues cujos alvos são, implícita ou explicitamente, europeus que querem aprender línguas africanas, ao invés de ajudar os africanos com dicionários monolingues. Se como falante de Akan, eu quiser consultar uma palavra em Akan, obviamente que eu preciso de um dicionário monolingue de Akan. Eu não uso dicionário bilingue se eu for falante nativo da língua.

Recentemente, um grupo chamado Projecto Kamusi foi criado com a intenção de usar o Inglês ou o Francês como índice comum através do qual as línguas africanas são traduzidas. O Inglês e o Francês são usados como línguas de referência par através do computador gerar ligações 'confusas' entre as línguas que nunca foram previamente ligadas e depois se faz mais trabalho que requer paciência para empurrar para a frente. A

pessoa-chave por detrás deste projecto, Martin Benjamin escreveu que "Eu poderia imaginar alguém a trabalhar num dicionário da língua Kuyu ou Chagga, que estão indexados ao Swahili, por exemplo, com as ligações para o Inglês sendo as que começam aquelas geradas pela máquina. Mas até que tenhamos alguém que possa trabalhar especificamente na ligação Wolof e Zulu, a via mais curta entre os dois podia começar com Wolof-Francês-Inglês-Zulu. Eu vejo isto com uma coisa boa, pois permite ligações entre línguas que nunca foram ligadas antes, e todas as línguas coloniais desaparecerão da imagem."[8] O problema é que ao localizar Inglês ou Francês no centro do processo, está-se em primeiro lugar a *empoderar* estas línguas coloniais vis-à-vis as línguas africanas. Os benefícios parecerão favorecer os usuários das línguas africanas, mas na realidade são os falantes de Inglês e Francês que beneficiam. Seria um serviço imenso a favor das autoridades francesa ou inglesas querendo entender o que se passa no mundo africano.

Em nome de ajuda e caridade cristã, a Sociedade Internacional de Linguística (SIL) continua o infeliz hábito dos missionários "descobrir" línguas em África para tradução da bíblia. Nesta cruzada, eles continuam a elevar o estatuto de variantes dialectais de únicas línguas que são depois dotadas de ortografias idiossincráticas. Pelo que, à medida que trabalhamos em direcção à harmonização de línguas africanas baseada em sistemas de escrita comuns, neste mesmo mundo, hoje há outros fazendo o contrário e continuando a fragmentar as línguas e identidades africanas. Eu tive ocasião de questionar esta tendência no passado. A reacção que eu encontro é de simpatia e compreensão, mas a estória simplesmente continua como se as nossas objecções fossem simplesmente água em cima do pato. Há alguns de nós que sobretudo por causa de atracção de recursos de vários tipos que vai com estas actividades, estão contra o nosso melhor julgamento.

Um ponto particularmente doloroso de disputa e conflito incessantemente repetitiva nos estados africanos é o sentimento ou percepção - invariavelmente sem bases – de que uma língua ou um conjunto de línguas se sobrepõem a outras ou retira às outras espaço existencial (Há

[8] Martin Benjamin. E-mail received, PALDO Working Document. 19 May 2007.

casos em que a percepção pode não ser desprovida de bases. Por exemplo, os falantes de Tswana de Botswana que são 80% da população, ao longo de muitos anos tem tentado, através de políticas erradas, eliminar o desenvolvimento e coexistência harmoniosa com línguas minoritárias no país). Isto acontece, de facto, sempre e pode ser objecto de conflito político e étnico. E explica-se como uma tentativa de um grupo invadir o espaço sócio-cultural do estado. Em conversa com Mubanga Kashoki, nos princípios do presente ano (2008), ele explicou-me como ao longo de muitos anos algumas pessoas na Zâmbia, contra todas as evidências, tentaram falsamente acusá-lo de querer transformar Bemba como língua que deveria dominar as outras línguas. Em Gana, Akans que tenham alguma consciência sobre a variante Gbe chamada Ewe, ironicamente chamam Ewe "Canal 9" (i.e. a língua que ninguém entende). No nosso trabalho recente relacionado com Shona, os falantes das variantes de Kalanga no Zimbabwe que são de facto um grupo Shona, preferem associar-se ao Ndebele ao Shona. Contra todas as razões, dizem não quererem associar-se a nenhum grupo com designação de Shona. Isto acontece apesar de os falantes de Kalanga no outro lado da fronteira com o Botswana, não mostrarem nenhum problema em aceitar que sejam membros do grupo Shona. Como compromisso, foi sugerido que se deveria chamar "grupo Shona-Nyai", tal foi sugerido para se abafar o problema. Eu sugiro que mesmo para acabar definitivamente com o problema, que o grupo se chame Nyai-Shona. A minha proposta fundamenta-se no facto de que historicamente, os Shonas centrais assumem-se como tendo derivado culturalmente de Nyai.

Num outro trabalho feito no sul do Sudão, até agora sem nenhuma dificuldade, o termo *Ti Alu* foi adoptado pelo grupo constituido por Ma'di, Lugbara, Olu'bo, Avukaya, Kaliko, Logo e Moru geralmente referido como Ma'di-Moru. Uma sugestão, contudo, foi avançada Segundo a qual o grupo de língua deveria ser conhecido com *Ama Ti Alu* (Nós falamos uma língua. falamos/Temos uma língua), abreviadamente *Ti Alu* (Uma Língua).

Esta abertura que vimos com o grupo Lugbari (*Ama Ti Alu*) também se repete no que agora conhecemos como grupo Gbe. Sob liderança de Hounkpati Capo, as seguintes línguas foram harmonizadas e recebem o

nome de línguas Gbe: Aja, Gun, Mina, Fon, Ewe na Nigéria, Benin, Togo e Ghana. Para estas línguas, a palavra "Gbe" significa *língua*. A aceitação desta nomenclatura para estas línguas, está quase no lugar porque este nome já está a fazer quase dez anos e não parece haver nenhum tipo de problema relacionado com ele. O mesmo provavelmente se pode dizer também em relação ao grupo Akan. O termo Akan foi mais ou menos aceite como nome do grupo que compreende Nzema, Baule, Agni, Brong, Akyem, Fanti, Akuapem e Asante. Estas línguas foram hamonizadas, mas na prática os escritores insistem em usar as velhas ortografia separadas dos missionários.

No Gana, onde vive cerca de metade dos falantes de Akan e constituem cerca de 45% da população (a outra metade está na Costa do Marfim), no regime de Nkrumah, o *Bureau de Línguas Ganenses*, finalmente produziu uma ortografia harmonizada de Akan, trabalho que tinha iniciado nos princípios de1952.[9] Quase logo depois de o exercício se ter completado, este trabalho foi deixado na prateleira. Os escritores voltaram às velhas ortografias separadas dos missionários. Basicamente, através do trabalho do CASAS, nos anos recentes tem-se verificado, em alguns círculos, tentativas de recuperação da ortografia dos tempos de Nkruma. CASAS facilitou a expansão da ortografia harmonizada que incluiu as variantes de Akan da Costa do Marfim, mas até agora pouco uso se tem feito do resultado deste trabalho.

Nós encontrámos problemas com Luganda/Lusoga em Uganda. Há alguns anos, sob os auspícios do Centro de Investigação do Desenvolvimento Internacional (International Development Research Centre - IDRC - Canada), CASAS realizou a preparação de algum material digital/informação tecnológica para este par de formas de língua altamente cognatos. Durante a visita a Uganda, num pátio de uma aldeia, o material digital que tinha sido preparado com base na união das duas variantes foi exposto aos falantes de Luganda e Lusoga. Pediu-se primeiro a uma falante de Lusoga para ler o que ela estáva a ver na televisão e depois se fez o mesmo

[9] See, D.E.K. Krampah and J. Gyekye-Aboagye. The Akan Experience at Harmonization and Standardization. In, K. K. Prah (ed) Between Distinction and Extinction. Witwatersrand University Press. 1998. Pp. 75-90.

em relação a uma falante de Luganda. As duas leram o mesmo texto sem nenhuma dificuldade com o mesmo significado e mesmo assim insistiam que deveria ter duas formas separadas de escritas das duas línguas.

A cultura de identidades separadas através de uso de variantes dialectais elevadas ao estatuto de uma única língua pode ser benéfica para os administradores e políticos que ganham nestas circunstâncias. Mas eles disponibilizam poucos recursos e incitam os grupos de pessoas uns contra outros. Abordagens de planificação linguística que encorajam tais tendências têm de ser vigorosamente desencorajadas porque, no processo, eles conseguem atingir objectivos contrários aos inicialmente definidos, que são a sobrevivência e o desenvolvimento das línguas africanas. Quando as línguas são irracionalmente fragmentadas, é difícil sustentá-las economicamente. Se nós não pudermos sustentá-las economicamente, no fim, criamos condições para a sua morte e sua extinção.

À guisa de conclusão

A mensagem é clara. Se nós queremos avançar com a ciência, com a tecnologia e com a emancipação dos povos africanos, então só podemos fazer isso com base nas nossas culturas e línguas Nós fomos deixados atrás. Em todo o mundo, os africanos são os menos desenvolvidos. Não há mais tempo a perder. Quando mais cedo embarcarmos no novo caminho com toda a seriedade e sinceridade, melhor será para o nosso futuro. O requisito básico, se quisermos desenvolver as nossas línguas, é a harmonização dos sistemas de escrita além fronteiras. Isto requer que nós cooperemos uns com os outros além fronteiras e cheguemos a entendimentos que são válidos e aceitáveis para todos nós.

É interessante observar que, de facto, isto significa que sentimentos e práticas pan-africanistas são cruciais. Obviamente, cooperação linguística além fronteiras seria também uma forma de abrir caminho para um maior relacionamento de povo-para-povo em regiões mais amplas. Os benefícios seriam imensos e o futuro das novas gerações seria melhor do que qualquer coisa a que tenhamos visto até agora.

Geografia Linguística de Moçambique

Laurinda Moisés, Faculdade de Educação
Elsa Cande, Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Jorgete de Jesus, Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

Este artigo aborda alguns aspectos relacionados com a distribuição geográfica das línguas moçambicanas, bem como apresenta uma breve descrição do uso das mesmas nos diferentes contextos como no dia-a-dia, na educação, na comunicação social, na esfera política, religião, etc. Numa abordagem simples, o trabalho apresenta as diferenças que se observam nas atitudes dos falantes perante o uso destas línguas hoje relativamente a um passado mais ou menos recente, e baseia-se mais na revisão dos trabalhos anteriores sobre esta matéria.

Introdução

A diversidade linguística é uma das principais características de Moçambique, tal como muitos outros países africanos. Embora muitos estudos tenham sido feitos na tentativa de identificar, situar e classificar as línguas faladas em Moçambique, este trabalho continua a merecer muita atenção na medida em que continuamos a notar diferenças nos resultados obtidos em tais estudos.

A questão da distribuição geográfica das línguas moçambicanas, vem suscitando muito debate desde os primeiros anos da independência.

Muitos estudiosos abordaram esta questão sob diversas perspectivas, o que leva também a resultados diferenciados.

No presente trabalho, pretendemos apresentar um resumo, partindo de alguns destes trabalhos, de forma que, no fim tenhamos uma noção geral do que podemos considerar a real situação linguística de Moçambique. Pretendemos também apresentar o que encontramos sobre o percurso do uso destas línguas nas diferentes situações.

Para atingirmos estes objectivos começaremos por apresentar, no ponto 2. Algumas notas sobre a distribuição geográfica das línguas faladas no território nacional; No ponto 3. Breve reflexão sobre o percurso histórico do uso das línguas moçambicanas nos diversos contextos; No ponto 4. Conclusões.

Algumas notas sobre a distribuição geográfica das línguas faladas no território nacional

Neste capítulo vamos abordar a questão da distribuição geográfica das línguas faladas em Moçambique na perspectiva de alguns autores.

Começaremos por recordar a questão da delimitação geográfica dos territórios africanos que, de uma maneira geral, não coincide com a geografia das comunidades linguísticas africanas, tendo, por este motivo, muitas comunidades linguísticas passado a fazer parte de mais de uma das nações africanas actuais. Deste modo, as línguas faladas no território nacional moçambicano são, na sua maioria, faladas nos territórios vizinhos.

Importa recordar também que a história colonial legou a todos os países colonizados, pelo menos mais uma língua, a língua do colonizador. No caso de Moçambique, trata-se da língua portuguesa.

Outras línguas faladas em Moçambique segundo Firmino (2002) são o Inglês e as línguas asiáticas. Quanto a estas últimas este autor considera que "a sua presença (no país) faz-se sentir há muitos séculos ao longo da zona costeira, através da sua ocupação principal, o negócio". Por seu turno, o impacto do Inglês na vida das comunidades moçambicanas resulta

do facto de o país se encontrar rodeado por países falantes deste idioma como língua oficial. Este autor defende, por isso, a existência de dois grupos: as línguas Bantu moçambicanas, a que chama "autóctones", e as línguas portuguesa, inglesa e asiática, que ele chama "de origem estrangeira".

No entanto, Sitoe et al (1995) pondera "a existência de três extractos linguísticos diferenciados pela sua origem" dentro do território nacional, nomeadamente, as línguas bantu, a língua portuguesa trazida pelo colonizador e as línguas de origem indiana (e paquistanesa). Tanto um como outro dos dois autores acima citados consideram as línguas asiáticas marginais ou de uso em contextos muito específicos.

De acordo com o censo populacional de 1980, a distribuição dos falantes pelas línguas faladas em Moçambique era a seguinte:

a) Cerca de 24.4% da população moçambicana afirmava conhecer a língua Portuguesa, onde somente 1.2% a tinha como língua materna.

b) Cerca de 75.6% da população moçambicana afirmava falar apenas línguas Bantu ou outras que não o português.

No censo de 1997, estas percentagens alteraram-se para 39%, a percentagem da população que sabe falar o Português, e 6.5%, a percentagem da população que o fala como língua materna.

Segundo Ngunga e Bavo (2010:4), "Dados do Recenseamento Geral da População realizado em 2007 indicam que as línguas africanas do grupo bantu continuam a constituir o principal substracto linguístico do país porquanto elas são as línguas maternas de mais de 80% de moçambicanos de cinco anos de idade ou mais. Os mesmos dados indicam que dos cerca de vinte milhões de moçambicanos, 8.9% falam Português como língua materna e 0,23% falam línguas estrangeiras que não são especificadas nos dados do INE (www.ine.gov.mz)."

Relativamente à distribuição geográfica das línguas moçambicanas, Firmino (2002) considera que uma das mais antigas classificações das línguas

Bantu é a de Guthrie (1967/71), que distribui as línguas moçambicanas em quatro zonas linguísticas e oito grupos a saber:

1. **Zona G:**
    - G40: Swahili
        - G42 Kimwani
2. **Zona P:**
    - P20: Yao
        i. P21 Ciyao
        ii. P23 Shimkonde
        iii. P25 Mabiha/Mavia
    - P30: Makhuwa
        i. P31 Emakhuwa
        ii. P32 Elomwe
        iii. P33 Ngulo
        iv. P34 Echuwabo
3. **Zona N:**
    - N30: Nyanja-Sena
        i. N31a Cinyanja
        ii. N31b Cicewa
        iii. N31c Cimang'anja
    - N40: Cisena
        i. N41 Nsenga
        ii. N42 Kunda
        iii. N43 Nyungwe
        iv. N44 Sena
        v. N45 Ruwe
        vi. N46 Podzo
4. **Zona S:**
    - S10: Shona
        i. S11 Korekore
        ii. S12 Zezuro
        iii. S13a Manyika
        iv. S13b Tewe
        v. S14 Ndau)
    - S50: Tswa-Ronga
        i. S51 Tswa

ii. S52 Gwamba
iii. S53 Tsonga
iv. S54 Rhonga
v.

S60: Chopi
i. S61 Chopi
ii. S62 Tonga

Segundo Firmino (op. cit.), Guthrie baseou a sua classificação nas propriedades comuns e na contiguidade geográficas das línguas.

Esta classificação, tomada como base nos estudos posteriores, foi sofrendo alterações e/ou melhoramentos feitos por autores que, assumindo-a ou rejeitando-a foram criando momentos de reflexão sobre qual seria de facto a melhor classificação, em que bases e seguindo quais critérios.

O censo de 1980, identificou cerca de 23 línguas moçambicanas consideradas maternas para a maioria dos moçambicanos até aquele período. São elas:

Língua	% de falantes Nativos
Emakhuwa	27.7
Xitsonga	12.2
Cisena	9.3
Elomwe	7.8
Cishona	6.5
Citshwa	5.9
Echuwabo	5.7
Shironga	3.6
Marenje	3.4
Cinyanja	3.3
Cicopi	2.8
Cinyungwe	2.2
Shimakonde	1.9

Gitonga	1.9
Ciyao	1.6
Swahili	-
Kimwani	-
Ngulo	-
Koti	-
Kunda	-
Nsenga	-
Zulo	-
Swazi	-
Phimbi	-

Conforme podemos notar, as línguas com maior percentagem de falantes nativos coincidem com aquilo que Guthrie considera grupos linguísticos, nomeadamente, Emakhuwa, Cisena, Shishona, Tswa-Rhonga,

No II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, em 1999, foi padronizada a ortografa de 17 línguas moçambicanas, nomeadamente, Kimwani, Shimakonde, Ciyao, Emakhuwa, Echuwabo, Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cibalke, Cimanyika, Cindau, Ciutee, Gitonga, Cicopi, Citshwa, Xichangana e Xirhonga.

Note-se que neste grupo de línguas, aparecem outras que não tinham sido identificadas na classificação de Guthrie nem pelo censo de 1980, Cimanyika, Cibalke e Ciutee.

Esta padronização foi mais um impulso para a adopção das Línguas Moçambicanas em alguns sectores, uma vez que as mesmas podiam não ter sido usadas devido a factores relacionadas com a sua escrita ou por outros motivos.

A *website* www.tindzimi.dk apresenta em 2007 um estudo no qual faz uma comparação entre uns dados obtidos através do Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas, NELIMO, e outros obtidos na *website* da responsabilidade da Sociedade Internacional de Linguística, SIL, a www.

ethnologue.com. Ambos estudos apresentam uma situação linguistica relativamente diferente da que até então era conhecida, isto é apresentam um conjunto de línguas maior do que normalmente se conhece.

Para levar a cabo este estudo, a website www.tindzimi.dk baseou-se em dados do NELIMO, obtidos no I e II Seminários sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas realizados em 1988 e 1999, nos dados do II censo populacional de 1997 e nos dados disponíveis na website da www.ethnologue.com .

Na tabela I, no anexo 1, apresentamos o referido estudo onde se pode reparar que:

a) Embora se refira a 47 línguas do II censo populacional, o Nelimo apresenta 40 línguas enquanto o do Ethnologue apresenta 37.

b) O universo de falantes usado para um e outro caso não é o mesmo.

c) As línguas Moçambicanas identificadas não são exactamente as mesmas num e noutro estudo.

d) Existem línguas identificadas sobre as quais não se apresenta nenhuma percentagem de utentes.

De qualquer modo, trata-se de estudos mais detalhados que consideramos muito importantes pela quantidade de línguas identificadas.

Entretanto, quando começa a apresentação do estudo, o próprio autor identifica algumas razões que tornam difícil a identificação das línguas, nomeadamente, i) o estatuto baixo da pesquisa sobre as línguas moçambicanas, ii) a dificuldade em destinguir entre língua e dialecto e iii) o facto de uma língua poder ter vários nomes.

Estas, pensamos, são as questões que devemos neste seminário anotar para, em conjunto procurarmos a solução para que saiamos com resultados mais satisfatórios.

Em seguida, passaremos ao ponto 3, o da reflexão sobre o uso das línguas moçambicanas.

Breve reflexão sobre o percurso histórico do uso das línguas moçambicanas nos diversos contextos

Nesta secção, pretendemos apresentar o percurso histórico do uso das línguas Moçambicanas nos vários contextos, nomeadamente, na educação, comunicação social, religião e esfera política.

Na Educação

A preocupação pelo uso das línguas moçambicanas como meio de ensino começa a ganhar espaço por volta do ano de 1990, quando começou a ser delineada a experimentação da escolarização bilingue no ensino básico do primeiro grau, denominada PEBIMO, que veio a implementar -se entre os anos de 1993 e 1997 em Tete com Chinyanja/Português e em Gaza com Xichangana/Português (INDE/MINED, 2003).

Pelo facto de esta experimentação ter apresentado resultados animadores, o INDE, em 1997, promoveu um debate sobre a introdução oficial das Línguas Moçambicanas no Ensino Básico. Neste debate, foi proposta a introdução de mais línguas, nomeadamente, Emakhuwa, Cinyungwe, Cisena, Cindau, Xirhonga, Citshwa, Ciyao, Shimakonde, e Echuwabo.

Estas línguas foram seleccionadas porque têm cobertura nacional, possuem materiais escritos e ortografia padronizada.

A introdução oficial do Ensino Bilingue em todas as províncias, com a excepção da Cidade de Maputo, veio acontecer em 2003.

Actualmente (2008), esta modalidade de ensino é usada em 75 escolas do país e ministrada em 16 línguas a saber:

- Província de Maputo: Xirhonga
- Província de Gaza: Xichangana e Cicopi

- Província de Inhambane: Citshwa e Gitonga
- Província de Tete: Nyanja, Nyungwe, Sena
- Província de Sofala: Ndau, Sena
- Província de Manica: Ndau, Tewe
- Província de Zambézia: Elomwe e Echuwabo
- Província de Nampula: Emakhuwa e Kimwani
- Província de Niassa: Ciyao e Cinyanja
- Província de Cabo Delgado: Emakhuwa, Kimwani, Shimakonde

De acordo com o INDE/MINED (2003), as principais razões que justificam a utilização das Línguas Moçambicanas no Ensino Básico são de natureza linguístico-pedagógicas, de identidade cultural e de direitos humanos do indivíduo.

Na Comunicação social

Para Ngunga (1991) "num país multilíngue como é o caso de Moçambique, os meios de comunicação social têm um papel muito importante na medida em que levam ao conhecimento de todos os cidadãos, utentes das diferentes línguas, as dimensões geográficas e diversidade social, cultural, política, económica, etc., do país."

O que se constata em Moçambique, dada a diversidade linguística, é que uma grande percentagem de moçambicanos não têm acesso a informação, formação, entretenimento, etc., transmitidos pelos meios de comunicação social, porque esta transmissão é feita em línguas que não são do seu domínio.

A política linguística adoptada pelo Governo logo após a independência não favorece a maioria de moçambicanos pelo facto de ela não dominar a língua oficial.

Alguns anos após a independência, tornou-se mais clara a necessidade do uso das línguas Moçambicanas na comunicação social, necessidade que, a ser respondida, permitiria em grande medida a participação das comunidades moçambicanas na discussão dos seus problemas no país e na tomada de decisão sobre a sua vida.

No caso da radiodifusão, segundo Sitoe et al (1995), apesar da política assimilacionista vigente na época, as autoridades coloniais recorreriam ao uso das línguas moçambicanas com o objectivo de entreter e fazer crer numa suposta valorização da cultura nacional, por um lado. Por outro lado, durante a guerra de libertação nacional, alguns programas eram emitidos em línguas moçambicanas com o objectivo de desinformar as populações sobre os objectivos da guerra e de atingir os países limítrofes com matéria anti-FRELIMO.

Após a independência foram traçadas algumas orientações sobre o uso das línguas moçambicanas na rádio, que não chegaram a surtir os efeitos desejados devido ao facto de as atenções todas estarem viradas para a difusão do Português, ou porque nessa altura ainda não havia sensibilidade e conhecimento do lugar, papel e funções insubstituíveis das línguas moçambicanas (Sitoe et al, op.cit).

O I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, recomendou às instituições que usam as línguas moçambicanas, entre elas a Rádio Moçambique e outras, a contribuírem na testagem e divulgação das propostas de ortografia das treze Línguas Moçambicanas, para melhor servir o seu público ouvinte, mantendo-o actualizado sobre assuntos sociais, políticos, económicos, etc.

Dados actuais mostram que a RM já usa, nas suas emissões, um total de 19 línguas Moçambicanas que se "consideram estar em condições de satisfazer e de cobrir as necessidades de comunicação na sua zona", Sitoe et al (op.cit).

As 19 línguas acima referidas, estão distribuídas do seguinte modo:

- Província de Maputo: Xirhonga e Xichangana
- Província de Gaza: Xichangana e Cicopi
- Província de Inhambane: Citshwa, Gitonga e Cicopi
- Província de Tete: Cinyungwe e Cinyanja
- Província de Sofala: Cindau e Cisena
- Província de Manica: Cimanyika, Ciwute e Cibarwe

- Província de Zambézia: Elomwe e Echuwabo
- Província de Nampula: Emakhuwa
- Província de Niassa: Ciyao, Cinyanja e Emakhuwa
- Província de Cabo Delgado: Kiswahili, Cimakonde, Kimwani e Emakhuwa

No que respeita à Televisão (TV), até agora constatamos que só o Canal Televisivo Miramar transmite um programa em língua Xirhonga, denominado "Dialogando com Matusse", destinado à terceira idade. Quanto aos restantes canais, vem-se observando nos últimos tempos, a ocorrência de alguma publicidade nas línguas moçambicanas e em *Spots* Educativos sobre os diversos assuntos (saúde, educação cívica,).

Quanto à imprensa escrita, embora o jornal propriamente dito não esteja ainda a ser redigido nas línguas moçambicanas, há desde o tempo colonial ocorrência esporádica de algumas publicações, como é o caso de romances, algumas revistas e brochuras orientadas para determinados assuntos como educação sanitária, educação sobre doenças específicas (malária, HIV/SIDA, etc.), educação cívica, maioritariamente redigidas por organizações não governamentais (ONG's).

Na Religião

Na Religião, desde o tempo colonial, as línguas moçambicanas são usadas nos cultos, na tradução da bíblia, catecismos e em outros documentos religiosos. Esta situação se mantém até aos nossos dias.

Na Política

Na área da política, as línguas moçambicanas são usadas nos discursos políticos, sobretudo nas campanhas eleitorais.

Conclusões e recomendações

O nosso objectivo com este estudo era apresentar o panorama actual no que se refere à situação linguística do país.

Ao longo do estudo pudemos notar que na sua diversidade linguística, Moçambique possui, por um lado, línguas de origem estrangeira (Português, Inglês e as línguas asiáticas). Por outro lado, existem as línguas moçambicanas do grupo bantu que são línguas maternas da maior percentagem de falantes no país.

No que respeita às línguas bantu, os estudos realizados até agora apresentaram a existência de cerca de 40 línguas, embora ainda falte uma análise mais detalhada para se saber se se trata de línguas ou de línguas e seus dialectos.

O uso das línguas bantu nos diferentes domínios tem vindo a crescer à medida que o país vai tomando consciência do seu valor. No ensino, por exemplo, elas já são usadas como disciplina e como meio de ensino em quase todo o país, esperando-se que disto advenham resultados positivos. Nos meios de comunicação social, a radiodifusão toma a dianteira no uso destas línguas relativamente à televisão e ao jornal. Note-se que mesmo sem a presença do jornal nesta empreitada, há muita informação a ser difundida na imprensa escrita sobretudo em revistas publicadas maioritariamente por organizações não governamentais e diversas associações cívicas.

O grande desafio é de ver as línguas moçambicanas ao mesmo nível que a língua portuguesa nos diversos domínios.

Referências

Firmino, G. 2002. *A questão linguística na África pós-Colonial: o caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. PROMEDIA, Maputo, Moçambique

INDE/MINED-Moçambique (2003), *Programa do ensino Básico*, INDE/MINED, Maputo Moçambique

Ngunga, A. e Bavo, N., 2010. Uso e práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos. Comunicação apresentada na Conferência Internacional sobre "Desenvolvimento e Diversidade Cultural em Moçambique: Homogeneidade global, diversidade local", Centro de Estudos Africanos, UEM, Maputo, 17 e 18 de Novembro.

Ngunga, A. 1991. As línguas moçambicanas nos meios de comunicação social. Comunicação apresentada ao Seminário sobre a Comunicação Social para o Desenvolvimento. Maputo, Moçambique

Sitoe, B., Langa, J. M., Simango, A. Z. 1995. *As línguas moçambicanas na Rádio Moçambique*. Relatório final do Grupo de Consultoria Técnica no âmbito das línguas moçambicanas

Sitoe, B e Ngunga A. (Orgs.) 2000. *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

www.tindzimi.dk, Línguas e Política Linguística em Moçambique.

Anexo 1: Tabela I – estudo linguístico da www.tindzimi.dk

	% de 15.242.080 pessoas INE 1997	Nome Ethnologue	% de 16.000.989 pessoas Ethnologue 2007
GR 1	**5,10%**		**4,91%**
Ciyao	2,04%	Yao	2,81%
Iawa	0,42%		
Shimaconde	2,14%	Makonde	1,46%
Shindonde	0,06%	n.a	
Cimakwe	0,25%	Makwe	0,14%
Kimwani	0,20%	Mwani	0,50%
GR 2	**43,29%**		**44,48%**
Emakhuwa	24,68%	Makhuwa	15,63%
Emeetto	1,64%	Makh. Emetto	5,00%
Esaaka	0,02%	Makh. Esaka	0,13%
Echirima	0,00%	Makh. Shirima	3,13%
n.a.		Makh. Moniga	1,25%
Emarevoni	0,00%	Makh. Marrevone	2,63%
Elomwe	8,35%	Lomwe	8,13%
n.a.		Lolo	0,94%
Ekoti	0,67%	Koti	0,40%
n.a.		Manyawa	0,94%
n.a.		Takwane	0,94%
Cingulu	0,01%		
Echuwabu	4,24%	CHW*	4,92%
Marenje	3,67%	VMR*	0,47%
GR 3	**18,84%**		**11,62%**
Cisena	10,17%	SHE*	5,48%
Cigorongozi	0,81%		
Tonga	0,24%		
Phodzo	0,04%		
	0,02%	Nsenga	0,88%
	0,03%	Mayindu	0,13%
n.a.	0,00%	Phimbi	0,04%

Cibalke	0,59%	BWB*	0,09%
Cinyanja	3,44%	Nyanja	3,11%
n.a.	0,00%	Ngoni	0,22%
Maganja	0,56%		
Cinyungwe	2,62%	Nhungwe	1,64%
Cikunda	0,32%	Kunda	0,03%
GR 4	**7,04%**		**14,66%**
Cindau	5,17%	Ndau	11,88%
Ciutee	1,11%	Tewe	1,56%
Cimanyika	0,47%	Manyika	0,91%
Citawara	0,19%		0,31%
Cindanda	0,05%		
Cimashanga	0,05%		
GR 5	**4,77%**		**6,46%**
Cicopi	2,65%	CCE*	5,00%
Cilengue	0,01%		
Gitonga	2,10%	TOH*	1,46%
GR 6	**20,97%**		**17,87%**
Xichangana	11,59%	TSO*	9,38%
Xibila	0,24%		
Xidzonga	0,00%		
Xitshwa	5,02%	TSC*	4,35%
Xironga	4,11%	RON*	4,01%
Konde	0,00%		
n.a.		Nathembo	0,11%
n.a.		Dema	0,03%
n.a.		Kokola	
	200,00%		200,00%

* Línguas sem uma denominação na lista do Ethnologue, usamos o código apresentado.

Padronização da escrita de línguas moçambicanas: Desafios e Pragmatismos

Armindo Ngunga
Centro de Estudos Africano
Universidade EduardoMondlane
Maputo

Introdução

A escrita é a representação gráfica da língua humana. Os seres humanos servem-se da escrita para "imobilizar, fixar a linguagem articulada, fugidia na sua essência. O código escrito é secundário em relação ao código oral que é a língua" (Coyaud 1976:157). Considerada como a mãe de todos os milagres da história da Humanidade, a escrita "joga um papel de reconhecida importância na disseminação de pensamentos, ideias, sentimentos, conhecimento. Não sabemos quem a inventou, quando, ou para que língua. Talvez tenha sido inventada em diferentes lugares, momentos, para diferentes línguas. Mas não há dúvidas de que algumas formas de escrita derivaram de outras" (Diringer, 1983:9). Em muitas línguas, o elemento nuclear da língua tomado como ponto de partida na elaboração do sistema de escrita é o som, entendido como unidade básica na formação de unidades maiores de significação (morfemas, palavras, frases, discurso). Mas a história da escrita é muito mais longa do que aquilo que nós vemos e usamos hoje como resultado de um processo que aqui se vai resumir em poucas palavras, citando o manual de Diringer (1983). De acordo com as suas características, a escrita pode ser:

Iconográfica, que consiste em desenhos de objectos naturais, imagens soltas, dando a impressão de imagens estática. Esta escrita, também chamada *pictográfica*, porque baseada em desenho e pintura de imagens, foi a primeira forma de representação do pensamento humano através da escrita, tal como todas as crianças fazem naquilo que chamamos de fase pré-escrita.

Sintética *ou* ***Ideográfica***, que consiste em sequências de imagens através da qual se poderia contar uma história veiculando uma determinada mensagem, representou um passo gigantesco em direcção ao desenvolvimento da escrita. Mas cada imagem não tinha que se traduzir necessariamente numa língua particular. *Deogramas* são, segundo Coyaud (ibd. 159), signos (ou caracteres) que podem em certa medida representar directamente conceitos ou coisas, quer dizer, os referentes, por oposição aos signos (ou caracteres) da escrita fonética, assunto a ser discutido mais abaixo, "os quais só representam os conceitos ou coisas por intermédio dos monemas e dos fonemas".

Segundo Coyaud (1976:158), Février (1948:22) "define as *escritas sintéticas* como tendo em vista 'sugerir, mediante um só desenho, que o olho pode abranger num só relance, um grupo de frases'".

Analítica *ou* ***Transicional***. Esta forma de escrita é geralmente considerada o ponto de partida de uma escrita sistemática. Em escrita analítica, escolhe-se por convenção uma certa imagem, normalmente a mais simples e conveniente de entre várias usadas para um determinado fim, e reconhece-se como o símbolo aceitável do seu nome. O nome do objecto, em posição de repouso ou em movimento identifica-se facilmente com a imagem.

Fonética. Aqui temos sinais silábicos e caracteres alfabéticos - símbolos convencionais que representam os sons primários da fala. Tal como afirma Kristeva (1969:151), a escrita fonética "dá testemunho de uma concepção analítica da substância fónica da linguagem".

Como se vê, há muitos tipos de escrita que foram inventados pelos seres humanos ao longo dos tempos como forma de prolongamento (no tempo e no espaço) da vida da palavra oral, efémera no tempo e limitada no espaço. Ao longo da história, nota-se uma certa tendência de considerar o alfabeto como etapa final do desenvolvimento da escrita. Mas isto só é aparente, pois existem exemplos de escritas alfabéticas que são predecessoras de silabários, como é o caso do Aramaico que é um antepassado dos silabários da Índia. Portanto, apesar de parecer lógico o

desenho de uma possível linha de evolução da escrita desde a iconografia até ao alfabeto, não se deve perder de vista o facto de que a história não é linear. Ela conhece passos de avanço e passos de recuo.

O nosso trabalho vai centrar-se na escrita alfabética, aquela que foi eleita para a representação gráfica das nossas línguas.

Segundo Diringer (ibd.), a palavra *alfabeto* aparece no Latim como *alphabetum*, mencionado pela primeira vez por Tertuliano (cerca de 155-230 n.e.) e por S. Jerónimo e (cerca de 340-420 n.e.). Do ponto de vista etimológico, a palavra alfabeto é derivada de nomes das duas primeiras letras do alfabeto de muitas línguas semíticas.

Historicamente, têm-se desenvolvido várias teorias, algumas das quais contraditórias sobre a origem do alfabeto. De acordo com Diringer (1983:22) "a teoria mais provável parece ser aquela que considera o alfabeto norte-semítico como sendo o indígena, mais ou menos original, invenção dos povos norte-ocidentais da Síria e Palestina. Mas Kristeva (1969:159-160) afirma que "os gregos foram os primeiros – depois dos fenícios que eles consideram os seus mestres na matéria – a utilizar uma escrita alfabética. Tomando aos fenícios o alfabeto consonântico e adaptando-o às características da língua grega, foram obrigados a inventar marcas para as vogais". Mais concililador é Coyaud que refere que "os primeiros alfabetos constituindo por si só códigos escritos de línguas são os alfabetos ugarítico (Rah-Shamra) e fenício (Byblos). O alfabeto fenício serviu de modelo para os alfabetos paleo-hebraico (que inspirou o alfabeto sumaritano), moabítico, púnico e sobretudo aramaico e grego. [...]. O alfabeto aramaico serviu de modelo para uma linhagem completa de alfabetos: árabe, hebraico, siríaco, palmirénio, kharostri, brahmi (modelo da maioria das escritas da Índia). Por um lado, do alfabeto grego derivam os alfabetos etrusco, latino e rúnico. Por outro lado, o mesmo alfabeto serviu de modelo para os alfabetos gótico de Wulfila, copta, arménio, geórgio, albanês, e os alfabetos eslavos glagolítico e cirílico" (Coyaud, ibd. 162). O alfabeto latino deu origem a muitos alfabetos de línguas europeias entre as neolatinas (espanhol, francês, português, etc.), anglo-saxónicas (alemão, inglês, sueco) e algumas eslavas (checo, polaco).

Breve história da escrita de línguas moçambicanas

A história da escrita das línguas moçambicanas, e de muitas línguas africanas, está intimamente ligada à história da chegada de povos estrangeiros ao continente africano. No caso de Moçambique, os primeiros estrangeiros a chegarem ao nosso território foram os mercadores asiáticos (árabes e persas) e depois os mercadores e missionários europeus (portugueses, ingleses, franceses, holandeses, espanhóis), o que explica que dois sistemas de escrita dominem os documentos em línguas moçambicanas, o árabe e o latino.

Até à altura da independência de Moçambique em Junho de 1975, o sistema de escrita árabe era predominante em línguas das sociedades islamizadas do litoral norte de Moçambique e do interior do Niassa, enquanto o sistema de escrita latino era mais usado nas línguas das regiões do país predominantemente cristianizadas. Isto quer dizer que no passado, a maior parte dos escritos das línguas moçambicanas tinha alguma relação com a religião. Num caso porque a escrita estava intimamente ligada à leitura de textos religiosos, é assim que nas regiões islamizadas, as habilidades de leitura e escritas eram, e ainda o são, adquiridas em escolas corânicas, vulgo *madrassas*. No outro caso, a educação religiosa era parte de uma ampla estratégia de dominação total do africano. Por isso, de forma premeditada, o regime colonial planeou e executou com o sucesso que ainda hoje se lhe reconhece a penetração da alma do africano através da bíblia. A par da usurpação das riquezas, das terras, das pessoas que foram deportadas, impunha-se a consumação da "usurpação da alma" do negro. Por isso é que as missões foram centros de recrutamento de crentes que deveriam abandonar os seus espíritos ancestrais para acreditar nos espíritos em que se calhar nem os próprios brancos acreditavam. E o melhor meio de penetração da alma africana era a língua africana, pois a língua é ela prórpia a alma colectiva de um povo. Por isso é que não devemos ter ilusões quanto ao altruísmo dos missionários que desenvolveram a escrita das nossas línguas. Por isso é que a condição primária para se concluir a 4ª classe era a passagem obrigatória do negro "pagão" ou "ateu" para negro cristão, entendendo-se que esta era uma das atribuições mais importante da missão civilizadora portuguesa.

O alfabeto árabe

No norte do país, onde havia clareza sobre a crença do africano em Deus único mercê da experiência da religião muçulmana tida como inferior pelos colonialistas portugueses, a conversão para a religião "superior", a religião cristã, de preferência católica, era condição sem a satisfação da qual estava vedado o acesso ao exame da 4ª classe.

Entre as regiões islamizadas esta política teve repercussão no acesso à escola, ou na conclusão do ensino primário, pelos moçambicanos. São exemplos eloquentes desta poítica o que ainda hoje se nota de forma bastante acentuada entre os mwanis de Cabo Delgado, os yaawos do Niassa, os kotis da costa de Angoche em Nampula e, em grande medida, os makhuwas do litoral de Nampula e parte do litoral da Zambézia. São das línguas faladas nestas regiões a maioria dos documentos escritos com caracteres árabes. Embora estas regiões não sejam exclusivamente muçulmanas, e nem sejam as únicas regiões muçulmanas em Moçambique, os kotis, makhuwas, mwanis e yaawos, e uma boa parte de tongas de Inhambane, podem ser considerados como aqueles povos que provavelmente mais influência da cultura árabe devem ter sofrido em Moçambique, sobretudo, através da religião muçulmana.

O que parece importante notar e reter para futuras referências é que embora saibam recitar textos religiosos porque o processo de aprendizagem é baseado na memorização, os povos islamizados aqui referidos não falam o árabe[10], mas lêem e escrevem o árabe, e lêem e escrevem as suas línguas usando os caracteres árabes. Este esclarecimento é importante e oportuno num país como Moçambique onde a ascensão de Português ao estatuto de língua oficial "analfabetizou" todos aqueles que não soubessem ler nem escrever nesta língua ou numa língua europeia.

De forma recorrente, antes e depois da independência, documentos oficiais de Moçambique têm-se caracterizado por fazerem referência a

[10] Entenda-se isto como povos mesmo, e não como indivíduos singularmente, pois há algumas pessoas que por esforço próprio acabam aprendendo a lingua, para não mencionar os jovens que tiveram acesso à formação religiosa em países islâmicos depois da independência nacional.

altos índices de analfabetismo no país, pois os que sabem escrever noutras línguas não européias são considerados analfabetos. Isto é normal num sistema em que o centro das atenções e os modelos de análise da vida social padecem de eurocentrismo acentuado.

Infelizmente os estudos de que dispomos, não nos permitem dizer com precisão a data exacta em que apareceu o primeiro documento escrito numa língua moçambicana. Mas, se se tiver em conta o facto de que os primeiros contactos dos habitantes do território que hoje se chamou Moçambique foram com os povos asiáticos (árabes e persas, para ser mais específico), podemos concluir sem grandes riscos de errar que tal documento foi escrito em caracteres árabes. Aliás, documentos disponíveis no arquivo histórico de Moçambique revelam que a correspondência entre os reis africanos do litoral e o rei de Portugal foi feita em escrita árabe até 1895 (Bonate e Mutiwa 2010) altura em que os portugueses decidem que deviam abandonar a prática de correspôndecia em caracteres árabes. Os resultados de um tal recenseamento nos trariam surpresas agradáveis na medida em que o índice de analfabetismo seria de repente inferior ao número exibido palas estatísticas oficiais.

Por outro lado, uma análise de documentos escritos em línguas moçambicanos em caracteres árabes, permitiria ver e confirmar o que se pode adivinhar. Muitos problemas de carácter técnico, desde a escolha de símbolos gráficos para representar alguns sons que, existindo nas línguas moçambicanas, não existem em árabe[11], até provavelmente à segmentação de palavras. Portanto, na ausência de conhecimento que poderia permitir um estudo para resolver estes problemas, alguma engenharia deve ter acontecido no processo de adaptação da escrita árabe às línguas moçambicanas para minimizar o impacto negativo das diferenças linguísticas na comunicação escrita.

O alfabeto latino

Quanto ao alfabeto latino, este foi trazido, como se disse no princípio, por europeus. Como é óbvio, totalmente desprovidos "das capacidades

[11] Por exemplo, a maioria das línguas moçambicanas têm cinco vogais e o árabe só tem três.

e dos instrumentários linguísticos, científicos e técnicos que obviassem...o profundo desconhecimento das estruturas fonológicas, sintácticas e outras" (Almada, 2006) das línguas moçambicanas, os mercadores, missionários e funcionários administrativos usaram os conhecimentos de escrita que tinham das suas línguas para escrever as línguas moçambicanas. Isto explica a diversidade das formas de escrita destas línguas uma vez que nem todos os sons das línguas moçambicanas ocorrem nas línguas européias da mesma forma que nem todas as línguas européias utilizam os mesmos sons para formar as palavras que constituem o léxico de cada uma delas. Além das diferenças fonético-fonológicas, morfológicas e sintácticas, não existe uma padronização interlinguística entre as línguas européias. Isto é, nem todos os sons iguais ou semelhantes entre as diferentes línguas europeias são escritos da mesma maneira. Isto é, quando se trata de escrever, nem todos os sons partilhados pelas diferentes línguas são representados graficamente da mesma maneira nas diferentes línguas. Em suma, tendo diferentes tradições de escrita milenar desenvolvidas de formas independentes em momentos históricos também diferentes, nada se poderia esperar em termos de uma possível padronização das suas escritas.

E nós, por que é que nos engajamos no exercício de padronização da escrita das nossas línguas? Existem várias respostas a esta pergunta. Uma refere-se à padronização da escrita da cada uma das línguas, pois, divididas em diferentes partes por diferentes grupos de interesses, cada um dos quais com diferentes tradições, houve muitas situações em que elas tinham mais do que uma forma de escrita. Hoje nós precisamos de ter uma escrita padronizada para cada uma das línguas porque, como nos ensina Almada (2006):

a) Uma ortografia padronizada é indispensável para uma escrita a qual disporá assim de um instrumento inequívoco para a afirmação do seu prestígio(...). A padronização intra-linguistica é a forma mais segura de garantir que haverá uma comunicação entre o escritor e o leitor podendo estes, através da grafia padronizada, dispor de um meio fundamental de descodificação de mensagens escritas;

b) Uma ortografia padronizada é importante para o uso da língua na produção de material didáctico e pedagógico, na sala de aula (na escolarização e na alfabetização de adultos) e nos meios de comunicação social sobretudo na imprensa escrita;

c) A língua escrita é salvaguarda da memória e do patrimônio culturais de que a escrita é repositória insubstituível;

d) A língua escrita é sempre mais definida e mais livre de hesitações do que a língua existente somente em estado oral, já que as diferenças de pronúncia tendem a desaparecer na escrita e a escrita é de mais fácil aceitação pelos locutores de outros dialectos do que a pronúncia de uma determinada varainte;

e) Uma grafia padronizada pode contribuir para a fixação das variantes e possível detectação das suas semelhanças e diferenças.

Nos tempos que correm, o nível de desenvolvimento de um indivíduo é medido também pela quantidade, que é a mãe da qualidade, de informação que possui, pois hoje vivemos numa "sociedade orientada para o processamento de informação" (Castells, 198917) que deve ser partilhada o máximo possível entre os seres humanos. E a escrita padronizada é a forma mais poderosa de acesso, produção e disseminação da informação. Mesmo o trabalho dos meios de comunicação social da chamada imprensa não escrita (Rádio e televisão) baseia-se em textos escritos primeiro e só depois são veiculados oralmente ou gestualmente. Por isso, é importante que os membros de uma comunidade linguística dominem, para que a informação possa circular entre si, os mesmos códigos oral e escrito. E para evitar ruídos de todo o gênero, é importante que todos os utilizadores de cada código numa comunidade linguística estejam claros quanto aos símbolos e às regras que regem cada código. Este tem sido um dos objectivos mais importantes dos seminários sobre a Padronização da escrita das línguas moçambicanas. Nós chamamos este exercício, *padronização interna* da ortografia, ou simplesmente *padronização intra-linguística*.

A segunda resposta, diz respeito à padronização *inter-linguística*. Aqui poderíamos fazer a pergunta de forma mais específica. Será que nós precisamos de fazer uma padronização da escrita das línguas da cada um com a escrita da língua dos outros? A resposta aqui também é "sim, precisamos". A padronização *inter-linguística* é também importante uma vez que nós somos um país que aposta no desenvolvimento harmonioso dos vários grupos que constituem o tecido social das nossas comunidades, com um governo central que cuida dos mais variados aspectos do crescimento social e económico de todos os cidadãos, com ênfase para a educação, saúde, economia. Por isso, é de todo o interesse que as formas de comunicação escrita estejam padronizadas para permitir grande fluxo de informação entre as pessoas de diferentes grupos. Aliás, muitos moçambicanos dominam oralmente mais do que uma língua moçambicana. A padronização inter-linguística permite que, sabendo ler numa língua, os falantes de mais do que uma língua tenham menos dificuldades de ler também a(s) outra(s) língua(s). E mais, sendo um país multilingue e multicultural onde, na sua maioria, as pessoas falam línguas pertencentes ao mesmo grupo, o bantu, exibindo estruturas semelhantes em muitos casos, tanto em termos de sons, como em termos da forma como esses sons se combinam na formação de unidade maiores usados na comunicação, precisamos de harmonizar sempre que possível a representação escrita dos sons e estruturas semelhantes.

A nossa idéia é de que a escrita padronizada tem de passar a fazer parte do nosso distintivo nacional, da nossa marca cultural, da nossa moçambicanidade. Não se trata de transpor mecanicamente uma forma de escrita de uma língua para a escrita de outras línguas. Trata-se, isso sim, de fazer uma reflexão colectiva e racional, e arriscamos em dizer, baseada em premissas científicas, que nos levem a adoptar uma forma moçambicana de escrever as nossas línguas socorrendo-nos das conquistas mais recentes da ciência linguística.

Em alguns casos, para conseguirmos uma harmonização e padronização efectivas, foi necessário ouvirmos as experiências dos nossos vizinhos, aqueles cujas línguas são iguais às nossas. Tudo foi feito dentro do conhecimento e da consciência de que a escrita é uma convenção, mas nem

por isso cada um tem a liberdade de convencionar a forma de escrever a mesma língua sob o risco de cairmos na anarquia e impedir que a escrita cumpra a sua função básica, a de ser uma forma de comunicação entre o autor e o leitor. Tal como o código oral é resultado de um pacto social a cujas regras cada membro adere coercivamente porque as encontra já estabelecidas e não as pode mudar a seu bel-prazer, a adesão às regras de escrita de uma língua também é obrigatória para todos os usuários da língua escrita. Em Moçambique, e em muitos países africanos, dado o elevado índice de analfabetismo e o nível incipiente de conhecimento da escrita das nossas línguas, tem-se julgado correcto que a adopção de regras de escrita e de padronização da ortografia deve resultar de processos de discussão e consulta entre as partes que geralmente trabalham com estas línguas ou nestas línguas entre acadêmicos, escritores, clérigos, profissionais de comunicação social, professores, entre outros. Até instalou-se uma cultura de realização de seminários de padronização de ortografia de línguas moçambicanas de dez em dez anos (por mera coincidência!). O primeiro teve lugar em 1988, o segundo em 1999 e o terceiro em 2008.

Ao efetuarmos este exercício, nós levamos uma grande vantagem sobre as culturas de tradições milenares de escrita. Nós conhecemos os problemas que as outras escritas têm, problemas que poderiam ser resolvidos, mas já não podem porque estão de tal forma cristalizados na mente das pessoas que pensam que engendrar uma reforma é o mesmo que retirar delas uma parte do seu cérebro. Por isso, não conseguem mudar para melhor. Outra vantagem é que hoje, a ciência linguística no mundo e no nosso país está de tal maneira avançada que muitos problemas que não se poderiam resolver há centenas ou milhares de anos, já podem ser resolvidos. Aliás, alguns potenciais problemas até nem chegam a ser colocados como tais, pois já podem ser prevenidos. Afinal, tal como qualquer área de conhecimento, a ciência linguística também tem profissionais. Tal como o oftalmologista que tem por função cuidar da saúde dos olhos das pessoas, embora nem todos os olhos de que ele cuida sejam dele, a função do linguista é cuidar da saúde da língua das pessoas – embora nem todas as línguas de cuja saúde ele cuida sejam dele. Que fique claro, as línguas são nossas, de todos nós enquanto falantes, mas cuidar da saúde delas é assunto de profissionais especificamente formados, os linguistas.

E a escrita é um problema linguístico, apesar de hoje a questão das áreas cientificas estar a tornar-se cada vez mais difusa devido à supremacia das abordagens multidisciplinares.

No processo de padronização da escrita das línguas moçambicanas, quer a nível inter- linguístico como a nível intra-linguístico, conhecemos momentos difíceis que nos obrigaram a dizer: "vamos deixar este assunto até que investiguemos mais" ou "não temos elementos que permitam tomar uma decisão correcta sobre esta matéria agora, vamos continuar a pesquisar". Aconteceu isto no primeiro Seminário realizado há vinte anos, e aconteceu no segundo seminário realizado há dez. Mas de seminário para seminário encontramos algumas melhorias que nos têm encorajado a prosseguir com as investigações.

Depois desta longa nota introdutória, a presente comunicação vai trazer a este fórum alguns dos problemas que, não tendo sido resolvidos no primeiro seminário, também não o foram no segundo e não gostaríamos de os levar para o quarto seminário em 2018. Portanto, queremos em primeiro lugar rediscutir esses pendentes e outros assuntos frescos decorrentes da nossa familiarização com o exercício de produção de material escrito sobretudo depois do segundo seminário. Em segundo lugar, queremos fazer deste um convite e um espaço para que todos os participantes falantes das línguas moçambicanas apresentem para discussão de todos nós todos os problemas de escrita que os afligem nas suas línguas. Portanto, não se entenda esta comunicação como um trabalho acabado, mas como uma reflexão que carece de discussão e enriquecimento.

I Seminário sobre a Padronização da escrita de Línguas Moçambicanas

O primeiro Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas foi histórico, na medida em que nos ensinou não só a trabalhar e a desenvolver uma consciência linguística nacional, mas também nos ensinou que ao abordarmos este assunto deveríamos ter em conta

outros aspectos que não meramente linguísticos. Lembro-me que quando planificávamos a realização daquele seminário dizíamos que no sul de Moçambique havia três línguas, a saber o Copi, o Tonga e Tsonga e pensávamos que iríamos discutir ortografia de apenas estas línguas e que o resto seriam umas dez línguas do centro e do norte. Durante o seminário aprendemos que no sul de Moçambique havia cinco línguas (Changana, Copi, Rhonga, Tonga e Tshwa) e não apenas três, e cada uma tinha representantes de seus falantes. Portanto, acabámos trabalhando com quinze línguas e não treze. Esta foi uma boa lição que nós registámos do primeiro seminário, uma experiência que nos permitiu reter que qualquer decisão sobre as línguas não deve ser tomada nos nossos laboratórios sem ter em conta a opinião dos falantes das línguas. Em termos de conteúdo, aprendemos a ser moderados na abordagem dos assuntos, pois, compreendendo e a opinião dos linguistas que tem uma função sobretudo didáctica nestes casos, também criámos espaço para um diálogo produtivo entre estes e outros profissionais da palavra, nomeadamente, os autores, religiosos, a comunicação social, professores e também os falantes. O sucesso daquele seminário deveu-se principalmente ao facto de todos nós estarmos unidos em torno de um tema quase intoncável na altura, pois era generalizada nos meios políticos a idéia de que a promoção destas línguas e a massificação de seu uso eram nocivos aos princípios de unidade do povo moçambicano, o que se provou tratar-se de premissas falsas.

Outro elemento que sublinha a importância daquele seminário é que ele fez importantes recomendações que constituíram a nossa agenda de trabalho nos vinte anos subsequentes entre as quais a formação de técnicos qualificados ao mais alto nível académico, a produção de trabalhos científicos sobre as línguas moçambicanas, introdução das línguas no sistema de ensino.

Depois das discussões das várias formas de representação escrita dos sons das línguas chegou-se a consensos em alguns casos e não se conseguiu chegar a consensos em outros casos. Mas dois princípios consensuais importantes ficaram registados como as duas grandes linhas de força que orientam a escrita das línguas moçambicanas desde 1988. Um diz respeito ao tipo de escrita. Aprovámos que esta deveria ser fonético-fonológica,

em que "cada grafema corresponde a um fonema e cada fonema a um grafema, o que quer dizer que a relação entre ambos é biunívoca" (Duarte 2006:81) com base no *Africa Script* do Instituto Internacional Africano, adoptado na escrita de muitas línguas africanas. O quadro que se segue, copiado do Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia e línguas Moçambicanas apresenta o ponto em que as discussões pararam em 1988.

Tabela 1: *Quadro referente à padronização dos grafemas (I Seminário).*

	SF	SP	MW	MK	YO	MH	CW	NY	NG	SN	BL	SH	TN	CP	TS	RH	TW
1	b	b/bh	b	b	b	(b)	b	(bh)	(bh)	(bh)	(bh)	bh	bh	bh	bh	bh	bh
2	ɓ	b'/b	b	b	b	(b)	b	b	b	b	b	b	b	b	b'	b'	b'
3	d	d/dh	d	d	d	(d)	d	(dh)	(dh)	(dh)	(dh)	dh	dh	dh	dh	dh	dh
4	ɗ	d'/d	d	d	d	(d)	d	d	d	d	d	d	d	d	d'	d'	d'
5	g	g/gh	g	g	g	(g)	g	g	g	g	g	g	gh	g	g	g	g
6	ɤ	g	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	g	-	-	-	-
7	tʃ	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	-	c	c	c	c
8	tʃh	ch	-	-	-	(ch)	(ch)	ch	tc	ch	ch	ch	-	ch	ch	ch	ch
9	dʒ	j	j	j	j	-	j	j	dj	dj	dj	j	-	j	j	j	j
10	ʃ	x	x	sh	-	s/x	x/dh	sh	x	x	x	sh	-	x	x	x	x
11	ʒ	xj	-	-	-	-	-	-	(j)	(j)	(j)	zh	-	xj	xj	xj	xj
12	v	v/vh	v	v	-	v	v	v	v	v	v	vh	vh	vh	vh	vh	vh
13	√	v	-	-	-	-	-	-	(vh)	(vh)	(vh)	-	v	-	-	-	-
14	β	vb	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	vb	-	-	-	-
15	ʋ	ŵ/v	-	-	ŵ	-	-	ŵ	-	-	-	v	-	v	v	v	v
16	ʂ	sv	-	-	-	-	-	-	sv	sw	sv	sv	-	sw	sv	sv	sv
17	sw	sw	-	-	-	-	-	-	sv	sw	sv	sv	-	sw	sw	sw	sw
18	ʐ	zv	-	-	-	-	-	-	zv	zw	zv	zv	-	zw	zv	zv	zv
19	zw	zw	-	-	-	-	-	-	zv	zw	zv	zv	-	zw	zw	zw	Zw
20	pʂ	ps	-	-	-	-	-	ps	ps	-	-	-	-	ps	ps	ps	ps
21	bʐ	bz	-	-	-	-	-	-	bz	-	-	-	-	bz	by	by	by
22	ŋ	n'	ng'	ng'	n'	ng	ñg	ng'	ng'	ng'	ng'	n'	n'	ñ	n'	n'	n'
23	ɴ	m'	m'	m'/n'	m'	m/n	m/n	m'/n'	m'/n'	m/n	m/n	-	-	m'	-	-	-
24	ɬ	hl	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	hl	hl	hl
25	ʎ	lh	-	ly/dy	-	ly	dy	dy	dy	dy	dy	-	-	lh	lh	lh	-

26	ɬ	lr	-	-	-	-	lr	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
27	a:	aa	-	aa	-	aa	aa	aa	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Legenda: **A.** SF (Símbolo Fonético); SP (Símbolo Padronizado); Mw (Mwani); MK (Makonde); YO (Yaawo); MH (Makhuwa); CW (Chuwabu); NY (Nyanja); NG (Nyungwe); SN (Sena); BL (Balke); SH (Shona); CP (Copi); TS (Tsonga); RH (Rhonga); TW (Tshwa).

B. 1. Oclusiva bilabial Vozeada; 2. Implosiva bilabial; 3. Oclusiva alveolar vozeada; 4. Implosiva alveolar vozeada ; 5. Oclusiva velar Vozeada; 6. Fricativa velar vozeada; 7. Africada palatal surda; 8. Africada palatal surda aspirada; 9. Africada palatal vozeada;10. Fricativa palatal surda;11. Fricativa palatal Vozeada; 12. Fricativa lábio-dental; 13. Fricativa lábio-dental retroflexa;14. Fricativa bilabial Vozeada;15. Fricativa lábio-dental (branda); 16. Fricativa lábio-alveolar surda retroflexa; 17. Fricativa lábio-alveolar surda; 18. Fricativa lábio-alveolar vozeada retroflexa; 19. Fricativa lábio-alveolar vozeada; 20. Africada lábio-alveolar surda; 21. Africada lábio-alveolar vozeada; 22. Nasal velar; 23. Nasal silábica; 24. Fricativa palatal lateral surda; 25. Fricativa palatal lateral Vozeada; 26. Lateral pós-alveolar; 27. Alongamento da vogal.

Além da padronização (incompleta) da forma de representação dos sons, o outro princípio adoptado como orientador da nossa escrita foi o da disseminação de palavras. Isto é, se as palavras deveriam ser escritas disjuntiva ou conjuntivamente. A opção foi: nem oito nem oitenta.

Havendo basicamente que se decidir entre escrita conjuntivista e escrita disjuntivista, foi acordado que a escrita das línguas moçambicanas deveria ser semi-conjuntivista. Isto é, todas as partículas gramaticais chamadas morfemas presos, devem ser agregadas ao morfema lexical que constitui o núcleo da palavra de que devem fazer parte. Por exemplo, os afixos flexionais (as marcas de sujeito, de tempo, de objecto, aspecto, modo, os afixos derivacionais) e derivacionais (extensões) devem escrever-se aglutinados ao morfema lexical. O mesmo em relação aos morfemas flexionais e derivacionais dos nomes e dos adjectivos. As conjunções e todas as outras partículas conectivas devem escrever-se separadamente. Estes princípios são aqueles que regem a escrita corrente das línguas moçambicanas.

O tom foi um assunto não concluído apesar do acalorado debate. Tentou-se encontrar um meio termo em relação à marcação ou não do tom na escrita das línguas moçambicanas. Depois de se ter constatado que a marcação de tom era um exercício complexo para os escreventes moçambicanos naquela fase de desenvolvimentos dos estudos de línguas moçambicanas, sugeriu-se que a sua marcação deveria limitar-se aos artigos científicos em que se discutem aspectos particulares das línguas, gramáticas, artigos ou dicionários. Portanto, não se marcaria o tom em textos de ficção ou outros não científicos.

II Seminário sobre a padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas

O II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas aconteceu numa altura em que estava em curso a implementação, pelo INDE, do Projecto Experimental de Educação Bilíngüe em Moçambique (PEBIMO) em Gaza (em Changana e Português) e em Tete (em Nyanja em Português). Os resultados deste Projecto divulgados um ano depois, e os resultados do II Seminário galvanizaram as discussões em torno da introdução das línguas moçambicanas no sistema de ensino no âmbito da Reforma de Ensino Básico levada a cabo pelo Ministério da Educação (INDE 2003).

Com efeito, a introdução de línguas moçambicanas no sistema de ensino catapultou a produção escrita em quase todas as línguas moçambicanas. Este trabalho, que contribuiu para a diversificação da natureza do texto escrito, que não é apenas o religioso ou o da comunicação social, é também o texto científico. Portanto, a partir de 2003, altura em que se introduz o ensino de e nas línguas moçambicanas, estas passam a revelar que o os colonialistas portugueses estavam errados ao afirmar que as línguas moçambicanas não poderiam ser usadas no ensino e muito menos na administração (Duarte 2006) uma vez que se produziu muito mais material escrito durante o período que separa o II seminário do III do que em qualquer outro período da história do nosso país. Além da produção

de material escrito, durante este peródo foi possível a:

- Introdução de Linguística bantu nos Instituto de Formação de Professores
- Introdução de ensino de línguas moçambicanas no ensino
- Introdução de Curso de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu na Universidade Eduardo Mondlane
- Abertura de Mestrado em Linguística com especialização em Linguística Bantu
- Instalação de capacidade para a formação de doutorados no país
- Iniciou a discussão de política linguística

Estes dados representam um avanço monumental no edifício da promoção e valorização das línguas moçambicanas, mas não representam o fim dos desafios relativamente ao uso e desenvolviento destas línguas. Ainda vai ser necessário o trabalho de advocacia em todos os sectores da vida social visando persuadir os moçambicanos a usarem uma única linguagem no tocante ao uso das línguas moçambicanas, mormente no sistema de ensino, como um dos elementos importantes do reconhecimento da igualdade de oportunidades entre os moçambicanos.

Outro aspecto importante que não fica resolvido em nenhum seminário é a investigação científica não só sobre as línguas, mas também sobre as outras áreas de conhecimento cujo domínio já não pertence às línguas. Portanto, será necessário convencer os moçambicanos de todas as áreas de conhecimento (Matemática, Física, Biologia, Química, Astronomia, Informática, Linguística, História, Geografia, Filosofia, Psicologia, Economia, Contabilidade, etc.) a trabalharem no sentido de "descobrirem" as ciências nas línguas moçambicanas para que ela seja ensinada aos moçambicanos através das suas línguas. Em resumo, a questão que cada cientista deve responder é "Como ensinar a miha disciplina na minha língua africana (bantu)?"

Desafios da definição de variante de referência

Um dos problemas que se colocam na adopção de uma ortografia padronizada relaciona-se com a escolha de variante de referência, uma vez que não é possível escrever-se todas as variantes que constituem a língua. No nosso caso, este estudo ainda não foi feito e achou-se que o próprio processo poderia levar-nos a identificar uma variante embora se saiba de alguns critérios normalmente considerados importantes na tomada de decisão sobre a matéria. No presente seminário, eu gostaria de desafiar os participantes a proporem uma variante a ser usada para referência quando se fala da respectiva língua.

Conclusão

Para terminar, importa estabelcer um paralelismo entre a ortografica e nossa prática quotidiana. O discurso político da actualidade enfatiza o combate à pobreza como um imperativo do momento. Para tal faz-se referência à necessidade de aumento de produção e da produtividade, o cultivo do espírito de empreendodorismo, unidade nacional.

O que parece faltar nesse discurso é a referência clara de que o instrumento de combate à pobreza não é apenas a enxada, a junta de animais, a barraca, é também e sobretudo o conhecimento, a ciência, o saber endógeno que tem de ser cultivado e melhorado, e o saber exógeno que tem de ser integrado na nossa cultura, na nossa maneira de ser e estar na nossa vida. A escrita desempenha assim, um papel muito importante no processo de criação e disseminação de conhecimento, instrumento primordial no processo da criação da riqueza (Mazula, 2008).

Referências

Almada, José. 2006. Importância da Padronização para a Língua e o Ensino. In Grupo para a Padronização do Alfabeto. 2006. *Proposta de Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo Verdeano*. IIPC. Praia. Cabo Verde. Pp.187-223

Castells, M. 1989. *The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring, and the Urban-Regional Process.* Oxford: Blackwell Publishers.

Coyaud, Maurice. 1976. Grafia. In André Martinet. (Org.). *Conceitos Fundamentais de Linguística.* (Tadução de Wanda Ramos). Editorial Presença. Lisboa. Portugal. Pgs. 157-162.

Diringer, David. 1983. *A History of the Alphabet.* Throughout the ages and in all lands.Gift Books Promotions. Gresham Books. Oxforshire.

Guarte, Dulce. 2006. História da Escrita em Cabo Verde. In Grupo para a Padronização do Alfabeto. 2006. *Proposta de Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo Verdeano.* IIPC. Praia. Cabo Verde. Pp. 49-98

Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. 2003. *Plano Curricular do Ensino Básico*. INDE. Maputo

Kristeva, Júlia. 1969. *História da Linguagem*. (Tradução de Maria Margarida Barahona). S.G.P.P., S.P.A.D.E.M. e A.D.G.P.

Mazula, B. 2005. *Ética, Educação e Criação da Riqueza: Uma reflexão Epistemológica*. Imprensa Universitária. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo

NELIMO, 1989. *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO, UEM/INDE. Maputo.

Ngunga, Armindo. 2001. Writing in Ciyao: The Past and the Future. In Pfaffe (ed). *Cross-Border Languages within the Context of Mother Tongue Education*.

Proceedings of the Third National Symposium on Language Policy and Language Policy Implementation held at Sun "n' Sand, Mangochi, 20-22 August.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO, Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

UNESCO. 2003. *Cultural Diversity and Linguistic Diversity in the Information Society*.

UNESCO Publications for the World Summit on Information Society. Paris.

Wisemann, Ursula et al. 1983. *Guide pour le developpement d'ecriture des langues africaines*. Department des Langues Africanes et Linguistique. F.L.S.H.

Université de Yaoundé.

A problemática do tom na escrita de línguas moçambicanas

Marcelino Liphola
Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais

liphola@zebra.uem.mz
liphola@tvcabo.co.mz

Introdução

A minha apresentação debruça-se sobre a problemática do tom na escrita de línguas bantu incluindo as faladas em Moçambique. A questão de representação do tom na escrita das línguas tonais constitui um problema recorrente na padronização de escrita das línguas africanas. Como Bird (1998) afirma, o tom representa um dos maiores desafios para os que queiram conceber novas ortografias para as línguas africanas. Geralmente, existem duas abordagens competitivas no tratamento do tom na escrita.

Uma abordagem do tom na ortografia tem sido excluí-lo totalmente, como acontece com o acento em Inglês. Esta é a chamada marcação zero. A outra abordagem alternativa à primeira é a análise fonémica do tom que consiste em apostar no uso exaustivo de diacríticos para distinguir os "tonemas". Segundo (Bird, 1998), estas abordagens revelam que nenhuma delas produziu níveis de fluência desejada de leitura e escrita, particularmente na África Sub-Sahariana.

O autor conclui afirmando que os proponentes das ortografias das línguas tonais ou não têm prestado muita atenção à função do tom nas línguas ou não têm garantido que a informação contida na ortografia padronizada seja acessível aos utentes ordinários da língua.

Com vista a examinar os desafios que o tom coloca na ortografia padronizada nas línguas moçambicanas, proponho-me estruturar a minha intervenção da seguinte forma: a secção 2 apresenta, de forma geral, algumas inconsistências encontradas nas ortografias padronizadas com a finalidade de mostrar que alguns problemas encontrados actualmente relacionados com a padronização de escrita das nossas línguas resultam de importação cega de assumpções de ortografias das línguas europeias. A secção 3 examina as abordagens extremas encontradas no tratamento do tom na escrita para mostrar que nenhuma delas consegue acomodar correctamente a representação do tom na escrita. A secção 4 propõe-se a apresentar um modelo alternativo de marcação gradual do tom na escrita das línguas moçambicanas, dando enfoque para os desafios que a implementação de tal modelo coloca. Finalmente, a secção 5 apresenta algumas conclusões preliminares.

Sobre as inconsistências na escrita

Uma observação rápida aos sistemas de escrita de várias línguas mostra que as ortografias padronizadas convivem com inconsistências, algumas das quais, responsáveis pelas dificuldades para atingir uma fluência desejada na leitura e na escrita. Convém não atribuir a culpa das dificuldades na fluência de leitura e na escrita apenas aos problemas derivados pelas ortografias "oficiais", porque elas são também devidas aos condicionalismos políticos e sociolinguísticos que não favorecem a alfabetização e o ensino formal em línguas locais.

O estabelecimento das ortografias recentes nas línguas africanas baseia-se em assumpções importadas das tradições de ortografias de línguas europeias, repletas de inconsistências na escrita. Devido à limitação de espaço e tempo que eventos desta natureza impõem, vou limitar a minha intervenção a este respeito, examinando algumas inconsistências na escrita.

Em primeiro lugar, comecemos por examinar um tipo de inconsistência comum na escrita da língua portuguesa. Segundo Romanelli (1980), nesta

língua, vários sons podem ser representados por um grafema e vice-versa. Por exemplo, o fonema coronal sibilante não vozeado /s/, oficialmente representado na escrita por **s** como em *tenso*, é grafado por dois *ss* como em *passo* e por *ç* como em *laço*.

O mesmo som, isto é, [s] é representado na escrita por *x* como em *auxílio*. Este é o caso em que quatro grafemas diferentes representam o único som [s].

A complexidade na representação do som [s] na escrita do Português é indicada esquematicamente em (1).

(1) Som	Grafemas	Exemplo
	< s >	ten**s**o
[s]	< ss >	pa**ss**o
	< ç >	la**ç**o
	< x >	au**x**ílio

O autor sugere que as palavras indicadas nos exemplos em (1) poderiam ser escritas facilmente como em (2), onde existe um compromisso entre a escrita e o som existente na língua.

(2) Som	Grafema	Exemplo
		ten**s**o
		pa**s**o
[s]	< s >	la**s**o
		au**s**ílio

Ainda segundo Romanelli (1980), contrariamente ao caso anterior em que um som é representado por quatro grafemas diferentes, em Português, existem situações em que o mesmo grafema representa vários sons.

Os exemplos mais representativos envolvem o grafema *x* que representa o fonema alveolar fricativo vozeado /z/ como em *exame*; o mesmo grafema representa o fonema alveolar fricativo não vozeado /s/ como em *próximo* e, também, serve para denotar o fonema palatal fricativo não vozeado /ʃ/ como em *Xavier*. A complexidade de escrita do segundo tipo é demonstrada em (3).

(3) Sons	Grafema	Exemplo
[z]		exame
[s]	< x >	próximo
[ʃ]		Xavier

Os exemplos fornecidos em (1) e (3) revelam que a ortografia padronizada da língua portuguesa perece ter perdido a oportunidade de tornar a escrita mais simples e funcional para os seus utentes.

Inconsistências semelhantes são encontradas na escrita do Inglês e no Alemão. Na primeira língua, o grafema <th> pode denotar o som interdental fricativo não-vozeado [T] como em *thin* "fino", como pode indicar o som interdental fricativo vozeado [Ω] como em *that* "aquilo". Nesta língua, as inconsistências são ainda notórias em sons vocálicos onde o mesmo grafema, tal como <u>, pode representar mais de quatro sons diferentes. Basta tentar pronunciar as palavras que em Português significam "mas" *but*, "autocarro" *bus*, "ocupado" *busy*, "pôr" *put*, entre outras, para ver as cambalhotas dadas pelo som [u] na escrita do Inglês.

Em Alemão, usam-se dígrafos ou trígrafos *tsch* para denotar o som africado palatal [t∑], facto que explica a existência deste grafema nas ortografias de línguas africanas baseadas na escrita do Alemão como é o caso

da língua Dschang falada nos Camarões. Este exemplo é análogo ao disputado caso do trígrafo *txch* na língua mais conhecida entre nós, *Txchopi*, que recebeu a influência da ortografia original baseada na língua Alemã. O uso de trígrafos é encontrada na escrita de outras palavras tais como *Matchedje*, onde o primeiro trígrafo denota erradamente o africado palatal que pode ser, perfeitamente, substituído pelo grafema ***c*** e o segundo dígrafo representa a consoante africada palatal vozeada que poderia ser substituída na escrita pelo grafema ***j***.

Estes são alguns casos demonstrativos que caracterizam as ortografias recentemente estabelecidas das línguas africanas e que resistem ao diálogo de mudança, visando o estabelecimento de ortografias padronizadas mais práticas e funcionais. No caso específico das línguas moçambicanas, estas inconsistências constituem as motivações de fundo por detrás de proliferação de formas múltiplas de escrita, por vezes, do mesmo nome, incluindo nos meios de comunicação social, como ilustram os exemplos indicados em (4), extraídos de diferentes fontes.

(4) Exemplos de disparidades na escrita:

Maceje	"In: Placa inaugural do Monumento do II Congresso"
Matchedje	"In: Jornal Zambeze" 24/07/08 pg. 30
Madjedje	"In: capulana das Celebrações dos 40 anos do II Congresso da FRELIMO"
Vilankulo	"In: Jornal Savana" 05/09/2008 pg. 18
Vilanculos	"In: Jornal Zambeze" 24/07/08, pg. 19
	"In: Jornal Domingo" 01/06/08, pg. 16

Abordagens extremas no tratamento do tom na escrita

As discussões de estabelecimento de ortografias emergentes que sejam práticas e funcionais, do ponto de vista de inclusão ou não do tom, têm sido influenciadas por duas abordagens opostas. Por um lado, existe uma corrente desenvolvida pela análise fonémica (Pike, 1947) que defen-

de a inclusão de todos os tons contrastivos na escrita. Por outro lado, há uma visão oposta à primeira que defende a exclusão total do tom na escrita. Esta segunda visão é patente em CASAS (2001) e CNL (2005).

Marcação fonémica do tom na escrita

A abordagem fonémica baseia-se, fundamentalmente, na identificação de contrastes dos sons. Tendo em conta as oposições verificadas, assume-se, por exemplo, que o grafema *k*, e não um outro símbolo qualquer, denota a consoante oclusiva velar não vozeada. Por conseguinte, o grafema *g*, e não um outro símbolo qualquer, indica a consoante oclusiva velar vozeada. Essas correspondências forçam os sistemas ortográficos a ter que, primeiro, identificar os fonemas e, depois, a atribuir um grafema correspondente para cada fonema.

Devido à transposição de contrastes fenémicos das línguas do colonizador para as línguas "indígenas" resultaram duas situações no estabelecimento das ortografias recentes das línguas africanas. Uma situação foi a de super-representação, como resultado do exercício de incluir "todas" as oposições fonémicas encontradas na língua. A outra situação resultante da análise fonémica foi a sub-representação dos contrastes necessários, quando não se impôs o levantamento das oposições fonémicas. Estes factos fizeram com que fosse extremamente difícil aprender os sistemas de escrita, não só das línguas africanas, como as ortografias iniciais estabelecidas em línguas europeias.

Seguindo a abordagem fonémica, Pike (1948) sugere que nas línguas tonais, o tom deve ser marcado na escrita para distinguir palavras diferentes. Com o desenvolvimento do modelo fonémico, generalizou-se a aceitação de que o ortografema deveria ser fonémico, onde existe uma correspondência unívoca entre os fonemas (unidades distintivas discretas) e os respectivos grafemas (símbolos convencionais de escrita).

Como Bird (1998) indica, fazendo a assumpção segundo a qual o tom deveria ser marcado na escrita, ficou implícito que tal representação poderia ser marcada fonemicamente e através de diacríticos. Se o tom for marcado fonemicamente, então, o primeiro passo deve ser a inventa-

riação de todos os tonemas que são contrastes ou oposições distintivas existentes na língua.

O segundo passo é atribuir um grafema para cada tonema, ou seja, convencionar um símbolo gráfico para cada uma das oposições. Nesse exercício e tendo em conta a abordagem fonémica, existe a possibilidade de usar o mesmo grafema para mais de um tonema. O terceiro passo é, dependendo do modelo fonémico específico, fazer a construção de esquemas (regras ortográficas) que permitam indicar os tonemas em causa e proceder à marcação do tom usando uma espécie de transcrição fonética como indicado em (5).

(5) Contraste tonal nas formas verbais em Ciyaawo:
a. ngànííndyá = tempo aspecto X
b. ngàníìndyà = tempo aspecto Y
c. ngàníîndyà = tempo aspecto Z

Geralmente, a prática comum nas ortografias das línguas africanas é a utilização do símbolo equivalente à marca do acento agudo para indicar o tom alto, a do acento grave para indicar o tom baixo e um travessão para indicar o tom médio. Os exemplos indicados em (5) reflectem o facto de Ciyaawo não apresentar o tom médio contrastivo. Todavia, ocorre nesta língua o terceiro tom derivado da combinação dos tons altos e baixo.

Como se depreende, os exemplos de Ciyaawo indicados em (5) revelam que existe o contraste tonal na penúltima sílaba, envolvendo os tons alto como em (5a), o tom baixo como em (5b) e o tom descendente como em (5c). Além disso, há oposição entre os tons alto e baixo na última sílaba como em (5a) e (5b).

O exemplo mais representativo de super-marcação fonémica do tom vem da língua Dschang falada nos Camarões (Bird, 1998), onde os tons alto e médio são incluídos na ortografia, excepto o tom baixo.

O outro aspecto referido anteriormente relaciona-se com a possibilidade de marcar o tom usando diacríticos. Os diacríticos geralmente utili-

zados na marcação do tom são os números inteiros ou pequenos círculos co-indexados com a unidade portadora do tom (UPT).

A primeira grande crítica que se faz à marcação do tom através de símbolos acentuais ou através de diacríticos é a grande densidade de marcas tonais na ortografia. A segunda crítica relaciona-se com o facto de apenas um número limitado de pessoas ser capaz de escrever correctamente os símbolos tonais.

A terceira limitação prende-se com o facto de ser extremamente difícil de representar o tom na escrita ao nível de frase, uma vez que o comportamento tonal varia dependendo de domínio de sua ocorrência. O tom que aparece numa palavra de forma isolada é diferente do tom que aparece quando a mesma palavra ocorre no contexto de frase.

Os exemplos em (6) demonstram o comportamento diferenciado do tom em Makonde dependendo do contexto de sua ocorrência.

(6)	nakatataambwe	'aranha'
	shimbayambaaya	'tractor'
	nákátámbwé ngúlúguuma	'aranha redonda'
	shímbáyámbáyá shíkúmeêne	'tractor grade'

Os dados em (6) revelam que palavras tais como nakatataambwe "aranha" e shimbayambaaya "tractor" são pronunciadas sem o tom alto, mas as mesmas palavras aparecem com o tom alto em todas as vogais quando são seguidas de um qualificador. Estes exemplos mostram que embora as pessoas possam facilmente ouvir e determinar o tom em palavras isoladas através de comparação de uma lista pequena de palavras, determinar o tom ao nível de frase é um exercício que exige treino especializado.

Estudos feitos por Bird nessa área são bastante instrutivos, porquanto revelam aspectos pouco examinados e testados em línguas que procuram estabelecer novas ortografias. Bird (1998) afirma que estudos feitos sobre a marcação fonémica do tom revelam que a super-marcação do tom faz regredir a fluência na leitura e não ajuda a resolver os casos de ambigui-

dade das palavras. Indivíduos escolarizados obtiveram 83% da resposta correcta na testagem de leitura de um texto com inclusão de informação tonal, enquanto pessoas menos experientes na escrita obtiveram apenas 53%. Bird (1998) conclui dizendo que as pessoas não foram equipadas com procedimentos efectivos para determinar os símbolos correctos de marcação do tom na escrita. Ironicamente, a mesma experiência de marcação fonémica do tom está a ser repetido em muitas línguas.

A questão que Bird não esclarece é saber se as testagens também envolvem crianças que pela primeira vez são alfabetizadas na sua língua materna num período relativamente longo de aprendizagem. A resposta a esta questão é fundamental, porque mesmo em línguas acentuais, onde o acento é parcialmente incluído na escrita, como em Português, o alfabetizando precisa de completar ciclos de aprendizagem para saber marcar correctamente o acento dentro da palavra.

Marcação zero do tom na escrita

Opondo-se à análise fonémica do tom na escrita, existe a segunda abordagem extremista que defende a exclusão total do tom na escrita: esta é a chamada marcação zero do tom. Em termos práticos, isso significa que as línguas moçambicanas poderiam optar pela adopção de ortografia padronizada sem a inclusão do tom, como acontece na língua Inglesa onde o acento não é marcado. Note-se que em Inglês, a diferença entre o nome e o verbo em algumas palavras é indicada através do acento que não aparece diacriticamente marcado na escrita.

Os exemplos mais representativos das oposições indicadas pelo acento em Inglês são fornecidos em (7).

(7) Contrastes indicados pelo acento em Inglês:

Verbo		Nome	
condúct	'conduziz'	cónduct	'condução'
recórd	'gravar'	récord	'gravador'
expórt	'exportar'	éxport	'exportação'
prodúce	'produzir'	próduce	'produto'

Abordagem intermédia no tratamento do tom na escrita

Além das posições extremas na abordagem do tom nas ortografias padronizadas das línguas africanas, encontramos ainda um posicionamento intermédio. A abordagem intermédia consiste em marcar apenas o tom alto que ocorre no tema nominal em sílabas da posição não final para distinguir alguns temas verbais. Stegen (2005) aponta que encontramos a abordagem intermédia do tom na escrita em algumas línguas da África Austral tal como Rangi.

Factores de inclusão vs exclusão do tom na escrita

Examinando as ortografias padronizadas das línguas tonais do grupo bantu, incluindo as faladas na região da África Austral, constata-se que estas adoptam três estratégias na abordagem do tom na escrita. Encontramos duas estratégias extremas e uma abordagem intermédia que procura estabelecer equilíbrio entre as duas posições extremas.

Dependendo do tipo de abordagem há, por um lado, línguas que excluem o tom nas suas ortografias e, por outro lado, existem línguas que fazem a marcação exaustiva do tom nas suas ortografias.

Dentro do grupo de línguas que adoptam a abordagem de marcação zero do tom na ortografia distinguem-se dois sub-grupos. Segundo Stegen (2005), há línguas que excluem o tom na escrita, porque perderam o contraste tonal. Uma vez que não há, nessas línguas, o contraste do tom no sistema fonológico, não parece haver motivação, de facto, para incluir o tom nas suas ortografias. Estão nesse grupo as línguas Swahili, Nyakyusa, Tumbuka, entre outras.

Ainda dentro do grupo de línguas que optaram pela exclusão do tom nas suas ortografias encontramos aquelas que, embora apresentando contrastes tonais no seu sistema fonológico, decidiram que a marcação do tom deveria ser dispensada, porque os proponentes das ortografias padronizadas entenderam que existem dicas contextuais, textuais e lexicais que permitem distinguir o significado de lexemas análogos e desambiguar significados gramaticais. Fazem parte deste grupo as línguas Lugwere, Tharaka, Ciyaawo falado no Malawi e Cinyanja (vulgo Chichewa) falado no mesmo país.

A corrente que desfavorece a inclusão do tom nas ortografias chega mais longe ao afirmar que:

"Não é necessário marcar o tom, porque tal iria tornar a leitura difícil e confusa. Mesmo sem a marcação do tom, o significado das palavras é, em muitos casos, discernível a partir do contexto de frases e de discurso (pg.2)"[4].

***

"It is not necessary to mark tone as that would make reading arduous and cumbersome. Even without tone marking, the meaning of words is in most cases discernable from sentential and discourse context" (in: "General Spelling Rules and Orthografic conventions of Southern-Central African Bantu Languages" (2001:2)

Na mesma óptica, "The Orthography of Ciyawo (2005) assume que a presença do tom na escrita tornaria a leitura mais embaraçosa, sem contudo mostrar evidência apoiada com dados de um trabalho de campo e de testagem.

O exame do tom na escrita revela ainda que há línguas que optaram pela marcação fonética do tom alto. Nesse grupo de línguas estão incluídas Gungu, Moe and Mbabazi (1998), Zinza, entre outras. Estes factos permitem concluir que há um conjunto de factores que favorecem a não preferência do tom na escrita.

Em primeiro lugar, a ausência de critérios unificados no estabelecimento das ortografias padronizadas faz com que cada língua estabeleça as suas próprias balizas.

Em segundo lugar, as ortografias usadas actualmente na maioria de línguas africanas foram inicialmente desenvolvidas por antropólogos, etnólogos e missionários, muitos deles sem formação especializada em linguística. Embora tendo feito um trabalho pioneiro valioso de descrição elementar de alguns elementos de gramáticas de línguas africanas, esses entusiastas não tinham o ouvido para captar o valor linguístico dos tons.

Consequentemente, restava-lhes a habilidade de transferir a experiência de escrita das línguas através das quais tinham sido alfabetizados para aplicá-la em novas línguas.

O exame feito aos estudos pioneiros de línguas africanas (Schumann, Von C. 1898; Lorenz, Von A. 1914) revela que, por um lado, tais estudos não incluem, em muitos casos, dados linguisticamente relevantes e, por outro, incorporam dados de dialectos de línguas diferentes, que são considerados como fazendo parte de uma mesma língua.

Em terceiro lugar, mais tarde, os africanos alfabetizados através de línguas do ex-colonizador seguiram a mesma prática de "escrever" as suas línguas maternas usando ortografias estranhas. Actualmente, esse grupo de "veteranos" de praticantes de escritas de línguas africanas constitui uma força considerável que não encontra motivos para o esforço tendente ao estabelecimento de ortografias padronizadas, porque alegadamente as novas propostas de estabelecimento de ortografias padronizadas não levam em conta a experiência acumulada ao longo dos anos. Esses factos não só encorajaram a exclusão do tom na escrita, mas também favorecem a proliferação de formas ortográficas diferentes dentro da mesma língua.

Em quarto lugar, a exclusão do tom na escrita tem a ver com a dificuldade de se distinguir os tons linguisticamente relevantes. Embora seja possível ouvir os diferentes tons, o ouvido humano linguisticamente menos treinado dificilmente consegue distinguir as diferenças significativas entre os tons, dificultando o processo de escolha de grafemas tonais apropriados que captem a dimensão de organização interna dos sons.

Em quinto lugar, o tom apresenta diferenças de funcionamento dependendo de sua ocorrência na palavra ou na frase. Frequentemente, em muitas línguas tonais, tais como Ciyaawo, Cinyungwe, Kimwani, Shimakonde, Kimatuumbi, entre outras, uma palavra pode ocorrer sem tom na forma isolada, mas exibir tons altos múltiplos no contexto da frase.

Em sexto lugar, o tom é desencorajado na escrita, porque existem poucos estudos científicos das línguas tonais, particularmente as da Áfri-

ca Sub-Sahariana. Consequentemente, não encontramos uma descrição exaustiva das tipologias tonais que permitam fazer generalizações válidas para todas as línguas.

Em sétimo lugar, existe o sentimento segundo o qual, a inclusão do tom na escrita tornaria a leitura mais complexa. Todavia, esse argumento peca por não apresentar resultados de testagem de casos envolvendo crianças que, pela primeira vez, aprendem a ler e escrever na sua língua materna.

Em nono lugar, há quem pense que a inclusão do tom na escrita multiplicaria a presença de diacríticos, fazendo com que os textos escritos sejam menos "bonitos".

O tom na escrita de línguas moçambicanas

A primeira pergunta básica que devemos responder é a seguinte: precisamos ou não de incluir o tom na escrita das línguas moçambicanas? A resposta a esta pergunta foi em parte dada no I e II Seminários sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Nesta apresentação vou reelaborar a resposta anteriormente dada trazendo evidências que favorecem a inclusão do tom em algumas línguas e sua exclusão em outras línguas.

Dados de estudos posteriores permitem afirmar que temos três situações quanto à inclusão do tom na escrita das línguas moçambicanas.

Em primeiro lugar, temos línguas onde existe evidência suficiente de que o tom deve ser necessariamente incluído na escrita, porque tais línguas apresentam contrastes tonais. Além disso, nestas línguas, existem mais de dois contrastes do tom. Este grupo de línguas inclui Kimwani, Ciyaawo e Shimakonde. Devido ao número elevado de contrastes tonais e devido à necessidade de fazer a distinção entre os tempos verbais através do tom argumentar-se-á que o tom seja marcado na escrita destas línguas.

Em segundo lugar, existem línguas que, embora apresentando o tom contrastivo, exibem apenas dois contrastes, entre o tom de nível e o tom descendente. Além disso, o contraste tonal existente nestas línguas é associado à distinção entre a vogal breve e longa. As línguas mais representativas deste grupo são Emakhuwa, Ekhoti, mas provavelmente o mesmo acontece em Elomwe e Echuwabu. Devido ao número limitado de contrastes tonais e devido ao contraste entre a vogal longa e breve, sugere-se que o tom seja excluído na sua ortografia padronizada.

Finalmente, há línguas tais como Cinyungwe, Cicopi, Gitonga, e outras cuja informação disponível não é suficiente para se tomar uma decisão definitiva sobre a marcação ou não do tom na ortografia padronizada. Em relação a estas línguas, deixa-se o problema em aberto até que mais estudos sejam realizados.

Depois desta caracterização prévia, vou falar sobre os princípios tonais gerais na ortografia padronizada.

Princípios tonais básicos na escrita

Tendo em conta a frequência de ocorrência do tom e o facto de que as vogais portadoras do tom podem ser longas ou breves, a relação entre a representação do tom na escrita e o alongamento da vogal é captada através de quatro princípios tonais a ter em consideração na ortografia padronizada. Os referidos princípios dizem respeito apenas ao tom de registo[12].

Princípio 1: *O tom que ocorre com mais frequência na língua não é representado na escrita.*[12]

Princípio 2: *Na escrita, o tom de nível alto associa-se à vogal breve ou à vogal longa (representada na escrita pela vogal dobrada) ou a uma parte da vogal longa resultando em tons ascendente, descendente e alto-descendente.*

[12] Em línguas onde a ocorrência do tom alto é predominante, este não deve ser incluído na escrita.

Princípio 3: *Os tons ascendente e descendente são representados na escrita associando-os sempre a vogal longa. Se a primeira parte da vogal longa tiver o tom alto diz-se que o tom é descendente. Se o tom alto estiver na segunda parte da vogal longa obtem-se o tom ascendente.*

Princípio 4: *O tom alto-descendente é representado na escrita associando o tom composto alto-descendente à segunda parte da vogal longa.*

Um aspecto importante na escrita diz respeito à forma como os diferentes tipos de tons são ortograficamente representados. Existem várias formas de representar o tom na escrita. Por razões de simplicidade propõe-se a adopção de grafemas tonais indicados na Tabela 1, onde o símbolo *aa* representa qualquer vogal longa e *a* representa qualquer vogal breve.

Tabela 1: *Símbolos tonais na escrita.*

Tipo de tom	*Representação na scrita*
Tom de nível alto	áá ou á
Tom ascendente	aá
Tom descendente	áa
Tom alto-descendente	aâ
Tom de nível baixo	aa ou a

A Tabela 1, de grafemas tonais, mostra que há vogais que se apresentam sem tom alto. A vogal sem o tom alto possui o tom baixo. Por convenção, sugere-se que o tom baixo não deve ser incluido na escrita. A mesma tabela mostra ainda que os tons resultantes da combinação dos tons alto e baixo associam-se sempre à vogal longa, de acordo com o princípio geral tonal 3.

A exemplificação dos grafemas tonais da Tabela 1 é feita com os dados de Kimwani indicados em (8):

(8) Exemplificação de grafemas tonais com dados de Kimwani:

Tom	*Exemplo*	
alto	wanku-fyóma	'estão a ler'
	wanku-fyóméla	'estão a ler para'
ascendente	waki-fyoóma	'se lerem'
	wáki-fyoóma	'liam'
descendente	wa-fyóoma	'leram'
	wá-fyóoma	'tinham lido'
baixo	ka-fyoma	'ele leu'

Shimakonde é a outra língua que fornece evidência de que o tom pode ser incluído na escrita utilizando os grafemas indicados na tabela 1.

(9) Exemplificação de grafemas tonais com dados de Shimakonde:

Tom	*Exemplo*	
alto	vanku-júúgwa	'estão a pedir'
ascendente	va-juúgwe	'deixe-os pedir'
descendente	vaka-júugwe	'deixe-os irem pedir'
alto-descendente	vaka-juûgwa	'se eles pedirem'
baixo	vaka-juugwa	'enquanto não pediam'

Os exemplos fornecidos em (8) e (9) mostram que o tom alto pode ser associado à vogal longa ou breve, de acordo com o Princípio tonal 2. A aplicação do Princípio tonal 2 permite incluir o tom na escrita tanto das línguas em que ocorre o contraste fonológico entre a vogal longa e a vogal breve como em Ciyaawo, quanto das línguas em que o alongamento é predizível como em Shimakonde.

O Princípio tonal 3 estabelece que os tons descendente, ascendente e alto-descendente exigem a presença automática da vogal longa na escrita. Este facto permite a associação do tom alto ou à primeira ou segunda partes da vogal longa. A consequência imediata do Princípio tonal 3 sobre a escrita é a obrigatoriedade da inclusão da vogal longa na escrita, mesmo nas línguas em que a sua ocorrência é predizível.

A necessidade de inclusão da vogal longa na escrita de Kimwani fora

notada e decidida durante a realização do I Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas (1988). A mesma posição foi reforçada no II seminário (1999), quando se lê o seguinte:

> "Embora a duração vocálica não seja contrastiva nesta língua, na sua escrita será representada a distinção entre vogal breve (p. ex., ***a***) e vogal longa (p. ex., ***aa***) devido ao facto de em algumas palavras ter acontecido queda de consosantes que constituíam a margem pré-nuclear das sílabas (1999 : 27)".

Para apreciar o alcance da decisão de incluir a vogal longa na escrita de Kimwani, foi notado que existem nesta língua palavras tais como *káamba* "ele tinha dito" e *báári* "mar" que são sempre pronunciadas com o alongamento vocálico. É preciso notar que embora haja tom descendente na primeira vogal no verbo *káamba*, o passado recente do mesmo verbo realiza-se sem tom alto, como em *kamba* "ele disse".

Tom e escrita de Kimwani

Evidências linguísticas demonstram que Kimwani é uma língua tonal. O exame de dados desta língua revela que existem dois tons básicos em Kimwani, a saber, o tom alto e baixo. O relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas (2000:32-33) refere que:

> "todos os verbos têm tom que marca as diferentes formas verbais".

De facto, nem todos os verbos têm tom alto para marcar diferentes formas verbais em Kimwani. Algumas categorias flexionais do verbo são indicadas simultaneamente pela informação morfológica e pelo tom, como mostram os exemplos em (10).

(10) Contraste do tom em Kimwani:

a.	wanu wáalíima	'as pessoas tinham cultivado'
	wanu wáaláala	'as pessoas tinham dormido'

	wanu wápumúula	'as pessoas tinham descansado'
	wanu wápakáníila	'as pessoas tinham conversado'
	wanu wápindíkúula	'as pessoas tinham virado'
b.	wanu waálíima	'as pessoas que cultivam'
	wanu waáláala	'as pessoas que dormem'
	wanu wapúmúula	'as pessoas que descansam'
	wanu wapakáníila	'as pessoas que conversam'
	wanu wapindíkúula	'as pessoas que viram'

Os exemplos em (10) mostram que a distinção entre o passado remoto em (10a) e a frase qualificadora relativa em (10b) é feita através do tom. Para indicar essa diferença gramatical torna-se necessário marcar o tom na escrita de Kimwani.

Além disso, em Kimwani, a distinção entre o passado remoto e o passado recente é feita através do tom. A presença do tom alto é obrigatória no passado remoto como em *káamba* "ele tinha dito", mas ele é eliminado no passado recente.

Os factos tonais de Kimwani revelam que não existe uma forma simples de distinguir o passado recente do passado remoto num texto escrito se o tom não for incluido. Mesmo em contextos frasais do tipo *nsimana kafyoma* "a criança leu" e *nsimana káfyóoma* "a criança tinha lido" não seria possível distinguir a diferença entre os dois enunciados se o tom não fosse devidamente marcado.

A sugestão inicial proposta nesta comunicação é que não fosse necessário marcar todos os tons em todas as formas verbais em (10). A marcação gradual do tom na escrita dos verbos de Kimwani resolveria a ambiguidade existente entre (10a) e (10b).

A ideia subjacente sobre a marcação gradual do tom é a seguinte: bastaria convencionar que o tom fosse indicado na escrita em apenas uma das formas verbais. A segunda possibilidade seria convencionar que só se marca o tom da primeira sílaba do passado remoto, ficando subentendido que a frase relativa seria escrita sem a inclusão do tom.

O resultado de marcação gradual do tom em Kimwani daria o resultado indicado em (11).

(11) Marcação gradual do tom em Kimwani:

a.	wanu wáaliima	'as pessoas tinham cultivado'
	wanu wáalaala	'as pessoas tinham dormido'
	wanu wápumuula	'as pessoas tinham descansado'
	wanu wápakaniila	'as pessoas tinham conversado'
	wanu wápindikuula	'as pessoas tinham virado'
b.	wanu waaliima	'as pessoas que cultivam'
	wanu waalaala	'as pessoas que dormem'
	wanu wapumuula	'as pessoas que descansam'
	wanu wapakaniila	'as pessoas que conversam'
	wanu wapindikuula	'as pessoas que viram'

Note-se que por causa de marcação gradual do tom na escrita, obtivemos (11a) com o tom alto na primeira sílaba do verbo, mas foram eliminados os tons múltiplos em (11b). A vantagem deste sistema é a redução de diacríticos no texto escrito.

A consequência final resultante de marcação gradual do tom na escrita é a abordagem intermédia no tratamento do tom na escrita. A abordagem intermédia não faz a marcação exaustiva do tom, mas também não opta pela marcação zero do tom.

A grande desvantagem desta abordagem é a de que ela pressupõe que o utente da escrita tenha conhecimentos prévios das noções de "passado remoto" vs. "passado recente" e de "frase qualificadora relativa" para decidir onde incluir ou não incluir o tom na escrita.

Tom e escrita de Ciyaawo

Ciyaawo é a outra língua moçambicana que fornece boa evidência sobre a necessidade de inclusão do tom na escrita. Nesta língua, existem dois tons básicos, mas há quatro contrastes tonais como indicam os exemplos que se seguem:

(12) Contraste tonal em Ciyaawo:

wuné ngáníindya	'eu não comi'
wuné ngánííndya	'eu não comerei'
wuné ngánííndyá	'para que eu não coma'
wuné ngániindya	'eu não tinha comido'

Os dados de Ciyaawo fornecidos em (12) são particularmente interessantes, porque mostram que, por um lado, não existe nenhum contexto textual que possa desambiguar os contrastes do tom gramatical. Assim, o argumento segundo o qual o contexto é importante para desambiguar o texto escrito não é universalmente sustentável.

Os dados de Ciyaawo são mais importantes ainda porque mostram que a abordagem de marcação gradual do tom teria de inventar muitas sub-regras de escrita para informar ao utente quando e onde incluir o tom. Como se pode ver, o problema colocado pelos exemplos em (12) é que a diferença no significado resulta da distribuição do tom ao nível de superfície.

Para resolver o problema de contraste tonal em Ciyaawo ao nível de escrita, parece útil pensar-se em termos de tonemas contrastivos, isto é, com valor fonémico, onde para cada exemplo em (12) corresponderia a quatro unidades distintivas diferentes, tais como /**p**, **b**, **t**, **d**/.

Tom e escrita em Shimakonde

Shimakonde fornece outra evidência linguística para incluir o tom na escrita tendo em conta a abordagem de marcação exaustiva do tom na escrita.

Considerem-se os exemplos em (13), onde ocorrem quatro contrastes tonais.

(13) Contrastes tonais em Shimakonde:

a.	magweelu áválímiile	'as machambas que eles cultivaram'
	magweelu avalímiíle	'eles não cultivaram as machambas'
	magweelu avalimiîle	'machambas, eles não tinham cultivado'

	magweelu, avalímiile	'que ele lhes cultive as machambas'
	magweelu áválíima	'machambas que eles estão a cultivar'
b.	muunu ávátwáala	'a pessoa buscando-os'
	muunu ávátwaála	'a pessoa que os está a buscar'
	muunu avatwáala	'a pessoa não os vai buscar'
	vannu avatwaala	'as pessoas não vão buscar'

De forma definitiva, os dados de Shimakonde colocam problemas às abordagens de marcação zero e marcação gradual do tom na ortografia padronizada. Primeiro, há elementos relacionados com o tempo/aspecto que são indicados tonalmente.

Segundo, tempos verbais e estratégias de qualificação são igualmente distinguidos através do tom, como mostram os dados em (13a) e (13b). Estes factos autorizam-nos a colocar as seguintes questões:

1. Porquê a ortografia das nossas línguas tem de imular a ortografia padronizada das línguas europeias que não partilham muitas propriedades comuns com as línguas africanas?

2. Que sistema ortográfico sairia a ganhar se tivéssemos que incorporar os elementos linguísticos relevantes na ortografia padronizada?

Confesso que não tenho repostas para estas duas perguntas, mas tenho a certeza de que nehuma forma de escrita é um sistema perfeito. Por isso, sugiro a seguinte conclusão para a minha apresentação:

Conclusões

Se a escrita tivesse encontrado respostas definitivas sobre a representação da fala humana, através da escrita, nós teríamos resolvido o problema que se vem arrastando desde que a humanidade a inventou e teríamos reduzido, em grande medida, os problemas que hoje enfrentamos no ensino, sobretudo, nos domínios de escrita e leitura. Aprender a ler ou escrever um texto numa língua é um exercício penoso e inibidor

no processo de ensino e aprendizagem. Escrever ou ler um texto numa língua tal como Inglês, Alemão ou Árabe, chega a ser uma violentação da mente da criança, mesmo em se tratando de crianças falantes nativas destas línguas pois, por um lado, a escrita é incapaz de representar fielmente a fala. Por outro, alguns sistemas de escrita, devido à sua longa tradição, ficaram fortemente sedimentados a ponto de se tornarem inflexíveis e incapazes de reconhecer as suas inconsistências internas.

Devido a este facto, as ortografias padronizadas de algumas línguas, tais como Inglês, Português, Alemão, Francês, entre outras, não conseguiram resolver as inconsistências de escrita milenar das suas línguas. Decorre desse facto que, as ortografias padronizadas emergentes das nossas línguas tenham de caminhar com cautela, para evitar que se trilhe pelo mesmo caminho por onde passaram ortografias já fossilizadas e imaleáveis, com pouca flexibilidade de aceitar mudanças inovadoras no seu sistema.

Conclui-se dizendo que os sistemas de escrita que nos são colocados como modelo via tradução da bíblia, ou de novos testamentos, não estão primariamente interessados em desenvolver um sistema próprio de escrita das nossas línguas para resolver o problema de analfabetismo dos africanos, mas sim, de estabelecer uma ponte para a aceitação de valores que fazem parte da cultura ocidental, através da qual ficamos mais distantes da nossa cultura mesmo sem termos tido a oportunidade de viajar para o ocidente.

Referências:

Bird, S. 1998. When marking Tone Reduces Fluency: An Orthography Experiment in

Cameroon. www.citeseers.ist.psu.edu

CLS (ed.). 2005. *The Orthography of Ciyawo*. E+V Publications. Chileka, Malawi.

NELIMO, 1989. I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Pike, Kenneth Lee. 1947. Phonemics: A Technique for Reducing Languages to Writing. The University of Michigan Press, Ann Arbor.

Romanelli, 1980. Ortofonografia da Lingua Portugueza. Kontribusao para uma reforma Ortografika . Universidade Federal de Minas Jerais, Belo Horizonte.

Stegen, O. 2005. Tone in Eastern Bantu Orthographies. Assignment for SIL Bantu Orthograpy meeting. Dallas, November 7-12, 2005.

Sitoe, B. e Ngunga, A. 2000. Relatório do II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. NELIMO. Faculdade de Letras. UEM.

CAPÍTULO IV: COMUNICADO FINAL

De 22 a 24 de Setembro de 2008 realizou-se na UEM o III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.

Este evento, organizado pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mndlane surgiu na sequência do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas realizado em Maputo em 1999, organizado pela UEM – NELIMO em coordenação com o Ministério da Cultura Juvenude e Desportos (ARPAC). Dez anos após aquele seminário era importante este momento de balanço dos principais pontos fortes e os principais pontos fracos que o sistema de escrita proposto deve ter manifestado no processo da sua implemantação no período intermeado pelos dois seminários.

Além das discussões em grupo de línguas, durante o Seminário foram apresentadas cinco comunicações que constituiram o suporte teórico do evento. Tratou-se de comunicações sobre: *A política de empoderamento linguístico em África,* de Kwesi K. Prah; *Geografia Linguística de Moçambique*, de Laurinda Moisés, Jorgete de Jesus e Elsa Cande*; Padronização da Escrita de Línguas Moçambicanas: Desafios e Pragmatismos,* Armindo Ngunga; *A importância do Texto Escrito na Difusão de uma Língua,* Amélia Mingas; e *O tom na escrita das Línguas Moçambicanas*, Marcelino Liphola.

Tal como nos seminários anteriores, no III Seminário participaram peritos nacionais e estrangeiros que se dedicam à investigação na área das línguas bantu faladas em Moçambique e nos países vizinhos, falantes com domínio da fala e da escrita destas línguas e representantes de instituições públicas e privadas que têm as línguas moçambicanas como seu instrumento de trabalho. Neste conjunto, importa destacar a participação massiva da Rádio Moçambique, da Sociedade Internacional de linguística (SIL) e representantes de confissões religiosas, entre outras.

Os objectivos preconizados para este seminário foram totalmente al-

cançados, pois permitiu rever alguns aspectos da ortografia que careciam deste exercício, e permitu também concluir que a maior parte da decisões tomadas há dez anos sobre a ortografia das línguas moçambicanas estavam correctas. Isto é justificado pelo facto de na maior parte dos casos ter-se mexido no mínimo no relatório do II Seminário. Melhor do que nos seminários anteriore, esclareceu-se a questão do tom e os falantes de cada língua saíram a saber como agir em relação a este assunto.

O III Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas encerrou na terde do dia 24 de Setembro de 2008, com a promessa partilhada de que, sem prejuízo de outros seminários nos anos seguintes, em 2018 se realize o IV que seria o Seminário da consolidação da ortografia de linguas moçambicanas.

Maputo, Setembro de 2008.

CAPÍTULO IV: SÍNTESE GERAL DOS TRABALHOS DO III SEMINÁRIO SOBRE A PADRONIZAÇÃO DA ORTOGRAFIA DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

O III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas teve lugar de 22 a 24 de Setembro de 2008, no Complexo Pedagógico da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

A sessão de abertura foi presidida por Sua Excelência, dr Aires Ali, Ministro da Educação e Cultura da República de Moçambique e contou com a presença do Senhor Vice-Reitor Académico da UEM, Prof. Doutor Orlando Quilambo, o Senhor Vice-Reitor da Administração e Recursos humanos da UEM, Doutor Ângelo Macuacua, do Director do Centro de Estudos Africanos e Presidente da Comissão Organizadora do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, Professor Catedrático Armindo Ngunga, do Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM, Professor Catedrático Armando Jorge Lopes, e do convidado de honra, Director do Centro de Estudos Avançados das Sociedades Africanas baseado na África do Sul, Professor Kwesi Kwa Prah, dentre outros ilustres convidados representando instituições parceiras e interessadas na matéria de línguas moçambicanas.

Intervindo por ocasião da sessão de abertura, o Presidente da Comissão Organizadora saudou os presentes, dando boas vindas a todos e agradeceu aos parceiros e membros da comissão organizadora pelo esforço dispendido para que o seminário se tornasse realidade. Tecendo algumas considerações sobre o seminário, o presidente traçou o percurso feito desde a realização do I seminário, em 1988, e explicou que o presente evento tinha os seguintes objectivos:

- Discutir a problemática da escrita das línguas africanas (sobretudo as faladas na região da SADC) em geral, e das línguas moçambicanas em particular;

- Sistematizar as experiências acumuladas desde a realização do II seminário sobre a padronização de línguas moçambicanas;

- Apresentar uma proposta do sistema de escrita das línguas moçambicanas para ser aprovada pelas instâncias superiores do governo e do Estado, de modo que esteja disponível um conjunto de normas a observar na representação escrita destas línguas.

Falando em nome da UEM, o Vice-Reitor Académico, Prof. Doutor Orlando Quilambo saudou os presentes e sublinhou a relevância do seminário para Moçambique, no actual contexto de introdução de ensino bilingue no país. O Prof. Quilambo relevou o papel que a UEM, como instituição de ensino superior e de pesquisa tem na resolução dos obstáculos que se colocam ao desenvolvimento do país, sendo um deles a limitação da participação de um grande número de compatriotas no progresso de Moçambique, devido à sua incapacidade de ler e de escrever.

Portanto, na opinião deste dirigente da UEM, o trabalho que se tem vindo a fazer com vista à padronização e harmonização da escrita das línguas moçambicanas é um contributo inestimável para toda a sociedade moçambicana, um impulso para que toda a população caminhe segura em direcção à sociedade de informação e de conhecimento.

O momento mais alto da sessão de abertura foi marcado pela intervenção de Sua Excelência Ministro da Educação e Cultura da República de Moçambique, dr Aires Ali. Falando em nome do Governo, Sua Excelência o Ministro salientou a importância das línguas moçambicanas no ensino e no desenvolvimento nacional, tendo transmitido aos presentes informação elucidativa sobre as realizações do Governo de Moçambique e os progressos alcançados no reconhecimento e valorização da função das línguas moçambicanas.

Depois da declaração solene de abertura do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas por Sua Excelência Ministro da Educação e Cultura, seguiu-se a sessão magna subordinada ao

tema *The Politics of Linguistics Empowerment in Africa: A View from CASAS,* proferida pelo Professor Kwesi Kwa Prah, convidado de honra a este III Seminário. A sessão teve como moderador o Professor Catedrático Armando Jorge Lopes, Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM que apresentou o percurso e obra académica do orador.

Na sua aula, o Professor Prah explorou, por um lado, a relação entre as línguas e o desenvolvimento africano e, por outro, a relação entre as línguas e as elites africanas (em particular as intelectuais), tendo sublinhado a relevância destas línguas como veículos de desenvolvimento e de integração regional. A dissertação do convidado de honra elucidou a audiência acerca das características comuns das línguas faladas em África e argumentou sobre as bases científicas e linguísticas que orientam o projecto continental *CASAS* que legitimam o empreendimento que persegue a padronização e harmonização das línguas africanas, na perspectiva da integração continental.

Terminada a aula magna, deu-se início à apresentação das comunicações previstas no programa. O primeiro tema versou sobre *A Geografia Linguística de Moçambique*, da autoria de Laurinda Moisés, Elsa Cande e Jorgete de Jesus. Esta comunicação apresentou a distribuição geográfica das línguas bantu faladas em Moçambique e os domínios mais comuns do seu uso. Com base nos subsídios da comunicação acima referida e dos consensos alcançados no I e II seminários sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas, os grupos de trabalho organizados por províncias, chegaram às conclusões, sobre a Geografia Linguística de Moçambique, apresentadas abaixo com base em dados sintetizados a partir dos relatórios de cada grupo de trabalho.

Na sessão da tarde do primeiro dia dos trabalhos, dia 22 de Setembro de 2008, foi apresentada uma comunicação sobre *A Importância do Texto Escrito na Promoção e Difusão de uma Língua* pela Professora Doutora Amélia Mingas, de nacionalidade angolana, Presidente do Instituto Internacional da Língua Portuguesa sediado em Cabo Verde. A apresentação alicerçou-se sobre as diferenças e características inerentes à linguagem oral e à linguagem escrita e salientou a importância do registo escrito na

difusão e promoção das línguas africanas não só a nível nacional mas também internacional. Explorou o papel da escola assim como as vantagens do ensino bilingue na construção de identidades; no desenvolvimento de capacidades de interpretação e no enriquecimento entre línguas e culturas em contacto.

Durante o debate, levantaram-se questões relacionadas com o papel da escola no desenvolvimento das habilidades de escrita em contextos bilingues e como é que este último contribui para a construção de identidades e das capacidades de interpretação baseadas nas línguas nativas. A oradora, explanou, durante as discussões, que um projecto de apoio ao desenvolvimento da escrita das línguas africanas legitima a existência e a valorização das variedades linguísticas distintas existentes nos países de língua oficial portuguesa porque essas variantes são enriquecidas pela herança cultural nelas incorporada por via das línguas africanas.

Os trabalhos do primeiro dia terminaram com a abertura da exposição de materiais escritos em e sobre as línguas Moçambicanas.

No segundo dia, os trabalhos iniciaram com a comunicação intitulada *Padronização da Escrita das Línguas Moçambicanas*: *Desafios* e *Pragmatismos,* apresentada pelo Professor Catedrático Doutor Armindo S. A. Ngunga, a qual teve como pressuposto que para se levar a cabo a padronização das línguas é necessário assumir alguns pragmatismos. O orador fez uma breve resenha histórica sobre a escrita desde a sua invenção, assumida como sendo da autoria dos fenícios, até aos latinos.

A proposta trazida ao seminário, foi a re-discussão de algumas questões que não ficaram resolvidas no I e II seminários de padronização de 1988 e de 1998, respectivamente, e convidar os presentes a discutirem os problemas que se verificam na escrita das línguas moçambicanas, na perspectiva dessas mesmas línguas.

A apresentação foi seguida por um debate que incidiu sobretudo nos seguintes aspectos:

- Ao nível interno pode-se falar em *padronização* da ortografia das línguas nacionais, mas a nível regional deve-se falar em harmonização; adicionalmente,

- A padronização ou a *harmonização* devem partir do nível intralinguístico, independentemente do país onde a língua é falada.

De seguida os grupos de trabalho retomaram os debates distribuídos em grupos de língua e produziram os seguintes resultados sobre a padronização da escrita das línguas moçambicanas, que a seguir se sintetizam.

No terceiro dia, os trabalhos iniciaram com a apresentação do tema *O Tom na Escrita das Línguas Moçambicanas*, pelo Prof. Doutor Marcelino Liphola. Este foi o último do Seminário e com ele examinou-se a problemática do tom na escrita padronizada das línguas moçambicanas. O apresentador procurou também mostrar a importância de incluir o tom na escrita das línguas moçambicanas, os desafios da inclusão do tom na escrita e propôs um modelo experimental de marcação gradual do tom sobretudo para as línguas em que este é contrastivo.

Do debate que se seguiu a esta apresentação ficou assente que:

- É necessário que se faça um estudo para se encontrar a sistematicidade na marcação do tom na escrita porque os estudos até agora existentes não conseguem ainda explicar esta questão de modo a beneficiar o ensino/aprendizagem;

- Há que se ter uma gramática que descreva onde e como o tom deve ser marcado em cada língua ou variante;

- Na marcação do tom deve-se considerar as especificidades da língua em questão e tomar em conta o princípio de economia para marcar apenas um único tom, neste caso o menos frequente como acontece com o Xiluba da R.D. Congo;

- É necessário que, em jeito de preparação do 4º seminário se re-

alizem workshops específicos, testagens das propostas e práticas existentes.

Na sessão da tarde os participantes aprovaram a tabela de padronização e harmonização dos grafemas das línguas moçambicanas produzida com base na discussão dos grupos e que foi apresentada pelo Professor Armindo Ngunga. Na mesma sessão os participantes concordaram que, nas línguas em que é contrastivo, o tom deve ser marcado mas antes é necessário levar a cabo acções de formação para discutir regras da sua marcação bem como ensinar a ler o tom.

A sessão de encerramento do III Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas foi presidida pelo Vice-Reitor Académico da UEM, Prof. Doutor Orlando Quilambo. Na sua intervenção o Vice-Reitor começou por reconhecer que este seminário foi uma escola na medida em que discutiu problemas não só de Moçambique mas também de África e do mundo. Referiu-se também aos desafios que se colocam à questão linguística não só para a educação mas também para a sociedade e para a sobrevivência do terceiro mundo, tendo homenageado os presentes pelo seu empenho na luta pela preservação das línguas, da identidade cultural, bem como pelo esforço que têm vindo a fazer para que as línguas sejam usadas na comunicação social, o que permite que a informação chegue às comunidades.

A terminar, agradeceu aos parceiros da UEM pelo apoio prestado e reafirmou o compromisso da instituição em apoiar a área das línguas. Feitas estas considerações, o Magnífico Vice-Reitor declarou solenemente encerrado o III Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, realizado em Maputo, Moçambique de 22 a 24 de Setembro de 2008.

De seguida, o Magnífico Vice-Reitor académico da UEM agradeceu e felicitou a comissão organizadora do seminário e todos quantos estiveram directa ou indirectamente envolvidos da sua preparação e organização pelo sucesso que o seminário teve. Para marcar o fim dos trabalhos o Magnífico Vice-Reitor declarou solenemente encerrado o III Seminário

sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas, realizado sob o lema *nossas línguas veículos de desenvolvimento e integração regional* que teve lugar entre os dias 22 e 24 de Setembro de 2008.

ANEXOS

- Anexo I: Quadro resumo referente à padronização dos grafemas (III Seminário).

- Anexo II: Comissão Organizadora do Seminário

Anexo 1: Quadro resumo referente à padronização dos grafemas (III Seminário).

	SF	SP	MW	MK	YO	MH	CW	NY	NG	SN	BL	SH	TN	CP	CG	RH	TW
1	b	b/bh	b	b	b	(b)	b	(bh)	(bh)	(bh)	(bh)	bh	bh	bh	b	b	b
2	ɓ	b'/b	b	b	b	(b)	b	b	b	b	b	b	b	b	b'	b'	b'
3	d	d/dh	d	d	d	(d)	d	(dh)	(dh)	(dh)	(dh)	dh	dh	dh	dh	dh	dh
4	ɗ	d'/d	d	d	d	(d)	d	d	d	d	d	d	d	d	d'	d'	d'
5	g	g/gh	g	g	g	(g)	g	g	g	g	g	g	gh	g	g	g	g
6	ɤ	g	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	g	-	-	-	-
7	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	-	c	c	c	c
8	cʰ	ch	-	-	-	(ch)	(ch)	ch	ch	ch	ch	ch	-	ch	ch	ch	ch
9	dʒ	j	j	j	j	-	j	j	j	j	j	j	-	j	j	j	j
10	ʃ	x	x	sh	-	s/x	x/dh	sh	x	x	x	sh	-	x	x	x	x
11	ʒ	xj/zh	-	-	-	-	-	-	(zh)	(zh)	(zh)	zh	-	jh	xj	xj	xj
12	v	v/vh	v	v	-	v	v	v	v	v	v	vh	vh	vh	vh	vh	vh
13	√	v	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	v	-	-	-	-
14	β	vb	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	vb	-	-	-	-
15	ʋ	ŵ/v	-	-	v	-	-	ŵ	-	-	-	v	-	v	v	v	v
16	ʂ	sv	-	-	-	-	-	-	sv	sv	sv	sv	-	sv	sv	sv	sv
17	sw	sw	-	-	-	-	-	-	sw	sw	sw	sw	-	sw	sw	sw	sw
18	ʐ	zv	-	-	-	-	-	-	zv	zv	zv	zv	-	zv	zv	zv	zv
19	zw	zw	-	-	-	-	-	-	zw	zw	zw	zw	-	zw	zw	zw	Zw
20	pʂ	ps	-	-	-	-	-	ps	ps	-	-	-	-	ps	ps	ps	ps
21	bʐ	bz	-	-	-	-	-	-	bz	-	-	-	-	bz	bz	bz	bz
22	ŋ	n'	ng'	ng'	ng'	ng	ng'	ng'	ng'	ng'	ng'	n'	n'	n'	n'	n'	n'
23	ɴ̩	m'	m'	m'/n'	m'/n'	m/n	m/n	m'/n'	m'/n'	m/n	m'/n'	-	-	m‘	-	-	-
24	ɬ	hl	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	hl	hl	hl
25	ʎ	lh	-	ly/dy	-	ly	dy	dy	dy	dy	dy	-	-	lh	lh	lh	-
26	ɬ	lr	-	-	-	-	lr	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
27	a:	aa	-	aa	-	aa	aa	aa	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Legenda: **A.** SF (Símbolo Fonético); SP (Símbolo Padronizado); Mw (Mwani); MK (Makonde); YO (Yaawo); MH (Makhuwa); CW (Chuwabu); NY (Nyanja); NG (Nyungwe); SN (Sena); BL (Balke); SH (Shona); TN (Tonga) CP (Copi); CG (Changana); RH (Rhonga); TW (Tshwa).

B. 1. Oclusiva bilabial vozeada; 2. Implosiva bilabial; 3. Oclusiva alveolar vozeada; 4. Implosiva alveolar vozeada ; 5. Oclusiva velar vozeada; 6. Fricativa velar vozeada; 7. Africada palatal surda; 8. Africada palatal surda aspirada; 9. Africada palatal vozeada;10. Fricativa palatal surda;11. Fricativa palatal vozeada; 12. Fricativa lábio-dental; 13. Fricativa lábio-dental retroflexa;14. Fricativa bilabial vozeada;15. Aproximante lábio-dental; 16. Fricativa lábio-alveolar surda retroflexa; 17. Fricativa lábio-alveolar surda; 18. Fricativa lábio-alveolar vozeada retroflexa; 19. Fricativa lábio-alveolar vozeada; 20. Africada lábio-alveolar não vozeada; 21. Africada lábio-alveolar vozeada; 22. Nasal velar; 23. Nasal silábica; 24. Fricativa palatal lateral vozeada; 25. Fricativa palatal lateral vozeada; 26. Lateral pós-alveolar; 27. Alongamento da vogal

Anexo II: Comissão Organizadora do Seminário

Comissão organizadora:

Armindo Ngunga (UEM)

Bento Sitoe (UEM)

Marcelino Liphola (UEM)

Estevão Filimão (DINAC)

Jorgete de Jesus (DNEG)

Rafael Sendela (INDE)

Carlos Honwana (RM)

Subcomissão científica:

Marcelino Liphola

Armindo Ngunga

Bento Sitoe

José Katupha

Maurício Bernardo (UEM)

Elsa Cande

Jorgete de Jesus

Laurinda Moisés

Subcomissão de Secretariado:

Julieta Langa

Manuel Cabinda

Paulino Fumo

Nelsa Nhantumbo

Subcomissão de logística/protocolo:

Vitor Macuvel

Vicente Bisqué

Crisófia Langa

David Langa

Pércida Langa

Subcomissão de elaboração do relatório:[13]

Armindo Ngunga

Marcelino Liphola

Estevão Filimão

Rafael Sendela

Subcomissão de Apoio:

Lucília Langa

Saria ALgy

Maria Tomás

Nelson Muchanga

Francisco

[13] Por razões diversas, esta subcomissão não funcionou nos moldes aqui referidos. Na verdade, o Relatório acabou sendo elaborado por Armindo Ngunga e Osvaldo Faquir.